PROFHISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

LUIZA BETE ALVES DE PAIVA

HISTÓRIA LOCAL E ENSINO DE HISTÓRIA EM RESERVA DO CABAÇAL, MATO GROSSO (1969 – 2023): UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO NA ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR DEMÉTRIO PEREIRA

CÁCERES/MT

2025

LUIZA BETE ALVES DE PAIVA

HISTÓRIA LOCAL E ENSINO DE HISTÓRIA EM RESERVA DO CABAÇAL, MATO GROSSO (1969 – 2023): UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO NA ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR DEMÉTRIO PEREIRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Mestrado profissional, da Universidade do Estado de Mato Grosso, Unidade Regionalizada de Cáceres, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Linha de Pesquisa: Saberes Históricos no Espaço Escolar

Orientadora: Dra. Regiane Cristina Custódio de Figueiredo.

CÁCERES/MT

2025

Ficha catalográfica elaborada pela Supervisão de Bibliotecas da UNEMATCatalogação de Publicação na Fonte.
UNEMAT - Unidade padrão

P149h Paiva, Luiza Bete Alves de.
História local e ensino de história em Reserva do Cabaçal, Mato Grosso (1969-2023): uma experiência de ensino na Escola Estadual Professor Demétrio Pereira / Luiza Bete Alves de Paiva. - Cáceres, 2025.
220f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado", Ensino de História/CAC-PROFHISTORIA - Cáceres - Mestrado Profissional, Campus Universitário De Cáceres "Jane Vanini".
Orientador: Dra. Regiane Cristina Custódio de Figueiredo.

1. Ensino de História. 2. História Local. 3. Reserva do Cabaçal. I. Figueiredo, Dra. Regiane Cristina Custódio de. II. Título.

UNEMAT / MTSCB CDU 37:9(817.2)

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA - PROFHISTÓRIA

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DO MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA – PROFHISTÓRIA

Aos treze dias do mês de maio de dois mil e vinte e cinco, às 9h, ocorreu a Defesa Pública da Dissertação de Mestrado de **LUIZA BETE ALVES DE PAIVA,** com a produção intitulada "**HISTÓRIA LOCAL E ENSINO DE HISTÓRIA EM RESERVA DO CABAÇAL, MATO GROSSO (1969 – 2023): UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO NA ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR DEMÉTRIO PEREIRA**". A defesa ocorreu de forma remota, a distância, via Google/meet (https://meet.google.com/hnd-hkuw-qbu?authuser=0). A Comissão Examinadora foi composta pela professora Dra. Regiane Cristina Custódio de Figueiredo (orientadora-presidente), professor Dr. João Carlos Barrozo (Examinador Externo), professor Dr. Carlos Edinei de Oliveira (Examinador Interno) e a professora Dra. Marli Auxiliadora de Almeida (Examinadora Suplente). Concluída a exposição e a arguição, a Comissão Examinadora, após ponderações e avaliações, considera a candidata **aprovada**. A candidata deverá atender, sob orientação, as exigências solicitadas de acordo com os prazos definidos pelo Programa. E, para constar, foi lavrada a presente Ata que será assinada pela presidente da Comissão Examinadora e pelos professores avaliadores.

Comissão Examinadora:

gov.br Documento assinado digitalmente
REGIANE CRISTINA CUSTODIO DE FIGUEIREDO
Data: 13/05/2025 12:43:10-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Regiane Cristina Custódio de Figueiredo
(UNEMAT - Presidente da Banca)
Participação remota - Síncrona

João Carlos Barrozo
(UFMT - Examinador Externo)
Participação remota - Síncrona

gov.br Documento assinado digitalmente
CARLOS EDINEI DE OLIVEIRA
Data: 13/05/2025 13:39:02-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Carlos Edinei de Oliveira
(UNEMAT - Examinador Interno)
Participação remota – Síncrona

gov.br Documento assinado digitalmente
MARLI AUXILIADORA DE ALMEIDA
Data: 16/05/2025 11:40:41-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Marli Auxiliadora de Almeida
(UNEMAT – Examinadora Suplente)
Participação remota - Síncrona

Dedico a todos os homens, mulheres e crianças excluídos e silenciados pela história e pela escola, e a todos aqueles que acreditam que a educação é um agente de transformação social. Por meio dela, somos capazes de construir uma nova democracia, e a todos que defendem, assim como eu, uma educação pública, gratuita e de qualidade.

AGRADECIMENTOS

Aos colegas da Pós-Graduação Mestrado Profissional em Ensino de História – Profhistória - com os quais estabeleço o diálogo através das leituras que me levam a reflexão sobre minha prática no cotidiano no ensino de história, e dos produtos que resultaram delas. Aos alunos do Ensino Básico que com suas indagações nas aulas, me senti estimulada em buscar respostas para as perguntas me engajando no Mestrado Profissional em Ensino de História - Profhistória.

Aos professores do Mestrado Profissional em Ensino de História – Profhistória - que são fontes de inspiração, e que tanto me ensinam que a busca do conhecimento precisa ser constante, para superar os desafios em sala de aula e buscar respostas às indagações dos alunos no ensino de história.

Aos Professores Carlos Edinei de Oliveira, João Carlos Barrozo e Marli Auxiliadora de Almeida, expresso minha sincera gratidão por aceitarem o convite para participar da banca de qualificação de mestrado do trabalho intitulado "História Local e Ensino de História em Reserva do Cabaçal, Mato Grosso: uma experiência de ensino na Escola Estadual Professor Demétrio Pereira (1969 – 2023)". Sua disposição em fazer as leituras e em contribuir com seu conhecimento e experiência tem um valor inestimável. A presença de cada um de vocês na banca é uma honra e um reconhecimento da relevância deste estudo no contexto da História Local e do Ensino de História. Suas opiniões e análises críticas foram fundamentais para o aprimoramento da pesquisa e da dissertação.

Gostaria de expressar minha profunda gratidão à orientadora, Professora Regiane Cristina Custódio de Figueiredo, pelo apoio, dedicação e orientação

Agradeço de modo especial aos alunos participantes da pesquisa, sem a colaboração deles naõ teria sido possível realizá-la.

Gratidão aos professores por contribuirem com a pesquisa, e especialmente as secretárias da escola que dispuseram os documentos para a pesquisa.

Gratidão aos meus familiares pela compreensão e incentivo para continuar.

Quando entro em uma sala de aula, deve estar sendo um ser aberto as indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, às suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face a tarefa que tenho a de ensinar e não a de transferir conhecimento (Freire, 1996, p. 27).

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Nota fiscal 50
Figura 2: Requerimento 52
Figura 3: Notificação 53
Figura 4: Mapa atualizado do município de Reserva do Cabaçal/MT.....61
Figura 5: Mapa de localização do município Reserva do Cabaçal, em Mato Grosso.....62
Figura 6: Imagem da área urbana do município de Reserva do Cabaçal.....64
Figura 7: Imagens veiculadas para divulgação do município de Reserva do Cabaçal 66
Figura 8: Um dia de lazer na praia paraíso.....67
Figura 9: Imagem com destaque para a denominação atribuída para a cidade de Reserva do Cabaçal.....68
Figura 10: Capa da revista Municípios de Mato Grosso: Projeto Memória Viva da Fundação Júlio Campos fundada em 11/12/1986. Várzea Grande. MT.....71
Figura 11: Instrumentos de pedra encontrados por morador do município de Reserva do Cabaçal 76
Figura 12: Objetos trazidos por estudantes nas aulas no ensino de história local.....77
Figura 13: Objetos encontrados por estudantes.....78
Figura 14: O rio Cabaçal 90
Figura 15: O rio Cabaçal 90
Figura 16: Atores e atrizes do grupo de teatro Palcos e Quintais.....91
Figura 17: Travessia do rio Cabaçal no início da Colonização em 1967.....93
Figura 18: A primeira ponte sobre o rio Cabaçal.....94
Figura 19: As moradias construídas pelos migrantes as margens do rio Cabaçal.....95
Figura 20: Morador dentro da (catana de uma figueira) de uma árvore na localização de Reserva do Cabaçal.....96
Figura 21: lavadeira no rio Cabaçal, placa Praia da Beatriz e a praia da Beatriz 97
Figura 22: Sub-bacias-setor-sul.....99
Figura 23: Carta do rio Cabaçal aos cidadãos.....101
Figura 24: Poema “Homenagem de um pioneiro a Reserva do Cabaçal”.....104
Figura 25: Início de de Reserva do Cabaçal 109
Figura 26: Derrubada das matas para o plantio da lavoura.....110
Figura 27: Escritura de área rural.....111

Figura 28: A parte urbana em desenvolvimento.....114
Figura 29: Escola Estadual Professor Demétrio Pereira.....120
Figura 30: Escola Estadual Professor Demétrio Pereira 125
Figura 31: Placa de identificação da 1ª turma formada no curso colegial da Escola Estadual Professor Demétrio Pereira 127
Figura 32: Ficha de identificação 128
Figura 33: Escola na residência das freiras.....129
Figura 34: Desfile em comemoração ao 7 de Setembro.....132
Figura 35: Espaço de memória (museu) na escola.....137
Figura 36: Livro "Tombo" da escola 139
Figura 37: Projeto Urbano Urbano da cidade.....144
Figura 38: Decreto de criação primeira Escola Estadual de 1º Grau em Reserva do Cabaçal/MT.....147
Figura 39: Mapa das escolas nas áreas rurais 148
Figura 40: A área urbana na década de 1970 150
Figura 41: O roteiro na cidade 197
Figura 42: Avenida José Júlio de Lima 198

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Habilidades do ensino de história local do ensino fundamental 22

Tabela 2: Informações populacionais de Reserva do Cabaçal 116

Tabela 3: Gestão da Escola Estadual Professor Demétrio Pereira.....135

Tabela 4: Demostração das turmas de 5ª a 8ª série entre os anos de 1977 e 1984.....140

Tabela 5: Proposta curricular do PPP da escola.....172

Tabela 6: Alunos do 7 º ano do ensino fundamental paraticipantes da pesquisa.....174

Tabela 7: Questionário elaborados nas oficinas 178

Tabela 8: Casas antigas da cidade.....189

Tabela 9: A Igreja Batista de Reserva do Cabaçal.....190

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 Conhecimento Histórico.....182
Gráfico 2 Lugares de Memória.....183
Gráfico 3 Lugares da Cidade como Espaços de Memória.....184
Gráfico 4 Conhecimentos sobre a Escola.....185
Gráfico 5 Lugares de Memória segundo os alunos.....186
Gráfico 6 Lugares que chamam a atenção.....187
Gráfico 7 Lugares Preferidos.....187

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

BNC – Base Nacional Comum

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CODEMAT – Companhia de Desenvolvimento do Estado de Mato Grosso

DCNGEB – Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica

INCRA – Instituto de Colonização e Reforma Agrária

INTERMAT - Instituto de Terras de Mato Grosso

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

MEC – Ministério da Educação

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

PIC – Projeto Integrado de Colonização

PIN – Programa de Integração Nacional

POLAMAZÔNIA – Programa de Polos Agrícolas e Agrominerais da Amazônia

POLONOROESTE – Programa de Desenvolvimento Rural da região Noroeste do Brasil

POLOCENTRO – Programa de Desenvolvimento dos Cerrados

PROTERRA – Programa de Redistribuição de Terras e Incentivo à Agroindústria no Norte e Nordeste

SEDUC – MT – Secretaria de Estado da Educação de Mato Grosso

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO: HISTÓRIA LOCAL EM RESERVA DO CABAÇAL, MATO GROSSO: CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....16

2. ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE RESERVA DO CABAÇAL 37

2.1 O Ensino de História Local, a Colonização e a construção histórica do lugar ideal 37

2.2 - A Origem do nome: os indígenas cabaçais e suas representações 70

2.3 Vestígios anteriores 73

2.4 Os Bororo 78

2.5 Narrativa da origem do nome Reserva do Cabaçal 86

2.6 As representações do poaeiro na história local.....87

2.7 O Rio Cabaçal e suas representações 88

2.8 Migração: representação de pioneiros na história local.....102

3 – PERCEPÇÕES E APRENDIZAGENS DA HISTÓRIA LOCAL NA ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR DEMÉTRIO PEREIRA 119

3.1 A Escola Estadual Professor Demétrio Pereira 119

3.2 Estrutura da escola.....124

3.3 Escola Professor Demétrio Pereira: início.....134

3.4 Organização da Escola no contexto municipal.....144

3.5 Documentação da escola 146

3.6 Cultura escolar.....148

3.7 Comunidade escolar/ quem atende.....150

3.8 Memória.....152

4. UMA PROPOSTA DIDÁTICA PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA A PARTIR DOS LUGARES DE MEMÓRIA EM RESERVA DO CABAÇAL/MT.....161

4.1 Experiências de ensino de história: aprendizagens da história local na Escola Estadual Professor Demétrio Pereira..... 161

4.2 Percepções e aprendizagens dos estudantes..... 178

4.3 Contribuições de projeto de pesquisa para as aprendizagens dos estudantes sobre a história de Reserva do Cabaçal..... 194

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....201

REFERÊNCIAS.....203

APÊNDICE.....211

APÊNDICE A: INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....211

APÊNDICE B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO.....214

APÊNDICE C: TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....218

RESUMO: Esta dissertação foi desenvolvida no âmbito do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), campus Jane Vanini, em Cáceres, e analisa como os lugares de memória de Reserva do Cabaçal, em Mato Grosso, podem contribuir para o ensino de História, especialmente para o ensino da história local, na Educação Básica. A partir de pesquisa bibliográfica, documental e participante, com abordagem qualitativa, as fontes foram analisadas. As fontes de pesquisa incluem livros, artigos, teses, relatórios, fotografias, mapas, cartas, notícias de jornais, atas, registros de matrículas escolares, registros paroquiais, acervos documentais, decretos, textos (poemas, poesias, letras de música, discursos políticos) e um questionário com perguntas abertas. Para a realização da pesquisa e construção dos dados a serem analisados, foram realizadas oficinas com alunos do 7º ano com a aplicação de atividades que estimularam o interesse pelo estudo dos *lugares de memória,* os quais são compreendidos a partir da definição de Pierre Nora (1993). O objetivo é compreender como determinados lugares de memória de Reserva do Cabaçal, em Mato Grosso, podem contribuir para o ensino de história. O produto pedagógico que possibilitou a escrita desta dissertação é a elaboração de uma sequência didática sobre história local, contendo sugestões de atividades aos professores de história do Ensino Fundamental da educação básica. As análises aqui elaboradas levam em conta os conceitos de "consciência histórica" de Rüsen (2001); "lugares de memória" de Pierre Nora (1993), "representação" de Roger Chartier (1990*), "*Lugar" de Michel de Certeau (1998), "ensino de história*"* de Bittencourt (2009-2019), "história local*"* de Barros (2009), "memória individual" e "memória coletiva" de Halbwachs (2003) e "colonização" de Barrozo (2010-2017).

Palavras-chave: ProfHistória. Ensino de História. História Local. Reserva do Cabaçal.

ABSTRACT: This dissertation was developed within the framework of the Professional Master's Program in History Teaching (ProfHistória) at the State University of Mato Grosso (UNEMAT), Jane Vanini campus, in Cáceres, and analyzes how the memory sites of Reserva do Cabaçal, in Mato Grosso, can contribute to History teaching, especially for teaching local history in Basic Education. Based on bibliographic, documentary, and participatory research with a qualitative approach, the sources were analyzed. The research sources include books, articles, theses, reports, photographs, maps, letters, newspaper clippings, minutes, school enrollment records, parish registers, archival collections, decrees, texts (poems, songs, political speeches), and a questionnaire with open-ended questions. For the research and data construction to be analyzed, workshops were conducted with 7th-grade students, applying activities that stimulated interest in studying the memory sites, which are understood from Pierre Nora's (1993) definition. The aim is to understand how certain memory sites of Reserva do Cabaçal, in Mato Grosso, can contribute to History teaching. The pedagogical product that enabled the writing of this dissertation is the development of a teaching sequence on local history, containing activity suggestions for History teachers in Elementary Education. The analyses presented here take into account the concepts of "historical consciousness" by Rüsen (2001), memory sites by Pierre Nora (1993), "representation" by Roger Chartier (1990), "place" by Michel de Certeau (1998), "history teaching" by Bittencourt (2009-2019), "local history" by Barros (2009), "individual and collective memory" by Halbwachs (2003), and "colonization" by Barrozo (2010-2017).

Keywords: ProfHistória. Ensino de História. Local History. Reserva do Cabaç

1. INTRODUÇÃO: HISTÓRIA LOCAL EM RESERVA DO CABAÇAL, MATO GROSSO: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esta dissertação nasceu com o objetivo de desenvolver uma análise sobre a vida cotidiana no município de Reserva do Cabaçal, nas décadas de 1960 e 1970, no contexto da colonização de Mato Grosso. Após diversas leituras, aulas, atividades do mestrado, orientação de professores, releitura de fontes e a definição de um recorte específico, elaboramos o projeto inicial da pesquisa, optando por investigar a história local com ênfase no ensino de História. Agora a pesquisa se concentra no município de Reserva do Cabaçal, em Mato Grosso. A dissertação insere-se na linha de pesquisa "Saberes Históricos no Espaço Escolar", que desenvolve pesquisas sobre o processo de ensino e aprendizagem da história, observando as especificidades dos saberes escolares.

Antes de falar propriamente sobre a pesquisa é pertinente uma apresentação pessoal de minha trajetória profissional como professora na Educação Básica e a minha opção pela História, e, consequentemente, pelo ensino de História. A oportunidade de apresentar minha trajetória de formação acadêmica e escolha da carreira profissional me fez refletir sobre minha atuação como professora no ensino de história do ensino básico, e dos produtos que resultaram das minhas práticas no exercício da docência.

Cheguei de mudança com meus pais e irmãos em Reserva do Cabaçal/MT, no ano de 1980, com 12 anos de idade. O lugar ainda não era emancipado politicamente, e a minha vida foi marcada por diversas vivências significativas, tanto políticas quanto culturais, levando em conta as percepções individuais e coletivas relacionadas ao lugar, uma vez que cada sujeito histórico percebe o local de maneiras distintas em diferentes momentos. No meu caso, a percepção é de que a cidade é viva, em constante transformação, impulsionada pelas experiências subjetivas que a constituem. Ao chegar em Reserva do Cabaçal/MT, passei a morar em uma comunidade rural que não possuía escola. Fiquei sem estudar até os 14 anos, quando retomei meus estudos na 4ª série, na escola da comunidade rural.

As dificuldades de aprendizagem, resultantes do longo período em que fiquei fora da sala de aula, dificultavam a compreensão das leituras. O professor me emprestava seus livros para que eu realizasse as leituras e ajudasse os colegas nas tarefas, pois a turma era multisseriada. Acredito que essa prática do professor tenha sido um incentivo para a minha escolha profissional.

Concluí a 4ª série, mas, em seguida, precisei interromper meus estudos novamente, pois a

escola rural só atendia até esse nível. Retomei os estudos na 5ª série, já com 18 anos de idade. Atualmente atuo como professora da Escola Estadual Professor Demétrio Pereira, localizada em Reserva do Cabaçal Mato Grosso, que atende o Ensino Fundamental, o Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos, mesmo local onde cursei o Ensino Fundamental e Ensino Médio, concluído em 1997.

A Escola Estadual Professor Demétrio Pereira, para mim, é sinônimo de liberdade. Foi a partir dessa escola que comecei a conhecer o mundo por meio das leituras e de uma "porta" que se abriu: a Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), onde cursei a graduação e a pós-graduação. O objetivo ao buscar conhecimento sempre foi contribuir para a melhoria do ensino na educação básica do estado de Mato Grosso, por meio da Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso (SEDUC).

Os caminhos trilhados e os olhares me conduziram a diferentes percepções de cultura escolar, percepções estas que estão relacionadas à forma como cada um compreende e vivencia o ambiente educativo. Na minha trajetória, percebi que a cultura escolar não é homogênea, mas varia conforme o contexto das pessoas envolvidas e das práticas pedagógicas adotadas ao longo do tempo, especialmente nas décadas de 1980, 1990 e nos anos 2000, considerando assim minha permanência como aluna e como docente.

Ao retomar meus estudos a percepção era de que a formação dos professores que atuavam no ensino de história era feita de maneira concentrada e com uma perspectiva eurocêntrica, fundamentada em um pensamento de História universal de modelo positivista. Este modelo positivista remetia a uma única forma de fazer e pensar a história, uma vez que apresentava apenas as etapas cronológicas dos períodos históricos e de forma linear.

O documento *Orientações Curriculares do Estado de Mato Grosso* (2018), amparado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), aborda que a disciplina de História foi incluída no currículo escolar brasileiro na primeira metade do século XIX. Nesse mesmo período, a corrente teórica positivista emergiu, impactando a disciplina ao priorizar a busca por fatos históricos e sua verificação empírica, destacando os vencedores e enfatizando os "heróis e mitos" nacionais.

Nesse contexto a cultura escolar era vista pelos alunos como um espaço formal de transmissão de conhecimento, onde a ênfase estava na aquisição de conteúdo repassado com uso da metodologia de repetição e decorativa.

As universidades ainda eram um campo desconhecido e distante da realidade vivida no cotidiano dos alunos da Escola. Poucos estudavam com o objetivo de conquistar um cargo na escola, como professor(a), merendeira ou vigia, ou então trabalhavam no comércio, que não

oferecia uma quantidade significativa de empregos. Assim, a maioria concluía os estudos, casava e trabalhava nas propriedades rurais de seus pais. Para outros a escola significava um ambiente social de construção de identidade, onde os valores e as relações interpessoais são igualmente importantes, e onde se aprende tanto sobre o conteúdo curricular quanto sobre a convivência em sociedade, afinal, era na escola que aconteciam os eventos considerados importantes para a comunidade, como as festas religiosas, os eventos esportivos, as festividades de datas comemorativas, as reuniões de caráter político, as formaturas, os casamentos, as missas, os cultos de religiões evangélicas, e outros.

Observando a comunidade foi possível entender também que a cultura escolar foi influenciada pelas necessidades do contexto histórico local e pela maneira como os professores e gestores enxergavam seus papéis, as metodologias de ensino adotadas, o respeito à diversidade e a forma como a escola se conectava com a comunidade.

Em muitas situações, a também foi percebida como um espaço inclusivo, que valorizava as diferentes culturas e experiências dos alunos. Em outras, no entanto, ela pode ser vista como um local mais restritivo, com regras e normas que dificultaram a expressão e a valorização das individualidades. Isso foi especialmente evidente no contexto dos governos militares no Brasil, que tinham como foco a formação de um caráter positivista, o que influenciou o ensino na educação básica, em seu currículo priorizando o ensino da história regional e nacional.

O Golpe Militar de 1964 foi marcado por brutal retrocesso nos meios acadêmicos em geral, particularmente na área das Ciências Humanas. De acordo com Nadai (1993, p.157), “desfechou também um golpe nas diferentes experiências de ensino, escolas fechadas, professores e alunos presos e respondendo a processos-crimes foram algumas das formas usuais de tratamentos por parte dos novos donos do poder”. E essas experiências de modelo educacional se expandiu e atingiu o ensino básico no Brasil também, trazendo insegurança e restrição à liberdade de expressão.

As percepções de cultura escolar variam de acordo com os atores envolvidos e o contexto social e educativo. Essa diversidade de perspectivas é fundamental para a compreensão do papel da escola na formação dos indivíduos e na construção de um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e dinâmico.

Nas décadas de 1990 e anos 2000 os estudantes buscaram conhecimento para se prepararem para uma formação profissional e para trabalhar para adquirir patrimônio e ter conforto que os bens materiais podem proporcionar como carro, moto, celular, alimentos e bebidas em geral. Foi nessa época que fiz a minha formação em História, concluída em 2001. Escolhi o curso porque

no meu entendimento, tais estudos possibilitariam refletir e questionar os acontecimentos da vida cotidiana experimentada pelas pessoas comuns ao meu redor, e por ser a disciplina que mais me chamava a atenção enquanto cursava o ensino básico. Ao longo da minha vida profissional percebi que precisava ampliar meus conhecimentos para desenvolver minha prática docente.

Para ampliar o conhecimento adquirido e construído na graduação, ingressei em uma Especialização Lato sensu, em Historiografia e Metodologia do Ensino e da Pesquisa da História: Memórias e Identidades na Historiografia Brasileira, curso concluído em 2004. Tendo em vsita esta excelente formação durante a vida acadêmica, fui aprovada no concurso da Secretaria Estadual de Educação de Mato Grosso (SEDUC). Atualmente estou locada na Escola Estadual Professor Demétrio Pereira, onde atuo como professora no ensino de história em sala de aula.

Meu cotidiano em sala de aula foi marcado por experiências em desenvolver projetos pedagógicos com os estudantes, especialmente o Projeto de *Intervenção Pedagógica na Educação de Jovens e Adultos* com os alunos dos 1º Segmentos EJA e Ensino Médio EJA; o Projeto Pedagógico: *Educação Patrimonial: um olhar sobre o Patrimônio histórico da cidade de Reserva do Cabaçal*, desenvolvido com alunos do Ensino Fundamental e Médio; o Projeto de intervenção Pedagógica *História e Memória: Um Olhar sobre a Cidade das Águas*; e por último, o Projeto de Intervenção Pedagógica: *Relações Raciais e Educação na Sociedade Brasileira: Educação não tem cor.*

Tendo em vista este cotidiano optei por cursar um mestrado que contribuísse na minha prática docente no ensino de história e vi que o mestrado Profissional em Ensino de História Profhistória, ofertado pela UNEMAT, no campus de Cáceres, oportuniza desenvolver as leituras e reflexões na prática no ensino de história nas aulas que ministro na Escola Estadual Professor Demétrio Pereira.

Diversos momentos de reflexão no cotidiano em sala de aula me instigaram a buscar respostas para as indagações e curiosidades dos alunos sobre a história local. O Mestrado Profissional foi importante para ampliar meus conhecimentos e desenvolver, com os alunos, as reflexões, principalmente sobre a importância do estudo com foco em história local. E assim, nasceu a proposta de pesquisa *História Local e Ensino de História em Reserva do Cabaçal, Mato Grosso: uma experiência de Ensino na Escola Estadual Professor Demétrio Pereira (1969 – 2023).*

A pesquisa contou com a participação de alunos do 7º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Professor Demétrio Pereira, localizada no município de Reserva do Cabaçal, no estado de Mato Grosso. Os participantes estudam no período vespertino e, em sua maioria, residem em

áreas rurais. Esses alunos utilizam o transporte escolar para realizar o trajeto diário de suas residências até a escola, sendo que muitos percorrem até cinquenta quilômetros todos os dias para chegar ao local de ensino.

A escolha temporal do título da pesquisa tem como referência o período de 1969 a 2023. Esse intervalo inicia-se com a fundação do local, no dia 6 de agosto de 1969, e se estende até o ano de 2023, quando tivemos acesso ao Mestrado Profissional em Ensino de História. Nesse período, foi possível apresentar relatos das experiências de ensino na Escola Estadual Professor Demétrio Pereira. Os estudos para esta pesquisa partiram de uma pesquisa bibliográfica, documental e participante, com abordagem qualitativa.

Para escrever sobre a história local iniciamos com a lenda *A Mãe do Ouro*, produzida pelo professor Carvalho (1999), que desenvolveu uma pesquisa sobre essa lenda, contada no contexto da história local. Ele realizou sua pesquisa a partir de entrevistas com moradores que residiam em Reserva do Cabaçal desde as décadas de 1960 e 1970.

A lenda contada por moradores foi reproduzida no contexto da história local de Reserva do Cabaçal/MT.

> No interior de Mato Grosso bem nas imediações da Serra Monte Cristo, na "Cidade das Águas", é que mora a Mãe do Ouro. No lusco-fusco da tarde ela sai de seu esconderijo porque não gosta da luz do sol. Ela é irmã gêmea do luar. Quando os primeiros vaga-lumes saem zanzando ao cair da tarde a mãe do ouro se desentoca da encosta da serra onde ela mora. Ela vive no meio da pedraria da serra Monte Cristo. [...] De repente, na escuridão da noite, o silêncio é quebrado, [...] um barulho estrondoso anunciando a chuva. [...] e assim as águas frias das cachoeiras vão descendo pelas encostas da serra conduzindo a saga da mãe do ouro ao rio Cabaçal, transformando-a em murmúrios noite a dentro. Reluzindo e prosseguindo seus mistérios pelo caudaloso rio Cabaçal, até chegar nas baías, rios e corixos do pantanal mato-grossense (Carvalho, 1999, p. 1).

Os alunos do 7º ano do Ensino Fundamental, participantes da pesquisa trazem para as aulas no ensino de história discussões acerca dessa mesma lenda, recorrentemente na região. Os estudantes relatam que a lenda foi narrada por seus pais e avós:

> E que viram uma bola de cor dourada saindo de dentro da serra Monte Cristo e caiu dentro do rio Cabaçal, e que tal acontecimento ocorria principalmente em noites de escuridão e de chuva quando o rio estava cheio,[1] e que a claridade ofuscava[2] a vista de tão claro que ficava, mesmo em noite escura. (aluno do 7ºano do ensino fundamental, ano 2024).

[1] O termo cheio significa quando o rio Cabaçal aumenta o volume de água.
[2] "Ofuscava a vista" significa que a claridade ou luz era tão intensa que dificultava ou impedia a visão clara, causando desconforto nos olhos.

A narrativa da lenda feita por alguns estudantes aguça a curiosidade de quem participa do diálogo e questiona as “verdades históricas” trazidas para as aulas. Nesta dissertação o objetivo é investigar como os lugares de memórias deste local podem contribuir para o ensino de História, especialmente da história local, na Educação Básica. Por isso, foi construído também um material didático-pedagógico, que consiste em uma sequência didática sobre História Local, com sugestões de atividades para professores e alunos do 7º ano do Ensino Fundamental, elaboradas a partir dos estudos dos conceitos de colonização, história, memória, identidade, lugares de memória, representação e lugar, resultantes desta pesquisa. Estabelecemos uma relação entre o ensino de História, as memórias e histórias construídas na historiografia sobre a colonização do lugar e sua construção.

Ao abordar a história da colonização de Reserva do Cabaçal/MT é necessário inseri-la no contexto das políticas de ocupação do estado de Mato Grosso, desencadeadas pelos governos militares nas décadas de 1960 e 1970. Foi nesse período que foram desenvolvidas estratégias econômicas, sociais e políticas para expandir a fronteira agrícola do Brasil, por meio da colonização das terras ditas “vazias” de Mato Grosso, dentre as quais estava Reserva do Cabaçal.

No entanto, ao estudar o conceito colonização no ensino de História em sala de aula na Educação Básica, percebe-se que outras narrativas emergem dos saberes dos jovens estudantes. Essas narrativas são construídas a partir de suas vivências cotidianas, significativas e abundantes em detalhes que, na maioria das vezes, são ignorados por aqueles que escrevem sobre a história local.

Outro aspecto importante a ser compreendido é a articulação dos conceitos acima citados e como eles podem ser integrados ao ensino de história. Ao explorar com os alunos a relação entre tais conceitos o professor contribui para que o estudante amplie seu conhecimento e revela a importância de sua participação como ator social na construção desse conhecimento, a partir dos saberes construídos com base no lugar onde vive.

O estudo no ensino de História, na perspectiva da história local, foi entrelaçado com os conceitos estudados para análise das fontes, em consonância com a BNCC (2018) e a DRC-MT (2018). Nas competências gerais da BNCC, destaca-se a ênfase na valorização e compreensão da diversidade cultural e social do Brasil, o que inclui a abordagem da história local e suas respectivas habilidades, apresentadas no quadro abaixo.

Constata-se que o Documento de Referência Curricular para Mato Grosso (2018), em consonância com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC/2018), referente à Educação Básica do Estado de Mato Grosso na área de Ciências Humanas, apresenta as habilidades

diretamente relacionadas ao ensino de História Local no Ensino Fundamental. Essas habilidades são aplicáveis tanto aos Anos Iniciais quanto aos Anos Finais.

Essas habilidades são essenciais para o desenvolvimento da compreensão histórica dos estudantes, levando em consideração o contexto local e regional. Entre elas, destacam-se as seguintes:

Tabela 1. Habilidades do ensino de história local do ensino fundamental

Habilidade EF02HI01: Identificar e situar cronologicamente alguns fatos e personagens da história local, reconhecendo-os como parte do processo de construção da história da cidade, do estado e do país.
Habilidade EF03HI02: Reconhecer e valorizar diferentes formas de patrimônio cultural, como o patrimônio material (monumentos e edifícios históricos) e imaterial (festas e tradições locais), para compreender sua importância na construção da identidade da comunidade.
Habilidade EF06HI04: Analisar e compreender os processos históricos locais, como a formação de comunidades, cidades ou regiões, e relacioná-los com processos históricos mais amplos, como a urbanização e a industrialização.
Habilidade EF06HI05: Estudar a diversidade de povos e culturas que contribuíram para a formação do Estado de Mato Grosso.
Habilidade EF07HI02: Relacionar a história local e regional com a história nacional, mostrando como os eventos e processos locais se inserem no contexto maior do país.
Habilidade EF08HI04: Reconhecer o papel das transformações locais no contexto histórico, incluindo aspectos sociais, econômicos e culturais, e compreender como esses processos impactaram a vida da população.
Habilidade EF09HI17: Estudar a Marcha para o Oeste e o desenvolvimento das regiões de Mato Grosso, incluindo a colonização do norte do Estado após a década de 1970.
Habilidade EF08HI18: A Lei de Terras e seus desdobramentos na política do Segundo Reinado; os territórios e fronteiras, como na Guerra do Paraguai; e a questão da terra em Mato Grosso.

Material reproduzido no contexto da pesquisa tendo por referência os estudos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC/2018) e Documento de Referência Curricular para Mato Grosso (2018).

De acordo com a BNCC (Brasil, 2018), essas habilidades podem ser trabalhadas de forma a conectar os conteúdos históricos com a realidade local dos alunos, ajudando-os a entender sua própria história e seu lugar no mundo, enquanto refletem sobre a construção da identidade da

comunidade em que vivem. Essas habilidades têm como objetivo que os alunos consigam fazer a articulação entre a história local e o cenário histórico nacional e global, permitindo uma visão mais completa e contextualizada do conteúdo.

A experiência de atuação em sala de aula apontou que a abordagem da história local permite que os alunos compreendam seu entorno e identifiquem conexões entre o presente e o passado nos espaços de convivência.

Ao escrever sobre a problemática dos *lugares de memória* Nora (1993) destacou que história e memória, embora caminhem juntos, não significam a mesma coisa. A memória se configura como uma fonte importante para a história, e está em permanente evolução, constituindo-se de lembranças e sendo materializada nos arquivos públicos ou pessoais, assim como em eventos como casamentos, aniversários, e demais efemérides.

Para o autor os *lugares de memória* são registros dos acontecimentos no presente que permitem aos historiadores e pesquisadores a realização de estudos sobre determinados objetos. Essas produções podem ser desenvolvidas por meio de arquivos públicos, jornais, cartas, músicas, filmes, imagens fotográficas, certidões de nascimento, de óbito, inventários, livros tombo, poemas, monumentos e praças, entre outros. E assim os registros dos migrantes, que se tornaram fontes históricas, também desempenham um papel importante na constituição dos *lugares de memória* do município de Reserva do Cabaçal.

Nas observações estudantes os *lugares de memória* da cidade são : o campo de futebol, o rio Cabaçal, a Praia Beatriz, a Igreja Católica (Matriz), a praça Francisco Sales (praça da Igreja Católica), a Avenida José Júlio de Lima, a Escola Estadual Professor Demétrio Pereira, a Praia Paraíso, a Igreja Assembleia de Deus, o cemitério, o prédio da antiga prefeitura, a paineira, o córrego Dracena, a antiga escola Municipal Barão do Rio Branco, a Serra Monte Cristo, o recinto do rodeio, e outros. Aqui as reflexões de Nora (1993) contribuem expressivamente. Ao abordar o contexto francês em plena comemoração do bicentenário da Revolução Francesa o autor enfatiza que “Em 1790, o 14 de julho já era e ainda não um lugar de memória. Em 1880, sua instituição em festa nacional em um lugar de memória oficial, mas o espírito da República fazia dele um recurso verdadeiro. E hoje?” (Nora, 1993, p. 13). O 14 de julho de 1790, um marco já considerado um lugar de memória na França, inspirou a pensar sobre os *lugares de memória* observados pelos alunos do 7º ano do Ensino fundamental participantes da pesquisa. Para o autor os lugares de memória são lugares que, ao longo do tempo, são carregados de significados, representando eventos que moldaram a identidade de um povo. A problemática surge quando comparamos esse conceito com os lugares de memória de cidades de contextos históricos

diferentes, como o de Reserva do Cabaçal, no Mato Grosso.

Ao refletir com os estudantes, uma questão veio à tona: o que faz com que um espaço se torne um *lugar de memória*? Seriam os espaços de Reserva do Cabaçal considerados *lugares de memória* igualmente significativos para a identidade local, como o 14 de julho é para os franceses? Ou seria a memória coletiva da cidade, mais local e específica, responsável por atribuir significados próprios a esses espaços?

Ao apontarem *lugares de memória* em sua própria cidade, como praças, campos de futebol, igrejas e outros espaços de representação das experiências e das memórias construídas a partir das vivências dos moradores, os estudantes conseguem refletir sobre como esses lugares desempenham um papel significativo na construção da memória coletiva local.

Esses lugares estão diretamente ligados à formação do município nas décadas de 1960 e 1970. Embora não sejam amplamente reconhecidos em um contexto nacional ou internacional, eles possuem um valor igualmente importante na preservação e no fortalecimento das identidades e das histórias da comunidade. A compreensão dos estudantes sobre os *lugares de memória*, entendidos como espaços de representação das memórias de eventos ou acontecimentos relacionados às experiências cotidianas dos moradores, que contribuiram para a construção de Reserva do Cabaçal. Essa reflexão permite aos alunos interpretar de maneira diferente em contextos históricos e culturais distintos, as transformações desses lugares ao longo do tempo e sua influencia na constituição da identidade local.

No contexto da história local, os estudantes podem ser incentivados a estudar esses *lugares de memória* em sua própria cidade, ajudando-os a entender como o presente e o passado se entrelaçam na formação da identidade da comunidade em que vivem. Essa reflexão não só enriquece o aprendizado sobre a história do município, mas também promove o entendimento de que a memória não é estática, mas um processo dinâmico que envolve toda a sociedade.

Ao desenvolver reflexões a seguir sobre cada um desses *lugares de memória* amplia-se o entendimento de que a memória é essencial para qualquer sociedade. Ela funciona não apenas como uma conexão entre o presente e o passado, mas também influencia nossa percepção do mundo e de nosso papel nele.

A seguir, apresentam-se as reflexões mais específicas sobre cada um dos *lugares de memória* de Reserva do Cabaçal/MT, elencados pelos estudantes. Essas reflexões ampliam a possibilidade de compreensão do leitor.

O campo de futebol, apresentado no projeto de urbanização da cidade durante sua formação nas décadas de 1960 e 1970, é um lugar de diversão e vivências sociais, sendo um importante

elemento nas memórias da comunidade. Esse espaço possibilita a conexão entre o presente e o passado, ao representar momentos de lazer e experiências vividas, tanto no passado quanto no presente. Nora (1993) aborda a necessidade de criar "museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários, associações", que são marcos e testemunhas de uma outra era, das ilusões de eternidade (Nora, 1993, p. 13). Assim, a importância da memória para a sociedade parte da reflexão de que os lugares de memória surgem e se sustentam na ideia de que a memória não é algo espontâneo, mas construído.

De acordo com a BNCC, os estudos de história local no ensino de História contribuem para uma aprendizagem baseada em suas vivências. Torna-se pertinente fazê-lo, pois, como afirma o documento: "A relação passado-presente não se processa de forma automática, pois ela exige o conhecimento de referências teóricas capazes de trazer inteligibilidade aos objetos históricos selecionados" (Brasil, 2018, p. 397). A abordagem é de que a conexão entre passado e presente não acontece de maneira natural ou simples, precisa ser mediada em sala de aula.

O rio Cabaçal, especialmente sua margem esquerda, foi um lugar destacado no projeto de urbanização para a formação da Reserva do Cabaçal nas décadas de 1960 e 1970. Esse espaço teve a função de fornecer água para os afazeres domésticos da população e também se constituiu como um lugar de lazer e diversão. No presente, visitantes buscam esses locais para encontros, diversão e lazer. O entendimento dos alunos se constituiu de que, ao ampliar a compreensão sobre a construção desses lugares de memória no contexto histórico local, as pessoas se conectam com o passado, mesmo vivendo no presente.

A Praia da Beatriz tem sua representação vinculada à figura das lavadeiras, especialmente à Beatriz, considerada pioneira na história local, cuja presença era diária no rio Cabaçal, exercendo a função de lavadeira, como relatado nos estudos sobre memória e história local. Essa cultura marcou as décadas de 1960, 1970 e 1980, período em que a cidade passou a contar com água encanada de forma permanente. A Praia da Beatriz é considerada pelos moradores um lugar onde se desenvolveram as relações sociais e culturais da cidade, com um olhar, a partir do presente, sobre o passado no mesmo contexto local. As memórias dos moradores sobre esta pioneira contribuíram para estudar o conceito de pioneira no contexto da história local no ensino de história.

Conforme a BNCC, para compreender a relação de olhar o passado com as lentes do presente, é necessário recorrer a teorias e referências específicas que ajudem a interpretar e dar sentido aos objetos históricos escolhidos. Ou seja, a análise histórica exige um conhecimento teórico que possibilite uma interpretação mais profunda e esclarecedora, tornando o passado

significativo para o entendimento do presente, afinal, "A necessidade de memória é uma necessidade da história" (Nora, 1993, p. 14).

A Igreja Católica (Matriz) e a Praça Francisco Sales (praça da Igreja Católica), locais percebidos pelos estudantes como *lugares de memória*, localizam-se na parte central de Reserva do Cabaçal. A igreja é considerada pela população um dos prédios mais antigos e imponentes da cidade. Ao seu redor, encontra-se a Praça Francisco Sales, um espaço onde acontecem festas culturais e onde também se concentra um grande número de pessoas, tanto moradores quanto visitantes.

Além disso, é um espaço onde se agrega o comércio local. Para os moradores, a representação desse local é de alegria e felicidade, sendo um lugar onde as pessoas vão para se divertir e conversar. Esses lugares, na história local, “São bastiões sobre os quais se escora” (Nora, 1993, p. 13). O autor usa uma metáfora para designar elementos fundamentais que entendidos como “pilares” que sustentam algo maior, como a identidade, a memória e a cultura da comunidade local. As reflexões sobre os “pilares” indicam que esses locais, eventos, símbolos, prédios e praças, ao serem lembrados, permitem que o grupo compreenda sua história e identidade.

A Avenida José Júlio de Lima, também considerada pelos moradores um *lugar de memória*, elemento importante na formação de Reserva do Cabaçal nas décadas de 1960 e 1970. Em 1989 moradores da cidade elaboraram um documento, um abaixo-assinado, contendo assinaturas que reivindicavam a troca do nome para homenagear um *pioneiro* que residia na avenida e exercia a função de comerciante local no contexto da formação da cidade. A Lei nº 38, de 22 de agosto de 1989, deu à Avenida Cuiabá a denominação de Avenida José Júlio de Lima.

Ao estudarmos a Avenida José Júlio de Lima com os alunos, a questão da representação dessa via para os moradores nos leva a refletir sobre a relação entre o espaço urbano e as memórias coletivas. A transformação da avenida ao longo do tempo, associada ao surgimento de "lugares de memória", instiga um debate importante sobre como os acontecimentos históricos e as vivências cotidianas da comunidade se tornam parte do patrimônio simbólico local. Pierre Nora (1993) afirma que "O sentimento de continuidade torna-se residual nos locais. Há locais de memória porque não há mais meios de memória." (Nora, 1993, p. 7).

Nessa perspectiva é possível questionar de que maneira os lugares, como a Avenida José Júlio de Lima, tornam-se representações de um passado que, embora distante, ainda exerce influência sobre o presente? Como a criação de *lugares de memória* ajuda a preservar a história local diante da rapidez dos processos de urbanização e mudanças sociais? E qual o papel dos

moradores e da comunidade escolar nesse processo de construção e reconhecimento desses *lugares de memória*?

A Escola Estadual Professor Demétrio Pereira é um local por onde passam pessoas que moram ou visitam a cidade, além de trabalhadores que permanecem na região por um período determinado e, posteriormente, se deslocam para outras cidades. Ela também é um lugar de representação de continuidade nas memórias de moradores que residem em Reserva do Cabaçal desde o início da construção da escola, que teve sua origem inicial nas decadas de 1960 e 1970, tendo estudado nela, os chamados *pioneiros*, seus filhos, netos e outros familiares. É na escola que os estudantes e seus familiares desenvolvem relações sociais, e onde acontecem festas e socializações, como a festa caipira e a feira do conhecimento. Esses eventos são realizados pela comunidade escolar, e promovem a integração da comunidade e escola no meio ambiente.

Os *lugares de memória* assim considerados pelos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental ajudam a compreender como os moradores se organizavam, quais eram os problemas que enfrentavam, e se eram de ordem econômica, política, social, cultural ou religiosa. Nora (1993), escreve que "E este vai-e-vem que os constitui: momentos importantes de história arrancados do movimento da história, mas que lhe são devolvidos." (Nora, 1993, p. 13). A escola, lugar essencial no cotidiano de Reserva do Cabaçal, funcionou como um espaço de ensino e ponto de passagem para moradores, visitantes e trabalhadores temporários. Sua história está conectada à memória local, sendo um ponto de referência para várias gerações de estudantes e suas famílias, refletindo o entrelaçamento de histórias individuais com a história coletiva da cidade.

A passagem de pessoas pela escola conecta-as com a memória coletiva e permite a ressignificação de experiências, que se tornam parte da construção contínua da identidade local. Assim a escola, além de ser um espaço de educação, é um pilar da memória coletiva, onde histórias individuais se conectam e formam uma narrativa histórica de Reserva do Cabaçal. Essa reflexão provoca questionamentos sobre como os lugares de memória, como a escola, podem ser interpretados e ressignificados pelas gerações que passam por eles. A escola é, assim, um lugar dinâmico, onde o movimento de ida e volta das histórias se entrelaça à memória coletiva, reafirmando e atualizando a identidade da comunidade ao longo do tempo.

A Praia Paraíso é um lugar pensado como estratégia política local para fazer emergir a cidade e inseri-la no contexto de expansão do turismo em Mato Grosso, na década de 1990. Nesse local ocorrem as festas municipais e as festividades esportivas, além de eventos tradicionais, como o aniversário da cidade. O Festpraia, que ocorria na década de 1990 e nos anos 2000, era

um evento centralizado na Praia Paraíso.

A Igreja Assembleia de Deus, também apontada pelos estudantes como *lugares de memória*, está localizada na área onde, nas décadas de 1980 e 1990, estavam parte das casas comerciais, como padarias, lojas de roupas, calçados, alimentos, utensílios domésticos, entre outros. Este é um dos edifícios antigos de Reserva do Cabaçal. Sua representação nas memórias se refere às relações sociais desenvolvidas no local, o que contribuiu para a formação da identidade religiosa dos moradores e para a construção histórica do município.

O cemitério, em sua representação, entendido no imaginário social como um espaço que contém as memórias das vidas de pessoas, foi também apontado pelos estudantes como um *lugar de memória*. Ao se lembrarem dos pioneiros e pioneiras que ajudaram a construir o município, eles contribuíram com relatos de memórias que enriqueceram a história local. Os estudos sobre sua representação social contribuíram para a compreensão do sentido da morte na cultura local.

O prédio da antiga prefeitura, em sua representação na memória social está ligado a um marco significativo na história política e administrativa de Reserva do Cabaçal, evocando lembranças de figuras políticas do município e de eventos relevantes, como a emancipação política da cidade.

Nessa perspectiva refletir com os alunos como a materialização e a democratização das memórias influenciam a forma como os *lugares de memória*, como o prédio da antiga prefeitura em Reserva do Cabaçal, são compreendidos por eles no lugar em que vivem. Dessa maneira, amplia a possibilidade de compreensão dos alunos sobre esses lugares, que representam marcos significativos na história política e administrativa local, podem ser usados também para promover uma maior compreensão pública e coletiva da história e identidade de uma comunidade. Para Nora o processo de democratização da memória é um fenômeno crescente e descentralizado.

A Paineira percebida por moradores na construção do projeto de reubanização da cidade na década de 1980, é uma árvore antiga e para os estudantes ela está ligada as questões ambientais, além de ser um símbolo das memórias daqueles que vivenciaram o tempo da construção da cidade. A memória, assim como a História, não fala por si mesma; ambas se estabelecem em um território conflituoso, sendo pertinente problematizá-las, extraindo delas os fatos e acontecimentos vividos não como algo fictício, mas como algo passível de ser interpretado, reconstruído e rememorado, deixando de ser lembrança e se transformando em documento.

O córrego Dracena pode ser entendido como um *lugar de memória*. Esse local não é apenas um elemento físico do espaço urbano, mas um ponto de referência simbólico para os

moradores da cidade. Sua representação está ligada as experiências vividas no cotidiano e as relações que contribuíram para a formação e organização da cidade ao longo do tempo. O córrego Dracena guarda as narrativas dos moradores e das interações que ocorreram ao seu redor. Vários moradores se fixaram em suas margens, pois não foram incluídos no projeto urbano desenvolvido na década de 1960, na formação da cidade pela CODEMAT. Suas memórias são um testemunho das transformações sociais e urbanas da cidade. Esse córrego é um espaço que conecta o presente ao passado, permitindo que os moradores atualizem suas histórias e contribuam para a construção da identidade local.

A antiga Escola Municipal Barão do Rio Branco, onde parte dos moradores da cidade iniciou seus estudos nos anos iniciais do Ensino Fundamental, é lembrada como um lugar que marcou a formação da identidade local. As memórias dos moradores evidenciam experiências individuais e coletivas que contribuíram para a construção da identidade e da cultura escolar nas décadas de 1990 no município.

A Serra Monte Cristo margeia a cidade e traz memórias de eventos vivenciados por moradores. Os *lugares de memória* são espaços carregados de significados e de representações que são constantemente revisitados pelas comunidades para manter viva a história coletiva. A Serra não é apenas uma formação geográfica; ela é um ponto de referência simbólico que traz à tona as memórias de eventos que ocorreram e foram vivenciados por moradores ao longo do tempo.

Nas memórias a Serra Monte Cristo se insere nesse contexto como um espaço que reflete as transformações sociais e culturais da cidade, sendo um testemunho da relação dos moradores com o território e com os acontecimentos históricos que marcaram suas vidas. Em vez de um simples espaço físico, a serra carrega consigo as narrativas que ajudam a definir a história e a memória coletiva da comunidade, e de experiências na construção do lugar.

Ao estudar com os alunos no ensino de história, a problematização de "lugares de memória" como a Serra Monte Cristo, é possível refletir sobre como as paisagens, os locais e as práticas sociais são imbuídos de significados ao longo do tempo. Eles não apenas conectam o passado ao presente, mas também contribuem para a construção de uma identidade coletiva que é constantemente revisitada e ressignificada pelos moradores. Para os estudantes da Escola Estadual Professor Demétrio Pereira, os *lugares de memória* em Reserva do Cabaçal vão além de simples pontos no mapa ou construções físicas. Eles são guardiões silenciosos da história e cultura local, preservando as histórias, experiências, desafios e conquistas dos moradores, contribuindo para a manutenção da identidade coletiva da comunidade.

Para a pesquisa que permitiu a elaboração desta dissertação foram reunidas fontes de diferentes tipos e em suportes diversos. As fontes de pesquisas são livros, artigos, teses, relatórios, fotografias, mapas, cartas, notícias de jornais, atas, registros de matrículas escolares, registros paroquiais, acervos documentais, decretos, textos (poema, poesia, letra de música, discursos políticos) e questionário com perguntas abertas. "A história se utiliza de documentos, transformados em fontes pelo olhar do pesquisador" [...] (Pinsky; De Luca, 2009, p. 7).

A partir de leituras e análise das referidas fontes e dos documentos norteadores para o Ensino Fundamental, sendo eles, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o Documento de Referência Curricular para Mato Grosso-Anos Finais (2018), as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental (DCNs) foi possível ampliar a compreensão e a importância do ensino de história por meio da história local e a produção escrita. Conforme destaca Pinsky (2005):

> O uso das fontes também tem uma história porque os interesses dos historiadores variaram no tempo e no espaço, em relação direta com as circunstâncias de suas trajetórias pessoais e com suas identidades culturais. Ser historiador do passado ou do presente, além de outras qualidades, sempre exigiu erudição e sensibilidade no tratamento de fontes, pois delas depende a construção convincente de seu discurso (Pinsky, 2005, p. 10).

Compreendemos que as fontes não existem a priori, elas são construídas por meio de uma operação intelectual que desloca para dentro do contexto da pesquisa e consequentemente, da dissertação, artefatos culturais produzidos com uma finalidade específica e confere a eles outra significação.

Para a análise das fontes de pesquisa, utilizou-se a pesquisa bibliográfica, notadamente livros, artigos científicos, teses e relatórios. Na fase da pesquisa documental, por meio da investigação das fontes, identificamos, analisamos e interpretamos os dados. Quanto à pesquisa participante, ela foi realizada com abordagem qualitativa, utilizando um questionário com perguntas abertas. O questionário[3] foi aplicado aos jovens estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Professor Demétrio Pereira de Reserva do Cabaçal/MT, com o objetivo de conhecer os saberes que eles trazem consigo, produzidos em suas vivências cotidianas, quando dialogam com seus familiares sobre história local e levam para reflexão no ambiente escolar.

---

[3] Quanto aos questionários, eles são instrumentos de coleta de dados amplamente utilizados em pesquisas. Consistem em uma série de perguntas elaboradas pelo pesquisador e respondidas por escrito pelos participantes da pesquisa.

Conforme Fonseca (2002), a pesquisa participante de abordagem qualitativa busca não apenas compreender, mas também promover mudanças sociais, ao envolver os participantes na identificação e solução de problemas reais em suas comunidades, e nos permite explorar nas variações do comportamento humano e nas percepções individuais em relação a um determinado tema. O uso do questionário é importante para coletar informações sobre os saberes dos estudantes e assim explorar as respostas qualitativamente, buscando esclarecimentos profundos sobre percepções e comportamentos do sujeito, local ou objeto representativo do contexto de estudo. O autor salienta que a pesquisa participante é um método que busca o envolvimento da comunidade na análise de sua própria realidade. Ela se desenvolve a partir da interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas.

O interesse em estudar como os *lugares de memória* da região na Educação Básica, deu-se em virtude do Mestrado Profissional em Ensino de História - ProfHistória, Núcleo UNEMAT, quando cursei as disciplinas História do Ensino de História e História Local, vislumbrando a possibilidade de pesquisar o tema a partir das indagações e curiosidades dos alunos do 7º Ano do Ensino Fundamental que estudam de forma regular no período vespertino, e que questionavam sempre que o tema História Local era mencionado nas aulas de história e de minhas próprias vontade em contar as experiências no ensino de história na Escola Estadual Professor Demétrio Pereira.

A curiosidade dos alunos e as minhas próprias inquietações profissionais e pessoais, no exercício da função de professora de História levou-me a investigar o tema e a realizar a pesquisa e a produzir esta dissertação. Para análise das fontes recorremos ao referencial teórico que se concentra nos estudos sobre o ensino de história e História Local, com objetivo de compreender como se dá a produção do conhecimento no espaço escolar, tendo como base o saber dos estudantes sobre história local e sua relação com o ensino de História. As análises levam em consideração os conceitos de *consciência histórica* de Rüsen (2001), que pode ser compreendida como um elemento amplamente humano e enraizado na própria história de vida do sujeito, indicando um conjunto de ações ou intenções no tempo, ou seja, o modo pelo qual os seres humanos interpretam sua experiência no tempo e no espaço, tendo em vista as diferentes realidades da vida prática e da sociedade.

Essa consciência histórica se tornou de fundamental importância para compreendermos o passado, e sua influência na formação da identidade do sujeito a partir de suas experiências individuais e coletivas e sua conexão com o presente.

Buscou-se também compreender, a partir dos estudos realizados por Barrozo (2010-

2017), o conceito de colonização, a fim de entender como ocorreu o processo de "(re)ocupação" de Reserva do Cabaçal, em Mato Grosso, nas décadas de 1960 e 1970 do século XX. O autor aborda o processo de colonização em Mato Grosso, destacando a reocupação de terras na fronteira amazônica, e investiga como a colonização foi utilizada como estratégia para resolver a crise agrária no sul do Brasil, especialmente no Rio Grande do Sul, durante as décadas de 1950 e 1960. O autor argumenta que a colonização, tanto oficial quanto privada, em Mato Grosso, foi impulsionada por políticas públicas que visavam distribuir terras na fronteira amazônica, evitando a redistribuição de terras já apropriadas em outras regiões do país.

Conforme Barrozo (2008) esse processo de colonização foi marcado por contradições na gestão das políticas públicas agrárias e refletiu a lógica contraditória do desenvolvimento capitalista no campo, destaca também a migração de pequenos agricultores do sul do Brasil para Mato Grosso e Rondônia, onde o governo e empresários privados organizaram diversos projetos de colonização. Essas iniciativas foram fundamentais para a modernização da agricultura no sul e para a ocupação das áreas de fronteira em Mato Grosso.

O conceito de representação de Roger Chartier (1990) ao ser articulado com os estudos de história reflete como os indivíduos percebem e reinterpretam o mundo, considerando seus contextos sociais e históricos. As fontes de pesquisa devem ser analisadas não apenas como documentos objetivos, mas como produtos da interpretação e experiência dos sujeitos em determinado tempo e espaço. As representações, ao serem reconstruídas e analisadas, oferecem uma visão mais profunda e plural da história local, evidenciando como ela é vivida, construída e reinterpretada pelos sujeitos que fazem parte dela.

Ao aplicar o conceito de representação no estudo da história local, o pesquisador tem a possibilidade de acessar as múltiplas narrativas e significados atribuídos pelos moradores aos eventos históricos e práticas culturais, compreendendo as dinâmicas de identidade e pertencimento que moldam as histórias locais.

Recorremos ao conceito de lugar de Michel de Certeau (1998) para a análise das fontes, a fim de compreender como as inúmeras práticas sociais se materializam no cotidiano. Para o autor, o lugar não é apenas um espaço físico, mas o resultado das práticas cotidianas e das interações sociais que nele acontecem. As práticas sociais contribuem para a construção de significados e narrativas locais, refletindo as dinâmicas sociais e culturais de uma comunidade.

Ao utilizar o conceito de *lugar* na análise das fontes de pesquisa, pode-se compreender como as pessoas constroem e ressignificam os espaços ao longo do tempo, imbuindo-os de significados. Além disso, as práticas cotidianas, como rituais, festas, trabalho e convivência,

moldam a identidade local e contribuem para a perpetuação de tradições.

As leituras sobre o ensino de História, especialmente a partir de Bittencourt (2009, 2019) permitiram compreender a trajetória da disciplina ao longo do tempo e sua importância no currículo escolar. Ela foca nas bases teóricas e metodológicas que sustentam o ensino de História, explorando diferentes vertentes historiográficas e salientando como elas influenciam nossa prática pedagógica. Aborda ainda os materiais didáticos utilizados no contexto do ensino de História, refletindo sobre os materiais tradicionais e inovadores, e evidenciando a importância de um olhar crítico sobre esses recursos.

A concepção da autora sobre o ensino de História contribuiu de maneira significativa para a leitura, análise e interpretação das fontes, bem como para a elaboração dos dados da pesquisa e da escrita desta dissertação.

Fez-se necessário, também, discutir e compreender os significados de *história local*, especialmente a partir de Barros (2009). O autor enfatiza a importância de estudar a história em um contexto mais restrito e específico, como uma cidade, vila ou comunidade. Ele argumenta que o estudo da História Local permite uma compreensão mais detalhada e conectada aos processos históricos, destacando aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais que podem ser desconsiderados em estudos históricos em nível regional e nacional.

Além disso, Barros discute a relação entre História Local e outras modalidades historiográficas, como a *História Regional* e a *Micro-História*, e como essas abordagens podem complementar a produção historiográfica regional e nacional. O autor ressalta que a História Local não deve ser vista apenas como uma subdivisão da História, mas como uma perspectiva que enriquece a compreensão histórica ao focar nas realidades específicas e cotidianas do sujeito.

Já o conceito de memória, *memória individual* e *memória coletiva*, são aqui tratadas a partir de Halbwachs (2003). Para ele a memória individual refere-se às lembranças pessoais de um indivíduo, que são formadas a partir de suas experiências e percepções únicas. Mas essas memórias não são completamente independentes, pois são, em certa medida, influenciadas e moldadas pelos contextos sociais nos quais o indivíduo está inserido. Assim, *memória coletiva* é a memória compartilhada por um grupo social e é essencial para a formação da identidade de um grupo, pois ela preserva e transmite as experiências e conhecimentos comuns. A memória coletiva não é apenas a soma das memórias individuais, mas um fenômeno social que dá sentido e conexão ao grupo, considerando o diálogo que os diferentes sujeitos históricos estabelecem no presente com os acontecimentos do passado.

Encontramos subsídios teóricos e metodológicos nos autores mencionados anteriormente

para compreender o processo de colonização do município de Reserva do Cabaçal/MT, a partir da criação e expansão dos núcleos de urbanização no Estado de Mato Grosso na segunda metade do século XX, com ênfase nas memórias dos migrantes oriundos de diversas regiões do país.

Conforme o primeiro livro de matrícula da primeira escola, denominada "Escola Municipal de 1º Grau de Reserva", há vários registros sobre os estudantes e seus respectivos responsáveis. Dentre essas informações, destacam-se os dados sobre o local de nascimento dos alunos, os quais estão muito bem especificados, com menção aos estados de Minas Gerais, Espírito Santo, Bahia, São Paulo, Ceará, Goiás, Paraná, dentre outros. Os estados foram inseridos no texto em ordem decrescente quanto ao número de migrantes que Reserva do Cabaçal recebeu. Nesse contexto, a maior parte da população era oriunda do estado de Minas Gerais, seguida pelo Espírito Santo e pelos demais estados.

Foram estudados os conceitos de *migrante*, *pioneiro* e *posseiro*, para ampliar a compreensão sobre o papel desempenhado por esses sujeitos no contexto da colonização nas décadas de 1960 e 1970. *Migrante* se refere ao sujeito ou aos grupos de famílias que se deslocaram de seus estados de origem e chegaram à região no contexto da colonização, em busca de novas oportunidades, como a posse de terras ou a organização do comércio local, ou ainda para escapar das crises econômicas. O conceito de *pioneiro* se refere aos primeiros a se estabelecer e a explorar o local, muitas vezes em condições adversas e desafiadoras. Eles desempenham um papel fundamental na abertura e no desenvolvimento de novas áreas, contribuindo para a construção da infraestrutura básica, como a criação de estradas, o cultivo da terra e a organização de comércios ou comunidades. Já o *posseiro* refere-se aquele migrante ou pioneiro que ocupa uma terra sem, inicialmente, possuir título definitivo de propriedade sobre ela, mas que estabelece nela residência e atividade econômica. O posseiro tem a intenção de legalizar sua posse, buscando organizar os documentos necessários, como título provisório, título definitivo e, por fim, a escritura da terra em seu nome.

Estudar com os alunos os conceitos de migrante, pioneiro e posseiro na história local é um passo importante para uma compreensão mais justa e abrangente da história de Reserva do Cabaçal. Dessa forma, é possível entender, em sua totalidade, o processo de formação dessa comunidade e reconhecer todos os seus protagonistas, que, mesmo excluídos da história oficial, tiveram um papel fundamental na construção do município.

A dissertação foi estruturada em três capítulos. O primeiro capítulo é intitulado *Ensino de história local: memórias e história sobre Reserva do Cabaçal.* Inicialmente, discute-se sobre o ensino de História, a história local e suas contribuições para o ensino de história no Ensino

Fundamental. É fundamental compreender historicamente como se deu o processo de construção do ensino de História para o Ensino Fundamental no Brasil.

Foi importante também estudar a reforma educacional da década de 1990, a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), a Lei nº 9.394/1996, a BNCC (2018) e a DRC-MT (2018), que configuram o papel do professor no desenvolvimento de práticas de ensino e aprendizagem relacionadas ao cotidiano dos estudantes, no espaço da escola e no lugar onde vivem. Isso coloca o aluno como protagonista no processo de ensino, aguçando sua consciência histórica, conforme discutido por Rüsen (2001). O autor considera a importância de desenvolver práticas de ensino conectadas ao cotidiano dos estudantes, no espaço da escola e no lugar onde vivem.

No segundo momento, o objetivo é analisar a (re)ocupação de Reserva do Cabaçal, a partir do contexto da colonização[4] da região sudoeste do Estado de Mato Grosso nas décadas de 1960 e 1970, como o discurso da propaganda oficial dos governos militares idealizou e produziu a fronteira agrícola no país. Esse discurso incidiu diretamente sobre o movimento de migração e colonização de Reserva do Cabaçal, por grupos sociais originados de várias regiões do Brasil, como mineiros, capixabas, paulistas e baianos. Esse aspecto é bem destacado na historiografia oficial do município.[5] O terceiro momento traz a discussão sobre a colonização de Reserva do Cabaçal nas décadas de 1960 e 1970 e suas contribuições para o ensino de História e estudos sobre história local.

O segundo capítulo é intitulado *Percepções e Aprendizagens da História Local na Escola Estadual Professor Demétrio Pereira.* No primeiro momento, discute-se o ensino no município de Reserva do Cabaçal e a construção da cultura escolar tanto no município quanto no Brasil, no contexto da ditadura militar. Em um segundo momento, a discussão foca na importância da memória no ensino de História, especialmente para os estudos de História Local.

No terceiro momento, o capítulo aborda o estudo sobre História Local no ensino de História, a

[4] Nos apropriamos da definição de Custódio em sua tese de doutorado sobre colonização e migração, por considerar a importância de tal entendimento para a reflexão sobre o período estudado em nosso trabalho, e os efeitos da política de colonização dos espaços ditos "vazios" demográficos de Mato Grosso. Custódio considera que a colonização é uma categoria historicamente construída nas e pelas representações que dizem sobre ela. [...] Trata-se de uma categoria presente em diversos estudos, no contexto de colonização de Mato Grosso, na segunda metade do século XX e, via de regra, comparece ligada à constituição de uma "fronteira agrícola" e os atores sociais em foco são, geralmente, migrantes, pequenos produtores, empresas de colonização, agricultores com condições econômicas que lhes permitiam adquirir áreas de terras. A colonização comparece, atrelada à migração, ou seja, para que um núcleo de colonização implantado se expandisse a ponto de emancipar-se era necessária a presença de pessoas, era necessário trabalho, mão de obra, escolas, hospitais, circulação de mercadorias e serviços (CUSTÓDIO, 2014, p. 16).

[5] Informações obtidas no site: https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-reserva-do-cabacal.html. Acesso em: 14 ag. de 2024

partir dos *lugares de memória* presentes na cidade.

O terceiro capítulo, *Uma Proposta Didática Pedagógica para o Ensino de História a partir dos Lugares de Memória em Reserva do Cabaçal/MT*, apresenta as percepções dos alunos do 7º ano do ensino fundamental participantes da pesquisa e as aprendizagens adquiridas por eles sobre a história do município de Reserva do Cabaçal/MT. No início, apresenta as experiências de ensino de história e as aprendizagens da história local na Escola Estadual Professor Demétrio Pereira.

Depois abordamos as percepções e aprendizagens dos estudantes sobre a história local. E em um terceiro momento, discutiu-se as aprendizagens dos alunos do 7º ano após participarem da pesquisa: como falam sobre o que estudaram? Quais aspectos foram marcantes para eles e merecem ser mencionados?

Ao final, tratamos da experiência didática realizada para esta dissertação, que resultou em um material didático intitulado *História Local: Reflexões e Práticas para o Ensino de História na Educação Básica a partir dos Lugares de Memória em Reserva do Cabaçal/MT*. O Material Didático orienta como trabalhar a história local e a memória no ensino de História, a partir da análise de diversos conceitos históricos, tendo como referência as vivências dos estudantes, suas percepções de si mesmos, de pertencimento e de identidade.

2. ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE RESERVA DO CABAÇAL

Apresentamos neste capítulo uma breve análise sobre a colonização do estado de Mato Grosso, projeto alinhado aos interesses econômicos nacionais durante os governos militares, evidenciando, o ensino de história e a história local, a (re)ocupação de Reserva do Cabaçal/MT, na perspectiva de estudar as representações elaboradas pelos colonizadores nas décadas de 1960 e 1970. O estudo se deu a partir da interlocução estabelecida com autores que pesquisaram esse tema, e torna-se imprescindível compreender historicamente como se deu o processo da construção do ensino de história para o Ensino Fundamental. Para tanto, fizemos um recorte temporal de abordagem entre 1969 e 2023, dialogando com os seguintes autores: Rüsen (2001), Pierre Nora (1993), Roger Chartier (1990), Michel de Certeau (1998), Bittencourt (2009-2019), Barros (2009), Barrozo (2010-2017), dentre outros, que nos ajudaram a compreender como os estudos com foco na história local, a partir das experiências dos estudantes, podem contribuir para o ensino de história.

2.1 O Ensino de história local, a colonização e a construção histórica do lugar ideal

A reforma educacional da década de 1990, a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), lei nº 9.394/1996, trazia em seu bojo, como objetivo para a educação e o ensino de História nas escolas do país, a formação integral do estudante como cidadão e agente de transformação, ou seja, disseminava-se aí a ideia de um novo cidadão capaz de intervir, participar e transformar a sociedade em que está inserido (Brasil, 1998).

Ao propor um ensino de história voltado para a formação integral dos estudantes, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), no artigo 26, aborda a importância de inserir no currículo escolar as características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos estudantes.

Para atingir a meta estabelecida pela LDB era importante que o professor levasse em consideração os saberes que os estudantes traziam consigo construídos em seu cotidiano, e em sala de aula, na medida em que as aulas facilitassem a conexão entre o assunto e suas vivências. O jovem estudante poderia ter a compreensão do significado de cada experiência. Se pensarmos na perspectiva do presente, tal conexão permitirá, segundo a própria LDB, que ele se envolva e participe do contexto da história local para que se sinta pertencente à história, tanto do seu local de vida, quanto com o seu entorno, compreendendo a formação social, política, econômica,

cultural de sua cidade, de seu estado e de seu país.

Ao desenvolver práticas de ensino relacionadas com o cotidiano dos estudantes no espaço da escola e do lugar onde ele vive coloca o aluno como protagonista nesse processo de ensino aguçando sua consciência histórica,[6] e isso possibilita meios para a compreensão da consciência histórica como um fenômeno do mundo da vida. Isto é, "como uma forma da consciência humana que está relacionada imediatamente com a vida humana prática" (Rüsen, 2001, p. 57). É na vida prática que as vivências se dão, é na vida prática do cotidiano que as experiências acontecem, é ela, a vida prática, vivida efetivamente, sentida e transformada, que permite que a consciência histórica aconteça[7].

Compreende-se que, antes negligenciadas como fonte histórica, as práticas do cotidiano foram identificadas como um campo de abordagem para a investigação e produção historiográfica. Isso permitiu aos historiadores documentar os comportamentos e tradições de indivíduos comuns que constituem narrativas históricas, delineando assim, períodos históricos distintos (Certeau, 2002).

A parte diversificada do currículo, da qual a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) se refere, diz respeito a muitas questões que até naquele momento não eram tidas como relevantes, e passaram a ser incluídas nos livros didáticos e nos currículos escolares, a exemplo da história local, da colonização e dos movimentos sociais.[8]

O documento *Orientações Curriculares da Educação Básica do Estado de Mato Grosso – Área de Ciências Humanas*, sobre o currículo do ensino de história para os estudantes do 3º ciclo do Ensino Fundamental da rede estadual de ensino, orienta para uma formação voltada para a perceção dos educandos relacionada ao comportamento humano, as relações com o local, regional, nacional e mundial e relações de conflitos entre os diferentes grupos, como se pode ver abaixo:

---

[6] A consciência histórica, segundo Jörn Rüsen (2001), é a soma de operações mentais por meio das quais os indivíduos interpretam sua experiência da evolução temporal do mundo e de si mesmos. Essa interpretação permite que orientem intencionalmente suas vidas práticas no tempo. O autor formulou ainda uma tipologia abrangente do pensamento histórico incluindo quatro categorias distintas de consciência histórica: tradicional, exemplar, crítica e genética. O significado de cada uma dessas expressões da consciência histórica está em sua contribuição coletiva para dar sentido a nossa compreensão do passado e do presente.

[7] Buscamos a compreensão de Rüsen (2001), sobre consciência histórica para refletir como se dá o processo de ensino e aprendizagem do estudante, enquanto sujeito histórico no lugar em que vive e construir conhecimento, em que "o agir é um procedimento típico da vida humana na medida em que, nele, o homem, com os objetivos que busca na ação, em princípio se transpõe sempre para além do que ele e seu mundo são a cada momento" (Rüsen, 2001, p. 57).

[8] O artigo 26, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), lei nº 12.796/2013, traz a seguinte redação: Os currículos da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e do Ensino Médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 25 Mar. 2020.

> Embora predominem hoje as preocupações do mundo globalizado, a compreensão e o estudo da história brasileira devem ter prioridade por sua especificidade. Estudar o local e o regional é fundamental, pois possibilita que o estudante entenda a história a partir do seu cotidiano, das suas relações sociais, dos seus hábitos e costumes, das memórias construídas culturalmente, de maneira que ele contextualize a dinamicidade das organizações sociais, econômicas, políticas, nacionais e mundiais (Mato Grosso, 2012, p. 37).

As mudanças no ensino de História suscitaram debates sobre temas como o local e o regional, história do cotidiano e a história de vida das pessoas comuns se conectam com a história nacional ampliando a compreensão de que a história local passa a ser uma abordagem de pesquisa que possibilita que os jovens estudantes se interpretem como sujeitos históricos.

O reconhecimento dos jovens estudantes como sujeitos históricos faz com que eles interajam com determinados temas, busquem estudar e conhecer a comunidade que fazem parte e a partir daí, quando a consciência histórica é despertada, eles passam a se sentir pertencentes a ela. É um exercício de identidade. E como os professores podem levar os estudantes a se apropriarem da história local? Quais são as fontes históricas disponíveis sobre a história local? Quem são os sujeitos que contam essas histórias? As indagações são importantes para refletirmos sobre as fontes históricas e a construção de materiais que deem conta da parte diversificada do currículo escolar de cada sistema de ensino.

A abordagem da pesquisa e o ensino de história local pode caracterizar-se como um lugar de constituição de análise crítica da realidade social resultante do processo de colonização, considerando que o local e a vida cotidiana de pessoas comuns também contribuem para o processo de construção de consciência histórica dos estudantes. “A consciência histórica é a realidade a partir da qual se pode entender o que a história é, como ciência, e porque ela é necessária,” (Rüsen, 2001, p. 56). A leitura deste autor contribuiu para a compreensão de que o ensino pode ocorrer com a participação dos estudantes.

Nas aulas apresentamos para os alunos como se deu o processo da composição das fontes analisadas e problematizadas para a escrita desta dissertação. Em um segundo momento discutimos as contribuições da pesquisa para as aprendizagens da história de Reserva do Cabaçal. Discutimos sobre os desafios e possibilidades da compreensão em História, considerando o conhecimento adquirido por eles, e isto se deu a partir do momento que se sentiram pertencentes ao processo de ensino e aprendizagem.

Conforme Barros (2009), o conceito de história local surgiu como uma abordagem historiográfica que foi se solidificando em torno da ideia de construir um espaço de observação sobre o qual se torna possível identificar certas articulações e uniformidades sociais. O autor

argumenta que:

> [...] uma história, entre outros adjetivos, será uma "história local" no momento em que o "local" torna-se central para a análise, não no sentido de que toda história deve fazer uma análise do local e do tempo que contextualiza os seus objetos, mas no sentido de que o "local" [...] adquire conotações especiais a serem examinadas em primeiro plano (Barros, 2009, p. 5).

Acredita-se ser importante para o jovem estudante que conheça o lugar onde vive e sua conexão de forma mais ampla, com a região, o país e na esfera global, para se ter a compreensão da História e sua atuação enquanto sujeito histórico. Essa compreensão situa o estudante dentro de uma estrutura social caracterizada por eventos históricos marcados por momentos de ruptura, permanências e continuidades no tempo e no espaço. É preciso considerar que ainda não existia um material didático voltado para as escolas que contemplasse o currículo do ensino de história local.

Ao oporunizar o estudo das vivências dos estudantes e fazer análises históricas do ambiente, e das relações sociais que se dão entre estes, professor e comunidade, o ensino de História pode se tornar mais significativo aos alunos por meio de análise e interpretação da história local e compreensão das questões postas no presente, e por meio destas eles podem investigar histórias familiares e a história do lugar onde vivem com possibilidade de realizar uma ligação entre a história local, a regional, a nacional e global. Bittencourt ressalta que:

> A história local tem sido indicada como necessária para o ensino por possibilitar a compreensão do entorno do aluno, identificando o passado sempre presente nos vários espaços de convivência – escola, casa, comunidade, trabalho e lazer –, igualmente por situar os problemas significativos da história do presente (Bittencourt, 2018, p. 146).

Ao estudar a história local, os jovens estudantes têm o potencial de compreender uma infinidade de *verdades* históricas referentes[9] ao lugar onde vivem. A partir dos estudos, aliados às suas experiências do cotidiano, eles vão adquirindo a compreensão das "verdades" históricas e dos contextos históricos locais, regionais e nacionais, reconhecendo, assim, que todos os sujeitos históricos desempenham um papel fundamental nas construções históricas.

Schmidt e Garcia contribuem para a compreensão de que a aprendizagem se dá por meio

[9] "Verdades" históricas a que me refiro, são as narrativas que os estudantes trazem consigo sobre a história local de vivências de seus familiares que são passadas para os filhos, netos, bisnetos e que relatam vivências no cotidiano na formação de Reserva do Cabaçal/MT, e são compreendidas como "verdades". Busco a compreensão de Certeau (2002), para analisar a "verdade" nesse caso específico no campo das vivências dos sujeitos. "Meu patoá representa minha relação com um lugar" (Certeau 2002, p. 65).

de uma abordagem metodológica que chama a atenção do estudante. A abordagem da história local se apresenta como uma delas, conforme afirmam:

> [...] uma forma de abordar a aprendizagem, a construção e a compreensão do conhecimento histórico, a partir de proposições que tenham a ver com os interesses dos alunos, suas aproximações cognitivas e afetivas, sua vivência cultural, com as possibilidades de desenvolver atividades vinculadas diretamente com a vida cotidiana, entendida como expressão concreta de problemas mais amplos (Schmidt; Garcia, 2003, p. 232).

Diante das inquietações sobre a história local de Reserva do Cabaçal é que esta produção teve origem. E assim pensamos: como os professores vão apresentar aos estudantes a história de Reserva do Cabaçal se as fontes historiográficas no campo do ensino de história da região ainda são reduzidas, sabendo que os registros para estudar e construir outras interpretações não se encontram acessível aos professores e estudantes?

As reflexões de autores de historiografia matogrossense como João Carlos Vicente Ferreira (2022), Else Dias de Araujo Cavalcante e Maurin Costa Rodrigues (1999), Elizabete Madureira Siqueira (1997-2002) se mostra fundamental. Os autores abordam que a colonização de Mato Grosso foi marcada por resultado de uma ação política e econômica voltada para a "integração nacional",[10] e ajudam a pensar a colonização do município de Reserva do Cabaçal no contexto regional e nacional.

Os trabalhos dos autores são de fundamental importância como fonte para os pesquisadores. Ao estudá-los com os alunos no ensino de História, surgiram indagações e reflexões sobre os migrantes que saíam de seus lugares de origem e vinham para Reserva do Cabaçal nas décadas de 1960 e 1970. Através das discussões, emergiram várias questões sobre a chegada de muitas pessoas em Reserva do Cabaçal, sendo que alguns permaneceram e ajudaram a construir o lugar nos moldes da CODEMAT, outros não conseguiram se adaptar e retornaram para seus locais de origem, enquanto outros se deslocaram para outros estados do Brasil, como Rondônia, Acre e Pará.

Uma questão que mais despertou o interesse dos jovens estudantes durante as aulas foi o fato de parte dos que permaneceram ter sido silenciados por moradores locais e pela historiografia mato-grossense. Os autores da historiografia regional costumam focar em contar a história de Mato Grosso com ênfase na economia e na política dos municípios, sem aprofundar na história

[10] O Programa de Integração Nacional (PIN) foi um projeto criado durante os governos militar especificamente (1969-1974) que se prolongou, com o objetivo principal de ocupar terras na região Amazônica por meio da migração de contingentes populacionais do Nordeste, e buscava a integração das regiões Norte e Nordeste, por meio da construção de rodovias como a Transamazônica e a Cuiabá-Santarém, sem considerar as populações indígenas que viviam nesses territórios.

local dos lugares onde os estudantes vivem. Isso faz com que eles ainda percebam a história local como desconectada da história nacional e global.

A compreensão de Paim e Picolli (2007) sobre história local contribui com o ensino e aprendizagem dos estudantes:

> Assim, pode-se perceber que ensinar histórias de regiões e histórias locais é importante para que os alunos entendam melhor o mundo em que vivem, possam perceber as relações entre os seres humanos, como elas acontecem e como podemos, através da história, entender melhor os homens e seus feitos através dos tempos (Paim; Picolli, 2007, p.117).

Reserva do Cabaçal é uma cidade incrustada em um vale cercado por serras na região sudoeste de Mato Grosso, cuja população é de 2.122 pessoas[11] segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE (2022). Situada nessa região teve sua colonização iniciada na década de 1960.

O estudo da história local partir de Schmidt e Cainelli (2004) amplia a compreensão de sequências temporais, interrupções e permanências, bem como o entendimento como se dão as relações sociais formadas por atores e atrizes históricos dentro de um contexto temporal e espaço específico:

> O trabalho com a história local no ensino da História facilita, também, a construção de problematizações, a apreensão de várias histórias lidas com base em distintos sujeitos da história, bem como de histórias que foram silenciadas, isto é, que não foram institucionalizadas sob forma de conhecimento histórico. Ademais este trabalho pode favorecer a recuperação de experiências individuais e coletivas do aluno, fazendo-o vê-las como constitutivas de uma realidade histórica mais ampla e produzindo um conhecimento que, ao ser analisado e retrabalhado, contribui para a construção de sua consciência histórica (Schmidt; Cainelli , 2004, p.114).

Para compreensão sobre o processo de construção de Reserva do Cabaçal recorremos a documentos produzidos pela prefeitura municipal que foram inventariados, investigados e interpretados: fotos, mapas, leis, folders, jornal, revistas, textos escritos, dentre outros, para estudarmos sobre a história local e pensar historicamente a colonização do município de Reserva do Cabaçal Mato Grosso. O conceito colonização é amplo e possui várias definições. Durante o regime militar, ele foi definido como:

> [...[toda atividade oficial ou particular destinada a dar acesso à propriedade da terra e a promover seu aproveitamento econômico, mediante o exercício de

[11] Fonte: IBGE (2022) Acesso em: 21 de maio de 2024. https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mt/reserva-do-cabacal.html

> atividades agrícolas, pecuárias e agroindustriais, através da divisão de lotes ou parcelas, dimensionadas de acordo com as regiões definidas na regulamentação do Estatuto da Terra, ou através de cooperativas de produção nela previstos (Miranda, 1990, p. 65).

O sentido central está relacionado ao processo de acesso à propriedade da terra e seu aproveitamento econômico, por meio de atividades agrícolas, pecuárias e agroindustriais, e o foco está na formalização da posse e na promoção do uso produtivo da terra, com a finalidade de impulsionar a economia rural.

Conforme Ianni (1979), o conceito de colonização está relacionado à dinâmica de dominação e exploração que ocorre no contexto de um país ou território, com foco nos aspectos econômicos, sociais e políticos. A "colonização não se limita apenas ao processo histórico de ocupação territorial, mas também envolve a imposição de uma estrutura de poder que serve para controlar e explorar os recursos humanos e naturais de uma região". (Ianni, 1979, p. 07).

Portanto, a colonização é vista como um processo mais amplo que envolve controle, exploração e a imposição de um modelo de poder que vai além da mera ocupação territorial, refletindo-se em várias esferas da sociedade.

Foi também de fundamental importância a leitura de Ferreira (2002) para se ter a compreensão mais ampla do processo de colonização de Reserva do Cabaçal/MT. O governo de Mato Grosso ao iniciar a (re)ocupação, em que famílias vieram para a região da grande Cáceres, essa migração permitiu que surgissem vários municípios, entre estes Reserva do Cabaçal.

Inicialmente os migrantes se alojaram na fazenda Itaguaí em 1967 onde trabalhavam como diaristas. Esta fazenda estava localizada na margem direita do rio Cabaçal, e em terras devolutas que estavam reservadas para a (re)ocupação e formação de um núcleo urbano, definidas pelo governo de Mato Grosso

As áreas rurais onde seriam assentados os migrantes, encontravam-se na margem esquerda do mesmo rio, considerando que estando do outro lado do rio os migrantes teriam que atravessá-lo para ter acesso ao espaço reservado pelo governo de Mato Grosso para serem (re)ocupados, e posteriormente desenvolver a agricultura e pecuária.

Nas décadas de 1950, 1960 e 1970, com os deslocamentos de diversos grupos sociais para a Amazônia, Octávio Ianni retratou de forma precisa a dinâmica do processo de busca e luta pela terra por parte dos migrantes que chegaram a algumas regiões da Amazônia, muito antes da implementação dos projetos de colonização.

> De todas as regiões do país vêm trabalhadores rurais e seus familiares para a Amazônia. Em muitos casos, chegam antes dos latifundiários, fazendeiros ou empresários, nacionais e estrangeiros. Outras vezes chegam juntos, misturados,

> todos buscando terra. Uns para plantar casa e roça e fazer criação; outros para formar fazenda de lavoura, gado, ou gado e lavoura; também aqueles que só querem a terra, [...]. Todos são migrantes, uns para fazer negócios, outros por precisão. Às vezes mais, às vezes menos, estão sempre chegando, faz tempo, em muitos lugares (Ianni, 1979, p. 11).

A ideia central é que, independentemente das intenções específicas de cada grupo, todos são migrantes e estão, de certa forma, inseridos no processo de ocupação da Amazônia. Alguns migrantes buscam a terra para negócios ou lucro, enquanto outros são movidos por necessidades mais imediatas, como a sobrevivência.

Os migrantes ficaram a espera da distribuição e legalização das terras que seriam feitas pelo governo estadual. A área destinava-se, conforme o próprio nome diz, "a uma reserva do governo, que pretendia fundar um povoado naquelas imediações" (Ferreira, 2022. p.673).

Ao estudar-mos os autores da históriografia de Mato Grosso, em especial Ferreira (2022), observamos que os migrantes chegavam de suas regiões de origem, e deixavam suas famílias nas localidades vizinha em especial em Rio Branco/MT. A intenção era que ao adquirir o título de posse da terra buscariam suas famílias para Reserva do Cabaçal, considerando que inicialmente as vias de acesso ao lugar era inexistente, e aos poucos foram sendo construídas por eles.

Conforme afirma Ferreira (2022) em 1967 cerca de 100 a 150 homens diaristas chegaram na fazenda Itaguaí, local que fica a 10km da sede do município de Reserva do Cabaçal. Estes homens foram contratados para trabalhar no cultivo do arroz, milho e feijão que eram plantados após a derrubada das matas e queimadas. A finalidade última desse trabalho era semear colonião[12] para formação de pastagens para a criação de gado. Os migrantes permaneceram na fazenda até que as terras fossem entregues a eles em forma de posse. Eles tinham o sonho de possuir um pedaço de terras, sustentar seus filhos e formar patrimônio.

Ao saber que as terras da margem esquerda do rio Cabaçal foram reservadas para serem colonizadas, foram atravessando o rio Cabaçal escolhendo um lote e ficavam na terra a espera da CODEMAT para demarcação dos lotes, que eram de 15 e 24 hectare de terras por pessoa**.**[13]

Em Reserva do Cabaçal, no estado de Mato Grosso, os termos hectares e alqueire, são unidades de medida de área muito usadas para medir propriedades rurais e terrenos. Um hectare (ha) equivale a 10.000 metros quadrados, ou 1 hectare = 0,01 quilômetro quadrado. É uma unidade padrão de medida em áreas rurais e é amplamente utilizada para mensurar propriedades

[12] Fonte: https://www.agro20.com.br/capim-coloniao/ Acessado em 16 maio/2024. O capim colonião teve seu ápice de cultivo no Brasil e, durante alguns anos, pesquisadores trabalharam no seu desenvolvimento. Ele ainda é utilizado na alimentação do gado, assim como dos cavalos e ovelhas.
[13] Fundação Julio Campos (1995).

rurais de maior porte como sítios e fazendas. O alqueire é uma unidade de medida tradicionalmente usada em várias regiões do Brasil, mas seu valor pode variar dependendo do estado. Em Mato Grosso, o alqueire é geralmente equivalente a 48.400 metros quadrados (ou 4,84 hectares). O alqueire é uma medida mais comum para propriedades menores ou para a agricultura familiar e outros contextos rurais. No caso de uma propriedade rural com 10 alqueires corresponde a 24.20 has (vinte e quatro hectares e vinte ares).

No contexto da história agrária na história local, o termo *ares* se refere a uma unidade de medida de área, usada para descrever a dimensão de terrenos. Um are é igual a 100 metros quadrados, e "vinte e quatro hectares e vinte ares" significa que a propriedade de 24 hectares e 20 metros quadrados. Como 1 hectare equivale a 10.000 metros quadrados, a área total da propriedade seria de 24 hectares (24.000 metros quadrados) mais 20 metros quadrados. *Ares* nesse caso é uma unidade menor de medida de área, frequentemente utilizada em áreas rurais para detalhar a extensão de terrenos.

Os migrantes ocuparam também a área destinada a formação do núcleo urbano, e deram início a construção do núcleo urbano determinado pelo governo de Mato Grosso.[14] A partir disso, houve um fluxo migratório para o local.

As reflexões com os jovens estudantes sobre o cotidiano no contexto da colonização de Reserva do Cabaçal se tornam atraentes a partir da abordagem da história local, a partir do momento que faz sentido para ele. Guimarães (2012), ao escrever sobre o estudo da História local e a construção de identidades, apresenta-nos o local e o cotidiano como possibilidades de uma aprendizagem significativa no cotidiano escolar. Nas palavras do autor:

> O local e o cotidiano devem ser problematizados, tematizados e explorados no dia a dia da sala de aula, com criatividade, a partir de variadas fontes. As memórias da localidade, da região, dos trabalhos, das profissões, das festas, dos costumes, da cultura, da política estão vivas entre nós (Guimarães, 2012, p. 244).

O ensino de história local se dá por meio das diferentes lembranças e memórias que permeiam o cotidiano de Reserva do Cabaçal. O professor ao problematizar fontes como textos, notícias de jornais, narrativas históricas, analisar fotos, atas, leis, discursos e outros, sobre a colonização do município em sala de aula, instiga os jovens estudantes a terem a compreensão através de leitura e discussões no coletivo ou em grupos e ampliarem o conhecimento de que a

[14] Fundação Julio Campos (1995).

colonização e a formação da estrutura física do lugar é marcada por estratégias políticas governamentais locais, e que é possível fazer outras leituras da colonização do município buscando analisar suas vivências e de seus familiares.

Ferreira (2022) reflete sobre o primeiro momento em que chegaram os migrantes onde se encontra a sede do município de Reserva do Cabaçal, e aborda que as pessoas saíam da fazenda Itaguaí e caminhavam por entre árvores e pedras seguindo trilhas no meio da floresta. Estes seguiam a pé por várias horas em direção a margem esquerda do rio Cabaçal, no trajeto carregavam nas costas o cacai[15], com os poucos pertences que tinham.

Compete ao historiador não só descrever como se deu o processo de colonizaçao, mas, fundamentalmente, problematizar, o que nos cabe no momento, é dar visibilidade às práticas do cotidiano de personagens ligados à colonização por meio da história local e refletir o quanto se torna importante para os jovens estudantes ampliar seus conhecimentos sobre a história local e possibilitar outras interpretações que possam contribuir para o ensino de história, tanto no âmbito local, quanto no regional e nacional.

Buscamos inspiração em Certeau (2002) para refletir sobre o conceito de *lugar* no contexto da colonização, em que o lugar é articulado com a organização e é ordenado conforme os interesses de uns em detrimento de outros. Nesse caso, especialmente, está ligado ao interesse governamental, que visava colonizar e expandir a fronteira agrícola do Brasil nas décadas de 1960 e 1970 do século XX, na região em estudo.

Nas palavras do autor: “Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural” (Certeau, 2002, p. 66). O lugar de onde falo é o de uma pesquisa desenvolvida no contexto de uma colonização recente no Brasil, em Reserva do Cabaçal, na segunda metade do século XX. Esse lugar, enquanto campo de pesquisa, deve ser marcado por esse aspecto. Além disso, esse lugar possui suas próprias idiossincrasias.

Ao se engajar no estudo da história local, os estudantes adquirem conhecimento sobre o contexto histórico do lugar em que vivem. Isso permite que eles se percebam como parte pertencente da comunidade, compreenda a trajetória histórica de seus familiares, e suas relações sociais. Consequentemente, eles cultivam uma consciência sobre o aspecto de que seu local de vivências possui uma trajetória histórica envolvendo vários sujeitos históricos, com memórias, narrativas e as diversas formas de documentação que servem como fontes para investigar esse lugar.

---

[15] Cacai era semelhante a um saco amarrado as quatro pontas com corda ou cipós retirados na mata, que ao serem amarrados, ficavam no formato de mochila, em que os migrantes carregavam dentro delas seus pertences. Os migrantess encaixavam as cordas nos ombros e caminhavam durante horas e dias até chegarem no local desejado.

Bittencourt (2018) ressalta que a partir dos estudos da história local e a partir do lugar onde o jovem estudante vive amplia-se a compreensão do processo histórico de onde vive. Segundo a autora:

> A história do "lugar" como objeto de estudo ganha, necessariamente, contornos temporais e espaciais. Não se trata, portanto, ao se proporem conteúdos escolares da história local, de entendê-los apenas na história do presente ou de determinado passado, mas de procurar identificar a dinâmica do lugar, as transformações do espaço, e articular esse processo às relações externas, a outros "lugares" (Bittencourt, 2018, p.150).

Pensando a colonização de Reserva do Cabaçal fazendo ligação com o contexto regional e nacional nas decadas e 1960 e 1970 é possível conectar o presente com o passado, e observar as mudanças que ocorreram no tempo e no espaço em estudo, e assim, perceber as temporalidades e continuidades ocorridas em Reserva do Cabaçal, analisando a importância deste lugar a nível nacional.

De acordo com os Parâmetros curriculares nacionais "os estudos da História Local conduzem aos estudos dos diferentes modos de viver no presente e em outros tempos, que existem ou que existiram no mesmo espaço" (Brasil, 1997, p. 52). Ao estudar a história local os estudantes desenvolvem o entendimento dos conceitos de temporalidade, espacialidade, identidade, dentre outros, pois a partir do local é possível identificar e compreender diversos aspectos sociais nos mais variados campos da ação humana.

Ao estudar o local em sala de aula, questionando em grupo e no coletivo, e ao compartilhar as experiências de seus pais e avós sobre a vivência em Reserva do Cabaçal, os estudantes têm a oportunidade de perceber mudanças e permanências. Eles descobrem, entre suas ações cotidianas, a presença de elementos culturais vivenciados por gerações anteriores.

Ao fazer essa interlocução, o estudante pode compreender como o contexto nacional impactou de maneira expressiva a colonização de Reserva do Cabaçal nas décadas de 1960 e 1970, em um momento da história do Brasil em que a intenção dos governantes era expandir a fronteira agrícola do país e, assim, "integrar" as regiões produtoras ao cenário nacional. É nesse contexto que Reserva do Cabaçal foi colonizada.[16]

A compreensão de Barrozo (2014), sobre colonização foi de fundamental importância, para se ter o entendimento de como esse processo ocorreu em Reserva do Cabaçal no contexto do avanço do capitalismo para as áreas rurais no sul e sudeste, que fez com que tornasse urgente uma reforma agrária que criasse condições para a continuidade dessa expansão, portanto:

[16] Fundação Júlio Campos (1995).

> [...] a solução proposta para a modernização do minifúndio foi o remembramento[17] dos lotes, e consequente migração de parte dos agricultores minifundiários para a fronteira amazônica, onde seriam assentados em projetos de colonização (Barrozo, 2014, p. 152).

A solução da qual fala Barrozo (2014) foi articulada e executada durante as duas primeiras décadas do Governo Militar, ou seja, nos anos de 1960 e 1970 no Brasil.

A partir de 1964,[18] o processo de federalização das terras devolutas em Mato Grosso começou, com um foco particular nos territórios dos estados que constituem a Amazônia Legal,[19] exercendo assim uma influência direta nas políticas de regulação fundiária.

Conforme Custódio (2005), na década de 1970, o governo militar, para direcionar e acompanhar a colonização dos "espaços vazios", criou o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA/1970) e, em particular, a Companhia de Desenvolvimento do Estado de Mato Grosso (CODEMAT/1968), e em 1978, o Instituto de Terras de Mato Grosso (INTERMAT).

Para ampliar a compreensão sobre a questão da atuação da CODEMAT na distribuição e regularização das terras no município de Reserva do Cabaçal Mato Grosso, buscamos as reflexões de Moreno (1999) para interpretar documentos sobre a distribuição e legalização de terras no município no período em questão.

Conforme Moreno (1999), a colonização do estado de Mato Grosso foi um projeto alinhado aos interesses econômicos nacionais, desde a segunda metade do século XIX até o século XX. Esse processo envolveu a interferência dos governos estadual e federal na definição da política fundiária de colonização, além da gestão das terras públicas e devolutas nacionais, com ênfase

---

[17] O remembramento de lotes é o desdobramento do avanço do capitalismo no meio rural. Está ligado ao processo de mecanização do campo. Nesse modelo, os minifúndios tendem a desaparecer por meio da compra dos que detém capital. (Barrozo, 2014) e (Oliveira, 2016). No contexto citado, o remembramento fundiário no Sul e Sudeste é apontado como uma das causas das saídas das famílias que (re) ocuparam Reserva do Cabaçal/MT, no século XX. Nas décadas subsequentes, esse processo ocorreu no município, com o objetivo de transformar áreas de cultivos para áreas de pastagens, considerando o fluxo de capital daqueles que podiam investir nessa modalidade.

[18] Durante a época de 1964, em meio ao golpe militar e a vários movimentos sociais, particularmente o ativismo que defendia a reforma agrária e o direito à terra, as autoridades militares consideraram prudente remodelar a questão fundiária como uma questão de segurança nacional. Essa reconfiguração resultou na federalização de questões relacionadas à terra, permitindo que os regimes militares explorassem estrategicamente a agitação social para fortalecer o domínio político centralizado. Ao mesmo tempo, iniciativas foram tomadas para aliviar as disputas relacionadas à terra, diminuindo assim a influência dos proprietários de terras locais, que eram vistos pelos militares como impedimentos ao avanço econômico do país (Martins 1984).

[19] Amazônia Legal é composta pelos estados Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins, Mato Grosso e região oeste do Maranhão, principalmente. Dados consultados no site: https://geoftp.ibge.gov.br/organizacao_do_territorio/estrutura_territorial/amazonia_legal/2022/Mapa_da_Amazonia_Legal_2022_sem_sedes.pdf . Acesso em 23 maio. 2024.

nas terras de Mato Grosso.

A colonização do estado de Mato Grosso, conforme assinalou Moreno (1999), foi estimulada e favorecida pelos diversos governos estaduais, que distribuíram grandes porções de terra aos latifundiários e às empresas de colonização e agropecuária.

> Desde 1892, os diversos governos de Mato Grosso vêm estimulando e favorecendo o acesso a grandes porções do território seja por latifundiários, capitalistas individuais ou por grupos econômicos e empresas agropecuárias e de colonização. Todo um aparato jurídico-político foi sendo montado para mediar e legitimar os diferentes interesses das classes sociais envolvidas no processo de acesso à terra e dar sustentação à política fundiária de regularização e venda de terras públicas/devolutas no Estado, quando estas passaram para o seu domínio, por força da Constituição Republicana de 1891 (Moreno, 1999, p. 68).

Essa forma de colonização, na qual o governo estadual transferia grandes porções das terras públicas para grupos econômicos e empresas capitalistas, estava pautada nos princípios da Lei Imperial de Terras de 1850, regulamentada em 1854, e na legislação do estado de Mato Grosso, regida pela Lei Estadual nº 20/1892 e regulamentada pelo Decreto nº 38/1983.[20]

Sobre as leis fundiárias do Estado de Mato Grosso no período imperial, observa-se uma manobra política de adaptação da lei para garantir o acesso às terras por um pequeno grupo de proprietários que concentrava em suas mãos grandes áreas de terras e em contrapartida dificultavam o acesso dos pequenos posseiros e proprietários que não tinham condições financeiras para comprá-las.

Na fase em que os documentos sobre a distribuição de terras foram inventariados, foi feito contato com um senhor que reside no município de Reserva do Cabaçal Mato Grosso, que aceitou colaborar com a pesquisa fornecendo documentos de sua propriedade, e para resguardar sua identidade ele foi denominado de (R. A.), e informou que possuia documentos de sua propriedade, emitidos pela CODEMAT, que deu garantia a ele da posse da sua terra.

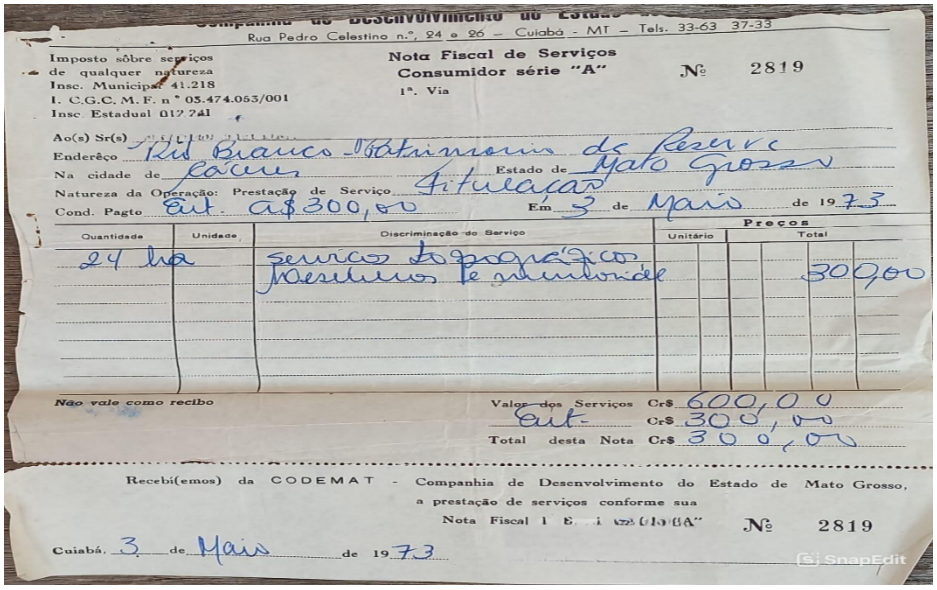
O colaborador (R. A.) relatou que tinha esses documentos que demonstravam que a CODEMAT foi a responsável pela distribuição das terras. No entanto, como ele não sabia ler, guardava na memória as conversas que tivera com os técnicos da CODEMAT nos anos 1970, quando estes estiveram nas comunidades rurais "cortando as terras". Ele entrou em sua residência

[20] Essa discussão é apresentada por Gislaene Moreno no texto - O Processo Histórico de acesso à terra em Mato Grosso mostrando como as terras públicas e devolutas favoreceram a colonização do território mato-grossense por parte dos grandes capitalistas (MORENO, 1999 p. 67-90).

e trouxe pastas arquivo contendo documentos que estavam com aspecto envelhecido pelo tempo e disponibilizou para que fosse estudado, interpretado e apresentado na pesquisa.

Ao averiguar o acervo de documentos dois deles nos despertaram a curiosidade: uma nota fiscal e um requerimento.

Figura 1: Nota fiscal


Companhia de Desenvolvimento do Estado
Rua Pedro Celestino n.º, 24 e 26 – Cuiabá - MT – Tels. 33-63 37-33

Imposto sôbre serviços de qualquer natureza
Insc. Municipal 41.218
I. C.G.C. M. F. n.º 05.474.053/001
Insc. Estadual 012 241

Nota Fiscal de Serviços
Consumidor série "A"
1ª. Via

№ 2819

Ao(s) Sr(s) Rio Branco - Patrimonio de Reserve
Endereço
Na cidade de Cáceres Estado de Mato Grosso
Natureza da Operação: Prestação de Serviço titulação
Cond. Pagto Cut. Cr$300,00 Em 3 de Maio de 1973

Quantidade	Unidade	Discriminação do Serviço	Preços Unitário	Preços Total
24	hra	serviços topográficos Resolução de autoridade		300,00

Não vale como recibo

Valor dos Serviços Cr$ 600,00
Cut- Cr$ 300,00
Total desta Nota Cr$ 300,00

Recebi(emos) da CODEMAT - Companhia de Desenvolvimento do Estado de Mato Grosso, a prestação de serviços conforme sua Nota Fiscal [illegible] "A" № 2819

Cuiabá, 3 de Maio de 1973

Fonte: documento particular inventariado na fase de levantamento e interpretação das fontes documental-Ano (1973). Pesquisado em dezembro de 2024

Conforme o relato de memórias do colaborador (R. A.), a CODEMAT exigia que fosse paga uma taxa para o topógrafo que exercia a tarefa de cortar os lotes e demarcar fincando um marco de cimento com uma placa de alumínio contendo as informações das divisas de cada posse.[21] E depois desse processo a CODEMAT fornecia o termo requerimento para que o migrante requeresse o título de posse.

O documento nota fiscal em aspecto amarelado e corroída na parte superior, consta em sua descrição Companhia do Desenvolvimento do Estado de Mato Grosso- CODEMAT, localizada na rua Pedro Celestino nº 24 e 26 – Cuiabá- MT-Tels. 33-63 37-33, consta Nota fiscal de serviços consumidor série "A", 1ª via nº 2819.

O texto apresenta a descrição das informações do documento deste senhor, que residia no patrimônio de Reserva do Cabaçal distrito de Rio Branco que por sua vez fazia parte do município de Cáceres estado de Mato Grosso. A nota consta também que é operação de prestação de serviço titulação de recebimento de trezentos cruzeiros na data de três de maio de 1973.

[21] No contexto da (re) reocupação do município "posse" significa terras ou propriedades rurais já demarcadas e destinada a uma pessoa

O colaborador (R. A.), do documento nota fiscal declara que recebeu da Companhia de Desenvolvimento de Estado de Mato Grosso-CODEMAT, prestação de serviços conforme a nota fiscal de serviços série “A” assinado pelo órgão e entregue a ele como documento de comprovação de pagamento do valor de trezentos cruzeiros a CODEMAT.

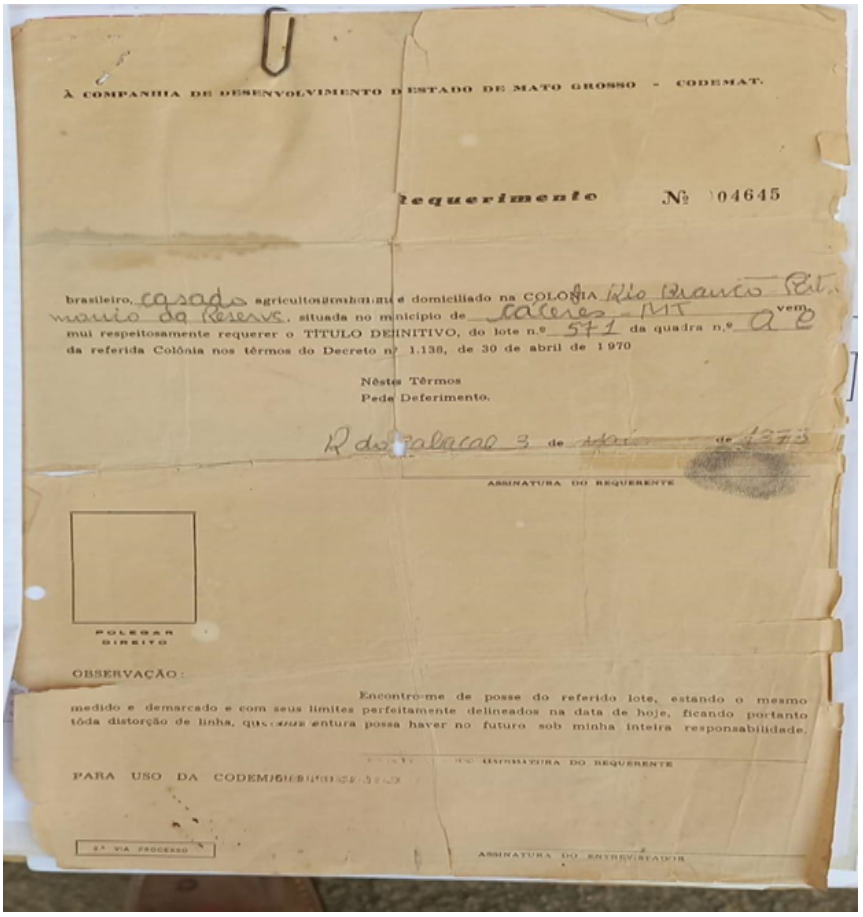
Na nota, consta o pagamento pelos serviços de topografia, desenho e memorial, referentes a 24 (vinte e quatro) hectares (ha), prestados por técnicos da CODEMAT, no valor de 300 (trezentos) cruzeiros, realizado no dia 3 (três) de maio de 1973.

O colaborador (R. A.), da comunidade rural de Reserva do Cabaçal disse que, para chegarem ao local, seguiram as trilhas abertas com foice e facão. Após alguns meses residindo no lugar, técnicos da CODEMAT vieram e "cortou as terras em lotes de vinte e quatro hectares (ha)", entregando-lhes uma "posse", conforme um tal documento que a CODEMAT forneceu para eles garantia a posse da terra em forma de título provisório, Moreno (1999) evidencia que:

> A ação fundiária desenvolvida pelos Governos de Mato Grosso ficou restrita a menos de 40% da área total do seu território. Assim, a partir de 1971 até a revogação daquele decreto (1987), as ações fundiárias foram desenvolvidas pela União, através do INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária; pelo Estado, através da CODEMAT - Companhia de Desenvolvimento do Estado de Mato Grosso’; e, após 1978, através também do INTERMAT - Instituto de Terras de Mato Grosso. (Moreno, 1999, p. 80).

As reflexões de Moreno (1999), contribuíram para estudar o documento requerimento em que sua construção se baseia no Decreto nº 1.138, de 30 de abril de 1970. Para ela este foi um marco importante no processo de colonização e distribuição de terras no estado de Mato Grosso, no contexto da expansão da fronteira agrícola brasileira.

Figura 2: Requerimento



À COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DE MATO GROSSO - CODEMAT.

Requerimento Nº 04645

brasileiro, casado agricultor, residente e domiciliado na COLÔNIA Rio Branco Pat. Mun. da Reserva, situada no município de Cáceres - MT vem mui respeitosamente requerer o TÍTULO DEINITIVO, do lote n.º 571 da quadra n.º A C da referida Colônia nos têrmos do Decreto nº 1.138, de 30 de abril de 1970

Nêstes Têrmos
Pede Deferimento.

R. do Palacio 3 de Abril de 1973

ASSINATURA DO REQUERENTE

POLEGAR DIREITO

OBSERVAÇÃO:

Encontro-me de posse do referido lote, estando o mesmo medido e demarcado e com seus limites perfeitamente delineados na data de hoje, ficando portanto tôda distorção de linha, que por ventura possa haver no futuro sob minha inteira responsabilidade.

ASSINATURA DO REQUERENTE

PARA USO DA CODEMAT

1ª VIA PROCESSO

ASSINATURA DO ENTREVISTADOR

Fonte: documento particular inventariado na fase de levantamento e interpretação das fontes documental-Ano (1973). Pesquisado em dezembro de 2024

O documento requerimento apresenta a seguinte observação: “Encontro-me de posse do referido lote, estando o mesmo medido e demarcado e com seus limites perfeitamente delineados na data de hoje, ficando portanto toda distorção de linha, que por ventura possa haver no futuro sob minha inteira responsabilidade”. (trecho do documento Requerimento nº 04645), para uso da CODEMAT.

O documento Requerimento nº 04645, consta que o colaborador (R. A.), encontrava-se casado, sendo agricultor, e domiciliado na colônia Rio Branco no Patrimônio de Reserva, situado no município de Cáceres-MT. O documento foi elaborado para que o colaborador (R. A.), fizesse uso dele para requerer o título definitivo, do lote de nº 571 da quadra de nº A C da referida colônia nos termos do Decreto de nº 1.138, de 30 de abril de 1970.

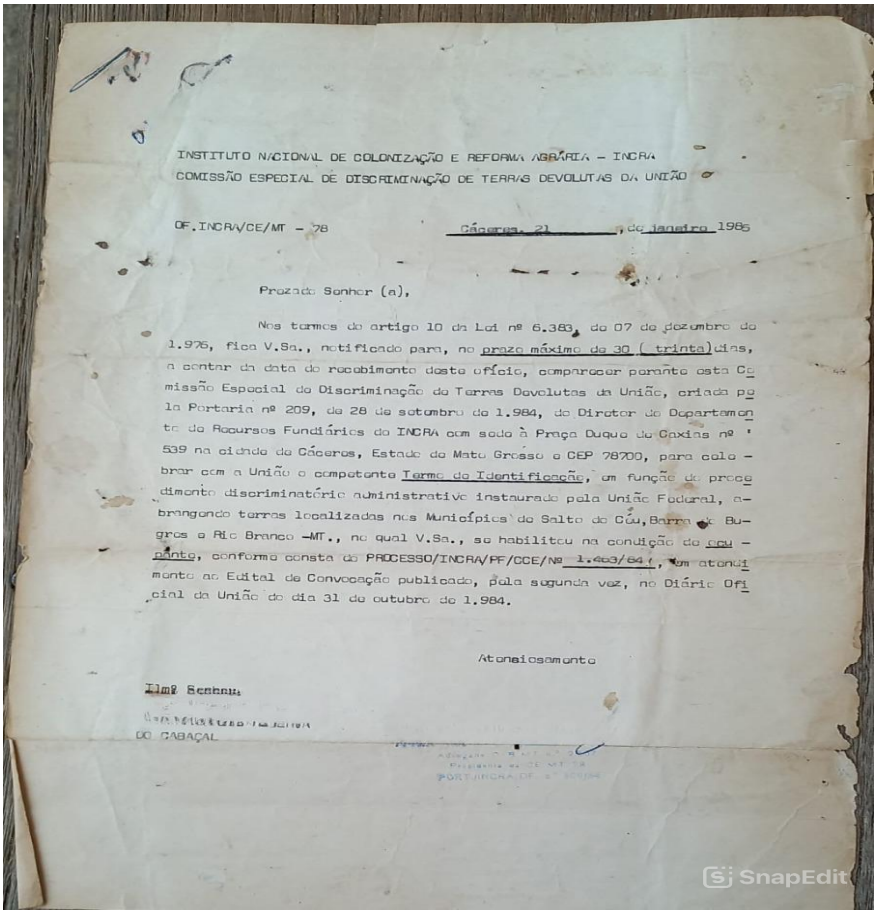
Conforme o documento “Requerimento” o colaborador (R. A.) pedia deferimento do título

definitivo de posse do lote (terras), o que foi feito em Reserva do Cabaçal no dia 3 (três) de maio de 1973. A assinatura do “posseiro” requerente foi de não alfabetizado, o que chama a nossa atenção de que o proprietário rural salientou que não sabia ler, e essa característica consta no documento em sua assinatura usando sua própria digital.

O conceito de "posseiro", no contexto da (re)ocupação do local e da distribuição das terras, conforme foi explicado pelo colaborador (R. A.), é o seguinte: "Ao receber o documento de Requerimento da CODEMAT e solicitar o “título de posse definitivo” da terra, ele passou a ser “posseiro". O posseiro, com o "título de posse definitivo", poderia regularizar a documentação da terra rural imóvel, lavrando a escritura em cartório.

O documento abaixo trata-se de uma notificação ao posseiro para comparecer perante a "Comissão Especial de Discriminação de Terras Devolutas da União", a fim de celebrar um "Termo de Identificação" para formalizar a condição com a União referente à regularização fundiária. Nesse caso, observou-se que o posseiro ainda não havia regularizado a documentação do imóvel rural é foi convocado para fazê-lo.

Figura 3: Notificação



INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA – INCRA
COMISSÃO ESPECIAL DE DISCRIMINAÇÃO DE TERRAS DEVOLUTAS DA UNIÃO

OF.INCRA/CE/MT - 78 Cáceres, 21 de janeiro 1985

Prezado Senhor (a),

Nos termos do artigo 10 da Lei nº 6.383, de 07 de dezembro de 1.976, fica V.Sa., notificado para, no prazo máximo de 30 (trinta) dias, a contar da data do recebimento deste ofício, comparecer perante esta Comissão Especial de Discriminação de Terras Devolutas da União, criada pela Portaria nº 209, de 28 de setembro de 1.984, do Diretor do Departamento de Recursos Fundiários do INCRA com sede à Praça Duque de Caxias nº 539 na cidade de Cáceres, Estado de Mato Grosso e CEP 78700, para celebrar com a União o competente Termo de Identificação, em função do processo discriminatório administrativo instaurado pela União Federal, abrangendo terras localizadas nos Municípios do Salto do Céu, Barra do Bugres e Rio Branco -MT., no qual V.Sa., se habilitou na condição de ocupante, conforme consta do PROCESSO/INCRA/PF/CCE/Nº 1.403/84 (, em atendimento ao Edital de Convocação publicado, pela segunda vez, no Diário Oficial da União do dia 31 de outubro de 1.984.

Atenciosamente

Ilmº Senhor:
DO CABAÇAL

Fonte: documento particular inventariado na fase de levantamento e interpretação das fontes documental-Ano (1985). Pesquisado em dezembro de 2024.

Ao analisar a documento “Notificação”, notou-se que se tratava de uma notificação oficial, que informa a pessoa (identificada como "V. Sr.") sobre uma obrigação legal. Ela está sendo notificada de acordo com os termos do Artigo 10 da Lei nº 6.383, de 7 de dezembro de 1976.

A pessoa notificada deveria comparecer no prazo máximo de 30 dias, após o recebimento do ofício, para comparecer à "Comissão Especial de Discriminação de Terras Devolutas da União", um órgão criado para tratar de questões fundiárias no Brasil.

O comparecimento tem o objetivo de celebrar um Termo de Identificação com a União, no contexto de um procedimento administrativo e discriminatório relacionado à posse de terras. Esse procedimento envolve terras localizadas nos municípios de Salto de Céu, Barra do Bugres e Rio Branco no estado de Mato Grosso.

A pessoa notificada se habilitou como ocupante de terras, conforme o Processo nº 1.403/84, em resposta a um Edital de Convocação publicado no Diário Oficial da União de 31 de outubro de 1984. Isso implica que o indivíduo era um interessado na regularização fundiária da área e está sendo chamado a formalizar essa condição.

A convocação é emitida mais especificamente pela “Comissão Especial de Discriminação de Terras Devolutas da União”, e o procedimento é parte de um processo administrativo envolvendo a União Federal. O comparecimento deve ser feito na sede do INCRA, localizada na Praça Duque de Caxias nº 539, na cidade de Cáceres, Estado de Mato Grosso.

Observou-se que, a notificação chama a pessoa para comparecer à “Comissão Especial de Discriminação de Terras Devolutas da União” para regularizar sua condição de ocupante de terras em Mato Grosso, conforme um processo administrativo, e celebrar um termo com a União, visando a regularização fundiária da área em questão, posteriormente o posseiro poderia buscar os ógãos competentes para lavrar o documento Escritura, sendo que o processo na organização da escritura ficava na resposabilidade do proprietário da terra.

Ao entrelaçar as reflexões de Moreno (1999) sobre a política fundiária em Mato Grosso, a partir de 1971, com as informações dos documentos, como a nota fiscal, o requerimento e a notificação, foram apresentadas evidências de que a organização e distribuição das terras no município de Reserva do Cabaçal foram realizadas pela CODEMAT, que era vinculada ao governo estadual. Percebeu-se que o posseiro que não conseguiu regularizar adequadamente a documentação da terra de que detinha a posse, foi convocado para comparecer e regularizar sua situação.

A colonização de Reserva do Cabaçal nas décadas de 1960 e 1970 ocorreu no mesmo momento em que a política fundiária lançada pelo governo federal na mesma época visava ocupar

os espaços ditos vazios como estratégia para controlar e diminuir as tensões sociais que estavam crecendo no país.

O governo federal desenvolveu obras de infraestrutura como a construção de estradas e rodovias como a Transamazônica e a Rodovia da Produção Cuiabá – Santarém (BR 163), Manaus – Porto Velho, concessão de empréstimos e financiamento aos projetos agropecuários e agroindustriais destinados a modernização da "fronteira agrícola" nacional.

Custódio (2005), expôs sobre a criação de agências do INCRA pelo governo federal, que foi acompanhada pela implementação de iniciativas de ajuda financeira e redistribuição de terras, com o objetivo de facilitar a resolução do que se convencionou chamar de lacunas demográficas, sem considerar as populações que já habitavam a fronteira agrícola.

Entre essas iniciativas destacam-se o Plano Nacional de Integração do INCRA (PIN - 1970) e o Programa de Redistribuição de Terras e Incentivo à Agroindústria no Norte e Nordeste (PROTERRA - 1971). Além disso, havia programas específicos adaptados para apoiar os esforços de colonização em Mato Grosso, como o Programa de Polos Agrícolas e Agrominerais da Amazônia (POLAMAZÔNIA - 1974), o Programa de Desenvolvimento dos Cerrados (POLOCENTRO - 1975) e o Programa de Desenvolvimento Rural da Região Noroeste do Brasil (POLONOROESTE - 1981).[22]

Nos anos de 1970 o governo federal investiu na propaganda[23] divulgada nos principais jornais do país, com o intuito de produzir uma imagem positiva da Amazônia como uma forma de solucionar os conflitos agrários existentes no país. No mesmo período o governador do Estado de Mato Grosso se esforçou para copiar o governo federal divulgando informações por meio do Jornal do Dia e do Jornal Estado de Mato Grosso.[24] Essas publicações destacaram notícias sobre a ocupação da terra em Mato Grosso, enfatizando a prosperidade e a abundância da região da Amazônia Legal, como terras de "riqueza e prosperidade".

A partir das reflexões de Custódio (2005), percebe-se que, para a colonização da Amazônia e do Centro-Oeste foram adotados pelos governos militares e estadual discursos políticos como uma solução para o agravamento da crise social, econômica e política vivenciada naquele

[22] Custódio (2005), destaca os Programas criados e incentivados pelos governos estadual e federal para que os espaços fossem reocupados nas regiões denominadas de fronteiras, sem levar em consideração as populações que lá viviam.

[23] O ESTADO DE MATO GROSSO. Cuiabá, 07 de janeiro de 1976. Ano XXXVII – nº 7.261, p. 06. Editorial: Uma nova imagem para Mato Grosso. Arquivo do Núcleo de Documentação Histórica e Informação Regional/NDHIR (Custódio, 2005).

[24] O ESTADO DE MATO GROSSO. Cuiabá, 07 de janeiro de 1976. Ano XXXVII – nº 7.261, p. 06. Editorial: Uma nova imagem para Mato Grosso. Arquivo do Núcleo de Documentação Histórica e Informação Regional NDHIR (Custódio, 2005).

momento histórico. Ao dizer que:

> A Amazônia e o Centro-Oeste, especialmente a partir de 1970, foram representados como a nova fronteira agrícola, que deveria ser (re)ocupada, evitando talvez, o acirramento de conflitos sociais no Sudeste, mas, sobretudo, no Sul do Brasil (Custódio 2005, p. 31).

Ao contrário, o migrante ao receber a terra deveria produzir e gerar riquezas para o país. E como ficou o sonho dos migrantes em adquirir terras para sustentar sua família? O entendimento se torna possível quando se busca a compreensão do real sentido e intenções dos projetos de colonização nas áreas ditas "vazias", de Mato Grosso, que nas lentes dos governantes precisavam ser colonizadas e integradas aos demais meios de produção, que em várias partes do país liderava os meios produtivos de riquezas.

Para parte dos migrantes a terra tinha outra interpretação: a de possuí-la, produzir nela e sustentar suas famílias. O excedente seria trocado por itens que o migrante não conseguisse produzir, como sal, tecido para roupas, alguns medicamentos, querosene, facas, armas de fogo, gado leiteiro para produzir leite, que serviria tanto para alimentar as crianças quanto para vender aos vizinhos nos arredores de sua propriedade, além de cavalos e burros, utilizados como meio de transporte e no trabalho nos engenhos, entre outros. Na região houve o incentivo discursivo por parte do governo de governo federal e estadual em concentrar os trabalhos na produção agrícola, inicialmente na cultura do arroz, milho, feijão para a subsistência dos migrantes principalmente, mas em especial a cultura seria voltada para a produção do café e pecuária.

Ao estudar o primeiro livro de matrícula**,** datado da década de 1970**,** da Escola Estadual Professor Demétrio Pereira, e ao registrar as profissões dos pais, é possível traçar um panorama da vida rural de Reserva do Cabaçal. Nesse contexto, a produção de subsistência era central para a organização social e econômica dos pioneiros. As profissões mais evidenciadas no livro de matrícula são: agricultor, doméstica, comerciante e professor(a).

Conforme o primeiro livro de matrícula da primeira escola, denominada "Escola Municipal de 1º Grau de Reserva", há vários registros sobre os estudantes e seus respectivos responsáveis. Dentre essas informações, destacam-se os dados sobre a profissão dos pais. Em destaque, está a profissão de lavrador (agricultor), seguida de doméstica, carpinteiro e comerciante. Apenas um dos pais informou a profissão de motorista, e outro a de professor. No campo referente à escolaridade, observou-se uma quantidade significativa de "analfabetos", conforme registrado no livro Tombo da escola.

As famílias que vieram para Reserva do Cabaçal não encontraram nenhuma política de

escolarização voltada para atender os migrantes.

Embora os governos obrigassem as colonizadoras a criarem projetos de educação, não ofereciam incentivos para que profissionais da área viessem atuar no ensino. Diante disso, os próprios migrantes se viam na necessidade de construir escolas e organizar o ensino por conta própria, sem qualquer assistência do Estado.

Os migrantes, ao chegarem em Reserva do Cabaçal, estabeleceram-se inicialmente na produção de subsistência, que era uma prática fundamental para a sobrevivência da população. A maioria das famílias se dedicava à agricultura de pequena escala. Nas roças, cultivavam alimentos essenciais como arroz, feijão, milho, mandioca, cana-de-açúcar, banana, laranja, mamão, plantas medicinais, temperos e hortaliças como quiabo, couve, jiló, dentre as quais a mais comentada na história local era a "taioba".[25] Além disso, havia a criação de animais, como galinhas e porcos, para o consumo diário.

As roças eram organizadas a partir da "derrubada" da mata (floresta) com o uso de machado e foice. Após dois ou três meses, quando as árvores já estavam secas, ocorria a queimada. Conforme relatos de memória dos migrantes, essa era uma tarefa arriscada que exigia a ajuda de todas as famílias para evitar que o fogo se alastrasse na floresta.

De acordo com as memórias dos migrantes, a queimada era planejada, e algumas madeiras não queimavam, deixando muitos troncos de árvores. Na história local, o termo foi interpretado como "roça de toco" ou "roça de coivara".[26] A roça de toco envolvia o plantio das sementes entre os tocos, galhos e troncos das árvores que não foram queimados.

Os testemunhos dos migrantes mostram que, nos primeiros anos, os mantimentos eram colhidos ainda verdes, ou seja, antes de estarem no ponto de consumo. Isso acontecia porque faltava alimento, e os moradores realizavam esse processo, conhecido na história local como "colher a lavoura ainda no cacho". O arroz era colhido, torrado na panela e socado no pilão, e a partir disso era consumido pelas famílias, até chegar ao ponto da colheita.

A colheita na roça era realizada com o uso de facão, e os mantimentos, após serem colhidos,

---

[25] Fonte: Consulte a EMBRAPA para mais informações. Taioba é uma hortaliça da família Arácea e originária das regiões tropicais da América do Sul. É intensamente cultivada e consumida em países da América Central, África e Ásia. No Brasil, o maior consumo ocorre nos estados da Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo. Na região Sudeste consome-se a folha, enquanto no Nordeste é comum o consumo do rizoma. A taioba é uma excelente fonte de ferro, fósforo, cálcio, potássio e manganês, comparando-se às fontes tradicionais desses elementos. As folhas são mais nutritivas que os rizomas e são muito usadas na cozinha mineira em substituição à couve. Destaca-se pelo teor de fibras alimentares, magnésio, manganês, fósforo, ferro, potássio, zinco e vitamina A. Disponível em: https://www.embrapa.br/hortalica-nao-e-so-salada/taioba Acessado em 24 de fev. de 2025.

[26] Nos relatos de memórias dos migrantes em Reserva do Cabaçal, "roça de toco" ou “roça de coivara” refere-se a uma forma de cultivo agrícola caracterizada pelo uso de áreas de terra que foram desmatadas e queimadas, mas não ficaram completamente limpas pela queimada. O processo de preparar as roças a partir da derrubada e queimada, era deixar os tocos (os troncos das árvores cortadas) na terra e realizar o plantio entre elas.

passavam por um processo de secagem e eram armazenados no paiol ou na tuia, locais onde os alimentos eram guardados.

A troca entre os moradores também era comum, com excedentes agrícolas sendo compartilhados ou vendidos entre as famílias da região. Nos relatos de memórias, as primeiras atividades comerciais mencionadas envolviam o fornecimento de itens como sal, querosene e ferramentas, como foices e machados.

Nos primeiros anos, foram construídos engenhos, onde a cana era moída e o caldo de cana (conhecido na história local como garapa) era retirado. A partir da garapa, produziam-se rapadura e melado, sendo que, ao passar por um processo de secagem no fogo, a garapa adquiria uma consistência pastosa, e esses produtos eram consumidos como substitutos do açúcar. Também se observou a construção de moinhos, máquinas feitas de forma artesanal que trituravam o milho, transformando-o em canjica ou fubá. Estes alimentos eram a base da alimentação da população, especialmente nos primeiros tempos do município.

Ao estudar o primeiro livro de registro de matrícula da Escola Estadual Professor Demétrio Pereira, da década de 1970, verificou-se que nos registros constam informações sobre as profissões dos pais dos alunos. Muitos eram agricultores, e alguns exerciam as funções de pedreiro e carpinteiro. Esses profissionais foram os responsáveis por serrar as árvores e retirar madeiras, como tábuas, tabuinhas, caibros, vigas, soleiras e outras peças, utilizadas na construção das residências dos pioneiros. As casas de alvenaria começaram a existir na área urbana a partir de quatro anos após a chegada dos primeiros pioneiros, quando teve início a colheita do café. O café, era a lavoura mais valorizada no contexto local, esta, conferia aos produtores, poder econômico, político e religioso.

O comprador de café era responsável por comprar o café nas roças e revender para os comerciantes de outras regiões. Com isso, muitos conseguiam juntar dinheiro para investir em suas residências, construindo casas de tijolos e telhas. O café se tornou o “carro-chefe” da economia local, impulsionando o comércio e atraindo mais pessoas para a região. Esses novos moradores buscavam matricular seus filhos nas escolas, especialmente os pais que se dedicavam às atividades comerciais na área urbana de Reserva do Cabaçal.

Nas décadas de 1970 e 1980 as residências nas áreas rurais tinham o terreiro local de chão batido onde o café era secado e lavado para retirar as impurezas como pedras, café podre e pedaços de madeiras. Havia uma pessoa que era responsável por revirar o café em média três vezes ao dia para evitar a queira do café. O café beneficiado era pesado em sacas de 60 kg. Considerando esse rendimento, um saco de 60 kg de café verde resultava, em média, entre 42 e

48 kg de café beneficiado, quando os grãos eram de primeira qualidade. Isso variava com base na qualidade do grão, no método de secagem e no tipo de beneficiamento utilizado. Já o café classificado como de segunda qualidade, em sacas de 60 kg, rendia entre 28 e 38 kg aproximadamente. Por outro lado, o café de terceira classificação rendia, em média, entre 23 e 33 kg. Tradicionalmente, a perda de peso entre o café verde e o café beneficiado girava em torno de 20% a 30% do peso original, dependendo do processo.

O processo de classificação da qualidade do café era feito pelo comprador, que retirava amostras das sacas, sendo que isso ocorria em 30% a 40% das sacas de café expostas para venda. O objeto utilizado para retirar o café em grão da saca para análise é chamado de "amostrador" ou "amostrador de café". Esse dispositivo é usado para coletar uma amostra representativa do conteúdo da saca, garantindo que a análise do café seja feita de forma precisa e confiável. O amostrador pode ter diferentes modelos, mas geralmente é um tubo ou funil que penetra na saca e retira uma porção do café para avaliação. Ainda na década de 1990, as lavouras de café foram substituídas por pastagens e a criação de gado se expandiu no município.

Bourdieu (2010), nos inspira para refletir que analisando as práticas dos governantes ante a colonização é que toda ação política é feita por sujeitos ativos e passivos, os primeiros se fazem detentor do poder e os segundos é que são dominados pelo poder de outrem, ainda que o poder seja “poder simbólico”[27], está velado nestas ações, por meio do apossamento da terra, agentes do Estado e do capital impedem o trabalhador da terra de exercer em plenitude suas ações. Essas ações passam pela posse da terra, práticas de manejo, comercialização e escolha de culturas agrícolas. Sobre estas ações promovidas pelo estado, podemos destacar alguns órgãos e programas federais criados sob a ditadura militar brasileira para regimentar as políticas de acesso à terra que contemplavam o projeto do Estado.

> Na década de 1970, sob o governo militar, foi lançada a ‘Operação Amazônia’, através da qual o governo propunha atacar em várias frentes os problemas dessa região. Para viabilizar a Operação Amazônia, foram criados, pelo governo federal, vários órgãos e programas federais, dentre os quais se destacam a SUDAM, o INCRA, o BASA, o POLAMAZÔNIA, o PIN, o PROBOR, e outros que tinham o objetivo de possibilitar a ocupação empresarial da Amazônia e do Centro-Oeste (Barrozo, 2017, p. 114).

A partir da formação histórica de Reserva do Cabaçal/MT é possível se ter a compreensão

[27] Logo, [...] o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem [...] (Bourdieu, 2010, p. 07-08).

de que o lugar se insere no contexto histórico regional e nacional, e certamente o contexto histórico nacional incidiu diretamente na história da formação do município, ao observar o período político que os projetos de colonização e reforma agrária aconteceram em outras partes do país.

Segundo Custódio (2005, p. 31) foram duas "as categorias de projetos que representaram aspectos diferenciados de uma mesma política governamental. Os de colonização executados pela iniciativa privada e os de colonização oficial executados pelo Estado" (Custódio 2005, p. 31). A iniciativa privada atua de forma mais flexível, com foco em interesses econômicos, enquanto o Estado tem maior poder de ação, utilizando recursos públicos e políticas para integrar as terras colonizadas à estrutura nacional.

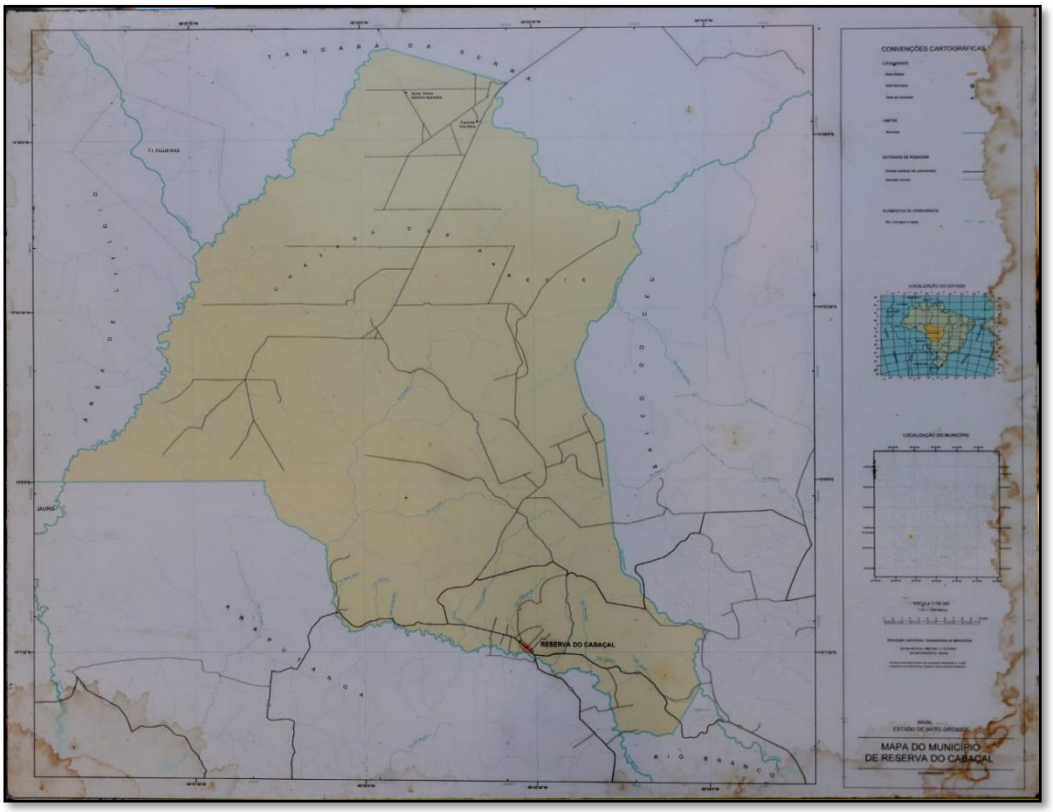
A compreensão de Schmidt e Cainelli (2004), é que: "uma dada realidade local não contém, em si mesma, a chave de sua própria explicação" (Schmidt e Cainelli, 2004, p. 112). Nesse caso, tem-se o entendimento de que a história local está associada com a história regional, nacional e internacional. As ocorrências que se desenrolam em uma localidade específica no Brasil estão interligadas com outras estruturas nacionais e internacionais. Consequentemente, surgiram insatisfações e disputas entre as autoridades e os migrantes, levando muitos migrantes a abandonarem o lugar e se deslocarem para outras regiões e até mesmo retornando para o seu próprio lugar de origem, colocando fim ao sonho de possuir a terra, mas muitos permaneceram e ajudaram a construír Reserva do Cabaçal, em Mato Grosso.

Observa-se que as narrativas regionais e nacionais incidiram sobre o discurso historiográfico no Brasil. Os historiadores introduziram essas narrativas nos debates acadêmicos, apresentando-as como desafios intelectuais de uma perspectiva teórica. Na perspectiva do ensino de história, por exemplo, Bittencourt (2008) observou o seguinte:

> No caso do ensino de história, sua característica básica tem sido a de produzir uma história de caráter nacional, embora, seu percurso nas escolas, não tenha deixado de lado o estudo do local, das histórias das cidades, dos Estados e regionais (Bittencourt, 2008, p. 162).

Considerando que este trabalho foi escrito na perspectiva da história local, apresentaremos o mapa do município de Reserva do Cabaçal/MT, por compreender que é importante situar os leitores sobre a localização geográfica e o histórico do município.

Figura 4: Mapa atualizado do município de Reserva do Cabaçal/MT



Arquivo da biblioteca pública da Escola Estadual Professor Demétrio Pereira de Reserva do Cabaçal/MT

Imagem pesquisada em 17/05/2024

Inicialmente o município foi formado com uma área de 672 Km²,[28] e na atualidade o município dispões de uma área territorial de 1.331,677 km²,[29] conforme a LEI Nº 8.090, DE 20 DE JANEIRO DE 2004 - D.O. 20. 01. 04,[30] com uma economia concentrada na criação de gado e na produção de milho e soja.

A seguir apresentamos o mapa de localização do município Reserva do Cabaçal, em Mato Grosso para melhor compreensão do leitor.

[28] Fonte: arquivo da Câmara Municipal de Reserva do Cabaçal/MT-pesquisada em 09 de maio de 2024.
[29] https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mt/reserva-do-cabacal.html - Acesso em: 17 de maio de 2024.
[30] LEI Nº 8.090, DE 20 DE JANEIRO DE 2004. Disponível em: https://leisestaduais.com.br/mt/lei-ordinaria-n-8090-2004-mato-grosso-dispoe-sobre-anexacao-de-area-ao-municipio-de-reserva-do-cabacal-e-da-outras-providencias?q=2001 - Acesso em: 17 de maio de 2024.

Figura 5: Mapa de localização do município Reserva do Cabaçal, em Mato Grosso



Fonte: Disponível em:https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:MatoGrosso_Municip_ReservadoCabacal.svg Acesso em: 01 de fevereiro de 2024.

A colonização de Reserva do Cabaçal ocorreu a partir da década de 1960 e o espaço[31] foi fundado no dia 06 de agosto de 1969. Conforme o primeiro livro de matrícula da primeira escola, denominada "Escola Municipal de 1º Grau de Reserva" a população era predominante composta por migrantes oriundos dos estados dos estados de Minas Gerais, Espírito Santo São Paulo, Bahia, dentre outros, Tornou-se distrito em 1978, e foi emancipado em 13 de maio 1986.[32]

Os migrantes que chegaram na localidade vieram em busca de terras para a sobrevivência de suas famílias e melhorias financeiras. Sendo assim, grande parte dos estudantes da escola estadual professor Demétrio Pereira de Reserva do Cabaçal/MT são descendentes desses migrantes e muitos deles conhecem a trajetória e a história de vida de seus pais, avós e parentes e trazem os saberes para as discussões em sala de aula no ensino de história, no entanto, ainda

[31] Conforme Certeau (1998), o espaço não é apenas um lugar estático, mas sim um lugar praticado, ou seja, é moldado pelas ações humanas que abrangem orientação, situações, temporalidade e convivência sociais. Essas atividades transformam o espaço em uma perspectiva interessante sobre como percebemos e vivenciamos o mundo ao nosso redor.

[32] Informações disponíveis em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/reserva-do-cabacal/historico. Acesso em: set. 2023.

não tem um conhecimento amplo sobre a história de seus familiares. A partir de Fonseca (2009) compreendemos que as histórias devem ser analisadas dentro do contexto da história nacional e global, e como as decisões políticas de determinados governantes influenciaram a vida de diversas pessoas numa determinada época e em diferentes espaços e tempo.

Buscamos a compreensão de Fonseca (2009), que permitiu o entendimento sobre a história local, como uma abordagem que possibilita a compreensão do mundo, para conhecer o global, e que os os estudantes devem apropriar-se da história local, dos acontecimentos da vida cotidiana, das pessoas comuns. Em suas palavras:

> O mundo está dentro das nossas casas, nas diferentes localidades. Nosso cotidiano é perpassados pelas coisas do mundo. Nossos grupos de convívio são compostos por pessoas de diferentes lugares, nacionalidades, origens étnicas e culturais (Fonseca, 2009, p. 129).

A colonização custou um alto preço para muitas famílias, deixar suas raízes em outros estados, grupos sociais diversos passaram a buscar "novos espaços" e começar tudo no lugar onde chegava. Muitos deixaram familiares, os amigos que lá tinham e sem contar a expropriação de suas terras e, consequentemente, a "expulsão" para outras regiões do país.

E ao chegar no novo "espaço",[33] acontecia uma contradição entre os passos dos migrantes e a decisão oficial, pois em se tratando de Mato Grosso, a área era considerada como verdadeira reserva e por isso recebeu o nome oficial de Reserva do Cabaçal. Não era permitida a abertura de lotes, a derrubada da mata para construção das moradias na área determinada pela CODEMAT, que se resumia em poucos terrenos, conforme o projeto urbano[34], e as demais pessoas deveriam ser direcionadas para morar e desenvolver as áreas rurais.

Essa postura de administradores municipais, de não considerar importante o contexto da colonização do município de Reserva do Cabaçal, faz com que algumas pessoas passem a reproduzir o discurso de outros sujeitos, estes também ligados a administração pública, e isso nos faz pensar no que Guimarães (2012) observou sobre a história do cidadão comum que não se vê como sujeito portador de uma história. Ou seja, "a História é feita por e para alguns, que não somos nós; são outros e são poucos" (Guimarães, 2012, p. 145).

Percebe-se que a história de Reserva do Cabaçal tomada como local, por ter sido construída

[33] Aqui se utiliza a noção de espaço, segundo Michel de Certeau. "Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais" (Certeau, 1998, p. 202).
[34] Fundação Júlio Campos (1995).

na perspectiva econômica governamental de caráter regional, exclui, silencia e anula as experiências vividas no contexto local. Nas décadas de 1980 e 1990, pautados nos ideais de modernidade de "rejeitar o antigo" e subtituí-lo pelo moderno, fez-se emegir um novo conceito de cidade que seria o "lugar ideal" para se viver.

Nessa perspectiva, Reserva do Cabaçal é (re) pensada e divulgada pela propaganda por meio de imagem e pelo discurso construído pelo governo local para esse fim. Observa-se que dificilmente "essas representações dão lugar às diferenças existentes no interior daquele espaço", (Custódio 2005, p. 29). Um espaço que é múltiplo porque é composto de vivências de homens e mulheres pertencentes a grupos sociais distintos.

Para apresentar a cidade, *lócus* da pesquisa, buscamos o entendimento de Italo Calvino (1990), que diz o seguinte sobre a cidade: "a cidade deixa de ser um conceito geográfico para se tornar o símbolo complexo e inesgotável da existência humana (Calvino", 1990). A cidade que está sendo apresentada aqui encontra-se na margem esquerda do rio Cabaçal, onde também fica a serra Monte Cristo, além do rio Cabaçal, existem várias cachoeiras que lhe confere o título de "Cidade das Águas"[35].

A seguir, na figura 3, uma imagem capturada em 2023 em que foi possível identificar que se trata de uma imagem do período em que a administração municipal acelerava um segundo momento de reurbanização da cidade vejo que, com propósito de mantê-la no cenário turístico de Mato Grosso.

Figura 6: Imagem da área urbana do município de Reserva do Cabaçal



[35] Denominação atribuída à a cidade de Reserva do Cabaçal pela prefeitura municipal, essa denominação está em folders produzidos pelas propagandas oficiais da cidade que traz a descrição "Reserva do Cabaçal a natureza a seu alcance apresentado na figura 4.

Fonte: Arquivo da prefeitura-Ano: 2007/Instagram: coluna RC, informações capturadas em 7 de maio de 2024.

A cidade em estudo estava ausente no cenário de cidades consideradas modernas e adaptadas para o desenvolvimento do ecoturismo em Mato Grosso, até meados da década de 1990. Para falar de Reserva do Cabaçal recorremos a *folders* inventariados na prefeitura municipal, datados de 1999, que lançam um olhar sobre a cidade em que o poder e o saber local criam uma imagem do lugar, tendo como referência e aliados as imagens, enunciados, espetáculos teatrais, recursos naturais e lugares específicos da cidade como: praças, prédios públicos, áreas de lazer, local de festas, cachoeiras, o rio Cabaçal e a paisagem natural que rodeia a cidade.

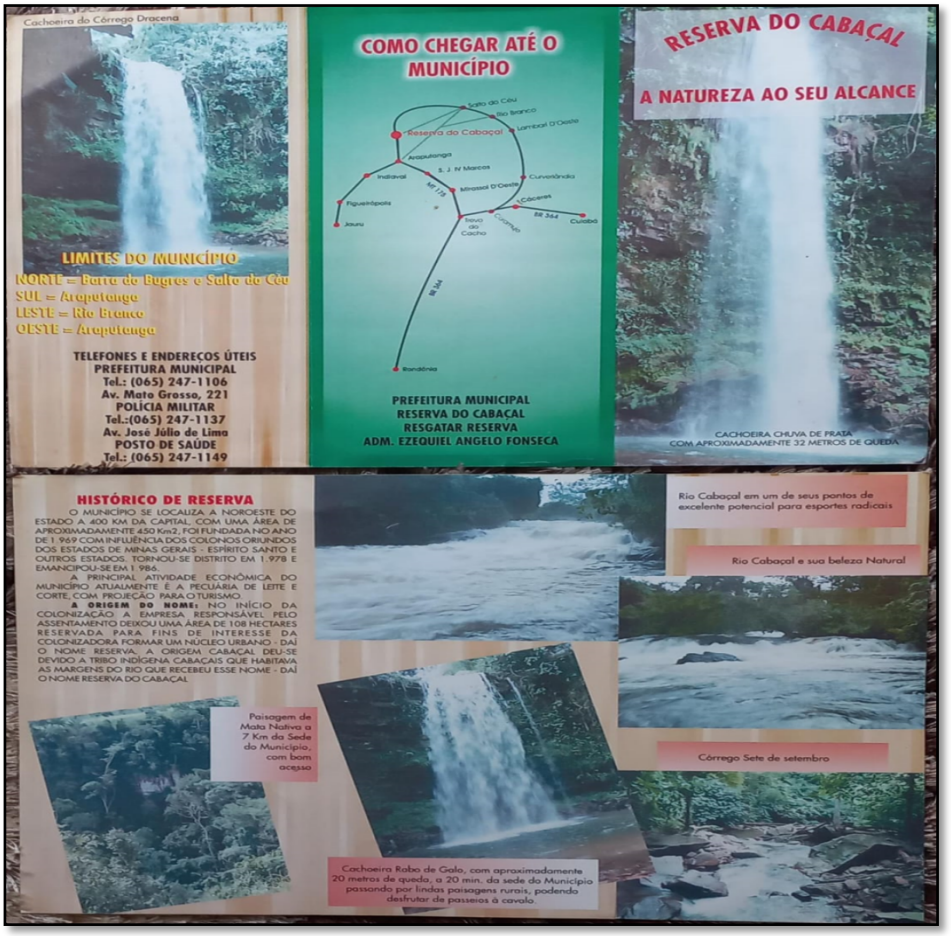
Considera-se no contexto da pesquisa, que um dos objetivos fundamentais na produção destes *folders* era produzir uma imagem de cidade, contrária àquela instituída pela históriografia matogrossense, de cidade incrustada em um vale, cercada pela serra Monte Cristo, localizada na região sudoeste de Mato Grosso, uma cidade "atrasada", sem estrutura para o desenvolvimento para o turismo e uma cidade carente de beleza e infraestrutura.

Assim, as práticas discursivas do poder público local mobilizam a administração pública a criar dispositivos que fizeram com que os habitantes reproduzissem o discurso "resgatar Reserva"[36] e a água foi o elemento usado como representação para que emergisse "a cidade das águas" no cenário regional e nacional.

No que se refere aos estudos de história local referentes às décadas de 1980 e 1990, percebemos que a cidade passou por um processo de reurbanização e junto com ela seus habitantes se tornaram aliados nesse processo de construção de cidade preparada para atender a uma proposta ampla que buscava integrar o município no cenário de desenvolvimento econômico e político do Brasil, nas décadas em questão, utilizando como força motriz o "eco-turismo". Na década de 1990 foi divulgado em várias cidades de Mato Grosso um modelo de propaganda que colocava as belezas naturais de Reserva do Cabaçal em evidência, conforme se pode ver na figura a seguir, com o título: "Reserva do Cabaçal, a natureza a seu alcance"[37]:

[36] Jornal Informativo da prefeitura municipal de Reserva do Cabaçal – 13 de maio de 1999.
[37] Folder produzido pela Prefeitura Municipal de Reserva do Cabaçal em novembro de 1999.

Figura 7: Imagens veiculadas para divulgação do município de Reserva do Cabaçal



Fonte: Arquivo da prefeitura Municipal de Reserva do Cabaçal - Ano: 1999.

A imagem do folder da figura 7 mostra um mapa de como se chegar até o minicípio de Reserva do Cabaçal. Apresenta também os telefones da prefeitura municipal de Reserva do Cabaçal, da polícia, da saúde e oferece a explicação dos limites do município, em que ao norte se limita com os municípios Barra do Bugres e Salto do céu, ao sul se faz limite com o município de Araputanga, a leste com o município de Rio Branco e a Oeste com o município de Araputanga.

O folder também apresenta informações com aspectos históricos, geográficos, econômicos e políticos do município.

O folder intitulado “Reserva do Cabaçal: A natureza a seu alcance” apresenta o rio Cabaçal, destacando um de seus pontos como excelente potencial para esportes radicais. Além disso, o rio oferece praias que se configuram como uma ótima opção de lazer tanto para os visitantes quanto para os moradores da região.

O folder também menciona um roteiro de cachoeiras, incluindo a cachoeira Rabo de Galo,

com aproximadamente vinte metros de queda. Ela está localizada a vinte minutos da sede do município, e o trajeto passa por paisagens rurais, ideais para passeios a cavalo. No mesmo roteiro, encontra-se uma área de mata nativa, a sete quilômetros da sede do município, com fácil acesso, além do córrego Sete de Setembro. A cachoeira Chuva de Prata conta com aproximadamente trinta e dois metros de queda. Este tipo de material, como o produzido pela Prefeitura Municipal de Reserva do Cabaçal em novembro de 1999, não parece ter sido uma atitude exclusiva de Reserva, já que vários outros municípios usaram a mesma estratégia, o que indica que pode ter sido fruto de um plano mais amplo, como um incentivo estadual, por exemplo.

O que está em jogo quando se funda uma imagem de cidade? Como inverter as evidências dessas imagens? Realizando uma operação metodologica de inversão das evidências, emerge uma outra cidade, nela vive uma população oriunda predominantemente de Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Bahia, dentre outros estados do Brasil.

Observa-se que o poder público projeta um conjunto de representações e imagens de moradores do lugar que são capazes de usufruir do potencial turístico que o município oferece ao promover e vivenciar o progresso turístico, símbolo da nova era enunciada pelo poder e o saber.

A seguir a imagem que foi veiculada para divulgação do município de Reserva do Cabaçal mostra visitantes em um dia de lazer, usufruindo de banhos, descanso e diversão proporcionada pelas águas do rio Cabaçal.

Figura 8: Um dia de lazer na praia paraíso



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Reserva do Cabaçal - Ano: 2005

Por meio dessas imagens, tanto da figura 7 quanto da figura 8, considera-se que a administração local divulga para o estado de Mato Grosso, e para o Brasil como um todo, um

modelo de cidade turística que merece ser visitada, conhecida, explorada, tendo como principal característica as águas abundantes na região.

A entrada da cidade tem um posto de combustível e uma praça, e nela a prefeitura municipal de Reserva do Cabaçal erigiu um monumento com o nome da cidade. A praça é frequentada pela população que buscar socializar e se exercitar realizando caminhadas, tem brinquedos onde crianças brincam. Os jovens a frequentam para socialização em rodas de tereré[38]. O local é visitado por turistas geralmente em dias de feriados e finais de semana, e o local torna-se cenário para fotografias. Na imagem a seguir o monumento com o nome da cidade.

Figura 9: Imagem com destaque para a denominação atribuída para a cidade de Reserva do Cabaçal



Fonte: Disponível em: Instagram Coluna RC, da Prefeitura Municipal de Reserva do Cabaçal/MT. Acesso em: 13 de maio 2024.

Ao analisar a Figura 9: Imagem com destaque para a denominação atribuída para a cidade de Reserva do Cabaçal (Cidade das Águas), torna-se possível a compreensão de que a cidade continua sendo vista pela administração como cidade em que o sucesso e as representações estadual, nacional e internacional, estão ligadas à água e à natureza, e que seus habitantes continuam reproduzido o discurso de cidade próspera, tendo a natureza como aliada.

Na análise dos materiais produzidos pelo poder público local, buscamos inspiração em Michel de Certeau (2002), para pensar sobre o discurso como ferramenta de dominação política,

[38] "Roda de terere", uma expressão usada pelos moradores que define a prática de pessoas que se reúnem para tomar tereré, uma bebida feita com erva-mate e água fria, servida tradicionalmente em um copo, geralmente confeccionado de metal, e compartilhada entre os presentes com uma bomba (espécie de canudo com filtro).

em que o autor analisa o discurso como uma ferramenta para solidificar concepções sobre a realidade. Ele evidencia que o discurso não serve apenas para revelar ou ocultar desejos, mas também se torna o próprio objeto desses desejos. Essencialmente, o discurso representa mais do que apenas um reflexo de estruturas de controle social; o discurso incorpora o que os sujeitos buscam e a autoridade que pretendem alcançar, ainda caracteriza a linguagem como uma estrutura de símbolos que facilitam a interação humana.

Ao realizar a leitura das imagens criadas intencionalmente e a perpetuação do discurso que se refere a cidade como um lugar de pessoas ordeiras, receptivas e imbuidas para manter a cidade como lugar que tem como principal atrativo a natureza e a água.

Certeau (2002), argumenta que a História não é apenas um conjunto de fatos objetivos, mas também uma construção social e cultural. Constata-se que o discurso tem uma função crucial na moldagem da fabricação social da *verdade* e na perpetuação do poder. Caminhando nessa direção para um "depósito" de significados e narrativas transmitidas às gerações seguintes.

Para se ter uma compreensão mais ampla sobre a função do "discurso" do poder público local que busca criar uma ideia de "lugar ideal", buscou-se as reflexões de Chartier (1990), sobre conceito de *representação*, que em suas reflexões ele explora como as representações atuam como expressões criadoras do real. Ao dizer que:

> Em que condições pode-se considerar coerentes, plausíveis, explicativas, as relações instituídas entre, de um lado, os indícios, as séries ou os enunciados construídos pela operação historiográfica e, de outro, a realidade referencial que pretendem "representar" adequadamente? (Chartier, 1990, p.100).

Assim, as reflexões históriográficas que serão apresentadas nesta pesquisa possibilitarão aos alunos da Escola Estadual Professor Demétrio Pereira de Reserva do Cabaçal/MT compreenderem o local em que habitam enquanto ambiente de memórias, com dimensões temporais e espaciais diversas, na perspectiva da história local, como considera Bittencourt (2009):

> A história do "lugar" como objeto de estudo ganha, necessariamente, contornos temporais e espaciais. Não se trata, portanto, ao se proporem conteúdos escolares da história local, de entendê-los apenas na história do presente ou de determinado passado, mas de procurar identificar a dinâmica do lugar, as transformações do espaço, e articular esse processo às relações externas, a outros "lugares" (Bittencourt, 2009, p.172).

Estudar a história local possibilita aos alunos a compreender melhor o ambiente em que vivem, conectando o presente ao passado nos espaços de convivência. Isso torna o aprendizado

mais relevante e significativo, e a história local pode ser um instrumento eficaz para facilitar o ensino da história nacional. Conclui-se que quando os alunos têm a compreensão de suas próprias origens eles se interessam mais pelo aprendizado da história em geral.

2.2 - **A Origem do nome: os indígenas cabaçais e suas representações**

O município de Reseva do Cabaçal em Mato Grosso, foi desmembrado integralmente do território do município de Rio Branco/MT, em 13 de maio de 1986.[39] Rio Branco por sua vez, foi desmembrado de Cáceres, que sob a denominação de antiga Villa Maria do Paraguay foi desmembrada da Villa Real do Senhor Bom Jesus de Cuyabá.[40]

Não foi encontrado material farto na historiografia sobre o período que antecede a colonização de Reserva do Cabaçal/MT, mas foi inventariado e pesquisada uma revista: O Projeto Memória Viva da Fundação Júlio Campos, Revista de nº 02 (1995) intitulada "Memória Viva", esta compõe-se de 117 fascículos ilustrados e aborda a memória histórica de cada munícipio do Estado de Mato Grosso individualmente. A revista trata de temas culturais, históricos, ecológicos, turísticos, sociais e econômicos dos municípios de Mato Grosso, e sobre o processo da colonização de Reserva do Cabaçal. Foram pesquisados também registros "testemunhos" escritos por pessoas que residiram em Reserva do Cabaçal nas décadas de 60 e 70 do século XX, e alguns deles ainda residem.

A imagem da capa da revista que apresentamos aqui faz parte do acervo inativo da Câmara Municipal de Reserva do Cabaçal, juntamente com outras pesquisas sobre a colonização do município. Esse material foi pesquisado, analisado e interpretado, servindo como fonte para a escrita da dissertação.

A fundação Júlio Campos desenvolveu estudos sobre o município de Reserva do Cabaçal e publicou uma edição intitulada Municípios de Mato Grosso – Projeto Memória Viva, revista nº 02, de 1995. A capa da revista traz uma foto da cachoeira Chuva de Prata, tirada no ano de 1995 pelo fotógrafo J.C.V.F., que apresenta somente as iniciais do nome. A cachoeira está localizada na serra de nome Monte Cristo, a aproximadamente 12 km da área urbana de Reserva do Cabaçal.

A imagem da cachoeira é utilizada como símbolo para a promoção do turismo e de outros eventos no município. Ela também representa um lugar de lazer, descanso e felicidade, como se

[39] Conforme a Lei Estadual nº 5.011, de 1985, Reserva do Cabaçal/MT foi emancipada em 13 de maio daquele ano.

[40] Fundação Júlio Campos (1995).

pode conferir na figura 7, a seguir, transmitindo a sensação de uma vida “marcada” por esses sentimentos que o local proporciona.

Figura 10: Capa da revista Municípios de Mato Grosso: Projeto Memória Viva da Fundação Júlio Campos fundada em 11/12/1986. Várzea Grande. MT



Fonte: Arquivo da Câmara Municipal de Reserva do Cabaçal/MT.
Inventariada em outubro de 2023

Esse material foi produzido e publicado pela Fundação Júlio Campos e foi viabilizado por recursos obtidos através da Lei Nº 8313 de 23 de dezembro de 1991-PRONAC. Programa Nacional de Apoio a Cultura. A revista é de edição única, que buscou fontes de pesquisa em arquivos da CODEMAT, pesquisou o trabalho de Cathia Maria Coelho que realizou pesquisa em Reserva do Cabaçal em 1991, com alunos e professores do curso Propedêuticodo do 2º Grau e alunos do 1º Grau da Escola Estadual Professor Demétrio Pereira e construiu um material direcionado à questão econômica do município na década de 1990.

Os autores da revista realizaram uma pesquisa oral e buscaram informações na EMATER e na Prefeitura Municipal de Reserva do Cabaçal. A pesquisa contou com a participação do funcionário da prefeitura, A. J. R., que pesquisou e produziu o mapa Roteiro de Localização das Cachoeiras.

A revista apresenta imagens fotográficas tiradas por J.C.V.F., que registrou moradores em seu cotidiano na cidade, como a construção das ruas, da igreja católica, da escola, do espaço onde se localizava o comércio, das lavouras e das áreas rurais. Também há fotos de pessoas

trabalhando na área rural, como as lavadeiras lavando roupas no rio Cabaçal. Além disso, foram apresentadas imagens fotográficas inventariadas de arquivos particulares de moradores, entre outras.

Os autores dos textos da revista são: o Pe. José de Moura e Silva, padre jesuíta, que escreveu sobre a história dos municípios de Mato Grosso e foi membro efetivo do IHGMT[41]; Marta Ponce de Arruda do Instituo Histórico e Geográfico de Mato Grosso e jornalista da Universidade Federal de Mato Grosso-UFMT; e João Carlos Vicente Ferreira atuou como diretor cultural. Os exemplares tiveram distribuição gratuíta para a biblioteca pública municipal de Reserva do Cabaçal, e também para a Câmara de Vereadores do município. Oliveira (2002) salienta que as fontes devem ser lidas, analisadas, interpretadas e compreendidas como indícios e vestígios. Os procedimentos, que são resultados das nossas indagações, irão determinar o olhar voltado para as fontes.

Cabe ao historiador a tarefa de explorar a interpretação, a multiplicidade e os significados do mundo simbólico das representações. Isso é essencial, pois, como historiadores, somos envolvidos a revisitar a realidade complexa em que vivemos, engajando-nos em práticas metodológicas relacionadas ao nosso objeto de estudo.

Compreendemos que não existe diferença de importância entre as fontes, independentemente de sua forma, ambas devem ser tratadas com o mesmo rigor pelo pesquisador em suas análises históricas. Existem algumas técnicas específicas no trabalho com essas diferentes fontes que devem fazer parte do ofício dos historiadores. Ao construir a narrativa no registro da história, o historiador deve incorporar na estrutura narrativa, os procedimentos da pesquisa em si, as limitações documentais, as técnicas de persuasão e as construções interpretativas. Consequentemente, as problematizações vão surgir a todo o momento ao longo do processo.

Mediante a realização de leituras, análises e interpretação das fontes escritas, entrelaçando com a compreensão do pesquisador acima citado que nos inspirou na pesquisa e na construção desta narrativa**,** buscamos refletir sobre as representações dos sujeitos históricos que viveram no lugar onde está localizado o município[42].

Tendo em vista a leitura da Revista da Fundação Júlio Campos (1995) é possível inferir que os indígenas Cabaçais pertencem ao povo Bororo, que habitou o território antes da colonização

[41]Pe. José de Moura e Silva, (1928-2016). Informações disponível em: https://revistaihgmt.com.br/index.php/revistaihgmt/article/view/602 acesso em 05 de junho de 2024.
[42] Oliveira (2002) faz abordagens sobre o contexto da colonização em Tangará da Serra e me inspirou pesquisar e escrever esse texto sobre representação dos Bororo em Reserva do Cabaçal.

de Reserva do Cabaçal/MT. Na ocasião da publicação da revista, em 1995, o autor considerou que alguns deles ainda viviam na aldeia Umutina, localizada no município de Barra do Bugres.[43]

As leituras, análises e as semelhanças interpretadas nas reflexões das pesquisas estudadas possibilitaram concluir que esse povo chegou à região procedente da Bolívia. Assim, compreendemos que os Cabaçais constituem o povo Bororo, que habitava as terras que atualmente formam os municípios da microrregião do Jauru, no estado de Mato Grosso. Eles são citados nos históricos de alguns desses municípios, o que nos leva a refletir que o ambiente era habitado por eles, devido à semelhança dos relatos das origens históricas dos municípios, apresentados pelo pesquisador João Carlos Vicente Ferreira (2022), como no caso de Lambari D'Oeste e Glória D'Oeste, entre outros.

A localização de Reserva do Cabaçal indica seu pertencimento à micro-região – MR/333 – Alto Guaporé-Jauru que se compõe dos demais municípios tais como: Araputanga, Cáceres, Jauru, Mirassol Do Oeste, Pontes e Lacerda, São José dos Quatro Marcos, Rio Branco, Salto do Céu, Vila Bela da Santíssima Trindade, Indiavaí, Figuerópolis do Oeste, e Porto Esperidião.[44]

Ao analisar fontes como narrativas de testemunho dos migrantes que descrevem que não existiam mais indígenas no lugar quando chegaram, mas que encontraram vestígios, surgiu a curiosidade sobre a intencionalidade do migrante em dizer que não viu nenhum indígena quando chegou no lugar nas décadas de 1960 e 1970, reafirmando o discurso da Companhia de Desenvolvimento do Estado de Mato Grosso CODEMAT, de que o espaço era *vazio*, apresento aqui uma indagação para reflexão. Seria de validar o projeto de governo em (re)ocupar as terras indígenas que foram "ditas" improdutivas?

A seguir, apresentamos reflexões sobre vestígios encontrados por moradores em áreas do município, os quais são trazidos pelos alunos nos estudos sobre história local no ensino de História.

2.3 **Vestígios anteriores**

No século XVII, quando chegaram em Mato Grosso os primeiros colonizadores, a sociedade Bororo recebeu várias denominações, tais como porrudos, Coxiponeses, Cabaçais, Coroados,

[43] Fundação Julio Campos (1995).

[44] Fonte: Trabalho de pesquisa realizado no ano de 1987, pelo Departamento de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal de Reserva do Cabaçal/MT, que tem como fonte os documentos referente a colonização de Reserva do Cabaçal, da Companhia de desenvolvimento do Estado de Mato Grosso (CODEMAT). O trabalho de pesquisa realizado pelo Departamento de Educação e Cultura, foi Inventariado e pesquisado em abril de 2024. E foi usado como material de leitura na dissertação de mestrado.

Orarimugodoge, entre outras, para finalmente serem chamados de Bororo.[45]

Buscamos a compreensão Oliveira (2002),[46] para ampliar o conhecimento sobre a importância dos elementos da cultura material dos Bororo em especial os Cabaçais,[47] tais como "machadinhas, pontas de lança e algumas peças de cerâmicas" (Oliveira, 2002, p.42), e em sua maioria as peças foram encontradas quebradas em forma de cacos, encontradas no território do município de Reserva do Cabaçal, contribuem para elucidar um pouco das práticas sociais de grupos humanos que habitaram e modificaram o ambiente há muitos anos.

Não tenho pretensão aqui de datar, pois este será um empenho arqueológico bastante significativo, que poderá contribuir para que parte das perguntas dos jovens estudantes da Escola Estadual Professor Demétrio Pereira e dos professores sejam respondidas e esclarecidas. No entanto, outras dúvidas surgirão, e estudá-las será um assunto envolvente para os estudantes.

A cultura material, ao ser pensada de forma interdisciplinar no conjunto das disciplinas que estudam a cultura, e também comparada com a história dos Bororo, pode revelar-nos práticas que poderão, quem sabe, nos levar a buscar novas representações para um ambiente que, tanto no passado quanto no presente, é significativo para os sujeitos que nele constroem suas vidas. Esses sujeitos têm como referência o mesmo espaço geográfico habitado no passado por esse povo.

A história local se apresenta como uma ferramenta potencializadora para o ensino de história, pois viabiliza que as narrativas construídas pelos estudantes e seus familiares sejam debatidas nas aulas no ensino de história. Quando é mencionado o período anterior a 1960 e 1970 os estudantes logo se referem aos "indígenas Cabaçais pertencentes ao povo Bororo, que habitavam a região próxima ao rio Cabaçal". Estas são as falas dos estudantes em sala de aula

---

[45] Fundação ´Júlio Campos (1995). Conforme informações da revista observa-se que aos indígenas foram dadas várias denominações até que foi chamados de Bororo.

[46] Oliveira (2002) que estudou a colonização de Tangará da Serra, me inspirou pesquisar e escrever esse texto sobre representação Bororo em Reserva do Cabaçal. A leitura desta pesquisa, também contribuiu para ampliar o conhecimento sobre a importância dos elementos da cultura material dos indígenas Cabaçais dos povos Bororo, e saber que esses elementos deixados por eles, contribuem para elucidar um pouco das práticas sociais e culturais de grupos humanos que habitaram e modificaram o ambiente há muitos anos.

[47] Ao pesquisar esta fonte obtivemos essas definições de localização dos povos indígenas Bororo, em que alguns locais como: Cáceres, Bacia do Rio Guaporé, Bolívia, a oeste ficam próximo do município de Reserva do Cabaçal do ponto de vista geográfico. E "Ao longo da história, outros nomes foram usados para denominar esse povo, tais como: Coxiponé, Araripoconé, Araés, Cuiabá, Coroado, Porrudo, Bororo da Campanha (referente aos que habitavam a região próxima a Cáceres), Bororo Cabaçais (aqueles da região da Bacia do Rio Guaporé), Bororo Orientais e Bororo Ocidentais (divisão arbitrária feita pelo governo do Mato Grosso, no período minerador, que tem o rio Cuiabá como ponto de referência). O território tradicional de ocupação Bororo atingia a Bolívia, a oeste; o centro sul de Goiás, ao leste; as margens da região dos formadores do Rio Xingu, ao norte; e, ao sul, chegava até as proximidades do Rio Miranda (Ribeiro, 1970:77). Estima-se que esse povo tenha habitado essa região durante pelo menos sete mil anos (Wüst & Vierter, 1982)". Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Bororo –acesso em: 03 de junho de 2024.

em referências aos indígenas, apresentados na história local, e se propõem a trazer alguns objetos encontrados nos quintais e roças onde residem.

A seguir apresentamos o relatório e problematização de aulas que ocorreram na Escola Estadual Professor Demétrio Pereira. Para pensar o ensino de história e história local no ambiente escolar recorremos a compreensão de Schmidt (2009), que traz reflexões sobre a atividade pedagógica em sala de aula e o papel do professor em desenvolvê-lo:

> É na sala de aula que se realiza um espetáculo cheio de vida e sobressaltos. Cada aula é única. Nesse espetáculo, a relação pedagógica é, poe essência, plural; uma relação em que o "professor fornece a matéria para raciocinar, ensinar a raciocinar, mas, acima de tudo, ensinar que é possível raciocinar". [...] Nesse sentido, o professor de história ajuda o aluno a adquirir as ferramentas de trabalho necessárias para aprender a pensar historicamente, [...] Ele é responsável por ensinar ao aluno como captar e valorizar a diversidade das fontes e dos pontos de vista históricos, [...] Ao professor cabe ensinar ao aluno como levantar problemas, procurando transformar cada aula de história, temas e problemáticas em narrativas históricas. (Schmidt, 2009, p. 34).

Ensinar história, sob a perspectiva de possibilitar ao aluno a participação ativa no processo de construção do conhecimento histórico, é proporcionar a ele as condições necessárias para construir esse saber.

No dia quatro de julho do ano de 2021 a aula do 6º ano do ensino fundamental se concentrou nos estudos sobre história local, a partir da "unidade temática: História: tempo, espaço e formas de registros", e o objeto de conhecimento estudado foi "Formas de registro da história e da produção do conhecimento histórico", e a habilidade que seria desenvolvida com os estudos desse conteúdo foi a (EF06HI02) "Identificar a gênese da produção do saber histórico e analisar o significado das fontes que originaram determinadas formas de registro em sociedades e épocas distintas". (Brasil, 2018, p.420-421).

A atividade foi elaborada para concluir o primeiro semestre, e ao estudarem os objetos de conhecimento foi mencionado pelos alunos a necessidade de conhecermos os vestígios deixados pelos povos indígenas no lugar, então, fiquei pensando em um material que tivesse imagem para elucidar o conteúdo. Buscamos uma figura da revista Fundação Júlio Campos (1995), e o estudo da imagem pela metodologia de aula expositiva, que foi um atrativo para os alunos naquela aula, e disseram que tinham em suas residências materiais que tinham semelhança com os que a revista trazia em suas páginas.

A partir das interferências dos jovens estudantes foi proposta a seguinte atividade: na aula da próxima semana, no dia 11 de julho de 2021, eles deveriam trazer os objetos que possuíam

em suas residências. Os estudantes trouxeram os objetos e organizaram uma exposição dos materiais durante as aulas de História. Eles explicaram, com detalhes, o local onde haviam encontrado os materiais e como os haviam adquirido.

Além disso, os estudantes convidaram outras turmas para conhecer a exposição. Aproveitaram a oportunidade para tirar fotografias dos momentos da aula, que foram posteriormente compartilhadas nos grupos de WhatsApp dos pais da turma, com o intuito de que eles conhecessem as atividades realizadas pelos alunos, utilizando os materiais que eles chamam de “machadinha indígena” e “cacos de panelas e potes”.

A seguir na figura 11, apresentamos a imagem de objetos que utilizamos para elucidar os vestígios indígens nas aulas do ensino de história, a imagem faz parte do conteúdo que a revista (Fundação Júlio Campos (1995), traz em suas páginas.

Figura 11: Instrumentos de pedra encontrados por morador do município de Reserva do Cabaçal



Fonte: Fundação Julio Campos (1995). fotografado por (J.C.V.F.) –Ano (s/d)

Instrumento de caça e uso doméstico, possivelmente feito pelos antigos habitantes das margens do rio Cabaçal, esses objetos de pedra polida, além da cerâmica indígena, são comumente encontrados em vários pontos do município de Reserva do Cabaçal (Fundação Júlio Campos, 1995, s/p).

O morador J.C.V.F., ao referir-se ao objeto como feito pelos antigos habitantes do lugar, vejo que se refere ao período anterior ao início da colonização do município iniciado oficialmente em 1967, pela Companhia de Desenvolvimento de Mato Grosso-CODEMAT, quando vieram as primeiras familias impulsionadas pelos projetos de colonização, dos espaços ditos pelos governos federal e estadual de vazios de Mato Grosso conforme os governos federal e estadual, para serem

ocupados[48] e integrar esses territórios ao desenvolvimento econômico nacional.

A seguir a figura 12 apresenta a imagem de objetos trazidos por estudantes nas aulas no ensino de história, demostra o interesse que eles tiveram pelo tema estudado, e ao aprender sobre a história de sua própria comunidade, desenvolveram um senso de identidade e pertencimento.

Figura 12: Objetos trazidos por estudantes nas aulas no ensino de história



Fonte: Acervo particular de alunos - encontrado no ano de (2021)

Durante a aula, os alunos apresentaram os artefatos culturais que trouxeram, e explicaram que os elementos encontrados geralmente próximos ao rio e córregos, onde vão brincar, ou vão em busca do gado ou ainda, quando seus pais reformam o pasto. Nesses locais esbarram *por acaso* nesses objetos.[49]

A figura 13, e última analisada nas aulas relatadas que ocorreram nos dias quatro e onze de julho de 2021, no 6º ano do ensino fundamental traz imagem de objetos trazidos por estudantes nas aulas no ensino de história, que foram estudadas no contexto da história local.

[48] O termo "(re)ocupado" no nosso entendimento, vem explicar que o territória existia nações indígenas, não considerados pelos projetos de colonização, em que o espaço foi dado como "vazio", onde havia inexistência de pessoas e assim, deveria ser colonizado.

[49] A reforma de pasto que os estudantes mencionam, é uma prática deselvolvida pelos produtores rurais em suas propriedades. Reviram o solo, fazem a aplicação de calcário e plantam sementes de algum tipo específico de capim, com o objetivo de gerar mais alimento para o gado.

Figura 13: Objetos encontrados por estudantes



Fonte: acervo de alunos-encontrado no ano (2021)

Ao analisarmos a fala dos estudantes 6º ano do ensino fundamental os jovens estudantes foram perguntados sobre o que sabiam sobre os primeiros habitantes do lugar e eles se sentiram motivados a participar da aula trazendo objetos para a aula e realizando com entusiasmo a análise dos objetos.

A partir do conhecimento que tinham sobre o material foi possível perceber o quanto eles se sentiram ainda mais motivados ao perceber no decorrer da aula que também poderiam contribuir com os objetos que tinham em casa e que os conhecimentos prévios que traziam por ouvir seu pais e avós contarem, fazia sentido na aula de história. Ali, naquela aula, foi possível acompanhar o envolvimento dos alunos nas atividades práticas, com pesquisas e análise das imagens, o que promoveu um aprendizado mais dinâmico e participativo, uma aprendizagem significativa.

A seguir, abordaremos a importância da realização de leituras, análises e interpretações das reflexões historiográficas sobre os Bororo, com o objetivo de ampliar a compreensão dos jovens estudantes sobre as representações dos sujeitos históricos que viveram no local onde está situado o município e que deixaram vestígios que podem ser analisados e interpretados.

2.4 Os Bororo

Ao estudar os Bororo, com foco no ensino de história na abordagem da história local com os jovens estudantes do 7º ano na escola Estadual Professor Demétrio Pereira, a pretensão foi ampliar as reflexões sobre a representação desse povo no contexto da história local.

Para tanto, fez-se necessário enriquecer a discussão acerca do conceito de progresso adotado pelas colonizadoras que (re)ocuparam o oeste de Mato Grosso, que nas discussões com os estudantes aflorou a ideia de que o progresso estava ligado ao desmatamento e à exploração intensiva da terra para a agricultura e pecuária que resultou em graves impactos ambientais, incluindo a perda de biodiversidade e a degradação dos ecossistemas locais no município de Reserva do Cabaçal.

Embora não tenhamos a intenção de aprofundar essa discussão, convidamos a refletir sobre a representação dos indígenas no contexto da história local, no ensino de história. O desrespeito à diversidade, gerado pelas práticas do processo de (re)ocupação, frequentemente ignorou a presença e os direitos das comunidades indígenas.

Muitos povos foram deslocados, e suas culturas e modos de vida foram desrespeitados e ameaçados, resultando na concentração de terra e desigualdade social, em que a (re)ocupação muitas vezes favoreceu grandes proprietários de terra e empresas agrícolas, resultando em concentração de terras e riquezas, e agravando a desigualdade social, ignorando tradições e práticas culturais que não se alinhavam com o conceito de progresso pensado pelo governo federal e posto em prática pelas colonizadoras.

Nas aulas com foco no ensino de história local, mesmo que os indígenas estejam distantes da nossa convivência local, tanto no tempo quanto no espaço geográfico, o objetivo foi incorporar artefatos culturais indígenas aos currículos escolares, pois isso ajuda a valorizar e preservar as culturas e tradições indígenas, promovendo o respeito e a compreensão entre os alunos.

A seguir, apresento um relato etnográfico das aulas ocorridas sobre “Cultura Indígena e Ensino de História Local” ocorridas nos dias sete e quatorze de outubro de 2013. O objetivo da aula foi compreender a importância da cultura indígena no contexto histórico local na Escola Estadual Professor Demétrio Pereira valorizando a diversidade cultural e promovendo o respeito e a inclusão dos povos indígenas, mesmo na ausência indígena no município.

A reflexão de Schmidt (2009), sobre a sala de aula como um espaço de construção de significações e sentidos pode ser aprofundada no contexto do tema "Cultura Indígena e Ensino de História Local", pois destaca a importância de pensar a educação não apenas como a transmissão de informações, mas como um processo ativo de construção de conhecimento.

Quando se aborda a cultura indígena no ensino de história local, a sala de aula se torna um espaço dinâmico, onde diferentes visões de mundo devem ser reconhecidas e respeitadas. “A sala de aula não é apenas um espaço onde se transmite informações, mas o espaço onde se

estabelece uma relação em que interlocutores constroem significações e sentidos". (Schmidt, 2009, p. 35).

A problematização, então, pode ser construída com os alunos a partir da seguinte questão: como o ensino de história local, ao tratar da cultura indígena, pode contribuir para que alunos e educadores não apenas tomem conhecimento sobre a história dessas comunidades, mas também construam uma compreensão crítica e respeitosa sobre a diversidade cultural presente em nosso país? Essa reflexão se amplia quando consideramos as relações de poder e os processos históricos de marginalização das culturas indígenas, que ao ser estudados com os alunos desperta a sensibilização para reflexão no conexto local.

A aula foi realizada com os jovens estudantes do 7º ano do período vespertino do Ensino Fundamental, ministrada por mim e assistida também pelo professor que atuava na turma na disciplina de geografia, convidado a participar da aula. Os alunos ficaram muito interessados no tema. A duração da aula foi de quatro horas, em duas semanas seguidas.

Inicialmente, nos primeiros vinte minutos da aula, fizemos a introdução do assunto e explicamos a importância de estudá-lo, com a apresentação do tema e uma breve contextualização histórica dos povos Bororo na região, utilizando um mapa como material de apoio pedagógico. A discussão abordou a importância de preservar e valorizar a cultura indígena. A atividade principal, que teve duração de sessenta minutos, foi uma exposição com imagens sobre a cultura Bororo, destacando tradições, costumes e a contribuição dos indígenas para a história de Mato Grosso, e consequentemente, para a história do Brasil.

Houve também uma conversa após a leitura de um texto sobre a história dos povos indígenas. Nesta conversa os alunos destacaram pontos importantes, entre os quais os locais onde habitaram e seus costumes. Foi proposto que os alunos pesquisassem mais sobre o tema no laboratório de informática. Como os computadores não contemplavam cada aluno de forma individual, eles pesquisaram em grupo, em um horário fora do período das aulas.

Ao final da aula, sugerimos uma oficina de arte em que os alunos poderiam criar desenhos sobre a cultura indígena, a partir da aprendizagem adquirida naquele estudo e das leituras realizadas. A participação dos alunos foi ativa e engajada, demonstrando interesse pelo tema abordado.

Nas aulas seguintes, a avaliação foi realizada em aproximadamente dez minutos, durante os quais os alunos apresentaram, de maneira sucinta e oral, seu ponto de vista a respeito da aula e da importância de respeitar e valorizar a diversidade cultural.

A partir desse estudo, surgiu um interesse pelo tema nas aulas de história, não somente em datas comemorativas, mas também em momentos comuns em que o assunto era proposto para estudos. Estudar a história indígena dentro da abordagem de história local no ensino de história possibilita aos jovens estudantes reconhecer e valorizar a cultura desses povos. Considerando que o estudante traz para a aula a história indígena muitas vezes distorcida e marginalizada, refletir com os alunos por meio da história local amplia o conhecimento, permite conectar o presente com o passado, e despertar a sensibilidade sobre a importância dos povos Bororo na formação da identidade regional e nacional. As reflexões se deram a partir de Almeida (2003), Grando (2004), Oliveira (2002) e outros autores.

Segundo Almeida (2003), durante o século XVIII, os paulistas empregaram como contingentes Bororo, que eram tomados como combatentes em conflitos contra outros povos indígenas e na colonização de suas terras. Isso levou à fuga, fragmentação e declínio das comunidades Bororo. Após a fragmentação da população Bororo em três grupos como: Campanha, Cabaçal[50] e Coroado, as estratégias de conflitos empregadas pelas autoridades em Mato Grosso, tendo como aliados proprietários de terras, líderes de províncias e representante de Assuntos Indígenas, culminaram na "pacificação" dos Bororo da Campanha e Cabaçal. Consequentemente, esses acontecimentos desencadearam migrações em massa para outras regiões dentro do território de Mato Grosso.

Na perspectiva de refletir sobre as representações dos sujeitos históricos que viveram na região dos municípios que compõem a microrregião MR/333 Araputanga, Cáceres, Jauru, Mirassol D'Oeste, Pontes e Lacerda, São José dos Quatro Marcos, Rio Branco, Salto de Céu, Reserva do Cabaçal, Vila Bela da Santíssima Trindade, Indiavaí, Figueirópolis D'Oeste e Porto Esperidião que foram ocupados em tempos remotos por povos Bororo. Esse povo foi denominado pelo segmento paulista que desbravou a região de "índios Cabaçais" (Ferreira, 2022, p. 546). Os estudos sobre as representações dos povos Bororo no ensino de história contribuem para a compreensão dos estudantes, assim como para a participação nas aulas e a produção do conhecimento.

Segundo a Revista da Fundação Júlio Campos (1995) os estudos sobre os Bororo, no século XIX, nessa região sudoeste de Mato Grosso é que "ainda poucos anos viviam indômitas[51]

[50] Buscamos pesquisar outras fontes para ampliar a compreensão, pois, a fonte aborda que: Os Bororo Ocidentais, também denominados "Bororo da Campanha" e "Bororo Cabaçais", sofreram a agressão do contato com os colonizadores de Cáceres e Vila Bela, a ponto de serem considerados exterminados em meados do século XX. Acessível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Bororo – Acessado em: 07 de junho de 2024

[51] No dicionário online de português o significado de indômito: Qualidade de indomado; particularidade do que não se pode domar; indomável; bravo ou selvagem. Disponível em: https://www.dicio.com.br/indomita/ - acesso em 07 de junho de 2024.

as duas hordas[52] que compõem a nação Bororo: uma habitava as imediações do Jauru, outra as do Cabaçal, donde deriva seu nome" (Fundação Júlio Campo, 1995, p. (s/p). O destaque da revista da Fundação Júlio Campos (1995), intitulada "Reserva do Cabaçal, paraíso dos índios Cabaçais, cobiça dos poaeiros e esperanças dos reservenses", oferece informações valiosas para a compreensão das relações sociais, econômicas, políticas e culturais dos Bororo. Este povo indígena, constituído pelos Cabaçais, foi abordado na literatura apresentada na revista. No entanto, o material não realiza reflexões mais amplas sobre as vivências desse grupo indígena.

Em sala de aula, durante os estudos de história local com os estudantes, solicitamos que falem sobre a representação dos indígenas em suas vivências. Na ocasião da aula, eles são convidados a trazer objetos que possuem em casa. Embora não se faça um exame mais profundo sobre esses itens, e eles se baseiem principalmente nas leituras e experiências do cotidiano em suas localidades na área rural, é possível perceber que compreendem esses artefatos como *pegadas* (pistas, indícios) da existência dos Cabaçais no município. Esses objetos seriam resquícios deixados quando o grupo foi forçado a migrar para outros lugares. A partir dos artefatos que os estudantes trazem para a aula de história, surge a possibilidade de realizar reflexões sobre a abordagem da história local no ensino de história, com foco na vivência e legado dos Bororo.

A importância das pesquisas bibliográficas para conhecermos sobre a cultura indígena que é vasta se faz necessária. Realizamos estudo da pesquisa de Grando (2004), em que a autora investigou sobre a educação expressa nas práticas corporais em contextos interculturais. Partindo das relações interculturais proporcionadas pela formação de professores indígenas em Mato Grosso, a pesquisa foi realizada no Projeto Tucum, um Programa de formação de professores indígenas para o magistério, em Mato Grosso, desenvolvido pela Secretaria de Estado de Educação/SEDUC.

Segundo Grando (2004) a pesquisa apoiou-se nos referenciais da Antropologia, da História e da Educação para compreender o contexto das relações estabelecidas entre os Bororo e a sociedade regional, e entre eles e os missionários salesianos, com os quais conviveram há mais de um século no Território Indígena de Meruri-MT.

Grando (2004), compreende a cultura indígena como uma manifestação única, expressa nas maneiras de pensar e agir, a partir de normas, valores e símbolos culturais que influenciam os padrões cognitivos, emocionais e comportamentais de cada grupo. Essas formas distintas de

[52] No dicionário online de português o significado de horda: Povo nômade; povo sem habitação fixa. Disponível em : https://www.dicio.com.br/horda/ - acesso em: 07 de junho de 2024.

existência funcionam como modos de vivência que diferenciam os indivíduos dentro de uma cultura e os distinguem de outros grupos culturais.

Segundo a autora, entre os Bororo, existe uma forma de organização social que distingue os diferentes grupos, o que se acredita ser resultado da dispersão forçada a que esses povos foram submetidos. No ensino de história essas discussões surgem sempre que se faz referência ao nome da cidade, bem como à (re)ocupação do local nas décadas de 1960 e 1970.

O material ao qual os estudantes mais têm acesso são textos e imagens trazidos pela Revista da Fundação Júlio Campos (1995), razão pela qual recorremos a ela constantemente para estudos, além dos sites da prefeitura, que disponibilizam material para leitura e análise no contexto da história local. Conforme a Revista a cultura dos Bororo, no que se refere ao sustento, era a seguinte:

> Sustentava-se os Cabaçais dos frutos espontâneos da terra. Apenas cultivam algum milho pororoca que comiam verde, batatas e bananeiras. Não tinham indústria alguma além do fabrico de seus arcos e flechas, de algum grosseiro vaso de barro e de palha que cobriam sua nudez (Fundação Julio Campos, 1995, p. 01-02).

Ao mencionar o sustento dos povos Bororo o autor do texto apresenta os alimentos e objetos dentre eles o que chamou de “grosseiro vaso” produzidos pelos indígenas, material grosseiro na perspectiva do autor da revista, cabe aqui explicar que o texto da revista apresenta dessa maneira, esse material obviamente não pode ser apresentado como uma verdade, o objeto é uma representação a respeito desse povo, e como pesquisadora, precisamos analisar esse material escolhido como fonte.

Na perspectiva desta dissertação, consideramos que, ao estudar a história indígena com os jovens no local onde vivem, é possível envolvê-los e sensibilizá-los para a compreensão da história dos povos indígenas por meio das narrativas historiográficas sobre esses povos. Excertos, como os da Fundação Júlio Campos (1995), ajudam a compreender um pouco das formas de vida dos povos Bororo, mas não explicam os processos de violência e exploração aos quais esses povos foram submetidos em diferentes contextos.

Neste contexto, cabe uma reflexão sobre o quase completo desaparecimento dos povos indígenas, conforme exposto pelos pesquisadores que escreveram os textos da Revista da Fundação Júlio Campos (1995). A revista dedicou textos e imagens sobre os indígenas conhecidos como Cabaçais, do povo Bororo, abordando as razões de sua permanência no local, que hoje é a Reserva do Cabaçal, além das causas de sua migração de um lugar para outro. Esse movimento resultou na diminuição do número de indígenas, que foram dizimados pelos paulistas

no século XVIII, durante as lutas pela posse da terra e pelo domínio do espaço para exploração de recursos com fins lucrativos.

Conforme Oliveira (2002), a exploração da poaia no século XIX foi responsável pela quase completa extinção do povo Bororo no município de Barra do Bugres, e observa que:

> [...] esse foi um dos fatores que causou também a quase completa extinção dos Umutina, grupo Macro-Gê, da família lingüística bororo. A destruição desse povo indígena foi patrocinada por comerciantes que tinham grande interesse pela exploração da poaia, que nesta época era uma mercadoria valiosa (Oliveira, 2002, p. 156).[53]

Oliveira (2002), nos permite a reflexão de que a destruição dos Bororo ocorreu devido ao interesse econômico na exploração da poaia, uma planta medicinal valiosa no século XIX e na primeira metado do século XX, em que comerciantes, motivados pelo lucro, patrocinaram ações que levaram ao declínio dessas comunidades indígenas, sacrificando suas vidas e culturas em prol da exploração desse recurso natural.

Almeida (2003) pesquisou a luta dos Bororo contra a violência do Estado cometida contra eles, e nesse processo nasceu uma protagonista para a "negociação" de pacificação. Trata-se da Indígena "Bororo Cibáe Modojebádo - a Rosa Bororo" que se engajou na luta para "pacificação" de seus irmãos Coroado, que também pertenciam aos Bororo e que os colonizadores os trataram de forma violenta, assim como os Cabaçais.

Ao renegarem suas culturas e modos de viver, os colonizadores agiram de forma violenta negando a existência dos povos indígenas, entre eles os Bororo, e se imbuíram na luta por sua dizimação. Um aspecto que causou grande sofrimento aos povos indígenas foi o processo de "transmigração"[54] forçada, em que muitas vezes parte de um povo que foi "arrancado" de seu lugar para compor vida junto com outros povos, que por sua vez tinha cultura diferente e a centenas de quilômetros de distância de seu espaço cultural sem poder retornar.

Segundo Ferreira (2022), ao dizer que: "O processo de extermínio e de escravidão desumana a que foram submetidos os povos indígenas de Mato Grosso, dentre os quais o povo

---

[53] São referências para esse estudo, Oliveira (2002), Jesus (1987).

[54] A transmigração indígena refere-se ao movimento de povos indígenas de um território para outro, muitas vezes em busca de melhores condições de vida. Essa migração pode ocorrer por diversas razões, como a expulsão de territórios tradicionais, a devastação dessas áreas, a construção de cidades e a concessão de terras a proprietários privados. Infelizmente, esses indígenas frequentemente enfrentam adversidades, incluindo falta de assistência, condições precárias de saúde, habitação inadequada e discriminação. A migração indígena não é um fenômeno contemporâneo e tem raízes históricas, como a expulsão dos Jesuítas no século XVIII, que levou muitos indígenas a se estabelecerem em vilas e enfrentarem marginalização. A proteção territorial é fundamental para garantir os direitos dessas comunidades. Disponível em: https://cimi.org.br/2024/02/migracões-indigenas para as cidades caracteristicas e consequencias/ - acesso em: em 07 jun. 2024.

Bororo, e o de Rosa, culminou em sua quase que completa extinção" (Ferreira, 2022, p. 107). O extermínio foi uma das ferramentas usadas por colonizadores para se fixar nos espaços onde os indígenas tinham pertencimento, e a sua retirada causou sofrimento e insatisfação.

As estratégias de pacificação[55] fizeram com que houvesse a transmigração forçada e imposta pelos governantes, em que na maioria dos casos foi exercido e controlados pelas missões religiosas que os ensinava outros costumes fazendo com a cultura dos povos indígenas fossem silenciadas. Conforme Fundação Júlio Campos (1995):

> No ano de 1842, o reverendo José da Silva fraga, Vigário de Matto Grosso, conseguiu por meio de persuasão, brandura e por brindes atrair os Cabaçais a uma fazenda no registro do Jauru. Aí vieram a se estabelecer-se todos, sem ficar um só no mato. Seu número era de 167; está em 1843 reduzido a 81 (Fundação Júlio Campos 1995, p. 01-02).

Considera-se que as missões religiosas também foram agentes de transformação cultural, introduzindo novos hábitos, vestimentas e modos de vida. Essas missões religiosas, no entanto, são vistas pelos estudiosos da história indígena como violentas e descaracterizadoras da vida e da cultura indígena, além de causadoras de grande sofrimento.

O que o reverendo José da Silva Fraga organizou foi uma armadilha de 'persuasão', com o intuito de atrair os indígenas para si e dominá-los, colocando-os sob seu controle. Para isso, ele oferecia brindes, objetos que chamavam a atenção dos indígenas, pois eles não possuíam tais itens. Dessa forma, atraíam os indígenas para o aldeamento, e o discurso propagado de "estabelecer-se todos", na perspectiva dos missionários, significava, na verdade, o domínio.

Durante a (re)ocupação, os indígenas foram frequentemente alvo de estratégias de persuasão por parte dos colonizadores, que buscavam integrá-los ao sistema de exploração econômica. As missões religiosas frequentemente ofereciam "brindes", objetos dados como presentes para conquistar os indígenas como espelhos, miçangas e ferramentas, em troca de trabalho exploratório. Esses presentes eram uma forma de suavizar as relações de exploração e tentar estabelecer uma ideia de convivência harmoniosa nos locais onde os colonizadores exerciam domínio sobre os indivíduos. No entanto, a abordagem dos colonizadores não era de

[55] Os dados dos textos da revista Fundação Júlio Campos (1995), o Pe. José de Moura e Silva e Marta Ponce de Arruda, foram de suma importância para a compreenssão do desaparecimento dos indígenas Cabaçais do povo Bororo nessa região, que é possível que viviam "vagando" migrando pelo terriório do estado de Mato Grosso em busca de espaço para se fixarem, e pelas "pegadas" deixadas por eles e encontradas pelos colonizadores, e que continuam sendo no presente, e as marcas que são a representação dos Cabaçais nas terras do municípios, nos deixa a possibilidade para a reflexão de que sairam em fuga perseguidos pelos invasores de seu território.

brandura, mas sim coercitiva, e o fato é que nas missões a relação era de exploração, especificamente dos indígenas.

2.5 Narrativa da origem do nome Reserva do Cabaçal

Para falar sobre Reserva do Cabaçal/MT, recorremos as leituras de Cavalcante (1999-2022), que realizou pesquisa sobre a origem histórica do nome Reserva do Cabaçal. Ele argumenta que a origem do nome está ligada a figuras dos primeiros habitantes que viveram onde se localiza Reserva do Cabaçal, os indígenas Cabaçais pertencente aos Bororo.

Cavalcante (2022) faz reflexões sobre a origem do nome, afirmando que: "[...] A área destinava-se, conforme o próprio nome indica, a uma reserva do governo, que pretendia fundar um povoado nas imediações. [...] Face a sua localização, à margem esquerda do rio Cabaçal, denominaram-na Reserva do Cabaçal". (Cavalcante, 2022, p. 673) A narrativa sobre a origem do nome, apresentada pelo autor, permeia a memória dos moradores e se tornou foco de discussão entre os estudantes durante as aulas no ensino de história.

A colonização ocorrida nas décadas de 1960 e 1970, por meio de um projeto elaborado pela Companhia de Desenvolvimento do Estado de Mato Grosso (CODEMAT), responsável pela organização e distribuição das terras aos migrantes, deixou uma área de 108 hectares para a formação do núcleo urbano. Essa área foi denominada "reserva de terras do governo" e, por estar localizada à margem esquerda do rio Cabaçal, o lugar recebeu esse nome.

Essa é a explicação que se encontra para o nome Reserva do Cabaçal, e foi escolhido pelos tecnicos da CODEMAT. Reserva do Cabaçal foi fundada em 1969, tornou-se distrito de Rio Branco em 1978 e emancipou-se em 1986. De acordo com o Decreto-Lei Estadual nº 1.598, em 22 de maio de 1953, em 1967, os técnicos da Companhia de Desenvolvimento do Estado de Mato Grosso-CODEMAT, colonizou Rio Branco/MT, e as terras de Reserva do Cabaçal passaram a pertencer à Colônia Rio Branco.

A Companhia de Desenvolvimento do Estado de Mato Grosso (CODEMAT) construiu um projeto urbano,[56] estabelecendo os locais onde seriam construídas as residências, o comércio e outros espaços que se acreditava serem necessários para um lugar. Da mesma forma, a área rural foi "mapeada" e organizada pela CODEMAT, e os migrantes foram destinados a morar na área rural, que foi denominada de comunidades.

[56] O projeto urbano construído pelos técnicos da CODEMAT, é conhecida pelos moradores do primeiro mapa da cidade de Reserva do Cabaçal/MT, e o referido mapa faz parte do segundo capítulo dessa dissertação de mestrado

Ferreira (2022), ao abordar a origem de Reserva do Cabaçal, salienta que "emerge de uma época não guardada pela memória, sendo uma região de poaia – a ipecacuanha. Na década de 1960, quando ocorreu um surto de colonização no Estado, muitas famílias de agricultores se demandaram para essa região" (Ferreira, 2022, p. 672). O autor contribui para a compreensão de que, até a década de 1960, as pessoas que adentraram essas terras vinham em busca da poaia, planta utilizada na fabricação de medicamentos. Esse contexto é discutido pelos moradores de Reserva do Cabaçal, que compartilham suas experiências cotidianas com os jovens estudantes, especialmente nas discussões sobre a história local.

2.6 As representações do poaeiro na história local

A pesquisa bibliográfica indicou o desafio de pesquisar sobre a atividade exercida pelo poaeiro, sujeito que protagonizou a extração da poaia, atividade que ainda se faz presente nas conversas dos moradores de Reserva do Cabaçal, que migraram de seus lugares de origem e ajudaram a construir a cidade.

Estudar a representação do poaeiro, personagem presente na história local, é fundamental para que os jovens estudantes compreendam a história local e conheçam melhor o ambiente em que vivem, conectando o presente e o passado nos espaços de convivência da escola.

Recorremos à compreensão de Oliveira (2002) sobre a atividade do poaeiro no território de Barra do Bugres, que o descreve como um homem destemido, capaz de dominar a floresta que percorria "palmo a palmo", em busca da tão cobiçada raiz.

Considerando seu alto valor de mercado, essa raiz era usada como moeda de troca pelo poaeiro, sendo o comerciante o intermediário na negociação do produto com o exportador.

O autor explica que, durante o período de chuvas abundantes, a locomoção era mais difícil para o poaeiro, mas a extração se tornava mais rentável, pois o solo úmido facilitava o processo. Ele também destaca que as ferramentas rústicas, na maioria das vezes, eram fabricadas pelo próprio poaeiro, que, por vezes, não tinha nem a raiz nem o dinheiro necessário para adquirir as ferramentas.

Conforme Oliveira (2002), a poaia extraída na região era levada até o centro de recolhimento, onde era negociada em Barra do Rio dos Bugres, local que teve sua denominação alterada para Barra do Bugres. Cáceres servia como entreposto comercial e era o local onde a exportação era formalizada. Entretanto, a extração da poaia atraiu indígenas do povo Paresi, que habitavam a região ao norte.

A discussão de Oliveira (2002) mostra como a história local pode ser uma ferramenta poderosa no ensino de história, promovendo um aprendizado mais significativo e conectado à realidade dos alunos, ao fazer a conexão entre o presente e o passado por meio dos estudos sobre a figura do poaeiro na história local. Conforme a Fundação Júlio Campos (1995), os relatos analisados pelo Pe. José de Moura e Silva demonstram que esses indígenas se dedicaram à extração de poaia, tornando-se exímios poaeiros. Além disso, eram explorados também para o replantio, o que garantia que a planta não entrasse em extinção e permitia sua extração de forma permanente.

Os instrumentos utilizados na extração da planta eram a cavadeira ou saraquá e o facão, e a extração era sazonal, ocorrendo durante o período das chuvas. "A poaia teve sua extração até a metade do século XX, quando sua produção diminuiu e iniciou-se um novo tempo histórico na região: o período da colonização." (Fundação Júlio Campos, 1995, p. 3) O "tempo da colonização" refere-se às décadas de 1950, 1960 e 1970, quando o governo do Estado de Mato Grosso se empenhou no processo de (re)ocupação dos espaços "vazios", conforme eles os chamavam, para ampliar a fronteira do Brasil.

2.7 O Rio Cabaçal e suas representações

A seguir, apresento o poema "rio Cabaçal" produzido por estudante nas aulas de história nos estudos com abordagens sobre história local.

> [...] O rio Cabaçal nasce sereno entre o cerrado, no início o rio já tem águas claras e mansas, que corre pela terra margeando o município até chegar na cidade, trazendo vida e esperança a população. Suas margens verdes e floridas, guardam memórias, de um povo que ali vive, em harmonia com suas águas. Ao amanhecer quando o sol reflete em suas águas, um brilho dourado reluz, ao cair da tarde, o rio canta, uma melodia que envolve os moradores e visitantes. As crianças brincam em suas margens, pescadores vão em busca de peixes que tem um sabor inexplicável que atrai pessoas de todas as idades, e o rio, com sua calma, abraça a todos, sem distinção, e o rio Cabaçal que corre livre e sem pressa, vai desaguar no pantanal mato-grossense [...]. (Martins, 2004, p.1)[57]

As análises sobre o poema apontam que, ao mesmo tempo em que revelam modificações significativas em termos culturais, ligadas às práticas da população de Reserva do Cabaçal e à vida social, também resguardam a permanência de um tempo mais lento, por meio do qual muitos grupos sociais encontram múltiplas estratégias de vivência cotidiana.

[57] Martins (2004)

Nas reflexões sobre o rio Cabaçal buscamos os estudos de pesquisadores que desenvolvem pesquisas sobre o assunto e conforme Carvalho et al., (2015), a bacia hidrográfica do rio Cabaçal está localizada na região sudoeste do estado de Mato Grosso. Ocupa 10 dos 22 municípios que compõem a região de planejamento do estado e totaliza uma área de, aproximadamente, 5.450,9018 Km², distribuídos nos três biomas brasileiros presentes no estado de Mato Grosso: Amazônia, Cerrado e Pantanal, e os municípios que abrigam a bacia estão todos localizados no estado de Mato Grosso e são: Reserva do Cabaçal, Salto do Céu, Rio Branco, Lambari D'oeste, São José dos Quatro Marcos, Mirassol D'oeste, Curvelândia, Cáceres, Barra do Bugres e Araputanga.

O rio Cabaçal se destaca em importância por ser um afluente do rio Paraguai, por pertencer aos rios do Pantanal e pelas suas representações nas décadas de 1960 e 1970, tanto na colonização quanto no presente. O rio Cabaçal é indispensável para a sobrevivência dos habitantes de Reserva do Cabaçal, em Mato Grosso, por várias razões. Dentre elas, o fornecimento de água, já que o rio também é uma importante fonte para a região, atraindo visitantes que chegam ao município em busca de lazer. Ele é essencial para o consumo, além de ser a principal fonte de água para as atividades de pecuária de leite e corte.

Em termos de ecossistema, o rio Cabaçal faz parte da Bacia do Alto Paraguai e contribui para a manutenção do Pantanal, um dos ecossistemas mais ricos e diversos do mundo. A população de Reserva do Cabaçal considera o rio o bem mais valioso do município, pois fornece água, peixe, diversão e lazer, e está ativamente envolvida na proteção e recuperação do rio, reconhecendo sua importância para a sustentabilidade ambiental e econômica da região.

A imagem da figura 14, representa a imponência do rio Cabaçal diante dos moradores em sua margem e os que se "banham" nas águas frias e cristalinas que alguns moradores até arriscam em dizer que: "a água fria e límpida cura doenças e livram do cansaço", de quem nela tomar banho. O rio Cabaçal, inspira poetas, atores de peças teatrais, de lendas, é objeto de contemplação e local de lazer.[58]

[58] A Peça de teatro "A Mãe do Ouro" escrita pelo ator Ricardo de Freitas em 1999**, e** teve como inspiração o rio Cabaçal. A lenda "A Mãe do Ouro" escrita no ano de 1999 pelo autor e compositor o Professor da E. E. Professor Demétrio Pereira, Sival Honório de Carvalho, teve como inspiração as águas do rio Cabaçal, também é compositor da música "Minha Flor Matogrossense", de 2015 e que teve como inspiração as águas do Pantanal de Mato Grosso, dentre estas, o rio Cabaçal. Marcos Antônio de Souza, morador do município de Reserva do Cabaçal, é poeta, escritor e compositor, ele já produziu vários poemas e poesias enaltecendo a beleza, e tem também como inspiração o rio Cabaçal. Marcos Antônio de Souza já levou suas poesias para várias regiões do Brasil e participa de eventos que o tema é acerca da poesia e poemas, dentre elas "Desbravadores" que faz referências ao pioneiro.

Figura 14: O rio Cabaçal



Fonte: Acervo da Pesquisa foto (2023)

Figura 15: O rio Cabaçal



Fonte: Arquivo da prefeitura municipal de Reserva do Cabaçal – ano (1999)

Na imagem da figura 15, em destaque, é possível observar a coletividade em um momento de de lazer e convivência que o rio propicia aos moradores e visitantes. A prática de tomar banho de rio nas tardes de calor é muito comum em Reserva do Cabaçal, o rio continua assim, como nas décadas de 1960 e 1970, sendo um lugar de encontro e lazer.

A seguir a figura 16 apresenta o grupo de teatro Palcos e Quintais que tem a alegria de apresentar o rio Cabaçal e suas belezas naturais como suas águas límpidas e a vegetação exuberante.

Figura 16: Atores e atrizes do grupo de teatro Palcos e Quintais



Fonte: Arquivo da prefeitura municipal de Reserva do Cabaçal – ano (1999)

A imagem da figura 16, traz atores e atrizes do grupo de teatro Palcos e Quintais de Reserva do Cabaçal/MT, representando as lendas A Mãe do Ouro, a Lenda Caboclinho D`água e a representação dos indigenas Cabaçais que permeiam na memória.

Na imagem 16, observa-se, atrás de uma árvore, um homem vestindo calça branca e chapéu na cabeça, que, escondido, observa de longe o ambiente que envolve o rio Cabaçal. A atriz, sentada nas pedras à margem do rio, usa um adorno na cabeça e simboliza os pássaros existentes no município, representados pela garça branca do Pantanal de Mato Grosso. Ela está vestida com roupas douradas, uma representação da "Mãe do Ouro", figura do imaginário social, que é uma mulher que mora na Serra Monte Cristo e cuida das águas do rio Cabaçal. Essa figura é evidenciada nas conversas dos moradores antigos da região e é trazida e debatida pelos alunos nas aulas de história. Já a imagem do ator, que usa um cocar de penas na cabeça e está escondido atrás dos galhos de uma árvore, representa os indígenas Cabaçais. Ao fundo, o exuberante rio Cabaçal com suas águas frias e cristalinas é destacado, uma imagem que também é evidenciada no texto “A Mãe do Ouro”, pesquisado e escrito pelo professor Sival Honório de Carvalho, da Escola Estadual Professor Demétrio Pereira.

O conceito de representação de Chartier (1990) no campo da história cultural é que ele interpreta como construções sociais derivadas de experiências históricas passadas, e dentro dessa estrutura indivíduos e grupos projetam suas visões de mundo, que, sendo interdisciplinar, exerce um papel fundamental nos estudos históricos. Ainda assim ele aponta duas principais críticas feitas ao uso historiográfico da noção de crítica epistemológica e crítica metodológica.

Chartier (1990) evidencia que essas críticas estabelecem falsas oposições, como entre o mundo e as representações (que também são realidades), ou entre a análise das situações práticas concretas e o estudo dos textos (que representam, designam e distorcem as práticas). Ele argumenta que é necessário reconhecer as representações como parte integrante da realidade histórica e que elas desempenham um papel crucial na forma como compreendemos o passado.[59]

O rio Cabaçal, é uma fronteira natural entre os municípios de Araputanga (antiga Gleba Paixão) e Reserva do Cabaçal, foi considerado como um atrativo no processo de colonização, e na atualidade como principal incentivo que instiga visitantes. Inicialmente na (re)ocupação foi usado como elemento para interpelar o discurso da terra de fartura, fundamentado na madeira de lei existente as suas margens e em seus arredores. A terra fertil passa a ser reconhecida pela abundância de água em seu leito, de peixes e de madeira que só existia em terra boa, propícia para a produção cafeeira que era o motor que movia a economia do país no período.

Atraídos pela terra, os migrantes que vieram para a Reserva do Cabaçal, ao chegarem, encontraram um ambiente muito diferente daquele que a propaganda feita pelos representantes da CODEMAT havia descrito. Para se chegar em Reserva do Cabaçal os migrantes seguiam dois caminhos entre a mata virgem passando por corredeiras[60], enfrentando ou fugindo de animais considerados selvagens (onças, cobras, mosquito borrachudo e uma abelha denominada pelos migrantes de lambe olho[61]), mas traziam consigo o sonho de possuir a terra fertil.

Os migrantes seguiam duas trilhas "abertas" por eles na mata: uma passava pela Gleba Paixão[62], pela fazendo do Sr. Pedro Horácio, córrego do Bugre, Cachoeirinha, antiga fazenda do Dr. Machadinho e do Sr. Anibal Miranda (hoje SUDAM), fazenda Itaguaí[63], e fazenda Estrela Dalva. Há moradores que arriscam em dizer que os trajetos faziam com oito dias caminhando entre a mata. Na atualidade faz-se esse trajeto a pé com oito horas de viagem em via com pavimentação. A outra via de acesso ao lugar, o trajeto era feito da colônia Rio Branco-

[59] O conceito de representação de Roger Chartier (1990), contribui para o entendimento das representações sobre o rio Cabaçal. Elas se transformaram ao longo do tempo e diferentes grupos sociais contribuíram para suas mudanças e permanências. Interpretar as representações do rio Cabaçal envolve considerar a história, a memória, os contextos sociais e as mudanças ao longo do tempo, levando em conta, que é uma "jornada" fascinante para perceber a identidade de uma cidade e sua população. E como interpretar as representações do rio cabaçal no passado e no presente? Explorar os costumes, o cotidiano urbano no passado, pelos testemunhos das narrativas envolvem os sujeitos e refletem as relações estabelecidas com o passado nas décadas de 1960 e 1970 da colonização com o presente, buscar conhecimento pré-construído que incide sobre os saberes, considerar a historicidade e a memória, por meio abordagem alternativa como suportes artísticos e comunicativos, permitindo que os estudantes expressem suas próprias visões sobre o passado e façam a interpretação das representações do rio Cabaçal. Tal operação envolve explorar diferentes perspectivas históricas, sociais e culturais.

[60] Denominação dada pelos migrantes as cachoeiras de pequeno porte.

[61] Lambe olho, pois a abelha não picava, somente entravam nos olhos e provocava ardência.

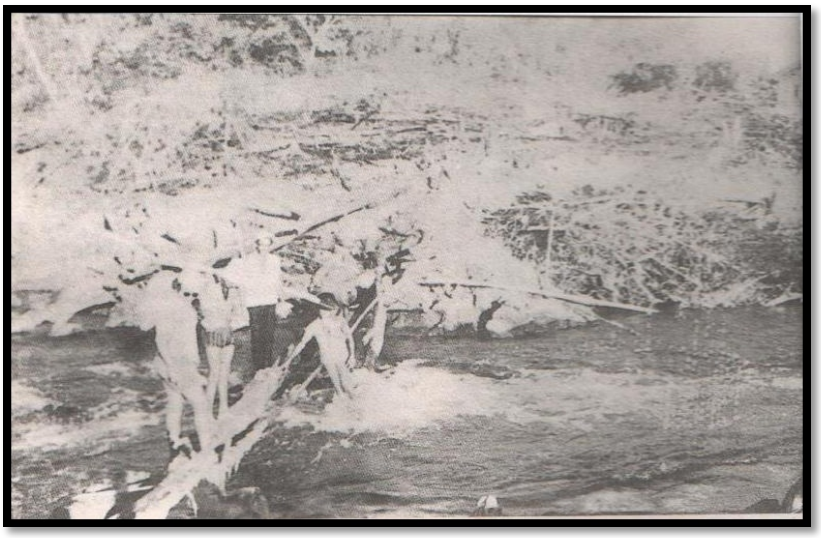
[62] Primeiro nome que foi atribuído a Araputanga

[63] Os moradores de Reserva do Cabaçal a ela se refere como fazenda Taguaíra na atualidade.

MT´passando pela comunidade rural do Rocador, Terceira Sessão, Jibóia, Córrego do Sereno e Córrego Sete de Setembro. Os migrantes faziam esse trajeto a pé e carregavam seus pertences nas costas.

Ao chegar em Reserva do Cabaçal, o migrante se deparava com outro desafio que era a travessia do rio Cabaçal. Inicialmente era feita a nado e logo derrubaram uma árvore, e sobre ela atravessavam o rio, posteriomente constuíram a ponte que facilitou a travessia.

Figura 17: Travessia do rio Cabaçal no início da Colonização em 1967



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Reserva do Cabaçal/MT- ano (1967)

A figura 17 apresenta pessoas atravessando o rio Cabaçal usando um tronco de árvore. Conforme a Revista da Fundação Júlio Campos (1995). São atores de um novo tempo que não era tempo mais da exploração da poaia que se deram no século XVIII e XIX, mas o da colonização nas décadas de 1960 e 1970, em que os migrantes fazem relatos de memórias de vivências do cotidiano vivido e como o município foi construído considerando suas experiências individuais e coletiva, com a visão de progresso publicado pelos governos federal e estadual.

A imagem da figura 18 a seguir apresenta o caminhão atravessando o rio Cabaçal sobre a ponte e percebe-se que, para os moradores do lugar foi um grande progresso, almejado pela população local.

Figura 18: a primeira ponte sobre o rio Cabaçal



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Reserva do Cabaçal/MT -ano (1974)

A imagem da figura 18, apresenta a ponte sobre o rio pela qual passa um caminhão coberto por lona. Observamos que para resolver a travessia sobre o rio Cabaçal, não seria mais necessário atravessar em pinguela[64] ou canoas.[65] Em 1969 e 1970 os migrantes construíram uma ponte sobre o rio. A população colaborou com investimentos em dinheiro e mão de obra na construção, (Fundação Júlio Campos, 1995, p.3) considerando que maioria não disponibilizava de recursos financeiros, mas contribuíram, e em forma de mutirão construíram a ponte sobre o rio Cabaçal e viabilizou a travessia.

Pensando nestes múltiplos olhares sobre o ambiente, é importante ressaltar o enfoque que os primeiros moradores deram à floresta, ou seja, às matas ciliares do rio Cabaçal e as dos córregos afluentes, como o córrego do Dracena que margeia a parte urbana, os córregos nas áreas rurais, Santo Antônio, córrego da Ilha, córrego do Jabuti, Córrego Guanabara, córrego Sete de setembro, córrego do Serreno, córrego do Lageado, córrego do Ipê Roxo, corrégo do Piraputanga, córrego São José, dentre outros.

[64] Pinguela era um tronco de árvore que era usado como via para os primeiros moradores fazerem a travessia do rio Cabaçal.

[65] No dicionário online de português canoa significa: Pequena embarcação primitiva, feita de uma só peça de madeira escavada. As canoas são totalmente abertas na parte de cima, achatadas no fundo e arredondadas nas bordas. São movidas a remos ou pás. Podem ser utilizadas para transporte ou pescaria em águas de rios ou lagos. Disponível em: https://www.dicio.com.br/canoa/ acessado em: 14 de junho de 2024

As “madeiras de lei” como são denomindas pelos moradores foram o Mógno (Araputanga), que eram serradas e usadas na construção de moradias. Já os branquilha e mulungu não eram considerados “madeira de Lei”, o mulungu também era usado pelos migrantes pioneiros para construir suas casas, consideradas as casas mais simples.

Figura 19: As moradias construídas pelos migrantes as margens do rio Cabaçal



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Reserva do Cabaçal/MT –ano (1969)

As moradias apresentadas na figura 19, seguiam esses modelos, mas em sua maioria eram de pau a pique e não eram coberta com tabuinha, e sim com folhas de coqueiro bacuri. O trabalho para construção das moradias e das roças era em grande parte, na forma de mutirão.

Estes cenários da figura 20 que apresenta área rural e de rio, geralmente, são caracterizados como lugares que ainda não tinham sido explorados, ou seja, não havia derrubada das matas para fins de colonização, e as origens de sua formação, conduzida principalmente por populações indígenas e poaeiros, permanecem obscuras, a memória coletiva constrói a presença significativa de muitas madeiras de lei, em que migrante registou árvores que constituia o ambiente, que em poucos metros quadrados encontravam várias delas do mesmo porte, em altura e espessura.

Figura 20: Morador dentro da catana de uma figueira, árvore na localização de Reserva do Cabaçal



Fonte: Arquivo particular de Efrem Brignoli - ano (1974)

A figura 20 apresenta a imagem da mata ciliar em destaque, a grande árvore, esta, às margens do rio Cabaçal, onde a mata ainda estava intacta. O senhor de origem italiana, mais acima no tronco, que juntamente com o senhor que está em destaque no meio da grande árvore (camiseta escura e usa chapéu), também italiano, residiram em Reserva do Cabaçal entre 1970 e 1974 aproximadamente, e fizeram registros fotográficos do cotidiano na formação da cidade e construiram um arquivo de fotografias, que foi disponibilizado para que fosse conhecido e apreciado pelos moradores de Reserva do Cabaçal, e para que sejam feitos estudos e interpretações para a produção históriográfica, para o ensino, e assim, possibilitando a ampliação do conhecimento sobre a construção da cidade nas décadas de 1960 e 1970.

Ao estudar o rio Cabaçal na história local percebemos que sua problemática se constrói, portanto, entre aquilo que permanece e o que muda com a implementação de novos espaços na cidade ligados, por exemplo, ao comércio que se deslocou da margem do rio para o entorno da praça Francisco Sales, a ampliação de novas áreas de condomínio, e as relações históricas de contato/dependência com o rio que desenhou os contornos da cidade continuam presentes no imaginário social e nas práticas de lazer, tendo o rio Cabaçal como o lugar mais frequentado pela população e visitantes.

Nesse contexto, buscamos analisar a produção do espaço e o processo de reestruturação de Reserva do Cabaçal no que se refere à dinâmica da dependência dos moradores com o rio.

A formação socioespacial de Reserva do Cabaçal revela contextos em que o rio Cabaçal dinamiza o sentido das relações e das práticas dos moradores o que evidencia a coexistência de diferentes formas de interação desta cidade com o rio, em que os espaços são pensados de forma que tenha o rio como referência. O rio também era utilizado pelas lavadeiras, além de ser fonte de água que abastecia as residências dos moradores para os afazeres domésticos.

A seguir na figura 21 a imagem de uma lavadeira lavando roupas no rio. As imagens revelam as permanências de práticas espaciais em muito definidas pelo contato com o rio, e demonstram a relação entre moradores e o rio Cabaçal.

A figura 21 foi composta por três imagens fotográficas que registram dois espaços temporais. A primeira imagem é da década de 1990 e a segunda e a terceira imagem foram capturadas no ano de 2024.

Figura 21: lavadeira no rio Cabaçal, placa Praia da Beatriz e a praia da Beatriz



Primeira imagem: Fonte: Fundação Júlio Campos (1995) **-Segunda imagem:** acervo da pesquisa (2024)



Terceira imagem: acervo da pesquisa (2024)

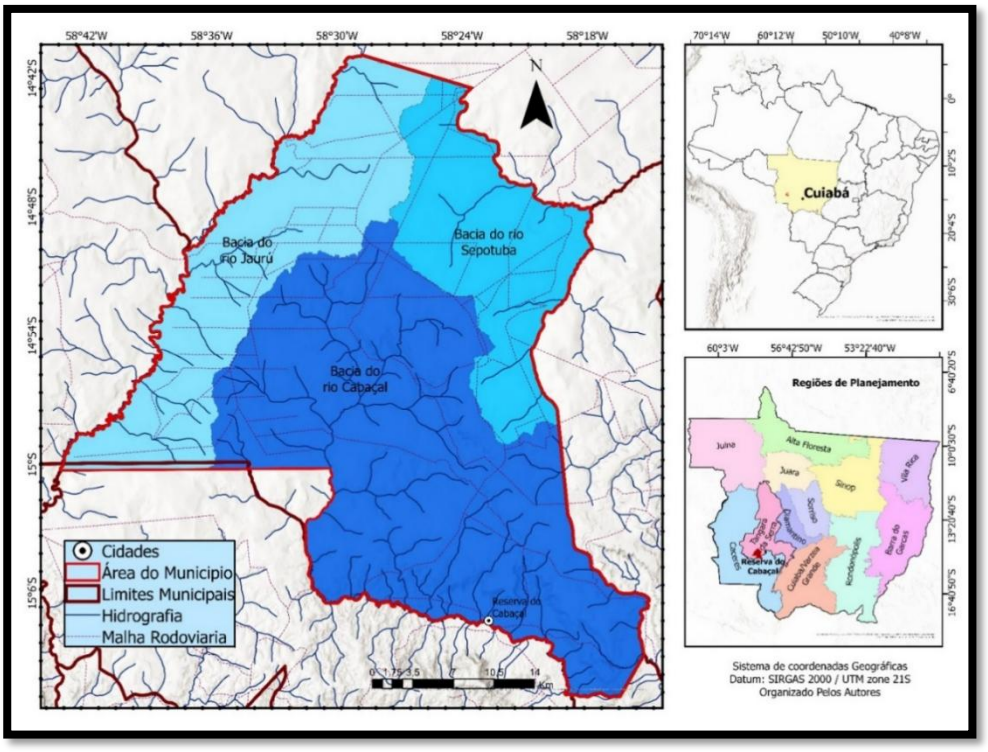
Ao analisar a figura 21, observamos na primeira imagem uma mulher que lava roupas e usa um acessorio na cabeça e ao fundo o exuberante rio Cabaçal; a segunda imagem apresenta uma placa com indicações de que nas imediações existe um local para banhos e lazer, e ao fundo da segunda imagem observa-se ruas com casas, e no chão tem o calçamento que pode ser comum em ruas e passarelas que dão acesso a rios ou praias, e logo após a passarela, árvores frutíferas; e a terceira imagem apresenta uma praia com areia, e o rio ao fundo, e tem tambem árvores nativas e frutíferas.

Nesse espaço diariamente circulam diversos grupos sociais, homens, mulheres, crianças, uma movimentação intensa se faz, alguns estão apenas de passagem para outras cidades ou para visitar um parente que reside na cidade, ou vem para receber os que chegam no rio. Existem outros espaços de socialização no rio, mas há uma preferência por aqueles que buscam suas águas para se refrescar em dias de calor. A margem do rio recebe também aqueles que buscam simplesmente um passeio e contemplação do que há naquele lugar que são a água fria e límpida, areia, a vegetação de mata e as pessoas para conversar. Existem ainda no local as mangueiras que entre os meses de outubro, novembro e dezembro, os moradores vão em busca de seus frutos maduros para consumí-los lá mesmo às margens do rio. Na praia da Beatriz existem os espaços com churrasqueira que atraem grupos de pessoas da cidade e de outros municípios nos finais de semana e feriados.

Em um outro espaço não menos importante que a praia da Beatriz, denominado de praia Paraíso é onde ocorre o encontro dos idosos que acontece uma vez na semana com danças e exercícios físicos; à margem do rio Cabaçal na praia Paraiso acontecem os eventos públicos e jogos, pois o local é constituído de salões para festas da cidade como aniversário, casamento, dentre outros, o local também dispõe de quadra de areia para prática de esportes.

A colonização deixou marcas profundas que tem como consequência o assoreamento do córrego Dracena e dos demais córregos e consequentemente o rio Cabaçal, e não trouxe nenhum tipo de planejamento para evitar as consequências ambientais no presente. O pesquisador José Aparecido Macedo (2006), desenvolveu estudo, intitulado “preservação ambiental e conservação para o envolvimento em eco-turismo” sobre educação ambiental e foi de grande importância para esta dissertação. A produção também traz abordagem historiográfica sobre a colonização de Reserva do Cabaçal e foca na preservação da nascente para evitar o desaparecimento do rio Cabaçal do mapa das águas da bacia do Pantanal de Mato Grosso. No mapa das sub-bacias abaixo é possível ver o rio Cabaçal que margeia a cidade e desagua no rio Paraguai.

Figura 22. Sub-bacias-setor-sul



Fonte: Acervo particular (2024)

A imagem da figura 22 disponibilizada pelo pesquisador Evandro André Felix, que desenvolve pesquisa no doutorado em andamento, em estudos hidrogeomorfológicos em micro bacias no âmbito da bacia hidrográfica do rio Cabaçal, aborda aspectos sobre a bacia do rio Cabaçal.

Macedo (2006), que realizou estudos sobre a importância da vegetação para que o rio Cabaçal não desapareça do mapa hídrico dos rios brasileiros e principalmente os que abastecem o Pantanal de Mato Grosso, afirma que

> A vegetação no município de Reserva do Cabaçal e região é constituída de vários ecossistemas com características diversificadas, formando dois biomas bem definidos: floresta amazônica e cerrado. Também existem várias pequenas veredas principalmente nos afloramentos de lençol freático formadores de reservatório de água. A vegetação das veredas é semelhante a vegetação do pantanal matogrosense. A mata "amazônica" está desaparecendo nesta região, contamos com apenas alguns fragmentos de floresta que vem servindo de banco genético, para produção de mudas de espécies nativas da região, que vem sendo usadas nos reflorestamentos de recuperação de matas e galerias nas margens dos rios, córregos, nascentes, encostas de morros e erosões (Macedo, 2006, p. 52).

Conforme o autor, devido a ação predatória desde a colonização do município nas décadas

de 1960 e 1970, os fragmentos de matas ciliares estão diminuindo e se não houver atividades de recuperação de imediato pelos fazendeiros, sitiantes e poder público, o rio Cabaçal e seus afluentes estão condenados ao desaparecimento e consequentemente o pantanal em um futuro não muito distante.

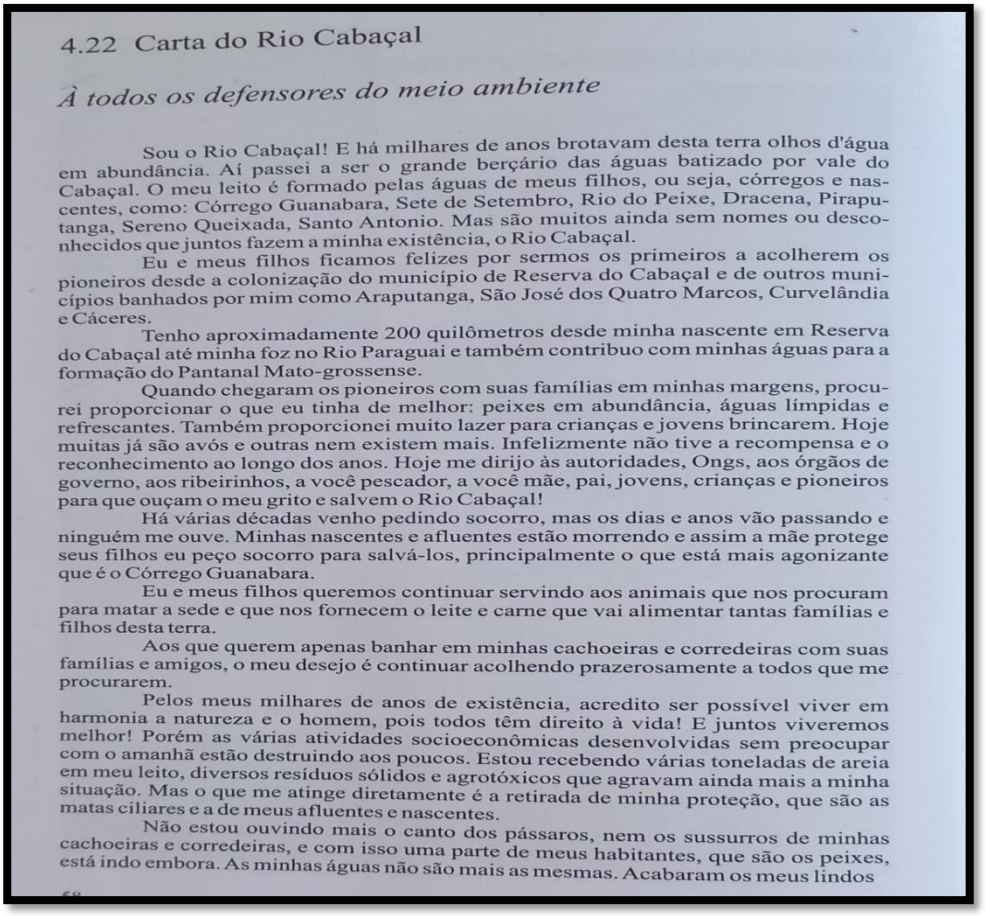
O pesquisador buscou envolver escola, cidadãos comuns e poder público em seu trabalho desenvolvendo atividades práticas, para sensibilizar as pessoas a ter conhecimento sobre a questão que está na Lei orgânica do Municipio de Reserva do Cabaçal,[66] referente ao meio ambiente no município. O Artigo 246, em que torna evidente que:

> [...] todos tem direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impodo-se ao poder público e à coletividade, o dever de defendê-lo e preservá-lo para a presente e futura geração (Lei Orgânica do Município de Reserva do Cabaçal, 1990, p. 28).

A Lei Orgânica do município (1990), no Artigo 246 e em seus incisos, assegura a defesa e as obrigações do cuidado com o meio ambiente no município de Reserva do Cabaçal/MT. Macedo (2006) constatou que era necessário desenvolver atividades com foco na recuperação preservação do aspectos ligados ao rio Cabaçal, e dentre as atividades desenvolvidas foi elaborado um documento (carta), aos cidadãos, que apresento a seguir:

[66] Lei Orgânica do Município de Reserva do Cabaçal (1990), que trata das leis municipais, e que contribuiu com alguns aspectos da pesquisa.

Figura 23: Carta do rio Cabaçal aos cidadãos.



4.22 Carta do Rio Cabaçal

À todos os defensores do meio ambiente

Sou o Rio Cabaçal! E há milhares de anos brotavam desta terra olhos d'água em abundância. Aí passei a ser o grande berçário das águas batizado por vale do Cabaçal. O meu leito é formado pelas águas de meus filhos, ou seja, córregos e nascentes, como: Córrego Guanabara, Sete de Setembro, Rio do Peixe, Dracena, Piraputanga, Sereno Queixada, Santo Antonio. Mas são muitos ainda sem nomes ou desconhecidos que juntos fazem a minha existência, o Rio Cabaçal.

Eu e meus filhos ficamos felizes por sermos os primeiros a acolherem os pioneiros desde a colonização do município de Reserva do Cabaçal e de outros municípios banhados por mim como Araputanga, São José dos Quatro Marcos, Curvelândia e Cáceres.

Tenho aproximadamente 200 quilômetros desde minha nascente em Reserva do Cabaçal até minha foz no Rio Paraguai e também contribuo com minhas águas para a formação do Pantanal Mato-grossense.

Quando chegaram os pioneiros com suas famílias em minhas margens, procurei proporcionar o que eu tinha de melhor: peixes em abundância, águas límpidas e refrescantes. Também proporcionei muito lazer para crianças e jovens brincarem. Hoje muitas já são avós e outras nem existem mais. Infelizmente não tive a recompensa e o reconhecimento ao longo dos anos. Hoje me dirijo às autoridades, Ongs, aos órgãos de governo, aos ribeirinhos, a você pescador, a você mãe, pai, jovens, crianças e pioneiros para que ouçam o meu grito e salvem o Rio Cabaçal!

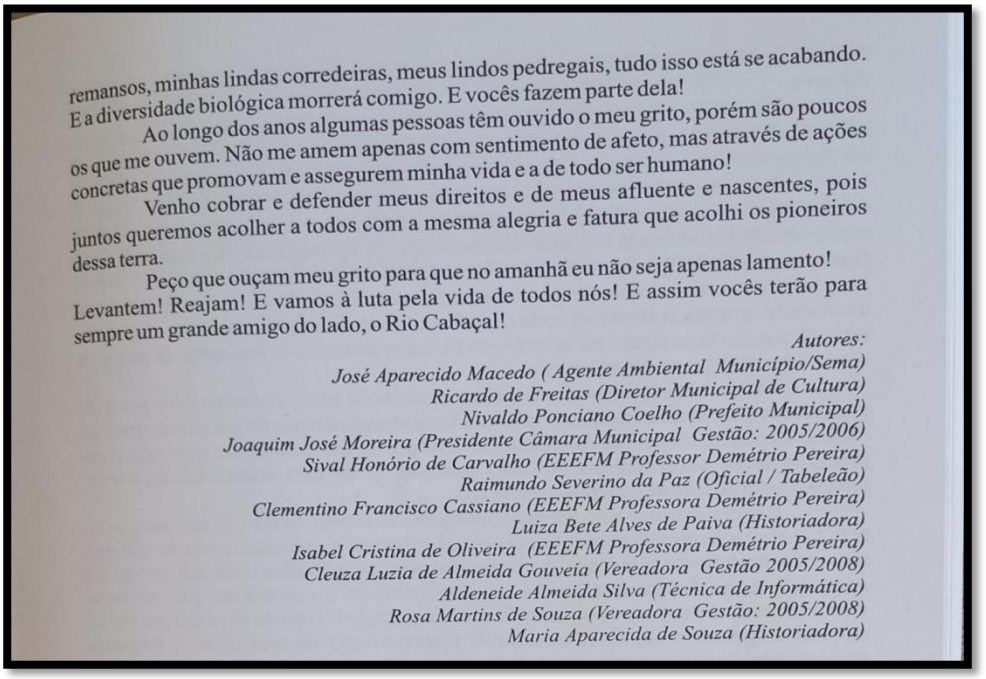
Há várias décadas venho pedindo socorro, mas os dias e anos vão passando e ninguém me ouve. Minhas nascentes e afluentes estão morrendo e assim a mãe protege seus filhos eu peço socorro para salvá-los, principalmente o que está mais agonizante que é o Córrego Guanabara.

Eu e meus filhos queremos continuar servindo aos animais que nos procuram para matar a sede e que nos fornecem o leite e carne que vai alimentar tantas famílias e filhos desta terra.

Aos que querem apenas banhar em minhas cachoeiras e corredeiras com suas famílias e amigos, o meu desejo é continuar acolhendo prazerosamente a todos que me procurarem.

Pelos meus milhares de anos de existência, acredito ser possível viver em harmonia a natureza e o homem, pois todos têm direito à vida! E juntos viveremos melhor! Porém as várias atividades socioeconômicas desenvolvidas sem preocupar com o amanhã estão destruindo aos poucos. Estou recebendo várias toneladas de areia em meu leito, diversos resíduos sólidos e agrotóxicos que agravam ainda mais a minha situação. Mas o que me atinge diretamente é a retirada de minha proteção, que são as matas ciliares e a de meus afluentes e nascentes.

Não estou ouvindo mais o canto dos pássaros, nem os sussurros de minhas cachoeiras e corredeiras, e com isso uma parte de meus habitantes, que são os peixes, está indo embora. As minhas águas não são mais as mesmas. Acabaram os meus lindos



remansos, minhas lindas corredeiras, meus lindos pedregais, tudo isso está se acabando. E a diversidade biológica morrerá comigo. E vocês fazem parte dela!

Ao longo dos anos algumas pessoas têm ouvido o meu grito, porém são poucos os que me ouvem. Não me amem apenas com sentimento de afeto, mas através de ações concretas que promovam e assegurem minha vida e a de todo ser humano!

Venho cobrar e defender meus direitos e de meus afluente e nascentes, pois juntos queremos acolher a todos com a mesma alegria e fatura que acolhi os pioneiros dessa terra.

Peço que ouçam meu grito para que no amanhã eu não seja apenas lamento! Levantem! Reajam! E vamos à luta pela vida de todos nós! E assim vocês terão para sempre um grande amigo do lado, o Rio Cabaçal!

Autores:

José Aparecido Macedo (Agente Ambiental Município/Sema)
Ricardo de Freitas (Diretor Municipal de Cultura)
Nivaldo Ponciano Coelho (Prefeito Municipal)
Joaquim José Moreira (Presidente Câmara Municipal Gestão: 2005/2006)
Sival Honório de Carvalho (EEEFM Professor Demétrio Pereira)
Raimundo Severino da Paz (Oficial / Tabeleão)
Clementino Francisco Cassiano (EEEFM Professora Demétrio Pereira)
Luiza Bete Alves de Paiva (Historiadora)
Isabel Cristina de Oliveira (EEEFM Professora Demétrio Pereira)
Cleuza Luzia de Almeida Gouveia (Vereadora Gestão 2005/2008)
Aldeneide Almeida Silva (Técnica de Informática)
Rosa Martins de Souza (Vereadora Gestão: 2005/2008)
Maria Aparecida de Souza (Historiadora)

Fonte: imagem capturada de Macedo (2006, p. 58-59)

Ao analisar o texto da figura 23, observa-se que na primeira parte do documento "Carta do rio Cabaçal" está a localização do rio desde sua nascente e de seus afluentes que desaguam em seu leito; em seguida apresenta o trajeto que percorre e os municípios que banham até desaguar no rio Paraguai, o documento segue abordando a importância do rio Cabaçal para os pioneiros por usarem sua água e se alimentarem dos peixes. Apresenta também a importância de viver em hamonia com os moradores e visitantes e ao final destaca a importância do cuidado que as pessoas devem ter para a preservação da natureza e consequentemente com os afluentes e o rio Cabaçal. Por fim os participantes da assinaram o documento "Carta do rio Cabaçal".

Ao estudar este documento é possível perceber que o processo de colonização deixou marcas profundas, não somente nos migrantes, mas também no ambiente. No tempo presente se faz necessário uma reflexão mais aprofundada e acompanhada de práticas que possam amenizar a falta de água que já ocorre em diferentes comunidades rurais em momentos de poucas chuvas no município de Reserva do Cabaçal.

2.8 Migração: representação de pioneiros na história local

Para estudar história local no ensino de história optamos por usar o conceito de migrantes ditos *pioneiros* no contexto local. Existem duas representações do pioneiro. A primeira é a do sujeito que desbravou a mata, abriu trilhas, atravessou rios a nado, enfrentou animais selvagens como cobras, onças e mosquitos, derrubou árvores com machado e foice, e construiu sua moradia e roça. A segunda representação é a de pessoas que, ao chegarem à região, possuíam recursos financeiros para investir no local. Esses pioneiros construíram pontes, casas, compraram gado, criaram pastagens, desenvolveram o comércio local e ingressaram nos serviços públicos, sendo considerados figuras importantes na comunidade e foram iseridos na história oficial do município. Na perspectiva da história local aqui utilizada o conceito de pioneiro diz respeito aqueles trabalhadores que ajudaram a "abrir picada no facão" e a construir o lugar, mas que foram excluídos da história oficial de Reserva do Cabaçal.

Ao estudar o poema do professor João Martins de Oliveira,[67] que atuou como docente na Escola Estadual Professor Demétrio Pereira, escolhemos analisar um trecho específico para refletir sobre o conceito de migrante pioneiro. A análise se concentra nas memórias escritas de pessoas que residem no município e que vivenciaram sua construção nas décadas de 1960 e 1970,

[67] Para mais informações leia o poema de OLIVEIRA. João Martins de "Homenagem de um pioneiro a Reserva do Cabaçal". 1991. Produzido no âmbito da história local de Reserva do Cabaçal/MT.

carregando em suas memórias a atuação daqueles que ajudaram a edificar o local:

> Aí então foi que parei
> E comecei a trabalhar
> Eu e outros companheiros
> Para o progresso deste lugar (Oliveira, 1991, p. 17-18).

O excerto acima foi extraído do poema "Homenagem de um pioneiro a Reserva do Cabaçal", o poema foi escrito pelo Professor João Martins de Oliveira no ano de 1991 e expressa a compreensão dos moradores sobre o conceito de migrante "pioneiro", considerando a compreensão daqueles que residem em Reserva do Cabaçal. O trecho do poema reflete a intenção que buscamos nas histórias desses migrantes. Essas narrativas têm um valor significativo, criando sentidos tanto para quem as conta quanto para quem as lê.

Conforme Riccoeur (2007) narrar é uma característica fundamental da condição humana, deixando marcas e testemunhos, sejam por escrito ou falados, que enunciam sua presença e delimitam um espaço e um tempo específico. "O que se atesta é indivisamente a realidade da coisa passada e a presença do narrador nos locais da ocorrência". (Riccoeur, 2007, p. 172). Essa ideia está bastante alinhada com o pensamento do autor, especialmente em seus estudos sobre a narratividade e o tempo.

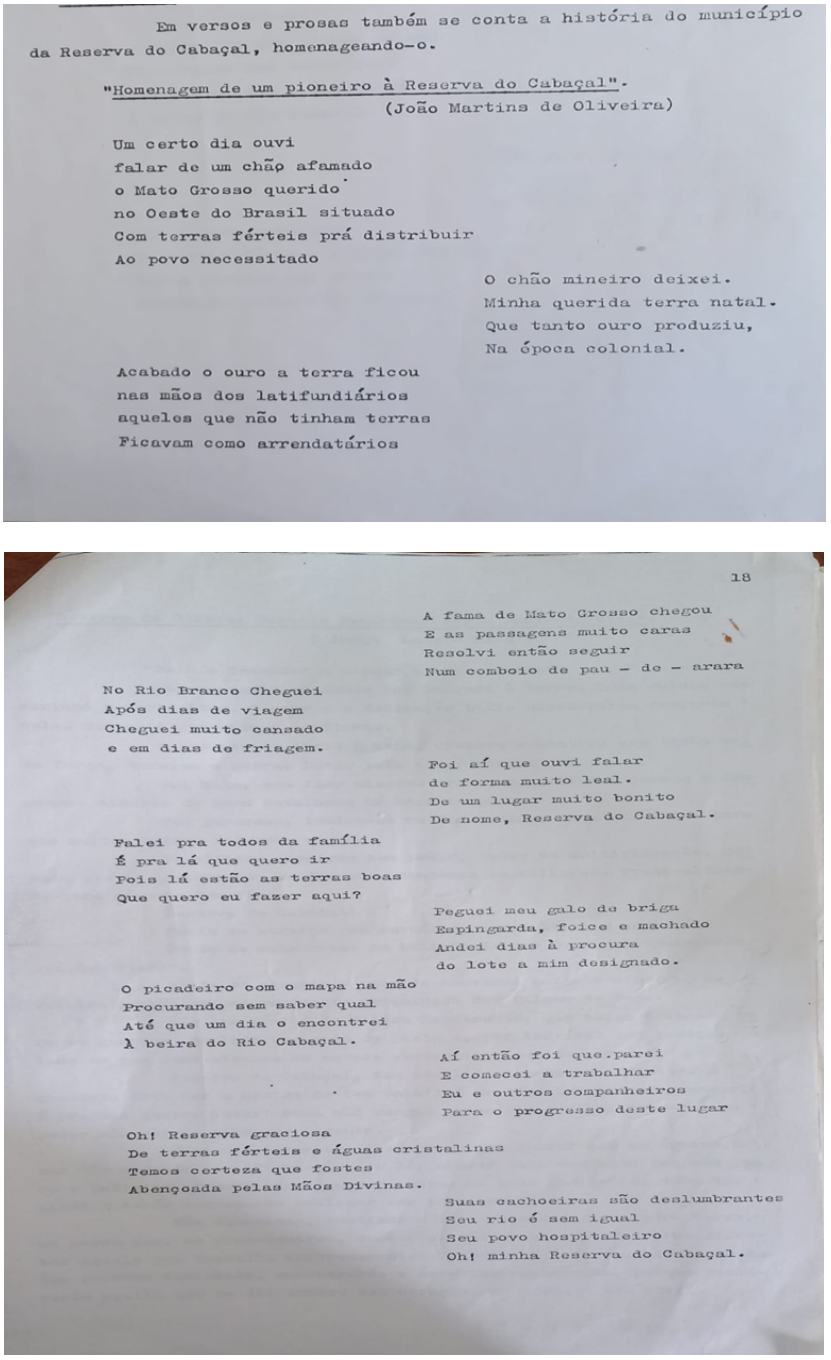
Ricoeur (2007) aborda como a narrativa organiza o tempo e dá sentido à experiência humana, criando uma continuidade e uma identidade por meio das histórias contadas. Para ele, narrar é uma forma de construção do mundo e da própria subjetividade, em que o ato de narrar permite ao ser humano organizar sua experiência e comunicar sua presença no mundo. O papel das narrativas na vida humana contribui para a compreensão, tanto em termos de memória quanto na construção de significado.

Ao refletir sobre o conceito de pioneiro no contexto local, a referência se faz aqueles que não estão inseridos na história oficial de Reserva do Cabaçal Mato Grosso, isso porque os protagonistas dessa história, aqueles que "deram certo e se enriqueceram", são os celebrados na historiografia oficial, que tende a privilegiar a representação dos colonizadores, em detrimento de outros grupos e suas contribuições. A compreensão do migrante *pioneiro* se concentra nos sujeitos homens e mulheres que foram os primeiros a chegar ao lugar nas décadas de 1960 e 1970 e que também merecem fazer parte da história oficial.

A figura 24 contém mais trechos do poema para que os leitores possam ampliar a compreensão sobre os "figurantes silenciados" que preenchem o panorama da história e que, muitas vezes, podem ser mais importantes do que aqueles que a história oficial optou por

apresentar como os responsáveis por fazer a história no contexto local.

Figura 24. Poema“Homenagem de um pioneiro a Reserva do Cabaçal



Em versos e prosas também se conta a história do município da Reserva do Cabaçal, homenageando-o.

"Homenagem de um pioneiro à Reserva do Cabaçal".
(João Martins de Oliveira)

Um certo dia ouvi
falar de um chão afamado
o Mato Grosso querido
no Oeste do Brasil situado
Com terras férteis prá distribuir
Ao povo necessitado

O chão mineiro deixei.
Minha querida terra natal.
Que tanto ouro produziu,
Na época colonial.

Acabado o ouro a terra ficou
nas mãos dos latifundiários
aqueles que não tinham terras
Ficavam como arrendatários

18

A fama de Mato Grosso chegou
E as passagens muito caras
Resolvi então seguir
Num comboio de pau - de - arara

No Rio Branco Cheguei
Após dias de viagem
Cheguei muito cansado
e em dias de friagem.

Foi aí que ouvi falar
de forma muito leal.
De um lugar muito bonito
De nome, Reserva do Cabaçal.

Falei pra todos da família
É pra lá que quero ir
Pois lá estão as terras boas
Que quero eu fazer aqui?

Peguei meu galo de briga
Espingarda, foice e machado
Andei dias à procura
do lote a mim designado.

O picadeiro com o mapa na mão
Procurando sem saber qual
Até que um dia o encontrei
à beira do Rio Cabaçal.

Aí então foi que.parei
E comecei a trabalhar
Eu e outros companheiros
Para o progresso deste lugar

Oh! Reserva graciosa
De terras férteis e águas cristalinas
Temos certeza que fostes
Abençoada pelas Mãos Divinas.

Suas cachoeiras são deslumbrantes
Seu rio é sem igual
Seu povo hospitaleiro
Oh! minha Reserva do Cabaçal.

Fonte: Biblioteca Municipal de Reserva do Cabaçal-Ano (1991)

O poema “Homenagem de um pioneiro a Reserva do Cabaçal” foi escrito no contexto do ensino de história, mais especificamente nos estudos sobre história local, na Escola Estadual Professor Demétrio Pereira. O "pioneiro", especialmente aquele que vivenciou a migração, reproduz suas memórias como um testemunho da trajetória que percorreu ao deixar o estado de Minas Gerais e se estabelecer em Reserva do Cabaçal, considerando-se, também, um dos

primeiros moradores do município.

Percebe-se que as narrativas dos nossos interlocutores correspondem às perspectivas dos nossos estudos sobre história local no ensino de história. Ao refletir sobre o sentido de representação dos "pioneiros" do município, buscamos compreender não outras histórias, mas aquelas que eles próprios contaram, tomando como base suas vivências nas décadas de 1960 e 1970. Sobre a produção de sentido da narrativa escrita no poema, analisamos a partir das reflexões em que:

> Sabemos que todas as narrativas, sejam elas orais ou escritas, pessoais ou coletivas, oficiais e não oficiais, são “narrativas de identidades”, tanto que elas são representações da realidade nas quais os narradores também comunicam como eles vêem a si mesmos e como eles são vistos pelos outros. (Errante, 2000, p. 45).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC/2018) (BRASIL, 2018), em seu texto orientativo para o ensino de história, oferece contribuições significativas para romper com uma visão homogênea da construção de sentidos pelos diferentes sujeitos.

A história de Reserva do Cabaçal, foi marcada por um processo de (re)ocupação onde o movimento de migração e as atividades de “desbravamento” foram fundamentais para o seu desenvolvimento. No entanto, o que muitas vezes não é contado nas versões oficiais dessa história são as contribuições de certos grupos e indivíduos que, apesar de desempenharem um papel crucial na construção do município, acabaram sendo silenciados e excluídos pela narrativa dominante. Esses "pioneiros excluídos" são aqueles que, por diferentes razões, não se encaixam na versão tradicional da história.

A historiografia oficial de Reserva do Cabaçal costuma ressaltar os nomes daqueles que "deram certo", figuras associadas ao sucesso econômico, à aquisição de terras e ao fortalecimento das estruturas políticas e sociais locais. Porém, esse enfoque privilegia a visão dos colonizadores que prosperaram, ao passo que deixa de lado as histórias de outros pioneiros que, embora fundamentais para a formação do município, não se destacaram nos moldes da história oficial.

Ao elencar as competências para o ensino de história, o texto da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) nos convida a refletir sobre a intencionalidade da produção do conhecimento escolar no âmbito das salas de aula, destacando a importância do ensino da história local a partir dos diversos registros, entre eles as memórias como produtoras de identidade dos grupos sociais.

Ao analisar o poema percebemos que o migrante “pioneiro” apresentado nele não era um homem de posses, possuía apenas suas ferramentas de trabalho. Entre os excluídos da história oficial estão representados os trabalhadores rurais, os migrantes que chegaram em condições precárias, que não possuíam os recursos para se estabelecer de forma definitiva ou conquistar

grandes riquezas. São histórias de resistência e luta pela terra, que não se encaixam na narrativa glorificada dos "heróis" colonizadores, mas que, de alguma forma, constituem a base da memória coletiva da região.

O movimento de (re)ocupação de Reserva do Cabaçal também envolveu aqueles que não estavam apenas em busca de riqueza, mas que buscavam, antes de tudo, um espaço para viver. Muitos desses pioneiros, ao estabelecerem suas pequenas propriedades e se dedicarem à agricultura e à criação de gado, contribuíram diretamente para o sustento do lugar, mas foram reconhecidos como protagonistas dessa história.

No poema “Homenagem de um pioneiro a Reserva do Cabaçal” o autor diz que: “Peguei meu galo de briga[68] , espingarda foice e machado andei dias a procura do lote a mim designado”. (Oliveira, 1991, p. 17-18). Com o estudo do poema no contexto escolar ampliou-se a percepção sobre o conhecimento dos alunos acerca da invisibilidade dadas a esses pioneiros na história oficial.

No entanto, foi possível constatar nos alunos o entendimento que tiveram após estudos de que é necessário que a história de Reserva do Cabaçal se amplie, reconhecendo também as contribuições daqueles migrantes pioneiros, que tiveram seus feitos cotidiano na construção do município, e não foram evidenciados.

Na percepção dos alunos da Escola Estadual Professor Demétrio Pereira, a história desses pioneiros não deve ser apagada, pois seus rastros permanecem na memória local, e deve-se buscar uma história mais inclusiva e plural, que reflita a diversidade de experiências que contribuíram para a formação do município. Foi necessário também buscar outras fontes escritas sobre a história oficial do município no site “Portal Mato Grosso”, para assim, estabelecer um diálogo conduzindo os estudantes à reflexão sobre a história local.

O fragmento abaixo nos mostra como a história oficial do município de Reserva do Cabaçal foi apresentada no site citado, constando somente os nomes dos considerados pioneiros pela história oficial. De acordo com a história oficial do município:

> Entre 09 e 16 de agosto de 1971 acamparam na Reserva os agrimensores e topógrafos Amado Ribeiro, Antonio Jorge, Carisvaldo Bandeira e mais o advogado Ernani L. Lélis, o farmacêutico Pedro A. Cândido e os pioneiros Hermínio Ferreira dos Santos e José Nunes da Cruz – o Zé Crente. Foram distribuídas as tarefas aos vários líderes, como o próprio Zé Crente (representante da Codemat), Sebastião Antunes de Oliveira (Sebastião Patrimônio), Salustriano Costa, Adauto Pinto Ribeiro, Manoel Pacheco de Oliveira e Nemésio Antunes (patrimônio); Ataliba Fidelis, Simão Veridiano Moreno e Jacinto Francisco do Couto (área rural); José Zeferino da Paz e

[68] O escritor ao se referir ao termo “galo de briga”, usa uma metáfora para dizer dos poucos objetos que possuía e carregava dentro de um saco confeccionado de tecido, onde guardava seus pertences.

> Sebastião Ventura da Cruz (pecuária); Joaquim Mário Borsoi e José Zeferino da Paz (indústria); e os professores Jacir Gonçalves, Marilda Tim Machado, Maria Laura da Paz e Nilda Fernandes Rosa encarregaram-se da educação.[69]

Além do texto disponível no site existem outras versões como o livro "Mato Grosso e seus municípios" de autoria de João Carlos Vicente Ferreira; a "Revista Mato Grosso e seus Municípios" da Fundação Júlio Campos; e outros que fazem uma apresentação sobre pioneiro, como uma figura central na construção do lugar e na transformação de espaços a serem explorados. É destacado como um "desbravador" físico, que enfrenta desafios e incertezas, impulsionado por um espírito de inovação e coragem, contribuindo significativamente para o desenvolvimento e a modernização de novas áreas, é aquele que promove mudança social e cultural no lugar.

Analisando o fragmento do texto percebe-se que os "pioneiros" chegaram ao local anteriomente a 1971, ano em que as tarefas foram distribuídas as lideranças do lugar. Consequentemente, é nossa responsabilidade perguntar: quais informações os registros oficiais fornecem sobre os pioneiros? Todos os trabalhadores que deram suor e sangue para tornar possível o município de Reserva do Cabaçal estão aí representados? Ou somente os que suas empresas colonizadoras que estavam a serviço do capital foram representados na história oficial? Quais narrativas e identidades são construídas sobre os pioneiros nos discursos e na documentação oficial?

Recorreu-se as reflexões de Waibel e Monbeig (1994), para ampliar a comprensão do conceito de "zona pioneira" e "pioneiro", no contexto da colonização no município. Conforme o excerto, em Reserva do Cabaçal, são considerados pioneiros aqueles que chegaram no início da colonização e deram início à construção do local, tendo seus nomes destacados na história oficial. Por outro lado, os que chegaram primeiro e também contribuíram para a construção do lugar, mas não dispunham de condições financeiras, foram excluídos.

Para Waibel (1979), um pioneiro é aquele que não só busca expandir o povoamento de forma espacial, mas também intensificá-lo e estabelecer novos e mais avançados nos padrões de vida. O autor permite a reflexão que no município, apenas o agropecuarista e empresário proativo pode ser considerado pioneiro, estando apto a formar uma zona pioneira, pois demonstra possuir um capital disponível para empreender ao expandir a agricultura e a pecuaria.

---

[69] Este fragmento sobre a história do município foi retirada do site "Portal Mato Grosso". HISTÓRIA DOS MUNICIPIOS DE MATO GROSSO: História do município de Reserva do Cabaçal. Publicado em 26 de março de 2024. Disponível em: https://portalmatogrosso.com.br/historia-do-municipio-de-reserva-do-cabacal/ Acesso em: 03 out. 2024.

Em um período histórico anterior à elaboração do texto presente neste projeto de lei, Waibel havia escrito durante seu estudo sobre as zonas pioneiras do Brasil em 1940:

> [...] de uma zona pioneira, só falamos quando, subitamente por uma causa qualquer, a expansão da agricultura se acelera, quando uma espécie de febre toma a população das imediações mais ou menos próximas e se inicia o afluxo de uma forte corrente humana. (...) as matas são derrubadas, casas e ruas são construídas, povoados e cidades saltam da terra quase da noite para o dia, e um espírito de arrojo e otimismo invade toda a população (Waibel, 1979, p. 282 apud Custódio, 2005, p. 58).

O autor contrasta o pioneiro com o extrativista e o criador de gado, destacando a importância do agricultor na constituição de uma zona pioneira.

Monbeig (1994) define o pioneiro como aquele indivíduo que, ao se estabelecer em uma nova região, não apenas ocupa o espaço, mas também contribui para a transformação e adaptação da área, implementando novas práticas produtivas e moldando as condições sociais e econômicas locais. Para o autor, o pioneiro está diretamente relacionado ao processo de colonização e à construção de uma nova realidade no local que ocupa, com ênfase no desenvolvimento e nas mudanças significativas na região colonizada. (Waibel e Monbeig, 1994, apud Custódio, 2005, p. 58).

O autor destaca que, ao se estabelecer, o pioneiro altera o uso da terra, transformando áreas naturais em espaços produtivos, como campos agrícolas ou pastagens. Isso implica desmatamento e modificação da paisagem para atender às necessidades da agricultura e da pecuária. Além disso, ele introduz novas formas de produção agrícola, técnicas de cultivo e métodos de exploração da terra, frequentemente adaptados ao novo ambiente. Essas inovações influenciam as formas de organização e o desenvolvimento econômico da região.

A presença do pioneiro também pode alterar as estruturas sociais locais, introduzindo novas práticas culturais, modos de vida e relações de trabalho. Isso pode levar à formação de novas comunidades, com normas e valores próprios. Além disso, o pioneiro impulsiona o desenvolvimento de infraestrutura básica, como estradas, moradias e centros de comercialização, facilitando a integração da região com outros centros urbanos e promovendo a expansão do povoamento. Portanto, as mudanças promovidas pelo pioneiro envolvem tanto a transformação física do espaço quanto o estabelecimento de novos modelos sociais, culturais e econômicos na região colonizada.

No recorte de texto extraído do “Portal Mato Grosso” os “pioneiros” descritos como figuras de considerável importância para o avanço local reforçam a noção de progresso e desenvolvimento econômico, aumentando assim a visibilidade dos “pioneiros” que ascenderam

com sucesso em status social e econômico, por isso, merecedores de destaque.

A percepção obtida ao estudar a atuação dos pioneiros em Reserva do Cabaçal foi a de que o pioneiro representado na história oficial é aquele que veio a serviço do governo, a quem foram atribuídas funções expressivas no processo colonizador e que passaram a figurar nos registros oficiais. Por outro lado, os pioneiros que também contribuíram para a construção do município, mas cujos nomes não foram vinculados a nenhuma empresa e que não se enriqueceram, foram excluídos da história oficial.

Figura 25: Início de Reserva do Cabaçal



Fonte: Arquivo da prefeitura Prefeitura Municipal de Reserva do Cabaçal, ano (1969)

A imagem da Figura 25, apresenta pessoas reunidas, e em destaque a placa da CODEMAT, tem também uma casa, e ao fundo a mata. Nas observações de Ferreira (2022), apresenta a o momento em que possivelmente famílias chegam para receber da Companhia de desenvolvimento do Estado de Mato Grosso CODEMAT, o direito a posse da terra em que deveriam desenvolver a agricultura que fazia parte do projeto de colonização, especialmente o café. Todavia, justificou-se conceder um direito especial àqueles que se comprometesse em trabalhar a terra, construir casas comerciais ou indústrias.

A imagem a seguir apresenta a derrubada da mata, que ocorreu sob a responsabilidade dos responsáveis pelo serviço de desmatamento da CODEMAT, que delimitavam a área que deveria ser derrubada e queimada para o plantio.[70] A terra da região era terra roxa, propícia ao desenvolvimento das lavouras, em especial o café.

[70] A Lei Orgânica do município (1990), no Artigo 225 ficam proibidas queimadas de pastagens, derrubadas de matas e capoeiras, sem prévia autorização do Conselho municipal de meio ambiente, sujeito a aplicação de multas e penalidades.

Figura 26: Derrubada das matas para o plantio da lavoura



Fonte: Acervo particular de Efrem Brignoli-ano (1969-1970)

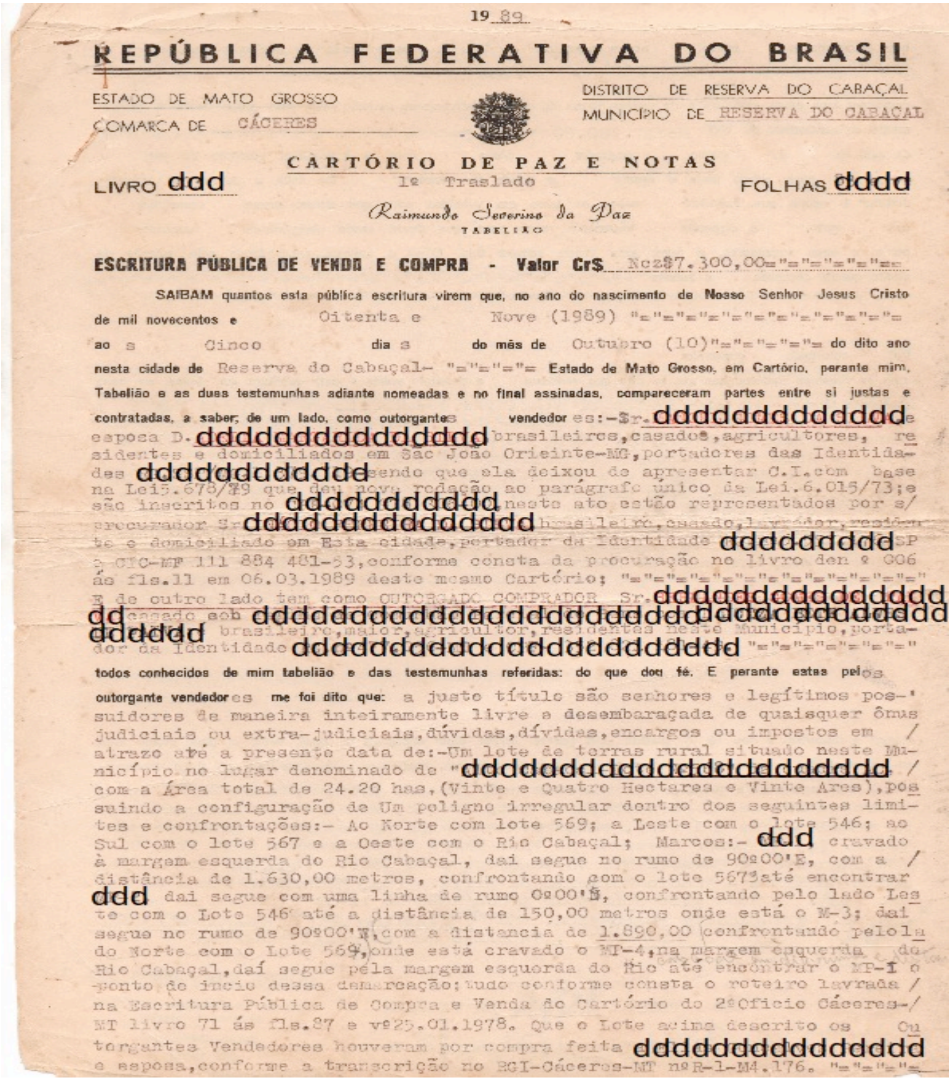
Percebe-se na imagem da figura 26 a grande área desmatada também foi queimada e outra parte teria o mesmo destino, pois a necessidade da produção do café era urgente para integrar o país no circuito internacional da exportação do café.

Conforme analise dos documentos “escritura de terras”, a área concedida ao migrante pela CODEMAT no município tinha em média de 15 e 24 hectares aproximadamente, era considerado pela quantidade de pessoas na família. Das roças o posseiro tirava seu sustento e alguns para complemento da renda trabalhavam como diaristas na fazenda Itaguaí localizada na margem direita do rio Cabaçal.

O documento a seguir consta uma escritura de uma propriedade rural no município de Reserva do Cabaçal/MT, com uma área de 24.20 has (vinte e quatro hectares e vinte ares).[71]

[71] No contexto da história agrária nos estudos dos documentos “escritura de terras” a palavra "ares" se refere a uma unidade de medida de área, usada para descrever a dimensão de terrenos. Um are é igual a 100 metros quadrados, e

Figura 27: Escritura de área rural



19 89

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

ESTADO DE MATO GROSSO — DISTRITO DE RESERVA DO CABAÇAL

COMARCA DE CÁCERES — MUNICÍPIO DE RESERVA DO CABAÇAL

CARTÓRIO DE PAZ E NOTAS

LIVRO ddd — 1º Traslado — FOLHAS dddd

Raimundo Severino da Paz
TABELIÃO

ESCRITURA PÚBLICA DE VENDA E COMPRA - Valor Cr$ Ncz$7.300,00="="="="=

SAIBAM quantos esta pública escritura virem que, no ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil novecentos e Oitenta e Nove (1989) "="="="="="="="="="= ao s Cinco dia s do mês de Outubro (10)"="="="= do dito ano nesta cidade de Reserva do Cabaçal- "="="= Estado de Mato Grosso, em Cartório, perante mim, Tabelião e as duas testemunhas adiante nomeadas e no final assinadas, compareceram partes entre si justas e contratadas, a saber; de um lado, como outorgantes vendedores:-Sr. dddddddddddd e esposa D. ddddddddddddd brasileiros,casados,agricultores, residentes e domiciliados em São João Orieinte-MG,portadores das Identidades dddddddddddd sendo que ela deixou de apresentar C.I.com base na Lei5.678/79 que deu nova redação ao parágrafo único da Lei.6.015/73;e são inscritos no dddddddddd neste ato estão representados por s/ procurador Sr. dddddddddddddd brasileiro,casado,lavrador,residente e domiciliado em Esta cidade,portador da Identidade dddddddddd SP e CIC-MF 111 884 481-53,conforme consta da procuração no livro den º 006 ás fls.11 em 06.03.1989 deste mesmo Cartório; "="="="="="="="="="="=" E de outro lado tem como OUTORGADO COMPRADOR Sr. dddddddddddddd dd casado sob ddddddddddddddddddddddddddddddddd dddddd brasileiro,maior,agricultor,residentes neste Município,portador da Identidade dddddddddddddddddddddd "="="="="="=" todos conhecidos de mim tabelião e das testemunhas referidas: do que dou fé. E perante estas pelos outorgante vendedores me foi dito que: a justo título são senhores e legítimos possuidores de maneira inteiramente livre e desembaraçada de quaisquer ônus judiciais ou extra-judiciais,dúvidas,dívidas,encargos ou impostos em / atrazo até a presente data de:-Um lote de terras rural situado neste Município no lugar denominado de "dddddddddddddddddddddd / com a Área total de 24.20 has,(Vinte e Quatro Hectares e Vinte Ares),possuindo a configuração de Um poligno irregular dentro dos seguintes limites e confrontações:- Ao Norte com lote 569; a Leste com o lote 546; ao Sul com o lote 567 e a Oeste com o Rio Cabaçal; Marcos:- ddd cravado à margem esquerda do Rio Cabaçal, dai segue no rumo de 90º00'E, com a / distância de 1.630,00 metros, confrontando com o lote 567 até encontrar ddd dai segue com uma linha de rumo 0º00'N, confrontando pelo lado Leste com o Lote 546 até a distância de 150,00 metros onde está o M-3; dai segue no rumo de 90º00'W,com a distancia de 1.890,00 confrontando pelo lado do Norte com o Lote 569,onde está cravado o MP-4,na margem esquerda do Rio Cabaçal,daí segue pela margem esquerda do Rio até encontrar o MP-1 o ponto do inciu dessa demarcação;tudo conforme consta o roteiro lavrada / na Escritura Pública de Compra e Venda do Cartório do 2ºOficio Cáceres-/ MT livro 71 ás fls.87 e vº25.01.1978. Que o Lote acima descrito os Outorgantes Vendedores houveram por compra feita dddddddddddddd e esposa,conforme a transcrição no RGI-Cáceres-MT nºR-1-M4.176. "="="=

Fonte: Acervo particular-ano (1989)

A imagem da Figura 27 apresenta informações sobre o documento de escritura pública de venda e compra de uma propriedade rural registrada pelo cartório de "Paz e Notas" no município de Reserva do Cabaçal/MT, da Comarca de Cáceres/MT.

Ao analisar a "escritura", observou-se que o proprietário da terra procurou o cartório para registrar a transferência no ano de 1989. Esse fato leva à reflexão de que o posseiro recebeu o "título provisório" durante a organização e distribuição das terras no contexto da colonização nas décadas de 1960 e 1970. Posteriormente, ele recebeu o "título definitivo" de posse da terra, e, com esse documento, procurou o cartório de 2º Ofício da Comarca de Cáceres/MT e registrou a

"vinte e quatro hectares e vinte ares" significa que a propriedade tem 24 hectares e 20 metros quadrados. Como 1 hectare equivale a 10.000 metros quadrados, a área total da propriedade seria de 24 hectares (24.000 metros quadrados) mais 20 metros quadrados. Isso significa, "ares" nesse caso é uma unidade menor de medida de área, frequentemente utilizada em áreas rurais para detalhar a extensão de terrenos.

escritura no dia vinte e cinco de janeiro de um mil novecentos e setenta e oito, e no ano de 1989 transferiu a o imóvel rural a outro proprietário, por meio de uma venda.

Na escritura, consta a quantidade de 24.20 hectares e has (ares), a localidade da propriedade, na margem esquerda do rio Cabaçal, os pontos específicos indicando sul, norte, leste e oeste, a numeração dos marcos divisórios, tanto à direita quanto à esquerda da propriedade, e a linha de mapeamento registrada no documento.

Este documento consta um vendedor oriundo do Estado de Minas Gerais, bem como, um comprador também oriundo do Estado de Minas Gerais, que adquiriu a propriedade em 1989 por uma valor em dinheiro que consta sete mil e trezentos Cruzados Novos (NCz$), moeda que estava em circulação no Brasil.

Este documento é uma fonte essencial para estudar a história agrária no ensino de História, na perspectiva da história local, regional e nacional. Ao trabalhar com os alunos esse documento amplia a compreensão e o desenvolvimento da habilidade "(EF08HI18) A Lei de Terras e seus desdobramentos na política do Segundo Reinado; os territórios e fronteiras, como na Guerra do Paraguai; e a questão da terra em Mato Grosso". (Documento de Referência Curricular para Mato Grosso, 2018, p. 251). Ao entrelaçar a reflexão sobre o documento "escritura de terras" com as habilidades da Documento de Referência Curricular de Mato Grosso- DRC-MT (2018), especificamente a habilidade "(EF08HI18)" que trata de "A Lei de Terras" e "a questão da terra em Mato Grosso", é importante seguir uma abordagem que conecte a análise do documento com os conceitos e temas abordados no currículo.

Ao levar esse documento, analisá-lo e desenvolver reflexões sobre ele no ensino de História, amplia-se a possibilidade de o aluno compreender o que é uma escritura de propriedade rural, conhecer os elementos essenciais dessa escritura e desenvolver habilidades para interpretá-la e analisá-la de forma crítica.

Ao entrelaçar a reflexão sobre o documento com as habilidades da DRC-MT, os alunos são incentivados a refletir sobre o processo histórico que levou à formalização da posse das terras e como isso se relaciona com o contexto local e regional, como a ocupação, organização e distribuição de terras em Mato Grosso. Esse exercício de análise permite que os alunos compreendam melhor as consequências da Lei de Terras e a questão fundiária, temas centrais tanto na história local quanto nacional.

De acordo com Ferreira (2022) é possível pensar que a ausência de infra-estrutura comunitária como falta de estradas, pontes, escolas, assistência médica, odontológica, tecnica e principalmente de crédito rural levou as famílias a aceitaram as terras a títulos provisórios, bem

como os direitos e deveres estabelecidos entre si e o governo estadual.

Na área destinada a formação do núcleo urbano, os migrantes na medida que chegavam iam construindo suas residências, e as ruas ficavam “tortuosas”, ou seja, sem planejamento, devido ao fluxo migratório, e o lugar cresceu de forma rápida. A CODEMAT elaborou um projeto urbano, sobre o qual falaremos no segundo capítulo.

Buscou-se, nas reflexões de Michel de Certeau (1998), inspiração para compreender como os migrantes lidavam com as dificuldades do cotidiano no contexto da colonização de Reserva do Cabaçal/MT. O autor discute as táticas dos sujeitos comuns e enfatiza que, mesmo em situações aparentemente fixas ou desafiadoras, os sujeitos têm a capacidade de agir de maneira criativa e adaptável. Suas práticas cotidianas revelam singularidade e pluralidade social, transcendendo limites preestabelecidos.

Portanto, entendemos que, nesse ambiente, a confiança no outro e a flexibilidade são essenciais para lidar com as complexidades da vida cotidiana "são sempre perceptíveis um elã otimista, uma generosidade da inteligência e uma confiança depositada no outro, de sorte que nenhuma situação lhe parece a priori fixa ou desafiadora" (Certeau, 1998, p. 18).

No ensino de história, especialmente na história local, é importante cultivar um ambiente onde os alunos se sintam encorajados a explorar e questionar. O otimismo e a generosidade intelectual mencionados pelo autor podem ser traduzidos em práticas pedagógicas que valorizem a curiosidade e a criatividade dos jovens estudantes, incentivando-os a investigar suas próprias comunidades e a história local com um olhar crítico e inovador.

Ele evidencia que a confiança no outro é essencial para a construção de um aprendizado colaborativo. No ensino de história local, isso pode significar envolver a comunidade, ouvir histórias e perspectivas diversas e valorizar as contribuições de todos os participantes.

Essa abordagem colaborativa pode ajudar os alunos a entender a história como um processo dinâmico e complexo, no qual múltiplas vozes e narrativas são reconhecidas e respeitadas. Essa ideia pode ser utilizada para ensinar os alunos a perceber a história como algo em constante mudança e reinterpretação.

No contexto da história local, isso pode significar incentivar os alunos a questionar narrativas estabelecidas e explorar como eventos e processos históricos são percebidos de diferentes maneiras ao longo do tempo e por diferentes grupos sociais. Ao integrar essas ideias no ensino de história, os professores podem ajudar os alunos a desenvolver uma compreensão mais profunda e crítica da história, tanto em um contexto local quanto em um contexto mais amplo.

Apresentamos a seguir a imagem da cidade em desenvolvimento, onde várias casas já tinham sido construídas.

Figura 28: A parte urbana em desenvolvimento



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Reserva do Cabaçal – ano (1970)

A imagem da figura 28, apresenta o espaço urbano, com ruas definidas e moradias construídas, no fundo é possível observar a floresta com árvores de grande porte e tocos de outras já derrubadas que muitas delas eram serradas e usadas para construir as moradias.

Na placa constam mensagens de propaganda e divulgação de dados pertinentes ao processo de colonização da região – mais precisamente, as seguintes palavras: “Companhia de Desenvolvimento do Estado de Mato Grosso". CODEMAT - Setor 03-GOVERNO DE MATO GROSSO // SECRETERIA DE PLANEJAMENTO - Reserva do Cabaçal”.

Conforme Ferreira (2022), nas décadas de 1960 e 1970, migrantes que saíam de seus locais de origem seguiam um trajeto que durava aproximadamente de 8 a 15 dias, utilizando como meio de transporte o "pau-de-arara", um caminhão coberto com lona, onde eram transportados, com seus familiares, seus pertences e os animais que possuíam. Os animais eram trazidos para que pudessem se reproduzir no local onde fixariam residência.

De caminhão, a viagem durava de 8 a 15 dias, dependendo da época do ano. Quando as

chuvas eram quase escassas, entre os meses de maio e setembro, as pessoas traziam seus pertences em busca de propriedades rurais ou para abrir negócios no comércio. Em seus locais de origem, muitos enfrentavam dificuldades para adquirir terras, enquanto outros tinham o desejo de expandir suas propriedades e aumentar seu patrimônio. Ao chegarem ao local onde hoje se encontra a Reserva do Cabaçal, encontraram novas oportunidades, trabalhando com a terra e no comércio em desenvolvimento

Percebe-se que a terra funcionou como uma "força motriz" na condução dos primeiros migrantes para o território onde, hoje, localiza-se a Reserva do Cabaçal (MT), nas décadas de 1960 e 1970.

A migração para Reserva do Cabaçal no contexto da colonização foi incentivada pelo governo tanto federal quanto estadual ao tratar desse tema Ferreira (2022), aborda que, em Mato Grosso, durante o governo de Pedro Pedrossian, houve um impulso significativo na colonização e desenvolvimento da região sudoeste de Mato Grosso. Seu governo que ocorreu entre os anos de 1966 a 1971 e foi marcado por grandes projetos de infraestrutura, como a construção de estradas e a criação de novas cidades ligados ao projeto de colonização dessa área, que para os migrantes tal investimento não ocorreu de fato na prática segundo o autor, e que esse progresso não alcançou todos os lugares da mesma forma.

Não há registros oficiais da população específica na década de 1970. Então recorreu-se ao livro tombo de registros de matrícula da década de 1970 para verificar os dados demógráficos, o livro foi disponibilizado pela secretaria da Escola Estadual Professor Demétrio Pereira para pesquisa e obtenção dos dados.

A abertura do Livro Tombo tem as descrições “contém 200 (duzentas) folha numeradas tipograficamente de 1 (um) a 200 (duzentos) folhas e por mim rubricada destina-se a matrícula de 1ª a 4ª série do 1º grau, da Escola Municipal de !º Grau da Reserva”. O livro foi escrito a caneta e assinado pela primeira diretora da escola Maria Lucila da Silva Barros. Considerando que a fonte analisada no item que os pais preenchiam ao matricular os filhos na escola, maioria respondiam ser de religião católica. O livro Tombo de Registros Paroquiais de nº 1, é onde se encontra os registros de batizados e casamentos, apresenta dados informativos que também contribuiram com a análise dos dados demográficos na década de 1970**.**

Conforme as informações contidas no documento, o ensino iniciaram somente com as sériés iniciais, a escola era municipal e pertencia ao município de Cáceres em Mato Grosso.

Tabela 2. Informações populacionais do município de Reserva do Cabaçal

População	Ano
1970	600 a 800 pessoas aproximadamente
1986	2.000 habitantes a 4.000 aproximadamente
1991	2.122 habitantes
2000	2.122 habitantes
2010	2.578 habitantes
2020	2.743 habitantes
2022	2.122 habitantes

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisa, segundo Dados do IBGE e os registros de livro de matrícula da Escola Estadual Professor Demétrio Pereira e livro Tombo de Registros Paroquiais.

A população de Reserva do Cabaçal, município localizado no estado de Mato Grosso, passou por variações ao longo das décadas, conforme indicam dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), bem como os registos históricos de livro tombo. A análise dessas variações permite observar os diferentes ciclos de crescimento ou estagnação que marcaram a evolução demográfica dessa localidade. Ao analisar os censos demográficos percebeu-se, que a cidade se expandiu pouco, ao longo das décadas tendo em vista a migração que recebeu.[72]

Nas décadas de 1960 e 1970, período em que as primeiras famílias começaram a se estabelecer na região, impulsionadas pela expansão agrícola e pela busca por novas áreas para exploração, não é raro que as primeiras décadas de ocupação de áreas rurais em Mato Grosso, como foi o caso de Reserva do Cabaçal, apresentem um crescimento demográfico que demonstram o movimento deste início, da colonização a uma alternância na composição da migração. Isso ocorreu devido ao processo de (re)ocupação organizado pelo governo estadual, vinculado ao governo federal no Brasil.

Nas décadas de 1980 e 1990, a população teve uma queda em seu crescimento populacional,

[72] **Fonte:** informações disponívem em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/reserva-do-cabacal/pesquisa Acesso em 04 de out. De 2024.

ocasionada pela saída das famílias em busca de novas áreas na região Norte de Mato Grosso e nos estados de Rondônia e Acre. Nessa década, a saída das famílias tornou-se mais expressiva.

Ao pesquisar o livro de "Apuração de Exames Especiais de Alunos" da Escola Estadual Professor Demétrio Pereira, referente aos anos de 1977 a 2000, observou-se que os anos entre 1988 e 1993 foram os que mais apresentou crescimento do número de alunos solicitando transferência de escola, o que explica uma queda do número de população do município.

A década de 2000 a 2010 de acordo com os dados mais recentes do IBGE, a população de Reserva do Cabaçal passou por um pequeno crescimento ou estabilização, reflexo das mudanças nas atividades econômicas locais principalmente na área rural, que contribuiu com a geração de empregos atraíndo pessoas de outros municípios em busca de trabalho nas fazendas e no setor público também.

Conforme o Livro de registros paroquiais “1º Livro” o ano de 1985, teve o número mais expressivo de católicos no município, ocasionando a criação da paróquia “Bom Jesus” de Reserva do Cabaçal.

Nas décadas de 2010 e 2020, o crescimento populacional do município de Reserva do Cabaçal pode ter sido influenciado por fenômenos econômicos, como a migração de trabalhadores rurais que se deslocam de outros municípios em busca de emprego em fazendas do município, além de oportunidades nos setores público e privado, como educação, saúde e comércio, especialmente no que se refere à produção e venda de alimentos ligados à agricultura familiar, bem como ao comércio de roupas e calçados. Além disso, novos investimentos em infraestrutura e o impacto das políticas públicas voltadas para a área rural também podem ter contribuído para esse crescimento.

O ano de 2022 foi marcado por uma queda no número da população, devido o número de pessoas que foram morar em outros países da Europa e EUA.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), por meio do Censo Demográfico realizado a cada década, fornece dados detalhados sobre a população de cada município, incluindo a quantidade de habitantes, a densidade populacional e as características socioeconômicas. Esses censos são fundamentais para a análise do crescimento ou retração populacional.

Os Livros Tombos, com registros de matrículas dos alunos, e os livros de Registros Paroquiais trazem dados históricos que também são fontes importantes para entender o crescimento populacional em períodos anteriores ao (IBGE), como no caso de Reserva do Cabaçal.

Os Livros Tombos documentam a fundação de novas comunidades, enquanto os registros paroquiais, como batismos e casamentos, fornecem uma visão mais detalhada sobre os primeiros comunidades e a evolução demográfica nos primeiros anos de existência do município.

3 – PERCEPÇÕES E APRENDIZAGENS DA HISTÓRIA LOCAL NA ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR DEMÉTRIO PEREIRA

Neste capítulo discute-se o ensino no município de Reserva do Cabaçal e a construção da cultura escolar tanto no referido município quanto no Brasil, no contexto da Ditadura Militar. Em seguida, o foco é a importância da memória no ensino de história, especialmente nos estudos sobre história local.

3.1 A Escola Estadual Professor Demétrio Pereira

A Escola Estadual Professor Demétrio Pereira, onde a pesquisa foi realizada, está localizada na Avenida Mato Grosso, nº 222, bairro Centro, no município de Reserva do Cabaçal. Este município encontra-se na região sudoeste de Mato Grosso, a 398 km da capital, Cuiabá (Ferreira, 2022, p. 674). No último Censo, sua população era de 2.122 pessoas (IBGE, 2022). A escola atende alunos das áreas rural e urbana e funciona em três turnos: matutino e vespertino, que atendem alunos do ensino fundamental e do ensino médio regular, e noturno, que atende à Educação de Jovens e Adultos (EJA).

No ano de 2024, a escola contava com 45 profissionais que atuavam em diversas funções e 232 alunos permanentes (residentes no município) nos três turnos. Considera-se, ainda, a presença de alunos que migram com seus pais em busca de trabalho nas fazendas do município. A permanência desses alunos na escola é indeterminada, durando enquanto houver trabalho nas fazendas, e depois eles se deslocam para outros municípios da região.[73]

A seguir, a figura 29, é de uma imagem pesquisada no Arquivo da Escola Estadual Professor Demétrio Pereira no dia no dia 4 de julho de 2024 para situar o leitor sobre o local da pesquisa.

[73] Fonte: Os dados foram obtidos de documentos escritos disponível na secretaria da Escola Estadual Professor Demétrio Pereira de Reserva do Cabaçal/MT, ano (2024).

Figura 29: Escola Estadual Professor Demétrio Pereira



Fonte: Arquivo da Escola Estadual Professor Demétrio Pereira de Reserva do Cabaçal/MT. Pesquisado em agosto/2024.

A escola representada na figura 29, é o lugar onde atuo como professora e o local onde a pesquisa foi desenvolvida. No final do ano 1968 teve início as atividades ligadas ao ensino dos anos iniciais da educação básica e sua organização em Reserva do Cabaçal. Para começar, as aulas ocorriam em espaços organizados pelos próprios moradores, devido as dificuldades da comunidade escolar por não existir nas décadas de 1960 e início de 1970, estradas e nem carros para irem à Cáceres/MT, que era a sede do município, para buscar junto ao governo municipal subsídios para que a escola fosse construída e as aulas organizadas.

Inicialmente as aulas começaram mediante trabalho voluntariado por moradores que não recebiam salário fixo do governo, um trabalho de voluntariado exercido por moradores que haviam estudado nos estados de onde vieram, pesquisado no primeiro livro de matrícula da primeira escola, denominada "Escola Municipal de 1º Grau de Reserva", presente nos arquivos da Escola Estadual Professor Demétrio Pereira, sendo os estados de Minas Gerais, Espírito Santo Bahia, São Paulo, dentre outros , o espaço que recebia os alunos era localizado na Avenida Cuiabá, atual avenida José Júlio de Lima.[74]

Conforme as famílias iam chegando no lugar com crianças em idade escolar, houve a necessidade de funcionamento de uma escola com salas de aulas mais amplas, e os moradores organizaram as salas de aula que passaram a funcionar em residências cedidas por pais de alunos e na primeira igreja católica construída em 1970, que também servia como espaço para aulas. Em 1974 o estado construiu duas salas de aula e uma secretaria.[75] e a escola foi sendo construída sua

[74] Fundação Júlio Campos (1995).
[75] Estado de Mato Grosso. Secretaria de Estado de Educação. Secretaria Adjunta de Políticas Educacionais. PPP (Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Professor Demétrio Pereira de Reserva do Cabaçal/MT. 2023. Disponível em https://docs.google.com/document/d/17vUzRdVwNV6uSPcVwP-3TkrLNiKCWKoP/edit?pli=1 Acessado em julho de 2024.

parte física pelo estado em parceria com a comunidade local com trabalho em forma de mutirão, e a escola foi sendo organizada.

No ano de 1986 a Escola Estadual de 1º Grau "Padre José de Anchieta" de Reserva do Cabaçal foi denominada de Escola Estadual 1º e 2º Grau "Professor Demétrio Pereira" de acordo com a Lei nº 23/01 de dezembro de 1986, em homenagem a esse cidadão, pois o segundo grau da Escola Estadual Professor Demétrio Pereira, apesar de sua liberação no ano de 1986 não tinha a documentação legalizada para funcionar e ficou vinculado a uma escola Demétrio Costa Pereira de de Cáceres-MT, até que a documentação fosse legalizada, esta é a explicação da escolha do nome da escola, e o nome da Escola Estadual Professor Demétrio Pereira despertou curiosidade nos estudantes que buscaram estudar a origem do nome da escola onde estudam.

A seguir, apresentamos um trecho da biografia do patrono da escola, destacando sua importância para os estudos de história local fazendo a problematizaçãos entrelaçando com os documentos e autores: Schwarz (2006), Carino (1999), BRASIL (2018), MATO GROSSO (2018), dentre outros.

Buscamos compreender a visão de Carino (1999), para refletir sobre como as sociedades se organizam com base nas representações e estudar a biografia do patrono que dá nome à escola pesquisada. A biografia do patrono, "Demétrio Pereira", foi construída por alunos do terceiro ano do Ensino Médio em atividades escolares realizadas no ano de 2010. No entanto, é importante problematizar a visão apresentada sobre o biografado, visão esta positivista "de um modelo [...] que consagrava a capacidade de enaltecer e engrandecer aquele que seria biografado" (Schwarz, 2006, p. 53). MATO GROSSO (2018), apresenta reflexões de que:

> A disciplina de História foi incorporada no currículo escolar brasileiro na primeira metade do século XIX. Ainda nesse século, surge a corrente teórica positivista, influenciando a disciplina na busca incessante de fatos históricos e sua comprovação empírica, exaltando a figura dos vencedores com ênfase nos "heróis e mitos" nacionais. A formação dos professores de história acontecia de maneira condensada e eurocêntrica, oriunda de um pensamento de História universal. [...] Na primeira metade do século XX, uma nova corrente historiográfica emerge na busca de romper com o pensamento positivista predominante ao longo do século XIX. [...] A escola francesa dos Annales,[...] ao questionar a história narrativa, traz à escrita da História novos temas, novos problemas e novas abordagens. No final do século XX e início do XXI, [...] a história social e cultural, sob as lentes de teóricos como Michel Certeau, Roger Chartier, Jacques Le Goff, intensificam-se as críticas em torno do ensino da História, agregando novas temáticas voltadas à dimensão sociocultural. (MATO GROSSO, 2018, p. 246).

Como afirma o autor, no Brasil, ao longo do século XX, ainda sob forte influência do positivismo, o ensino de História estava centrado no princípio educacional da memorização, com

os livros didáticos desempenhando um papel essencial. Esses livros focavam na exaltação dos vencedores e silenciavam os vencidos. Em outras palavras, dentro dessa abordagem, a função do professor de História era fazer com que os estudantes decorassem acontecimentos, datas e nomes de personagens, considerados os sujeitos históricos responsáveis pelas transformações na sociedade.

Essa experiência de estudar e produzir biografias ocorreu nas aulas de História. As atividades ocorreram no segundo semestre do ano de 2010, quando os alunos, ao estudarem o conceito de colonização, discutiram a questão dos territórios e fronteiras. Atualmente, esse é um objeto do conhecimento da Base Nacional Comum Curricular para o Ensino Médio (BNCC).

Durante a discussão, mencionaram também o motivo pelo qual o nome da escola estava ligado a uma determinada figura histórica, e disseram saber pouco sobre ele. A partir disso, refletimos sobre o teor da conversa com os alunos e, com base nessa indagação, elaboramos a proposta de pesquisar as biografias de vários personagens históricos.

Foi proposto que os jovens pesquisassem sobre diversas biografias e que, ao final, construíssem a biografia de um personagem. Essa biografia seria socializada com todos ao final do estudo. Para isso, a atividade foi organizada com a metodologia de dinâmica de grupo, com cinco integrantes por grupo. Um dos grupos escolheu estudar o patrono da escola, investigando as informações já disponíveis sobre ele.

A orientação dada foi de que os alunos desenvolvessem leituras de três a quatro biografias e realizassem pesquisas no acervo bibliográfico disponível na biblioteca física da escola. Algumas sugestões de leituras foram feitas sob minha mediação, mas os alunos também tiveram a liberdade de escolher outras biografias para leitura e análise, adequando suas escritas conforme necessário. Ao concluírem, criaram um blog e publicaram a biografia do patrono da escola.[76]

Depois de quatorze anos aproximadamente voltamos a estudar a biografia do patrono da escola e percebemos que, agora trazendo a tona problematizações acerca da construção na visão postivista, e ampliar o conhecimeto de que a biografia apresenta um campo fértil para investigar a complexidade das existências individuais e suas interseções com o contexto histórico e social, isso, nos permitiu ir além das narrativas simplistas e compreender a multiplicidade de experiências humanas, a partir das problematizaçoes feitas com os alunos no ensino de história.

Conforme Schwarcz (2006), a biografia durante muito tempo foi marcada pela tentativa de transformar os biografados em personagens de *figura de proa*, em que buscava-se conferir

[76] A biografia do patrono foi escrita por alunos do 3º ano do ensino médio que estudaram na Escola Estadual Professor Demétrio Pereira, estudaram em grupo, pesquisaram e criaram um blog e postaram o trabalho no ano de 2010. Disponível em: https://escolademetriopereira.blogspot.com/ Acesso em jul. 2024.

evidências a sujeitos que possuíam destaque considerado menor do que o texto biográfico apresenta, e a tentativa de constatar uma história ao biografado enaltecendo principalmente sua figura e seus feitos ao fazer uso de termos inadequados ou em desuso para dar maior validação a biografia do objeto escolhido. Com entusiasmo de imortalizar o objeto pesquisado acaba-se por conceber o "herói paladino" (SCHWARCZ, 2006, p.52),[77] e cria-se biografias *desenhadas* e representando a *perfeição* da atuação do biografado, sem se quer questionar o seu cotidiano, na tentativa de transmitir uma ideia de "veracidade" ao texto.

Para Schwarcz (2006) o modelo dessa forma de fazer história era aquele que no século XIX consagrava ao profissional a capacidade de enaltecer e engrandecer aquele que seria biografado como reis, príncipes dentre outros, e pessoas que por alguns interesses tinham sua figura enaltecida, e geralmente figuras políticas encomendavam a sua biografia com um roteiro de ações definido.

Na visão positivista o foco se concentrava em criar uma imagem idealizada do sujeito objeto. No tempo presente, os historiadores buscam compreender como se produzem determinados efeitos de verdade. A imagem criada e a realidade são elementos essenciais na elaboração de uma biografia.

Além disso, a imprensa também influencia na construção de identidades e discursos que criam personagens idealizados a partir de uma imagem pensada para atender determinados interesses, o deslocamento analítico é fundamental para evitar idealizações e essencialismos. Os personagens adquirem significados distintos ao longo da história, e a tarefa do historiador envolve problematizar, compreender as mudanças e contextos, e abordar a biografia de maneira crítica e reflexiva com os alunos.

Percebe-se que a pesquisa biográfica reconhece que a fala do sujeito é "atravessada" pela história, pelo social e pelo político. Ela é feita de representações, crenças coletivas e discursos que muitas vezes são alheios, tornando-se uma dimensão constitutiva da individualidade, em que a subjetividade e a objetividade coexistem, contribuindo para a compreensão mais ampla da trajetória de vida de uma pessoa.

Conforme Schwarz (2006), a biografia é uma forma literária que narra os eventos da vida de um indivíduo, que normalmente é narrado na terceira pessoa por um contador de histórias que não é um pesquisador, que permanece separado dos fatos retratados e os eventos seguem a ordem

[77] Fonte de pesquisa o artigo: Vide As barbas do imperador (SCHWARCZ, 1998); O Sol do Brasil (SCHWARZ, 2006). Dentre os estudos (em processo) sobre Lima Barreto sugiro a leitura da introdução que escrevi para Contos completos de Lima Barreto (2010), e a introdução para Penguin/ Companhia de Triste fim de Policarpo Quaresma e Clara dos Anjos (notas).

cronológica das fases da vida do personagem biografado.

Na sequência, apresentamos um recorte do texto da biografia do patrono da Escola Estadual Professor Demétrio Pereira. A biografia pode ser usada como fonte, e como toda fonte, precisa ser explorada, interpretada e analisada.

> [...] Demétrio Costa Pereira da Cáceres/MT, foi morador de Cáceres, era professor, advogado, jornalista, e filho do Brigadeiro Domingos João da Costa Pereira e de Saturnina Costa Pereira, nasceu em Cuiabá em 27 de dezembro de 1872.
> Com um feito moral que lhe era peculiar, desde que aqui chegou se adaptou ao meio que escolheu para passar a última parte de sua vida. Assim desde logo, dotado de luminosa inteligência, grande e invulgar competência pedagógica, e conhecendo os mais sutis segredos de difícil, porém sublime arte de ensinar [...] (Alunos do 3º ano do ensino, médio, 2010, p.1).

O excerto da biografia do patrono nos permite a reflexão que, ela é uma construção da vida de alguém, um olhar que não somente positiva a história do biografado, mas que também quer atestar um lugar na história, e que para isso, precisa validar essa história de vida.

Observa-se que o uso dos adjetivos tem a intenção de elucidar o personagem, e na história não tem como conferir esses adjetivos todos a um sujeito. O estudo desse material trouxe contribuições pensando-o na perspectiva de uma fonte a ser analisada, para que os estudantes tenham a compreensão e desenvolvam a criticidade sobre a diversidade de materias de biografados no ensino de história e relacionem com a história local, em que personagens como por exemplo, pioneiros que são lembrados na históriografia local e outros são silenciados pelo poder e o saber.

3.2 Estrutura da escola

A Escola Estadual 1º e 2º Grau Professor Demétrio Pereira, de acordo com o Decreto Lei nº 23/01 de dezembro de 1986, já existia oficialmente desde 1977. No artigo 1º "fica criada uma Escola Estadual de 1º Grau na Reserva do Cabaçal município de Cáceres neste estado". (DECRETO DE Nº 1.009 DE 25 DE JULHO DE 1977). Em 1986 o nome da escola foi alterado para Escola Estadual 1º e 2º Grau Professor Demétrio Pereira. Com a mudança de primeiro grau para Ensino Fundamental e segundo grau para Ensino Médio a escola foi denominada de Escola Estadual Professor Demétrio Pereira. As mudanças nas denominações dos níveis de educação no Brasil ocorreram com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), aprovada em 1996. Antes disso, usava-se primeiro grau e segundo grau. Com a LDB, Ensino Fundamental

passou a designar os anos de escolaridade que vão do 1º ao 9º ano, e "Ensino Médio refere-se ao ciclo educacional que abrange o 1º ao 3º ano após o Ensino Fundamental. Curioso como mudanças de termos podem reverberar em novas abordagens educacionais.

De acordo a SEDUC, A escola no que se refere a estrutura física no ano de 2024, está estruturada dessa forma, em que o total de área Construída: 2167,19 m2, composta por 7 (sete) salas de aulas, 1 (uma) biblioteca, 1 (um) laboratório de informática, 1 (uma) quadra de esportes coberta, 2 (dois) sanitários para alunos, 1 (uma) cozinha, 1 (uma) sala de coordenação pedagógica, 1 (uma) sala de professores, 1 (um) refeitório, 1 (uma) sala da direção, 1 (um) auditório, 1 (um) arquivo, 1 (uma) área de serviço, 1 (uma) despensa, 2 (dois) sanitários para professor, 1 (um) laboratório de ciências, 1 (uma) secretaria, 1 (uma) sala para recursos multifuncionais, 1 (um) sanitário PCD, 1 (uma) quadra de esportes descoberta, 1 (uma) sala para atividades complementar/projeto, 1 (um) laboratório de aprendizagem, 1 (uma) área de circulação coberta, 1 (um) hall de entrada, 1 (um) museu construído com projeto e recurso via Secretaria de Cultura de Estado de /MT e trabalho voluntário da comunidade escolar.

Apresentamos a seguir imagens de diferentes áreas da escola, permitindo ao leitor conhecer melhor sua estrutura.

Figura 30: Escola Estadual Professor Demétrio Pereira





Fonte: imagens capturadas no dia 17 de outubro de 2024

As imagens da figura 30: Escola Estadual Professor Demétrio Pereira, em que a primeira imagem da esquerda apresenta o portão de entrada da escola, por onde os alunos e visitantes tem acesso à escola.

A segunda imagem apresenta um hall de entrada onde estão pendurados nas paredes do lado direito as fotografias dos formandos dos anos de 2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019 e 2020.

A imagem três localiza-se ao lado esquerdo onde estão as salas de aula do 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio, também está nessa ala o laboratório de ciências, a sala onde estudam os alunos com necessidades educacionais especiais, que são destinadas a proporcionar um ambiente de aprendizado mais adequado às suas necessidades individuais, oferecendo suporte especializado e recursos adaptados.

A quarta imagem se posiciona do lado direito e é onde está localizada a secretaria da escola, a sala do diretor(a), o auditório, onde acontecem as reuniões com os pais, palestras com os alunos, onde os professores estudam. Também é onde se localiza a sala da coordenação pedagógica, a sala dos professores, a biblioteca e a sala onde estudam os alunos que demonstram necessidade de interferência na aprendizagem.

Na quinta imagem se pode observar o refeitório da escola, onde os alunos fazem o lanche, e a cozinha, o ambiente do refeitório é muito apreciado pelos jovens estudantes para se reunirem, desenvolverem uma boa conversa e comer. O pátio com quadra poliesportiva e quadra de areia, e outros espaços com bancos embaixo das árvores, onde os alunos se reúnem para assistir aos jogos de futebol e outros, conversar, rir, e também participar de atividades mediadas pelos professores. A placa de identificação da figura abaixo consta os nomes dos alunos da primeira turma formada no 2º Grau, que iniciou os estudos em 1987 e concluiu em 1989, e teve a colação de grau de doze alunos no curso colegial.

Na visão dos moradores, os estudantes ao concluir o segundo grau poderiam contribuir no desenvolvimento do comércio e da educação, pois poderiam ministrar aulas para as séries iniciais. O aluno ao formar-se no segundo grau, poderia contribuir em vários setores, como

farmácia, mercados, lojas de tecidos, na compra e venda de produtos no comércio local, inclusive ocupar cargos na prefeitura municipal de Reserva do Cabaçal e também no cartório.

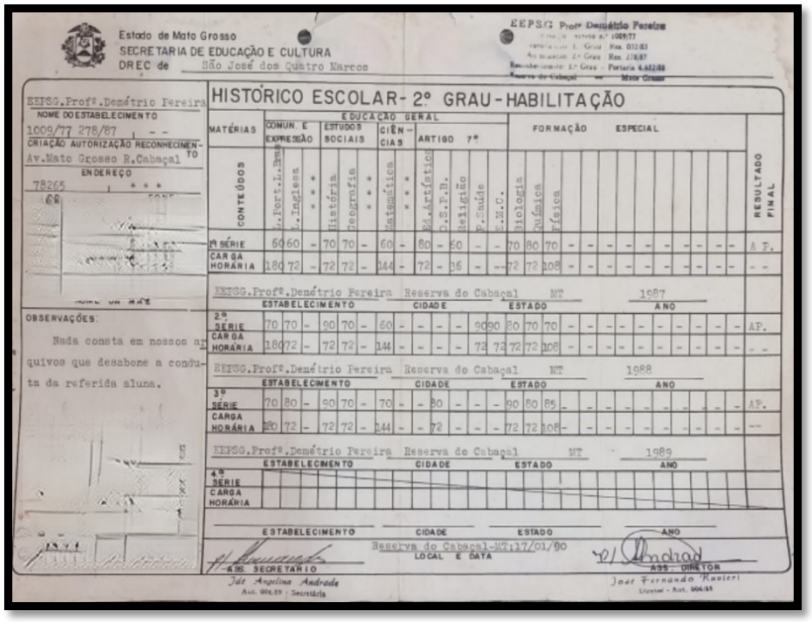
Figura 31: Placa de identificação da 1ª turma formada no curso colegial da Escola Estadual ProfessorDemétrio Pereira



Fonte: Arquivo da biblioteca da Escola Estadual Professor Demétrio Pereira de Reserva do Cabaçal/MT. Ano (1989).

Em estudo sobre a figura 31, observamos que na placa não constava o ano de início e finalização do curso colegial, então, buscamos pesquisar o arquivo de ficha de acompanhamento de aprendizagem dos estudantes para a compreensão e conhecimento sobre a organização do ensino na Escola Estadual Professor Demétrio Pereira a partir de sua criação em 1986 como escola de primeiro e segundo grau, e encontramos um arquivo contendo fichas dos doze alunos do Ensino Médio em que apresenta as disciplinas estudadas a partir da criação da escola.

Figura 32: Ficha de identificação



Estado de Mato Grosso
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
DREC de São José dos Quatro Marcos

EEPSG Profº Demétrio Pereira

EEPSG.Profº.Demétrio Pereira
NOME DO ESTABELECIMENTO
1009/77 278/87
CRIAÇÃO AUTORIZAÇÃO RECONHECIMENTO
Av.Mato Grosso R.Cabaçal TO
ENDEREÇO
78265

HISTÓRICO ESCOLAR- 2º GRAU-HABILITAÇÃO

MATÉRIAS	EDUCAÇÃO GERAL: COMUN. E EXPRESSÃO		ESTUDOS SOCIAIS		CIÊNCIAS	ARTIGO 7º					FORMAÇÃO ESPECIAL										RESULTADO FINAL
CONTEÚDOS	L.Port.L.Bras.	L.Inglesa	História	Geografia	Matemática	Ed.Artística	O.S.P.B.	Religião	P.Saúde	E.M.C.	Biologia	Química	Física								
1ª SÉRIE	60	60	-	70	70	-	60	-	80	-	60	-	-	-	70	80	70	-	-	-	-	-	-	-	-	-	A.P.
CARGA HORÁRIA	180	72	-	72	72	-	144	-	72	-	36	-	-	-	72	72	108	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
ESTABELECIMENTO: EEPSG.Profº.Demétrio Pereira	CIDADE: Reserva do Cabaçal		ESTADO: MT		ANO: 1987																
2ª SÉRIE	70	70	-	80	70	-	60	-	-	-	-	-	90	90	80	70	70	-	-	-	-	-	-	-	-	-	AP.
CARGA HORÁRIA	180	72	-	72	72	-	144	-	-	-	-	-	72	72	72	72	108	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
ESTABELECIMENTO: EEPSG.Profº.Demétrio Pereira	CIDADE: Reserva do Cabaçal		ESTADO: MT		ANO: 1988																
3ª SÉRIE	70	80	-	80	70	-	70	-	-	80	-	-	-	90	80	85	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	AP.
CARGA HORÁRIA	180	72	-	72	72	-	144	-	-	72	-	-	-	72	72	108	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	--
ESTABELECIMENTO: EEPSG.Profº.Demétrio Pereira	CIDADE: Reserva do Cabaçal		ESTADO: MT		ANO: 1989																
4ª SÉRIE																					
CARGA HORÁRIA																					

OBSERVAÇÕES:
Nada consta em nossos arquivos que desabone a conduta da referida aluna.

ESTABELECIMENTO | CIDADE | ESTADO | ANO

Reserva do Cabaçal-MT,17/01/90
LOCAL E DATA

ASS. SECRETÁRIO
Jdt Angelina Andrade

ASS. DIRETOR
José Fernando Munari

Fonte: Arquivo da secretaria da Escola Estadual Professor Demétrio Pereira de Reserva do Cabaçal/MT. Ano (1987-1989)

Ao analisar o documento Ficha de Identificação e Acompanhamento do Estudante da 1ª turma formada no curso colegial da Escola Estadual Professor Demétrio Pereira, observou-se que as áreas de ensino incluíam: Comunicação e Expressão, com os conteúdos de Língua Portuguesa e Língua Inglesa; Estudos Sociais, com os conteúdos de História e Geografia; e Ciências Exatas, com o conteúdo de Matemática. Além dessas, também eram oferecidas as disciplinas de Educação Artística, Organização Social e Política Brasileira, Religião, Programa de Saúde e Educação Moral e Cívica. Na área de Formação Especial, estavam presentes as disciplinas de Biologia, Química e Física, conforme indicado na ficha de identificação da Figura 32.

Notou-se que o currículo apresentado na Ficha de Identificação e Acompanhamento do Estudante continua alinhado aos conteúdos obrigatórios do contexto dos governos militares em que algumas disciplinas focavam na transmissão de informações factuais, muitas vezes em detrimento da reflexão crítica e da análise. As disciplinas de Filosofia, Sociologia e outras áreas do pensamento crítico, que foram progressivamente eliminadas ou minimizadas, ainda não constavam na ficha.

A disciplina focava na transmissão de informações factuais, muitas vezes em detrimento da reflexão crítica e da análise.

O currículo escolar da Escola Estadual Professor Demétrio Pereira seguia o currículo estadual denominado de “grade curricular” “preso, fechado” sem abertura para a prática da

reflexão, que incluía no 2º Grau as disciplinas de biologia, química e física e a escola passou a fazer parte da Diretoria Regional de Educação - DREC de São José dos Quatro Marcos/MT, no ano de 1995. Ela era responsável pela coordenação, supervisão e execução de políticas educacionais em uma região específica do estado, garantindo que as diretrizes educacionais fossem seguidas e que o ensino oferecido nas escolas estivessem de acordo com os padrões estabelecidos. e na atualidade pertence a Diretoria Regional de Educação - DRE localizada em Cáceres/MT.

A organização e estruturação do sistema de ensino em Reserva do Cabaçal teve participação do trabalho das freiras da Igreja Católica. Conforme Ata de nº 11 do 1º Livro Tombo da Paróquia Bom Jesus de Reserva do Cabaçal Mato Grosso, nos anos de 1970, foi destinado um terreno que pertencia à Igreja Católica, onde foi construída a residência das freiras. A casa foi erguida por moradores locais entre 1970 e 1974, e os trabalhadores que exerceram a profissão de pedreiro eram de origem italiana, incentivados por padres da igreja Católica que atuavam em Reserva do Cabaçal nas tarefas religiosas.

De acordo com o 1º livro Tombo da Paróquia Bom Jesus, os padres e missionários religiosos angariaram recursos para a construção e organização da "Escolinha das Freiras", que desenvolveu atividades de caráter educacional e religioso na cidade.

Ao chegarem a Reserva do Cabaçal, as freiras (denominadas pelos moradores locais como irmãs de caridade) iniciaram o ensino básico, com foco nas atividades de alfabetização para as crianças da educação infantil. As Irmãs Mercedárias da Caridade realizaram trabalhos pastorais, educacionais, sociais em várias regiões do país, considerada pelos moradores peças importantes na educação no município.

Figura 33. Escola na residência das freiras



Fonte: arquivo da Paróquia Bom Jesus de Reserva do Cabaçal/MT-(década de 1970)

As imagens da Figura 33 apresentam um contexto em que o acesso à educação era escasso. As freiras vieram com o objetivo de organizar o ensino e escolheram iniciar esse trabalho utilizando salas de aula em sua própria residência, que passou a funcionar como escola. Com o apoio da comunidade e da Igreja Católica, transformaram o local em um ambiente voltado para o ensino escolar.[78]

Observamos que a partir da Lei Lei 5.692/71 o ensino de primeiro grau já era considerado obrigatório dos 7 aos 14 anos de idade, e caberia aos municípios a responsabilidade de fazer o levantamento da população em idade escolar e chamá-los à matrícula nas escolas. Ainda assim, sabe-se que o acesso à educação pública era precário e cabia às instituições religiosas e à comunidade realizar esse trabalho. As freiras, por exemplo, executavam trabalhos junto à educação também com o propósito de fazer o trabalho romanizador da Igreja Católica

Conforme A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394/1996, o artigo 53 define a obrigatoriedade de matrícula das crianças na educação básica, a partir dos seis anos de idade, no Ensino Fundamental. A LDB determina que os pais ou responsáveis são responsáveis pela matrícula e frequência das crianças na escola, garantindo o direito à educação. Caso contrário, os responsáveis podem ser penalizados, conforme a legislação vigente.

Como forma de organizar o ensino, as freiras visitavam as famílias e realizavam um levantamento prévio das crianças para que participassem das aulas. As crianças que residiam na área urbana foram divididas em dois grupos: um frequentava as aulas no período matutino e o outro, no período vespertino.

A metodologia adotada era baseada na repetição, e os alunos eram orientados pelas freiras a transcrever, ler e reler os textos, tanto de forma individual quanto coletiva. Esse modelo de ensino por repetição era mantido até a criança completar sete anos de idade, quando era encaminhada para o ensino formal na escola.As aulas eram ministradas com recursos simples, como caderno, lápis e borracha, em um contexto de recursos financeiros e pedagógicos limitados.

Além dos conteúdos tradicionais, as freiras também ensinavam atividades práticas de bordado e pintura, que eram aplicadas nas experiências cotidianas das famílias. Muitas delas

---

[78] Nota Explicativa: Irmãs Mercedárias – Congregação Mercedárias: As Irmãs Mercedárias pertencem a uma ordem religiosa ligada à Ordem de Nossa Senhora das Mercês, da Igreja Católica também conhecida como Ordem Mercedária, fundada por São Pedro Nolasco em 1218, em Barcelona (Espanha). A Congregação das Irmãs Mercedárias está presente em vários países da América Latina, Europa, África e Ásia. No Brasil, existem diferentes ramos e congregações mercedárias femininas, como as Irmãs Mercedárias da Caridade, as Irmãs Mercedárias Missionárias do Brasil, entre outras. Em cada região do Brasil as freiras atendem as necessidades como de educação, saúde, dentre outras atividades, adaptando-o às necessidades e contextos locais. Disponível em: https://revistamerce.com.br/ acessado em mai. 2025.

aprenderam a produzir peças como toalhas de mesa, colchas de retalhos e panos de prato, entre outros, e a efetuar a venda, batendo de porta em porta, trocando os produtos por dinheiro ou por outros itens que faltavam em suas casas.

Houve também o trabalho desenvolvido pelas freiras, voltado para o acompanhamento das famílias nas áreas religiosa e econômica, no qual elas ensinavam práticas de higiene pessoal, criação de animais e produção de alimentos para o consumo utilizando próprio quintal das residências.

No contexto da organização e no desenvolvimento do sistema de ensino de Reserva do Cabaçal, nas décadas de 1960 e 1970 a população enfrentava grandes desafios como a falta de professores capacitados para o ensino, e a escassez de estrutura escolar e de recursos didáticos.

Nesse cenário, as freiras também contribuíram ministrando aulas na Escola Estadual Professor Demétrio Pereira, nas disciplinas de português, matemática, história, ciências, ensino religioso, educação moral e cívica para os alunos. A presença das freiras nas escolas da cidade marcou o desenvolvimento do ensino básico no município e na formação de muitos alunos.

A seguir a imagem da figura 34, uma representação de uma das ferramentas (desfiles cívicos) de civismo e obediência ao Estado que por longos anos os desfiles aconteciam com frequencia e que era uma ocasião esperada pelos estudantes. Além do desfile, aconteciam jogos de futebol, gincanas com brincadeiras e competições entre os estudantes. Nas festividades, a equipe que acumulasse mais pontos nas atividades recebia premiações, como bolas de futebol, entre outras.

Nessa ocasião, os alunos eram divididos em dois grandes grupos para realizar as tarefas relacionadas às brincadeiras propostas pela escola. Essas festividades, geralmente realizadas na semana da Pátria, e faziam parte das comemorações da Independência do Brasil. As atribuições estavam voltadas para o acontecimento histórico da Independência, e os estudos também focavam o tema, sempre com ênfase na figura de Dom Pedro I.

Percebeu-se que as festividades, como eram celebradas na década de 1970, continuam a ocorrer na atualidade. As comemorações são esperadas com entusiasmo pelos estudantes da Escola Estadual Professor Demétrio Pereira, onde acontecem os jogos da semana da Pátria, além de brincadeiras, desfiles e estudos. Esses estudos privilegiam temas relacionados à aprendizagem necessária ou às demandas gerais da sociedade, conforme as propostas da comunidade escolar ou da Secretaria de Educação do Estado (SEDUC).

A imagem da figura 34, apresenta estudantes da Escola Estadual Professor Demétrio Pereira e alunos da 1º escola de educação infantil fundada por freiras da igreja Católica em

Reserva do Cabaçal, em comemoração à independência do Brasil, o desfile cívico conforme a imagem ocorreu na rua central de Reserva do Cabaçal, na Avenida José Júlio de Lima, onde se localizava o comércio no centro da cidade na década de 1970.

Figura 34: Desfile em comemoração ao 7 de Setembro



Fonte: acervo da Escola Estadual Professor Demétrio Pereira de Reserva do Cabaçal-MT.
Ano (1974)

A primeira imagem da Figura 34 mostra estudantes da Escola Estadual Professor Demétrio Pereira em desfile cívico pela Avenida José Júlio de Lima, localizada na margem esquerda do rio Cabaçal, onde a cidade teve seu início a partir de 1968. A imagem retrata uma cidade ainda em desenvolvimento, onde as ruas não tinham pavimentação asfáltica nem eram arborizadas. Esse local era o mais frequentado pela população, pois ali existiam lojas de compra e venda de cereais, como café, milho, arroz, feijão e rapadura. Havia também lojas de tecidos e roupas, além das máquinas de beneficiar arroz.

Na mesma avenida, havia o campo de futebol, um local muito frequentado pelos moradores, principalmente nos finais de tarde e nos fins de semana. Também havia um mercado de secos e molhados, onde os comerciantes compravam e vendiam produtos variados.

O que mais chamou a minha atenção ao analisar as imagens da Figura 34 foram os estudantes desfilando pela Avenida José Júlio de Lima. Eles seguravam faixas com inscrições em homenagem ao Brasil pelos seus 152 anos de independência. Ao analisar a imagem à esquerda da figura 34 é possível ver as casas comerciais e a população assistindo ao evento cívico da escola. As pessoas ocupam os espaços tanto à direita quanto à esquerda da avenida, nas frentes das casas, nas varandas e entre aqueles que acompanham os estudantes no desfile.

A segunda imagem da Figura 34 apresenta alunos e professores da 1ª escola autorizada pela CODEMAT a partir de 1969. A imagem mostra uma freira da Igreja Católica, vestida com

roupa branca, no lado esquerdo da figura, acompanhando o desfile. A Igreja Católica criou a escola infantil, e as freiras recebiam alunos da cidade para estudar em sua própria residência.

Na parte frontal da imagem, também é possível ver crianças, sendo que uma menina carrega a bandeira, enquanto as demais seguem o ritmo do desfile. Os meninos estão vestidos como soldados e também acompanham o desfile. Ao fundo, é possível observar alunos da Escola Estadual Professor Demétrio Pereira, que também carregam uma bandeira, usam uniforme da escola e participam do desfile.

As freiras, além de lecionarem para as crianças na educação infantil, também davam aulas de ensino religioso na Escola Estadual Professor Demétrio Pereira. Ao fundo da segunda imagem é possível ver a rua com muitos alunos participando do desfile, além da população que assiste ao evento. A imagem também permite identificar moradias feitas de madeira e a rua não asfaltada.

Buscamos as reflexões de Bittencourt (2004), para analisar as imagens da figura 30 que faz alusão ao 7 de Setembro em Reserva do Cabaçal, e percebe-se uma manifestação voltada para as datas comemorativas, com desfiles cívicos em que estudantes se posicionam perfilados de modo que representassem uma sociedade organizada; as vestimentas (uniforme) dos jovens estudantes representam o Estado de Mato Grosso pelas cores azul e branco. Observa-se em destaque em cor vermelha a frase “Brasil, 152 anos, independência”, e nas laterais percebe-se população que assiste admirados o evento. Esta e outras demonstrações de patriotismo também eram realizadas em outros momentos como em cerimônias religiosas, e “cultos a personalidades” de destaque de modo que garantissem a doutrina nacional.

Ao estudar e analisar a imagem da figura 34, buscamos a compreensão da história local no contexto dos governos militares. Ao pensar nas reflexões de Certeau (1998), sobre o lugar, e nos deparamos diante do desafio de apresentar o cenário da pesquisa, destacando os pontos de referência que orientam a ação dentro desse contexto, o autor usa a metáfora da paisagem para descrever como a pesquisa se desenrola em um espaço definido por esses pontos de referência, que no caso dessa pesquisa e (análise da imagem) é a Escola Estadual Professor Demétrio Pereira.

Sobre a paisagem, Certeau (1998), diz o seguinte:

> [...] eu gostaria de apresentar a paisagem de uma pesquisa e, por esta composição de lugar, indicar os pontos de referência entre os quais se desenrola uma ação. O caminhar de uma análise inscreve seus passos, regulares ou ziguezagueantes, em cima de um terreno habitado há muito tempo. Somente algumas dessas presenças me são conhecidas. Muitas sem dúvida mais determinantes, continuam implícitas - postulados ou dados estratificados nesta paisagem que é memória e palimpsesto. Que dizer desta história muda? Ao menos, indicando os sítios onde a questão das práticas cotidianas foi articulada, vou marcar já as dívidas e também as diferenças que possibilitaram um trabalho

nestes lugares (Certeau, 1998, p. 35).

Certeau (1998), discute como a análise de práticas cotidianas se insere em um contexto histórico e cultural já estabelecido. Ele aborda que muitas influências e pressupostos velados moldam essa análise, mesmo que nem todas sejam explicitamente conhecidas. Ao explorar esses "sítios"[79] onde as práticas cotidianas são articuladas, ele destaca tanto as dívidas quanto as diferenças que permitem o desenvolvimento de um trabalho crítico nesses contextos.

3.3 Escola Professor Demétrio Pereira: início

Conforme o Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Professor Demétrio Pereira (2008), em 1968, iniciou-se a organização do ensino no local, e a escola foi denominada Escola Municipal da Reserva. O ensino começou de forma informal, ou seja, sem o reconhecimento do Estado. Em 1977, a escola foi oficialmente criada pelo Decreto nº 1009, de 25 de julho de 1977. Em 1983, a escola foi autorizada pela Resolução nº 032/83, e o reconhecimento oficial ocorreu por meio da Portaria nº 3277/92, publicada no Diário Oficial em 29 de dezembro de 1992. Posteriormente essa portaria foi alterada pela Portaria nº 207/04, de 1º de julho de 2004.

As aulas começaram organizadas por moradores, a partir de trabalhos ainda sem remuneração do poder público. A primeira diretora foi Maria Lucila da Silva Barros, e os professores atuantes no ensino em sala de aula foram Marilda Tim Machado, Maria Laura da Paz, Nilda Fernandes e Jacir Gonçalves.

As aulas funcionava em uma construção de madeira que recebeu a denominação de "casa de pau-a-pique" [80] , "a primeira escolinha era humilde, de madeira e com bancos rústicos, cujo telhado era coberto de tabuinhas". (Fundação Julio Campos 1995, p. 9) localizada na Avenida Cuiabá, atualmente Avenida José Júlio de Lima.

Conforme mostra a tabela 3 a seguir, a construção histórica da Escola Estadual Professor Demétrio Pereira foi marcada pela atuação de diversos gestores, que contribuíram

[79] Para Certeau (1998), "sítios" significam espaços onde as práticas cotidianas ocorrem, são locais de resistência e criatividade, onde as pessoas exercem suas práticas diárias para percorrer e transformar as estruturas de poder estabelecidas. Esses espaços não são apenas físicos, mas também simbólicos, representando as maneiras pelas quais os indivíduos interagem com o ambiente ao seu redor e criam significados próprios a partir de suas experiências cotidianas. Nesse caso, os "sítios" em Certeau são espaços de ação e inovação, onde o cotidiano se torna um campo de vivências para a autonomia e a expressão pessoal e coletiva.

[80] casa de pau-a-pique significa uma estrutura básica de moradia, que consiste em estacas de madeira verticais fixadas no solo, entrelaçadas com varas horizontais de bambu ou taquara. Os espaços entre essas varas são preenchidos com uma mistura de barro, areia e palha, formando as paredes. Texto pesquisado no Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Professor Demétrio Pereira. (ano 2008).

significativamente para a organização do ensino no município.

Tabela 3. Gestão da Escola Estadual Professor Demétrio Pereira

Gestor	Ano de atuação no ensino local
Maria Lucila da Silva Barros	1968 a 1976
Inês Valério Marques	1977
Catarina Marques Pereira	1978 a 1985
José Fernando Ruvieri	1986 a 1992
Marcos Marques Valério	1993 e 1994
João Martins de Oliveira	1995 e 1996
Dalva Avelina da Mata de Oliveira	1997 e 1998
Delcina Toniolo de Carvalho	1999 a 2001
Elson Marques de Oliveira	2002 e 2003
Sival Honório de Carvalho	2004 e 2005
Maria de Fátima Marinheiro da Costa	2006 e 2007
Dalva Avelina da Mata de Oliveira	2008 e 2009
Evandro André Félix	2010 e 2012
Idê Angelina Andrade Toniolo	2013 a 2016
Marcos Marques Valério	2017 e 2018
Ediani Aparecida Gomides de Oliveira	2019 a 2022
Gerson Kempe	2023
Érica Venâncio Alves	2024

Fonte: Para mais informações leia o Documento Projeto Político Curricular (PPC) da Escola Estadual Professor Demétrio Pereira- material impresso. Pesquisado nos anos de 2023 e 2024.

Ao analisar a Tabela 3, observamos que as gestões da escola foram desempenhadas tanto por homens quanto por mulheres ao longo dos anos, desde a organização do ensino no município.

Segundo o PPP da escola da Escola Estadual Professor Demétrio Pereira, a medida em que chegaram mais pessoas para o lugar, tiveram a necessidade de ampliar o espaço para receber os estudantes na escola, e no período em que o espaço estava em construção, os alunos estudaram em residências de moradores e no prédio da igreja católica.

Em 1969 o local pertencia ao município de Cáceres/MT, e os professores que moravam e trabalhavam em Reserva do Cabaçal efetuavam os contratos para dar aulas com a prefeitura de Cáceres/MT, e estes se deslocavam à Cáceres a cada três meses para receberem seus salários e

adquirirem material pedagógico para exercício das atividades com os alunos em sala de aulas.

Em 1974 a Companhia de Desenvolvimento para o Estado de Mato Grosso (CODEMAT) destinou o terreno para a construção da escola que seria a escola estadual e houve a construção de quatro salas destinadas a receber os alunos. Ainda de acordo com o PPP da escola em 1977 o espaço físico da escola foi ampliado com a construção de salas de aulas, com recursos da comunidade e Prefeitura de Cáceres.

No mesmo ano, 1977, criou-se oficialmente a primeira escola pelo Estado, através do Decreto de Nº 1.009 de 25 de julho de 1977 na administração do Estado de Mato Grosso estava José Garcia Neto, e o Decreto criou oficialmente a Escola Estadual de 1º Grau na Reserva do Cabaçal município de Cáceres/MT, com o nome de Escola Estadual de 1º Grau Padre José de Anchieta.

A escola teve como sede administrativa a cidade de Cáceres/MT, e foi nomeada como diretora Inês Valério Marques, posteriormente, de acordo com a lei nº 4045 de 14 de dezembro de 1978 a escola foi denominada de Escola Estadual de Primeiro Grau Professor Demétrio Pereira, e houve a nomeação de Catarina Marques Pereira para diretora escolar.

Em 1981 a escola passou para a administração de Rio Branco/MT, sob a responsabilidade do Departamento Regional de Educação (DREC)-03.

De acordo com a resolução de nº 278 de 29 de Setembro de 1987 foi autorizado o funcionamento de Segundo Grau por dois anos, seu reconhecimento se deu de forma definitiva a partir de 15/12/92 pela portaria 3277/92 publicada no Diário Oficial de 29/12/92, esta por sua vez foi alterada pela portaria 207/04 de 01 de julho de 2004.

No contexto da formação do município de Reserva do Cabaçal e da organização do ensino local, a Lei nº 5.692, de 1971, alterou a organização da educação no Brasil, particularmente no que diz respeito à estrutura do sistema escolar. Ela impactou a educação básica do país e transformou a maneira como a educação foi organizada, unificando o ensino primário e secundário, além de implementar um currículo nacional mais padronizado (BRASIL, 1971).

A Lei 5.692/71 determinou que o ensino fundamental seria composto por 8 anos, abrangendo do 1º ao 8º ano, substituindo o que anteriormente era denominado primeiro grau. Já o ensino médio passou a ser estruturado em 3 anos, do1º ao 3º ano, correspondente ao que antes era conhecido como segundo grau.[81]

Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a Lei nº 9.394, de 1996, o

[81] Para mais informações leia BRASIL. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 11 ago. 1971. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5692.htm. Acessado em 14 de fev. 2025

primeiro grau passou a ser chamado de Ensino Fundamental, enquanto o segundo grau passou a ser denominado Ensino Médio. O Ensino Fundamental foi reconhecido como a educação básica obrigatória, com 8 anos de duração, abrangendo as idades de 7 a 14 anos, e o Ensino Médio passou a ter 3 anos de duração, correspondendo aos 15 aos 17 anos (BRASIL, 1996).[82]

O espaço do museu da escola surgiu a partir das observações dos estudantes sobre a importância de organizar um local na escola para reunir materiais que estavam com os moradores. A ideia era criar um espaço onde a comunidade escolar pudesse ter acesso a esses materiais, como fotografias, poemas, poesias, testemunhos escritos de moradores sobre suas vivências na formação do município, objetos, entrevistas feitas pelos alunos com moradores, mapas da cidade e do município, textos contando a lenda da Mãe do Ouro, entre outros.

Dessa forma, o espaço do museu nasceu e se tornou um ponto de encontro entre os estudantes. Nele, os alunos se interessam em frequentar e refletir sobre os conteúdos que esses materiais podem proporcionar a partir de um olhar mais criterioso, reflexivo e orientado. Muitos dos materiais que foram trazidos pelos estudantes estavam em posse de seus familiares e/ou de outros moradores que residem ou já residiram na cidade.

Esses documentos foram analisados, reproduzidos e expostos para apreciação da comunidade escolar e visitantes. Além disso, os materiais também são usados nas aulas por professores de outras áreas de conhecimento.

Em seguida apresentamos imagens do espaço de memória (museu) que se tornou uma ferramenta de uso no ensino de história para ampliar a compreensão dos jovens estudantes sobre historia local na Escola Estadual Professor Demétrio Pereira.

Figura 35: Espaço de memória (museu) na escola



[82] Para mais informações leia BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 20 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acessado em 14 de fev. 2025



Fonte: acervo do "Espaço de memoria" museu da Escola Estadual Professor Demétrio Pereira de Reserva do Cabaçal-MT

As imagens da figura 35 mostram o espaço de memória (museu) na escola. Com ela é possível ter uma ideia do espaço físico onde estão os materiais organizados pelos estudantes, com a participação da comunidade e de pessoas que moram em outros munícípios, e até outro país, que se dispuseram em contribuir com essa atividade prática realizada na escola.

A primeira imagem da esquerda, é a parte física do espaço de memória e está localizado no pátio da escola, próximo da quadra poliesportiva e da quadra de areia, onde os estudantes realizam atividades físicas.

A segunda e a terceira imagem são acervos de documentos, resultados de entrevistas que os estudantes, com nossa intermediação, realizaram com moradores para analisar as imagens disponibilizadas por eles.

A quarta imagem apresenta o texto e a pintura em tela sobre a lenda Mãe do Ouro, produzida pelo professor Sival Honório de Carvalho, e a pintura foi produzida por uma aluna participante da pesquisa do projeto espaço de memória.

A quinta e a sexta imagem apresentam os materiais pesquisados e produzidos por alunos do primeiro ano do ensino médio da Escola Estadual Professor Demétrio Pereira, no ano de 2012 e 2013, trabalho mediado por professores da escola de caráter interdisciplinar.

Esses documentos foram analisados, reproduzidos e expostos para apreciação da comunidade escolar e visitantes. Além disso, os materiais também são usados nas aulas por professores de outras áreas de conhecimento. No terceiro capítulo essa atividade será evidenciada com mais explicações, para que o leitor possa ampliar o conhecimento sobre essa prática de ensino sobre história local no ensino de história**.**

A parte física da escola foi reformada e ampliada entre 2009 e 2011, passando a contar com 8 salas de aula, 1 auditório, 1 laboratório de Ciências da Natureza e Matemática, 1 sala para professores, 1 secretaria, 1 sala de direção, 1 sala para a coordenação pedagógica, 1 cozinha com

depósito de merenda e despensa, 5 banheiros, 1 sala para laboratório de informática e biblioteca integrada, uma quadra poliesportiva coberta e refeitório.

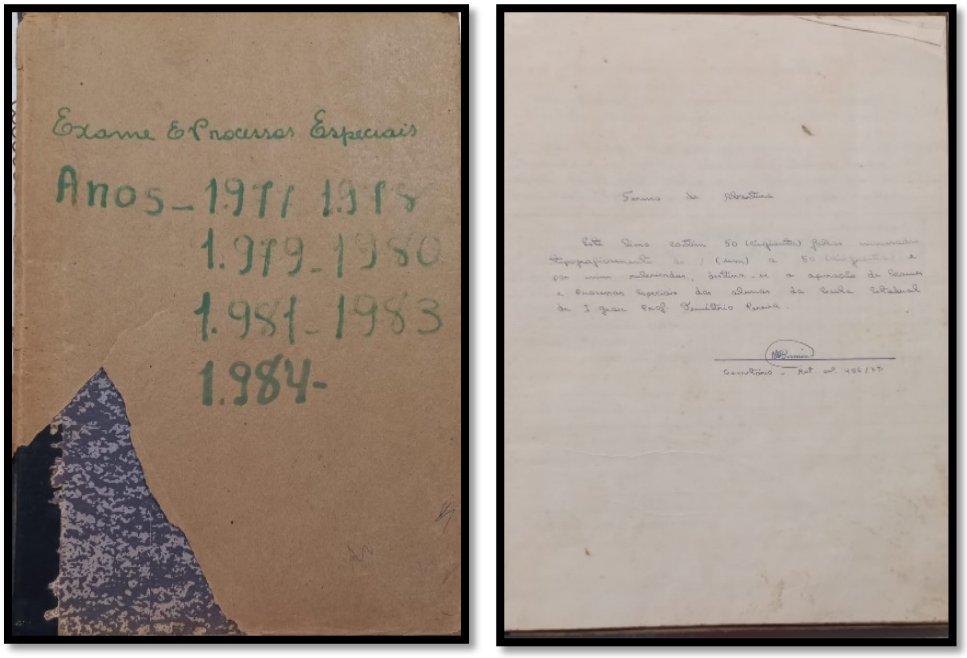
No contexto espacial a escola se torna um lugar onde memórias são materializadas, seja através de objetos, documentos ou relatos dos moradores. Esse espaço, ao conectar o presente com o passado local, contribui para a construção da identidade dos alunos e fortalece o vínculo com a comunidade, transformando a escola em um ponto de conexão entre o presente e a história coletiva.

> Assim, não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem umas as outras, nada permanece em nosso espírito e não compreenderíamos que seja possível retomar o passado se ele não estivesse conservado no ambiente material que nos circunda. (Halbawachs, 2003, p. 170).

A escola também funciona como um espaço de desenvolvimento social, e ao participar das atividades escolares, os alunos se sentiram envolvidos e passaram a desenvolver um sentimento de pertencimento, contribuindo para a formação de sua identidade.

A seguir as imagens de livro Tombo, que analisamos, dão a conhecer informações sobre a vida escolar dos alunos da Escola Estadual Professor Demétrio Pereira dos anos de 1977, 1978, 1979, 1980, 1981.

Figura 36: Livro Tombo da escola



Fonte: acervo da Escola Estadual Professor Demétrio Pereira

Nos estudos do livro tombo da escola, figura 36, em que consta os registros de finalização

dos anos letivos a partir do ano de 1977 a escola Estadual de 1º Grau Padre José de Anchieta que foi administrada pela prefeitura do município de Cáceres/MT, sob o Departamento Regional de Educação de Cáceres (DREC-07). A escola teve como secretario Jorge Dias Pereira e como diretora Catarina Marques. Ao ser criada foi formada as primeiras turmas de ensino fundamental de 5ª a 8ª série. Inicialmente os alunos se concentravam nas turmas de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental, e para as famílias dos jovens estudantes os estudos até a 4ª série já eram suficiente para viver, e também com esse nível de ensino poderia lecionar.

A escola Estadual de 1º Grau Padre José de Anchieta inicialmente após sua criação como escola estadual, além das turmas de 1ª a 4ª série passou a ter também as seguintes turmas conforme quadro abaixo:[83].

Tabela 4 : Demostração das turmas de 5ª a 8ª série entre os anos de 1977 e 1984

Ano 1977	Nº de alunos	Desistentes	Reprovados	Transferidos
5ª série A	5	0,0	0,0	0,0
5ª série B	6	0,0	0,0	0,0
6ª série A Turma única-noturno	2	0,0	0,0	0,0
Ano 1978	Nº de alunos	Desistentes	reprovados	transferidos
5ª série A-matutino	3	0,0	0,0	0,0
5ª série B-Noturno	3	0,0	0,0	0,0
6ª série B Turma	5	0,0	0,0	0,0

[83] Fonte: Os dados foram pesquisados no livro Atas de resultados finais do acervo documental da Escola estadual professor Demétrio Pereira, e que consta informações os resultados finais das turmas que estudaram na escola nos anos apresentados. O livro "Ata de resultados Finais" (1977), contém dezoito páginas e foi disponibilizado pela secretaria da escola.

única-noturno				
7ª série B Turma única-noturno	5	0,0	0,0	0,0
Ano 1979	Nº de alunos	desistentes	reprovados	transferidos
5ª série A-matutino	5	0,0	0,0	0,0
5ª série B-noturno	8	0,0	0,0	0,0
6ª série-turma única— noturno	18 alunos	0,0	0,0	0,0
7ª série-turma única-- noturno	6	0,0	0,0	0,0
8ª série-turma única-- noturno	02	0,0	0,0	0,0
1980	Nº de alunos	Desistentes	reprovados	transferidos
5ª série A-matutino	11	0,0	0,0	0,0
5ª série B-turno noturno	08	0,0	0,0	0,0
6ª série A-matutino	14	0,0	0,0	0,0

6ª série B-turno noturno	09	0,0	01	0,0
7ª série-turma única--noturno	06	0,0	0,0	0,0
8ª série-turma única--noturno	05	0,0	0,0	0,0
1981	Nº de alunos	desistentes	reprovados	transferidos
5ª série A-matutino	09	01	0,0	0,0
5ª série B-Noturno	07	0,0	0,0	0,0
6ª série A-Matutino	04	0,0	0,0	0,0
6ª série B-Noturno	08	0,0	01	0,0
7ª série turma única-Noturno	11	0,0	0,0	0,0
8ª série-turma única--noturno	04	0,0	0,0	0,0
1982 pesquisar	Nº dealunos	desistentes	reprovados	transferidos
1983	Nº de alunos	desistentes	reprovados	transferidos

5ª série	21	0,0	07	0,0
6ª série	14	0,0	10	0,0
7ª série	09	0,0	04	0,0
8ª série	03	0,0	02	0,0
1984	Nº de alunos	desistentes	reprovados	transferidos
5ª série	22	0,0	0,0	0,0
6ª série	16	01	0,0	0,0
7ª série	05	0,0	0,0	0,0
5ª série	02	0,0	0,0	0,0

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora

Os dados foram pesquisados no livro: Atas de Resultados Finais, do acervo documental da Escola Estadual Professor Demétrio Pereira, que contém informações sobre os resultados finais das turmas que estudaram na escola nos anos mencionados. O livro Ata de Resultados Finais (1977) possui dezoito páginas e foi disponibilizado pela secretaria da escola. O estudo dos dados obtidos permitiu refletir que o acesso à escola não atingia a todos da mesma maneira. Nos anos apresentados na tabela 4, observou-se a exclusão de parte dos jovens do acesso à escola.

O objetivo de apresentar o Quadro 4: Demonstração das turmas da 5ª à 8ª série entre os anos de 1977 e 1984, é analisar como a escola foi sendo constituída ao longo do tempo e como se tornou uma referência para os jovens estudantes que a procuraram para estudar, conquistar uma formação e construir sua vida profissional e cidadã. Dos dezoito professores que atuam na escola, dez cursaram o ensino básico nela. A escola conta com quatro vigias, todos eles também cursaram o ensino básico na instituição. Além disso, há cinco profissionais que trabalham na área de nutrição, dos quais quatro cursaram o ensino básico ali na escola.

A escola recebe alunos das áreas rural e urbana, funciona em três turnos, sendo matutino, vespertino e noturno. Matutino e vespertino atendem os alunos do Ensino Fundamental e Médio regular, e o período noturno atende Educação de Jovens e adultos/EJA. Parte dos alunos que estudam na escola são oriundos das áreas rurais do município, principalmente do período vespertino, estes fazem uso do transporte escolar que passam nas “comunidades” a partir das nove horas da manhã, e os estudantes saem de suas residências nas áreas rurais em direção a

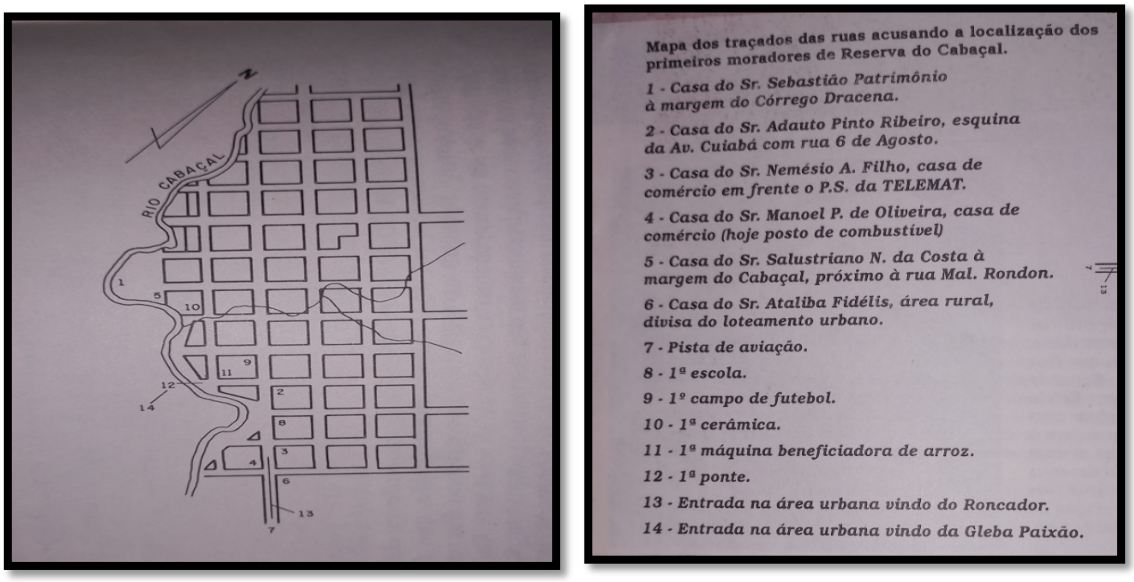
escola e só retornam ao anoitecer. Esse ritual acontecem todos os dias, e vários destes estudam e exercem atividades rurais com seus familiares.

Desde sua constituição como “Escola Estadual Professor Demétrio Pereira do município de Reserva do Cabaçal-MT” e autorização de nível de 1º Grau para nível de 1º e 2º Grau em dezembro do ano de 1986, concluíram o ensino básico nesta escola o total de aproximadamente 740 alunos.

3.4 **Organização da Escola no contexto municipal**

Em 1968 a Companhia de Desenvolvimento do Estado de Mato Grosso (CODEMAT) já pensava o que seria o núcleo urbano de Reserva do Cabaçal/MT, e desenhou um projeto urbano no qual apresentava os traçados das quadras e das ruas, onde os primeiros moradores, direcionados pelo estado, deveriam construir suas residências, casas comerciais, indústrias e escola, dentre outros, que foram feitas de madeira e cobertas de tabuinha.

Figura 37[84]: Projeto urbano da cidade



Fonte: Arquivo inativo da Câmara Municipal de Reserva do Cabaçal/MT. Pesquisado em (2023). Fundação Júlio Campos (1995).

Conforme a Figura 37 do projeto urbano, elaborada pela Companhia de Desenvolvimento do Estado de Mato Grosso/CODEMAT, pode-se conferir o local destinado ao núcleo urbano e observa-se que o ponto oito foi escolhido como o local da primeira escola do lugar.

[84] Fundação Júlio Campos (1995).



Fonte: GOOGLE. Google Maps. Localização de [Reserva do Cabaçal Mato Grosso]. Disponível em: https://www.google.com/maps. Acesso em: 27 fev. 2025.

A Figura 37 apresenta, conforme especificado pela CODEMAT, os locais concedidos pelo governo de Mato Grosso para a construção do núcleo urbano na margem esquerda do rio Cabaçal. Cada residência, casa de comércio ou indústria deveria ser construída no local determinado pela CODEMAT, conforme estabelecido no projeto urbano. Além disso, o projeto também especifica as funções que as lideranças deveriam exercer na região.

A cidade foi se constituindo e sendo formada de acordo com o que estava estabelecido no documento da CODEMAT, observando-se que até o ponto seis da figura 34 a organização estava voltada às casas dos considerados primeiros moradores, e os pontos abaixo no projeto urbano seguem a organização “física” da cidade. Considerou-se necessário o projeto urbano para o desenvolvimento urbano de Reserva do Cabaçal.

Na imagem 3 da figura 37 do Google Maps, é possível observar claramente a expansão da cidade ao longo do tempo. Através da análise da imagem, pode-se perceber como novas áreas urbanas foram incorporadas, evidenciando o crescimento da infraestrutura e a mudança no uso do espaço para construção de novas residências. Essa expansão pode refletir o aumento da população, o desenvolvimento econômico ou até mesmo a necessidade de mais serviços e moradias. A tecnologia de mapeamento, como o Google Maps, oferece uma maneira eficiente de

visualizar essas transformações, permitindo a comparação de diferentes períodos e o entendimento mais aprofundado das dinâmicas urbanas. A expansão observada na imagem mostra como Reserva do Cabaçal, se adaptou e cresceu para atender às necessidades de seus habitantes, havendo a necessidade de ampliação do projeto urbano.

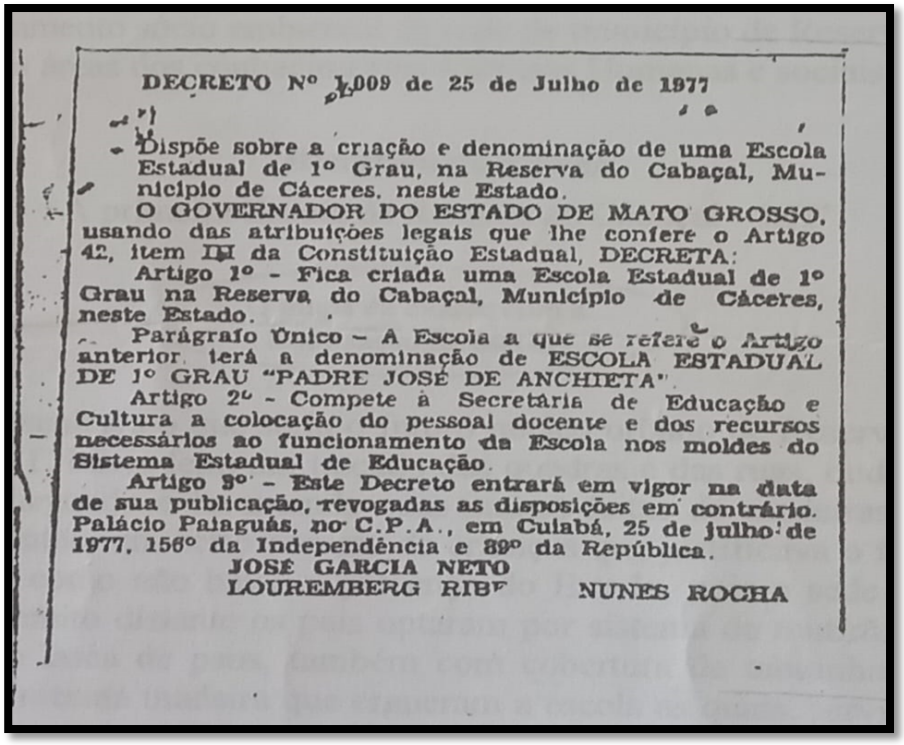
Inicialmente, a presença do Estado no que se refere a educação escolar, se concentrava na sede do município de Cáceres que se encontra a 139 km de distância, devido as dificuldades de locomoção, membros da comunidade local foram encarregados de construir um espaço que se configurou em escola com sala de aula em Reserva do Cabaçal e móveis de apoio, em sistema de mutirão em que as pessoas trabalhavam sem remuneração em dinheiro, simplesmente ofereciam o trabalho gratuitamente e se construiru a Escola Municipal de Reserva, essa escola a que menciono é que deu origem a Escola Estadual Professor Demétrio, tendo como diretora Maria Lucila da Silva Barros, e os professores Jacir Gonçalves, Marilda Tim Machado, Maria Laura da Paz e Nilda Fernandes Rosa, ficaram responsáveis em organizar e desenvolver o ensino. Nessa fase o ensino era somente para os anos iniciais do Ensino Fundamental de primeira a quarta série e a proposta curricular era voltada para as áreas de português, matemática, ciências e estudos sociais.

Em 1969 os moradores já reivindicavam a manutenção de uma escola pública e professores com nível de escolaridade mais avançado, e a partir de 1971, o ensino foi organizado e os docentes foram indicados pelo governo municipal como os principais responsáveis pelo ensino (FERREIRA, 2022, p. 673).

As informação de acordo com o que diz a Revista da Fundação Júlio Campos (1995), nas décadas de 1960 e 1970, os professores aguardavam até três meses para ir até a Prefeitura de Cáceres receberem o salário mensal; a escola suspendia as atividades na escola e iam todos para receberem os seus salários e quem não tinha condições de ir outro colega professor recebia o salário para ele. A viagem para ir até Cáceres tinha um tempo de duração de dois a 3 dias.

3.5 Documentação da escola

Figura 38: Decreto de criação primeira Escola Estadual de 1º Grau em Reserva do Cabaçal/MT



DECRETO Nº 1.009 de 25 de Julho de 1977

Dispõe sobre a criação e denominação de uma Escola Estadual de 1º Grau, na Reserva do Cabaçal, Município de Cáceres, neste Estado.

O GOVERNADOR DO ESTADO DE MATO GROSSO, usando das atribuições legais que lhe confere o Artigo 42, item III da Constituição Estadual, DECRETA:

Artigo 1º - Fica criada uma Escola Estadual de 1º Grau na Reserva do Cabaçal, Município de Cáceres, neste Estado.

Parágrafo Único – A Escola a que se refere o Artigo anterior terá a denominação de ESCOLA ESTADUAL DE 1º GRAU "PADRE JOSÉ DE ANCHIETA".

Artigo 2º - Compete à Secretária de Educação e Cultura a colocação do pessoal docente e dos recursos necessários ao funcionamento da Escola nos moldes do Sistema Estadual de Educação.

Artigo 3º - Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário. Palácio Paiaguás, no C.P.A., em Cuiabá, 25 de julho de 1977, 156º da Independência e 89º da República.

JOSÉ GARCIA NETO
LOUREMBERG RIBEIRO NUNES ROCHA

Fonte: Arquivo da Escola Estadual Professor Demétrio Pereira de Reserva do Cabaçal/MT. Pesquisado em (2023).

A figura 38 apresenta o Decreto 1.009 de julho de 1977 em que foi criada a primeira escola estadual de 1º Grau"Padre José de Anchieta" pertencente ao município de Cáceres, em Reserva do Cabaçal, que seria organizada conforme modelo de escola estadual sob responsabilidade da Secretaria Estadual de Educação/MT, e recebeu a ampliação física e de professores.

Conforme as informações da Fundação Júlio Campos (1995), estudar para os migrantes em Reserva do Cabaçal nas décadas de 1960 e 1970 significava um atrativo e permanência no lugar, a escola significava para os moradores não precisar de deslocamento para outros municípios em busca de escola para que seus filhos pudessem estudar no local.

A figura 39, apresenta o mapa das escolas construídas pelo município no ano de 1986, após sua emancipação política, ao todo houve a construção de dez escolas rurais e contratação de professores que atendiam alunos de 1ª , 2ª, 3ª e 4ª série das séries iniciais do Ensino Fundamental, em forma de multiseriada, e não existia ainda transporte escolar para atender os estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, e ao concluírem a 4ª série os estudantes tinham que parar os estudos, ou se deslocarem para a cidade para prosseguir.

Figura 39: mapa das escolas nas áreas rurais



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal – ano (1987)

Conforme o mapa da figura 39, as comunidades rurais e suas respectivas escolas eram, Comunidades Alto Cabaçal e a escola denominada Rui Barbosa, Santo Antônio e escola Duque de Caxias, Baixo Guanabara e escola Guanabara, Alto Guanabara e escola Quinze de Novembro, Piraputanga e escola Tiradentes, Jibóia e escola Domingos Pereira, Sereno e escola Princesa Izabel, Sete de Setembro e escola Sete de Setembro, Queixada e escola Padre Anchieta, Dracena e escola Marechal Rondon.

A escola Barão do Rio Branco foi criada em 1987, e em 1997 ocorreu a centralização das escolas e das turmas de 1ª a 4ª série na área urbana e passou a concentrar os estudantes do município nesta escola e na escola Estadual Professor Demétrio Pereira.

3.6 Cultura escolar

Para refletir sobre a cultura escolar na Escola Estadual Professor Demétrio Pereira, em Reserva do Cabaçal/MT e pensar na cultura escolar no contexto dos governos militares no Brasil, buscamos a compreensão de Dominique Julia (2001) sobre o conceito de cultura escolar. O autor define cultura escolar como um conjunto de práticas, valores, normas e rituais que caracterizam

a vida cotidiana nas escolas. Essa definição inclui não apenas o currículo formal e as atividades pedagógicas, mas também as interações sociais, as tradições, os comportamentos e as vivências que se desenvolvem no âmbito escolar.

A cultura escolar[85], é vista como uma realidade multidimensional e em constante movimento, influenciada por fatores institucionais, culturais e sociais. Ela molda a identidade da escola e influencia diretamente a experiência educacional de alunos e professores.

A partir do golpe de 1964, em que a cultura escolar nas décadas de 1960 e 1970 no Brasil foi marcada por mudanças significativas no currículo, com movimentos estudantis e esforços para aprimorar a educação, esses acontecimentos moldaram a forma como a escola era vivenciada no período que coincide com a colonização de Reserva do Cabaçal e construção da primeira escola.[86]

Segundo Saviani (2008), durante os governos militares houve um esforço conjunto para promover uma mudança educacional no país. O foco estava na formação de mão de obra para o desenvolvimento econômico, dentro dos parâmetros da ordem capitalista. Os governantes no Brasil buscavam, por meio do ensino, desenvolver aptidões e fornecer formação inicial para o trabalho no primeiro grau de ensino. O ensino médio ficou com a incumbência de proporcionar formação profissional e técnica, enquanto o ensino superior passou a oferecer cursos diversificados, com ênfase em qualificações profissionais de curta duração. Além disso, os meios de comunicação de massa começaram a ser utilizados como recursos pedagógicos.

Ainda de acordo com o autor, no que se refere à estrutura do ensino no Brasil durante os governos militares, houve a proposta de criação de programas de alfabetização de adultos, como o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), um programa de ensino criado em 1967. O objetivo do MOBRAL era erradicar o analfabetismo no Brasil, com foco na alfabetização funcional de jovens e adultos, ensinando técnicas de leitura, escrita e cálculo para integrá-los à sociedade e ao mercado de trabalho. O programa estava centrado nas ações das comunidades locais.

As reformas educacionais, como a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1971, foram influenciadas por essa concepção, alterando a estrutura da educação básica e promovendo o ensino técnico no nível médio, e essas mudanças na educação refletiam uma visão que priorizava a formação de profissionais para atender às demandas econômicas do país.

O programa foi implementado efetivamente a partir de 1971 e se expandiu por todo o país,

[85] Para saber mais sobre cultura escolar Dominique Julia (2001).

mas enfrentou resistência por não abordar de forma crítica e profunda as causas do analfabetismo, muitas vezes em detrimento de uma educação mais ampla e crítica.

3.7 A Comunidade escolar

Iniciemos o texto com o uma imagem da sede do município de Reserva do Cabaçal/MT onde cheguei em 1980, dez anos após o registro da imagem abaixo. Com 11 anos de idade me deparei com uma vila ainda não emancipada politicamente já que seu território pertencia ao município de Rio Branco/MT.

Em 1980, havia no local uma população de aproximadamente oito a dez mil pessoas, segundo alguns moradores que residem desde o início da colonização. De acordo com informações da Prefeitura Municipal de Reserva do Cabaçal, essa população era considerada grande para os padrões de vila na década de 1980, na região sudoeste de Mato Grosso.

A maior parte das famílias se concentrava nas áreas rurais, enquanto na parte urbana residiam apenas as pessoas que se dedicavam ao comércio ou exerciam funções no serviço público.

Figura 40: A área urbana na década de 1970



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal – ano (1970)

Conforme a análise da imagem da figura 40, a cidade encontrava-se em fase inicial de suas construções. Já estavam presentes a Igreja Católica, a Igreja Assembleia de Deus, a Igreja Batista Nacional, a Igreja Adventista do Sétimo Dia, o campo de futebol, casas comerciais, residências e o início das construções. A imagem mostra que os traçados das ruas já estavam

definidos.

Os locais de lazer eram centralizados no rio Cabaçal. As ruas não possuíam pavimentação asfáltica, e a Escola Estadual Professor Demétrio Pereira era o local onde aconteciam reuniões, eventos sociais, festas da comunidade e aulas nos períodos matutino, vespertino e noturno. A escola atendia os alunos nos três turnos.[87] Ambos os lugares combinavam com o cotidiano da vila de Reserva do Cabaçal.

A representação do espaço escolar elaborada por uma funcionária da escola, é edificante devido ao uso da instituição para a realização de reuniões políticas, casamentos, festas de casamento, festas "caipira", encontros, e até mesmo como alojamento para famílias que chegavam à cidade para morar, permanecendo na escola até que suas residências fossem concluídas.

Conforme as reflexões de Oliveira (2009), as escolas são essenciais como espaços de sociabilidade em uma cidade. Elas vão além da função educacional e podem promover o desenvolvimento social e comunitário de diversas maneiras.

A Escola Estadual Professor Demétrio Pereira, além de sua função de ensino, também funciona como um local de encontro para diversas atividades comunitárias, que vão desde reuniões de pais até eventos culturais, religiosos e esportivos. Grupos de homens, mulheres, jovens e crianças se reúnem uma vez por semana para jogar vôlei e futebol. Existe um cronograma definido para a organização e participação dos interessados em fazer parte dessas atividades.

Dessa forma, a integração social proporciona um ambiente onde diferentes grupos podem se encontrar e interagir, promovendo a diversidade e o entendimento mútuo.

A formação cidadã ocorre por meio de projetos como o acima mencionado, que incentivam as pessoas a se reunirem para praticar esportes e participar de atividades extracurriculares. A escola contribui para a formação de cidadãos conscientes, engajados e participativos.

Ela oferece suporte não só aos alunos, mas também às famílias, criando uma rede de contatos e apoio mútuo que fortalece a coesão social. Além disso, a escola preserva e promove a cultura e as tradições locais, servindo como guardiã do patrimônio cultural de Reserva do Cabaçal.

Esses fatores tornam a escola um pilar fundamental para a vida comunitária e o

[87] Informações disponível no livro "tombo" livro de apuração de exames especiais de alunos da Escola Estadual de 1º Grau que Professor Demétrio Pereira, entre os anos de 1977 a 1984 e Livro de atas de resultados finais de 1984 ao ano 2000, do livro contém 194 que foram analisadas, que faz parte do Acervo da escola pesquisado em 2024.

desenvolvimento social da cidade.

3.8 Memória e história local

As memórias são produtoras de identidade de grupos sociais, em que para evitar uma visão homogênea, busca-se observar que, dentro de uma sociedade, existem formas diversas de registro, e que cada grupo cria suas próprias memórias, as quais são fundamentais para o estabelecimento de identidades e o reconhecimento de pertencimento a um determinado grupo social.

> Para evitar uma visão homogênea, busca-se observar que, no interior de uma sociedade, há formas de registros variados, e que cada grupo produz suas memórias como elemento que impulsiona o estabelecimento de identidades e o reconhecimento de pertencimento a um grupo social determinado. As memórias podem ser individuais ou coletivas e pode ter significações variadas, inserindo-se em uma lógica de produção de patrimônios (materiais ou imateriais) que dizem respeito a grupos específicos (BRASIL, 2018).

Memórias se inserem na produção de patrimônios que dizem respeito à sociedade a que pertencem os seus colaboradores que se reconhecem como participantes da história sobre o município de Reserva do Cabaçal. Nesse contexto, recorremos ao relato testemunho de memória de migrantes da comunidade local para estudarmos sobre a história local a partir do conceito memória.

Concordamos com diversos autores que se dedicam ao estudo do conceito de memória. De acordo com Halbwachs (1990), ela representa o registro das experiências vividas por grupos sociais. Para Ricoeur (2007), a memória é uma dialética entre a presença e a ausência, entre a organização e o esquecimento. Para Le Goff (1996), a memória não é apenas um depósito de eventos passados, mas um processo dinâmico, sujeito à manipulação, seleção e interpretação. Ela está intimamente ligada à construção do passado e à sua representação social, sendo influenciada por contextos sociais e políticos. Ao longo do tempo, a memória é constantemente reconfigurada, refletindo as necessidades e valores das sociedades. Para Benjamin (1985), a memória consiste no registro de experiências e vivências carregadas de significados.

Nesse contexto, as memórias sobre o passado passam por uma "crise", sendo ressignificadas pelo historiador em seu trabalho de pesquisa, gerando novos sentidos e significados.

Quando os alunos utilizam relatos testemunhais ou escritos como fontes de pesquisa, eles

têm a possibilidade de acessar vivências pessoais e comunitárias que ajudam a construir uma visão mais rica e detalhada do passado local. Esses relatos, que podem ser memórias escritas, diários, cartas ou outros documentos pessoais, oferecem uma perspectiva mais íntima e subjetiva da história, permitindo que os alunos conectem os eventos históricos globais com as experiências locais.

O documento inventariado na pesquisa nos trouxe reflexões sobre a escrita da história, tendo como fonte documental o relato testemunho escrito. Esse documento foi uma peça fundamental para as reflexões e para a escrita da história local de Reserva do Cabaçal.

Pinsky e Luca (2009), ao refletirem sobre documentos históricos, afirmam que:

> Discutir o que consideramos um documento histórico é, na verdade, estabelecer qual a memória que deve ser preservada pela história e qual o estatuto da própria história. A categoria documento define uma parte importante do campo de atuação do historiador e a amplitude da sua busca. Se a ideia "sem documentos não há história" fez carreira fulgurante e incontestável, ela nublou outra questão central: o que é um documento? Iniciando pela percepção mais difundida, o documento histórico seria uma folha de papel (ou várias folhas) de papel escrito por alguém importante. Assim, um exemplo clássico dessa concepção de documento seria a carta escrita por Pero Vaz de Caminha e que relata o "descobrimento" do Brasil. (Pinsky, Luca, 2009, p. 9-10).

Pinsky (2009) discute como a definição de documento histórico está relacionada à memória preservada pela história e ao papel do historiador. O autor destaca que, muitas vezes, o documento histórico é visto como um texto escrito por uma figura importante, como a carta de Pero Vaz de Caminha, que relata o "descobrimento" do Brasil. A citação questiona essa visão simplificada e propõe uma reflexão sobre o conceito de documento na historiografia.

Para estudos sobre memória e história local, optou-se analisar os fragmentos do documento relato "testemunho" escrito abaixo que apresenta a (re)ocupação de Reserva do Cabaçal Mato Grosso vista pelas lentes de uma pioneira que migrou do estado do Espírito Santo para residir no local no ano de 1970.

O documento faz parte do acervo do *museu lugar de memória* da Escola Estadual Professor Demétrio Pereira organizado por alunos do Primeiro ano do Ensino Médio no ano de 2013, que pesquisaram e produziram o documento que se encontra disponível para pesquisa.

Ao desenvolver aulas no ensino de história com os estudantes participantes da pesquisa sobre história local, escolhemos estudar esse documento *relato testemunho de memória*, assim, compreendido pelos aluno do 7º ano do ensino fundamental.

O relato de memória descreve as dificuldades, o esforço pela sobrevivência e o crescimento gradual da comunidade de Reserva do Cabaçal nos primeiros anos de sua formação.

> [...] natural de São Mateus estado do Espírito Santo. Cheguei em Reserva do Cabaçal em 1970 com 45 anos de idade [...] as dificuldades de quando cheguei no lugar, a falta de comida entre outros bens essenciais para a sobrevivência da minha família. [...]. Aqui faltava tudo sal, açúcar, café, remédio era tudo do mato, tudo era buscado nas costas em Rio Branco, cidade vizinha e quando ia tinham que parar pra dormir no caminho de tão difícil que era de ir, parava em um rancho na beira do córgo (córrego)do Bracinho entre Reserva e Rio Branco. [...] As famílias vinham para Mato Grosso em pau-de-arara (caminhão coberto com uma lona) até Rio Branco e de Rio Branco pra cá era a pé ou a cavalo, e tropas de animais carregavam seu pertences. Quando chegamos aqui tinha só cinco casas, as outras que tinha era rancho. Nós trouxemos uma bicicleta, que era a única que tinha aqui na vila da Reserva e meu marido trocou por um lote esse que moro até hoje, antes nós moramos na comunidade Guanabara, lá tinha muito mosquito e aí compremos um lote na comunidade 7 de setembro em troca de um rádio e uma máquina de costura. [...] Lembro da primeira missa celebrada em 1970 no meio da rua hoje em frente a igreja católica, meu marido [...] ajudou a serrar as tábuas para construção da primeira igreja católica. [...] Naquela época sofremos muito com doenças como febre amarela, sarampo e uma doença de pele chamada fogo selvagem e as pessoas eram tiradas para fazer tratamento e teve umas que nunca mais vimos falar se sarou ou se morreu, quando batia o sarampo todo dia morria menino aqui, e tinha muita verminose também, tinha menino que desmaiava de tanto verme que tinha e falta de comida também, as pessoas doentes eram carregadas na rede até onde tinha lugar de para tratar, aqui não tinha médico, depois chegou o farmacêutico Carlão que dava remédio para as pessoas. [...] As brincadeiras era de passar anel, roubar bandeira, brincadeiras de roda, era assim que as crianças se divertia e os adultos ficavam contado caso e nossa casa sempre teve muita gente pra conversar. [...] Quando meu marido morreu eu fiquei com os meninos, uns já era grande e eu lavava roupas no rio pros outros para ajudar a sustentar a família. A comida era difícil e o dinheiro também e ir pra Araputanga era mais difícil do que ir para Rio Branco e as pessoas trocavam mantimentos, havia muito plantio de arroz, feijão, e milho que chegavam a estragar, naquele tempo chovia muito e estragava as coisas na roça. [...] O primeiro comerciante foi o seu Ataliba e João Mesquita. A partir daí, foi construída as primeiras casas, onde é a Construnaves, o hotel de seu Zé Severino e onde hoje é o barracão do João Goiano era a casa do seu José Pinheiro. [...] O meio de transporte era tropa de burros e cavalos e a máquina de limpar arroz foi trazido pelo seu Lino Coelho na rua 06 de agosto perto do rio Cabaçal, onde era armazenado o arroz para limpar e vender para as pessoas daqui da cidade.[88] (N.M.).

Os fragmentos acima testemunham as lembranças dos primeiros anos da colonização de Reserva do Cabaçal e as dificuldades que os migrantes vivenciaram devido à falta de acesso ao local, a falta de suprimentos e locomoção. Essas memórias vão tomando forma por meio de relatos em testemunhos escritos, que registram pessoas e acontecimentos. São as histórias que marcaram esses momentos que compõem os testemunhos escritos dos migrantes.

[88] Para mais informações leiam o relato "testemunho" das memorias escritas por N. M. escrito no ano de 2013 e arquivado para estudos dos alunos no ensino de história com foco em história local, disponível no espaço “museu lugar de memória” da Escola Estadual Professor Demétrio Pereira de Reserva do Cabaçal Mato Grosso.

O relato testemunho de memória da migrante oferece uma visão importante sobre a formação e os desafios vividos pelos considerados pioneiros de Reserva do Cabaçal que migraram nos primeiros anos de sua colonização. O relato testemunho evidencia não apenas as dificuldades materiais, mas também as condições de vida, o trabalho e as relações sociais estabelecidas nesse contexto da colonização.

Organizamos este trabalho a partir da perspectiva da história documental, participante e bibliográfica, com base na definição de Ferreira (2019), que afirma: "toda produção humana pode ser indagada como fonte: documentos textuais, manuscritos e impressos(...)" (Ferreira, 2019, p. 108). A autora destaca que toda produção humana, incluindo documentos textuais, manuscritos e impressos, pode ser questionada ou analisada como uma fonte de estudo ou pesquisa. Isso significa que esses materiais, independentemente do formato, são valiosos para a investigação e compreensão de diferentes aspectos da história.

Conforme Oliveira (2009), os documentos escritos por migrantes e interpretados pelo pesquisador são relevantes para a escrita sobre a construção do município, não como um testemunho do passado, mas como indícios e vestígios sobre o passado. "As fontes não são mais as provas positivistas, mas devem ser lidas, interpretadas, compreendidas como indícios e vestígios" (Oliveira, 2009, p. 43).

O professor, ao levar o documento para as discussões e análise nas aulas de história, contribuiu para o estudo da história local a partir do conceito de memória. Esse estudo se torna fundamental para que os alunos compreendam como as experiências e vivências de uma comunidade moldam tanto a identidade coletiva quanto a individual, além de influenciar sua representação no contexto escolar. Nesse ambiente, diversos sujeitos compartilham suas experiências de vida cotidiana e familiar, o que transforma a escola em um local de pertencimento e de construção das identidades individuais.

Além disso, o estudo da história local, a partir de fontes testemunhais, possibilita uma análise crítica sobre como certos acontecimentos foram lembrados ou silenciados ao longo do tempo. Ao investigar o relato testemunho de memória de uma migrante, os alunos compreendem como a memória local se constrói e como as narrativas históricas podem ser moldadas por aqueles que detêm o poder de contar e preservar a história. Albuquerque (2012), argumenta que:

> As memórias são desfeitas para serem refeitas no discurso do historiador, discurso conceitual, competente e legitimado socialmente para violar as memórias e fazê-las falar, muitas vezes, aquilo que não quiseram dizer, pelo menos, conscientemente (Albuquerque, 2012, p. 37).

Para o autor a memória, percebida como o registro das experiências passadas, não é apenas um arquivo de fatos, mas também um processo de ressignificação e seleção do que é lembrado ou esquecido, muitas vezes influenciado pelos grupos que detêm o poder.

O testemunho da migrante traz vários pontos que chamaram nossa atenção nos estudos de história sobre memória que merecem ser destacados nas análises realizadas. O documento destaca as dificuldades materiais e estruturais que a migrante e sua família enfrentaram ao chegar a Reserva do Cabaçal, como a falta de alimentos essenciais e remédios, e a necessidade de recorrer ao comércio em cidades vizinhas.

Essa escassez de bens essenciais reflete a condição de isolamento e a precariedade das primeiras comunidades formadas na região Sul D'Oeste de Mato Grosso. O texto traz uma descrição vivida das condições de viagens difíceis, como o uso do pau-de-arara como meio de transporte do local de origem até a vila mais próxima de Reserva do Cabaçal, que era Rio Branco Mato Grosso, e a necessidade de dormir em ranchos improvisados, o que reforça a dura realidade enfrentada pelos migrantes para alcançar o local a que se destinava se estabelecer.

Halbwachs (2003), esclarece sobre a construção de uma nova história a partir das memórias narradas por migrantes, diferenciando-se da história oficial do município. Percebemos que essa nova narrativa foi construída por diferentes sujeitos, o que implica em um processo de outras vozes e perspectivas, contrastando com a visão mais homogênea e oficial da história do município estudado. O autor escreve que:

> Somos assim levados ao estudo dos acontecimentos humanos mais simples, tal como ocorre na vida real durante as inúmeras dramatizações em que se enfrentam os papéis reais e imaginários, projeções utópicas e as construções arbitrárias. (Halbwachs, 2003, p. 14).

O autor ao falar sobre os "acontecimentos humanos mais simples" e como esses se entrelaçam com "papéis reais e imaginários, projeções utópicas e construções arbitrárias", reforça a ideia de que a história não é apenas um relato linear ou oficial, mas uma construção dinâmica, composta por diversas interpretações e significados, tanto reais quanto imaginárias, influenciadas por quem narra. Esse conceito está alinhado com a ideia de que, ao estudar as memórias dos migrantes, se tem uma história mais plural, com diferentes dimensões de significados que aponta outras possibilidade de pensar a história do município.

As memórias pessoais e os relatos individuais têm o poder de abrir novas possibilidades interpretativas, "desafiando" as versões oficiais e fornecendo uma compreensão mais rica e multifacetada do passado no contexto da (re)ocupação de Reserva do Cabaçal.

O relato de memória da migrante também apresenta um aspecto cultural importante da época: a troca de bens como forma de sobrevivência e a vivência comunitária. Exemplos como a troca de uma bicicleta por um lote de terra, a troca de um rádio e de uma máquina de costura por um novo lote, e o sistema de trocas de mantimentos demonstram a economia de subsistência e as relações baseadas em trocas, substituindo a moeda como valor de troca.

Os elementos presentes no testemunho de memória da migrante, como a solidariedade e a convivência comunitária, são evidentes. Isso pode ser observado nas memórias da primeira missa realizada na rua e na construção da igreja, na qual ela própria e seu marido participaram ativamente. Esses relatos sugerem que a religiosidade e o trabalho coletivo eram importantes pilares de integração da comunidade local. Halbwachs (2003), argumenta que:

> É difícil encontrar lembranças que nos levem a um momento em nossas sensações eram apenas reflexos dos objetos exteriores em que não misturássemos nenhuma das imagens, nenhum dos pensamentos que nos ligavam a outras pessoas e ao grupos que nos rodeavam. (Halbwachs, 2003, p. 43).

O autor fala sobre como as lembranças não são apenas reflexos de objetos externos, mas estão sempre imersas nas relações sociais e nos grupos ao nosso redor, e as memórias individuais estão sempre ligadas a outros indivíduos e à coletividade.

As lembranças, ao serem evocadas pela migrante ao relatar sobre suas vivências cotidiana em Reserva do Cabaçal, estão sempre conectadas com a socialização e as relações com o grupo. A partir de Halbwachs (2003), percebemos que as memórias são formadas e influenciadas pelas interações sociais, e reforça a ideia de que a memória da migrante, ao relatar eventos comunitários como a missa e a construção da igreja, não é apenas uma recordação individual, mas também uma memória coletiva, compartilhada e influenciada pelas relações dentro da comunidade.

Nos estudos sobre o conceito de memória individual e memória coletiva o relato de memória da migrante foi disponibilizado para que os estudantes pudessem ler e interpretar o documento, a fim de ampliar o conhecimento sobre os conceitos. Isso possibilitou o aprofundamento do entendimento sobre o relato, destacando que suas memórias estão entrelaçadas com a interação social e as vivências do grupo no qual ela esteve inserida.

Ao estudar o relato de memória da migrante recorremos a Barros (2009), onde ele aborda que, a compreensão de memória não apenas atua como um registro passivo do passado, mas como uma instância criativa e ativa, capaz de gerar significados e influenciar a construção de identidades. Barros (2009), declara que a memória é uma forma de produção simbólica.

“Devemos pensar na memória como instância criativa, como uma forma de produção simbólica, como dimensão fundamental que institui identidades e com isto assegura a permanência de grupos”. (Barros, 2009, p. 37).

O relato de memória da migrante “pioneira” nos faz refletir sobre o impacto das doenças como febre amarela, sarampo, e o "fogo selvagem", além das dificuldades em acesso a tratamento médico, expõem a fragilidade do sistema de saúde local que era inexistente.

A menção à falta de médicos e ao uso de redes para transportar doentes demonstra a precariedade dos serviços médicos e a realidade de sobrevivência sem infraestrutura básica em Reserva do Cabaçal nos anos de 1970.

Outro aspecto importante no relato de memória eram as dificuldades econômicas, como a escassez de alimentos, a perda de plantações devido a condições climáticas adversas (chuvas excessivas que prejudicavam as lavouras de arroz, feijão e milho), e a dificuldade de transporte até outras cidades.

O relato também faz referência à falta de dinheiro e à necessidade de trabalhar como diarista, o que reforça a realidade de uma economia local baseada no trabalho árduo e na autossuficiência.

A descrição do início da comercialização e da construção de comércios local também é relevante estudar como os alunos, pois mostra o início de um processo de urbanização e comercialização do município, com a chegada dos primeiros comerciantes, além da chegada de equipamentos como a máquina de limpar arroz, iniciando a indústria local.

Além dos aspectos mencionados, o relato de memória da migrante destaca a cultura de lazer e diversão na década de 1970, abordando as brincadeiras infantis e as atividades do dia a dia, como a lavagem de roupas no rio Cabaçal e a troca de bens. O relato enfatiza, ainda, a resistência cultural e a adaptação das famílias frente às dificuldades enfrentadas.

Essas práticas culturais revelam um contexto de sobrevivência, mas também de adaptação e recreação, onde o trabalho árduo se mescla com momentos de lazer e convivência social.

A migrante também menciona a dificuldade de sustentar a família após a morte do marido, e relata que precisou lavar roupas para comprar alimentos para sustentar a família. Esse trecho evidencia a importância do trabalho feminino em um contexto em que as mulheres eram responsáveis não apenas pela manutenção do lar, mas também pela subsistência da família, especialmente em situações de vulnerabilidade.

Conforme Le Goff (1996), a memória coletiva é um campo de disputa crucial, onde grupos sociais lutam não apenas pela preservação de suas próprias narrativas históricas, mas

também pelo controle sobre o modo como a sociedade lembra e interpreta o passado. Essa luta é central para a dinâmica de poder e para as questões de identidade e sobrevivência das diversas classes sociais, em qualquer contexto histórico ou geográfico.

> A memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas lutando todas pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção. (Le Goff, 1996, p. 475).

A memória social acompanha as mudanças, e pensar no passado de um lugar é reviver a realidade histórica desse espaço, analisando suas transformações e suas contribuições, seja ela por interesses particulares, ou em benefícios do desenvolvimento da sociedade em geral. De acordo com Halbwachs (2004):

> Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança; é necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. (Halbwachs, 2004, p.31).

A memória desempenha um papel essencial na formação e manutenção da identidade de grupos culturais, ela não se limita a ser um reflexo passivo do passado, mas um processo dinâmico, no qual os grupos atribuem significado e ressignificam suas experiências ao longo do tempo.

Segundo Barros (2009), ao preservar e transmitir suas memórias, os grupos garantem a continuidade de suas histórias, valores e tradições, sendo a memória um recurso vital para a permanência e sobrevivência da comunidade. Halbwachs (2004) enfatiza que não basta simplesmente reconstruir os elementos de um evento passado para formar uma lembrança completa. A memória se constrói a partir de dados e noções compartilhadas, tanto no individual quanto no coletivo.

> Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança; é necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. (Halbwachs, 2004, p. 31).

A constante troca e comunicação das experiências entre os indivíduos permite que a memória seja construída e ressignificada de forma conjunta. Ele é possível porque essas memórias estão inseridas em um contexto social comum, no qual as experiências vividas e as

significações atribuídas a elas circulam e são continuamente reforçadas por uma mesma sociedade. Dessa forma, a memória não é apenas um registro individual, mas uma construção social que se mantém e evolui dentro de um coletivo.

Certeau (2002), explora a relação entre memória e história local, destacando como as práticas cotidianas e as narrativas pessoais contribuem para a compreensão do passado. Ele argumenta que a memória local, muitas vezes, é moldada por experiências individuais e coletivas, sendo essencial para a construção de identidades e para a preservação da cultura. Essa memória não é estática; ela é dinâmica, influenciada pelos contextos sociais e pelas relações de poder, e se diferencia da história acadêmica, que busca objetividade e um olhar mais amplo e geral sobre os acontecimentos.

Certeau (2002), destaca que a escrita da história, especialmente a história local, muitas vezes é controlada pelas instituições, e a memória local pode ser uma resistência a essa imposição, pois ela é constituída por narrativas menores, fragmentadas e subjetivas. Para ele, a memória local não é um simples repositório do passado, mas uma forma de resistência que se entrelaça com as práticas cotidianas das pessoas, refletindo um passado vivido que, ao ser recontado, ganha novos significados. “A representação [...] não é ‘histórica’ senão quando articulada com um lugar social da operação científica e quando institucional e tecnicamente ligada a uma prática do desvio...”. (Certeau, 2002, p. 93).

A partir das reflexões do autor compreende-se que a escrita da história, especialmente a história local, é muitas vezes moldada e controlada pelas instituições. Certeau explica que a história, para ser reconhecida como ‘histórica’, precisa estar vinculada a um espaço social e a práticas institucionais específicas, ou seja, deve passar por um processo técnico e científico de organização e interpretação.

Essa relação entre memória e história local, portanto, mostra que a escrita da história não é apenas uma tarefa acadêmica, mas também uma prática social que envolve as memórias coletivas e individuais, e que deve considerar as diferentes perspectivas e experiências dos grupos locais.

A seguir, no capítulo seguinte, apresento as percepções dos alunos do 7º ano do ensino fundamental participantes da pesquisa, que estudam no período vespertino na Escola Estadual Professor Demétrio Pereira, e as aprendizagens adquiridas por eles sobre a história do município de Reserva do Cabaçal/MT, ao estudarem a história local em sala de aula.

4. UMA PROPOSTA DIDÁTICA PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA A PARTIR DOS LUGARES DE MEMÓRIA EM RESERVA DO CABAÇAL/MT

Neste capítulo discute-se as experiências de ensino de história e as aprendizagens da história local na Escola Estadual Professor Demétrio Pereira. Em um segundo momento, foram abordadas as percepções e aprendizagens dos estudantes sobre a história local. Em terceiro discutiram-se as aprendizagens dos alunos do 7º ano após participarem da pesquisa. E por fim abordamos o estudo da história local no ensino de história, a partir de lugares da cidade.

No estudo da história local, é fundamental que os estudantes conheçam suas próprias histórias por meio dos testemunhos de seus familiares e das pessoas que chegaram ao local no início. Para análise das fontes buscou-se as reflexões de autores como Pinsky & Pinsky (2010), BRASIL (2012-2018), DRC/MT (2018), Barros (2013), Silva (2003), Fernandes (1995), Fonseca (2013), Neves (1997), dentre outros.

4.1 Experiências de ensino de história: aprendizagens da história local na Escola Estadual Professor Demétrio Pereira

Ao abordar a História Local no ensino de História com base na BNCC é fundamental discutir as habilidades, conteúdos e conceitos envolvidos. Nas abordagens teóricas e metodológicas da História nota-se que,a partir dos anos 1970/1980 houve uma transformação significativa na forma como os historiadores se relacionam com o passado e como produziam conhecimento histórico.

> Com a renovação teórico-metodológica da ciência da História, ocorrida no Brasil a partir dos anos70/80, e a criação dos cursos de mestrado e doutorada em História no país, abriram-se perspectivas para uma produção historiográfica que desse conta das especificidades locais, Assim, a História Local passa a ser paulatinamente objeto de investigação científica. (Fernandes, 1995, p. 45).

Fernandes (1995), apresenta uma reflexão sobre a história local, destacando a importância de se compreender a história a partir da perspectiva de pequenas localidades, ou seja, dos contextos regionais e das experiências cotidianas que constituem as memórias e identidades locais.

Fernandes (1995), argumenta que a história local não deve ser vista apenas como um reflexo das grandes narrativas nacionais, mas sim como um campo de estudo que permite compreender as dinâmicas e processos próprios de cada região. Ele argumenta que as histórias locais estão profundamente conectadas às práticas sociais, culturais, políticas e econômicas das

comunidades.

Além disso, o autor evidencia que o estudo da história local é uma ferramenta fundamental tanto para o ensino quanto para o fortalecimento do senso de pertencimento dos alunos, contribuindo para a construção e valorização da cultura local. Por essa razão, a história local possui um valor intrínseco para a formação da identidade e da memória coletiva.

> A História Local tem conhecido, nos últimos anos, um progressivo desenvolvimento devido ao interesse da investigação histórica actual pelo estudo das comunidades locais que se tem traduzido num crescente número de trabalhos acadêmicos tendo por objecto a análise de realidades locais ou regionais. (Fernandes, 1995, p. 46)

Dessa forma, a história local deve ser compreendida como uma ferramenta essencial para o ensino de história e para a construção de uma visão mais plural e democrática, possibilitando a reflexão e o protagonismo dos estudantes ao perceberem as diversas vozes das comunidades, e não apenas as das elites ou os grandes eventos.

Conforme a BNCC (2018), o ensino de História deve levar em conta as especificidades locais e regionais, promovendo o conhecimento sobre diferentes contextos e realidades históricas. A história local, nesse sentido, permite compreender o passado a partir das vivências e experiências da comunidade, o que enriquece o aprendizado dos estudantes. No Ensino Fundamental, os conteúdos de História destacam que os alunos devem ser incentivados a entender a história com base em suas próprias realidades e nas de suas comunidades. Entre as competências gerais da BNCC, destaca-se a ênfase na valorização e compreensão da diversidade cultural e social do Brasil, o que inclui a abordagem da história local.

Concordamos com o que preconiza a Base Nacional Comum Curricular (BNCC/2018), que “todo conhecimento sobre o passado é também um conhecimento do presente elaborado por distintos sujeitos”. (BRASIL, 2018, p. 397). O documento afirma que o estudo do passado não deve ser visto apenas como uma simples narração de eventos que ocorreram, mas como um processo dinâmico e interpretativo. Ou seja, o conhecimento sobre o passado é sempre influenciado pelas perspectivas dos sujeitos que o estão interpretando no presente.

O estudo do passado faz-se a partir da visão de mundo atual que se tem, das experiências, contextos e preocupações vividas. Isso significa que a história que se ensina para os alunos ou se aprende não é uma verdade absoluta e imutável, mas algo que é constantemente reinterpretado e ressignificado pelas pessoas de diferentes épocas e realidades.

O conhecimento histórico é, portanto, algo coletivo e dinâmico, em que diferentes

sujeitos, com suas diversas experiências e visões contribuem para a construção da compreensão do que foi o passado, influenciando como ele é compreendido no presente.

No Documento de Referência Curricular para Mato Grosso (2018), que orienta a construção do currículo estadual de Mato Grosso, as habilidades relacionadas ao ensino de História Local nos anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) estão focadas em promover o conhecimento dos processos históricos que envolvem a região e a cidade, além de situar o aluno dentro de sua própria realidade social e histórica.

No contexto da BNCC, as habilidades que abordam diretamente o ensino de História Local no Ensino Fundamental pode ser identificada na área de conhecimento de Ciências Humanas e suas Tecnologias, dentro do ensino de História, especificamente nas competências e habilidades relacionadas à história da comunidade e da região.

> O profissional docente de História precisa ser um professor pesquisador, que indaga, analisa e compreende os significados de diferentes objetos, lugares, circunstâncias, temporalidades e saberes, pois nem sempre a História local está contemplada na historiografia oficial ou até mesmo nas produções acadêmicas da própria região. Assim, pretende-se que o professor, juntamente com os estudantes, seja capaz de produzir a História local a partir das fontes e /ou documentos disponíveis em sua região. Ensinar história local e regional permite ao aluno possibilidades de conhecer o seu entorno, pois trata das especificidades, consolidando sua referência de um mundo em constante movimento, indo do micro para o macro e também do macro para o micro, situando-o numa visão ampla, crítica e reflexiva que objetiva constituir uma identidade do local para o global. (Documento de referência curricular para mato grosso, 2018, p. 251).

Segundo a BNCC (Brasil, 2018), as competências podem ser desenvolvidas de maneira a relacionar os conteúdos históricos com a realidade local dos estudantes, auxiliando-os na compreensão de sua própria história e do seu papel no mundo, ao mesmo tempo em que refletem sobre a formação da identidade da comunidade onde vivem. O objetivo dessas habilidades é possibilitar que os alunos estabeleçam conexões entre a história local e os contextos históricos nacional e global, proporcionando uma visão mais abrangente e contextualizada do conteúdo.

Nessa dinâmica de estudos, acontece a possibilidade de promover nos estudantes uma compreensão crítica e contextualizada da sua história, através da valorização da memória local, de forma que eles possam se perceber como parte de uma história mais ampla, refletindo sobre o papel da sua cidade, estado e país na formação de sua identidade social e cultural.

Esses pontos são parte do ensino de História nas competências gerais do currículo de Mato Grosso, com ênfase no desenvolvimento da análise histórica crítica e na valorização da história local e regional, aproximando os alunos de sua realidade e contexto.

As Orientações Curriculares da Área de Ciências Humanas da Educação Básica publicada pela Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso, em 2018 é um documento que orienta a prática pedagógica nas escolas estaduais de Mato Grosso, focando na educação básica, com ênfase nas Ciências Humanas. Essa obra estabelece diretrizes sobre como ensinar conteúdos relacionados à História local, regional e nacional, levando em conta as especificidades do estado de Mato Grosso.

Especificamente sobre História local, o documento propõe que as escolas abordem o estudo da história do estado de Mato Grosso, buscando integrar o contexto regional no ensino de História, para fortalecer a identidade cultural dos alunos. O conteúdo destaca a importância de conhecer e valorizar a memória histórica local, como a formação das cidades, os povos indígenas, os processos de colonização, as influências culturais e a relação com os outros estados e com o país.

Alguns pontos importantes abordados nas orientações curriculares podem incluir: "A História de Mato Grosso: enfocar o processo de ocupação do território, com destaque para a migração, os ciclos econômicos (como a extração de metais e o ciclo do boi e da soja) e a constituição social". (MATO GROSSO, 2018, p. 263). Ao estudar a proposta, foi considerada a intenção de ensinar a História de Mato Grosso por meio de uma abordagem centrada nos aspectos essenciais do processo de ocupação do território, destacando eventos históricos e econômicos específicos que moldaram o estado, como a migração, a economia e a constituição social.

De acordo com MATO GROSSO (2018), a migração caracterizou-se pela ocupação do território de Mato Grosso, e foi influenciada por movimentos migratórios ao longo do tempo. Isso inclui a chegada de povos indígenas e, posteriormente, a migração de europeus, nordestinos e outras populações em diferentes períodos da história. Essas migrações foram fundamentais para o desenvolvimento da sociedade e a formação do estado. A proposta curricular sugere que se estude como os migrantes se deslocaram para essa região, quais foram as razões e como isso impactou a formação da identidade local.

Mato Grosso passou por diversos momentos, especialmente em relação à exploração econômica, que marcaram seu desenvolvimento, como a extração de metais (ouro e pedras preciosas) no século XVIII, que atraiu migrantes em busca de riquezas; o boi, que consolidou a criação de gado como base da economia local; e a soja, que se destacou no final do século XX e início do XXI, tornando-se uma das principais atividades econômicas. Essas produções impactaram tanto a economia quanto as relações sociais e a ocupação do território.

Outro ponto importante do Documento de Referência Curricular para Mato Grosso

(2018), diz respeito ao estudo de “Povos Indígenas: reconhecimento da presença indígena no território de Mato Grosso, suas culturas, modos de vida e contribuições para a formação do estado”. (MATO GROSSO, 2018, p. 263). Ao abordar a história indígena de Mato Grosso, os alunos passam a entender melhor a configuração social e cultural do estado. Isso inclui o reconhecimento das culturas indígenas como elementos formadores da identidade mato-grossense, contribuindo para uma compreensão mais profunda do território e da sociedade em que vivem.

O estudo da presença indígena no território de Mato Grosso destaca a contribuição dos povos indígenas para a formação da sociedade local e brasileira, permitindo que os alunos reconheçam essas populações não apenas como parte do passado, mas como sujeitos históricos ativos e importantes. Isso ajuda a corrigir a invisibilidade muitas vezes atribuída a essas culturas nos currículos tradicionais.

Esse outro ponto em destaque, “Patrimônio Cultural e Memória: valorização dos bens materiais e imateriais da cultura local, como festas, danças, culinária, festas tradicionais e os elementos que formam a identidade mato-grossense”. (MATO GROSSO, 2018, p. 263). "Patrimônio Cultural e Memória" abrange a valorização dos bens materiais e imateriais da cultura local, como festas, danças, culinária e outras manifestações culturais tradicionais, e é de grande importância no contexto da história local com os alunos, especialmente em Mato Grosso, que possui uma rica diversidade cultural.

Ao estudar o patrimônio cultural e as tradições mato-grossenses, os alunos têm a oportunidade de se aproximar e compreender os elementos que formam a identidade cultural do estado. Isso os ajuda a reconhecer suas próprias raízes e a se identificar com as manifestações culturais que moldaram a sociedade local, criando um sentimento de pertencimento e orgulho da cultura mato-grossense em conexão com a cultura local.

Ao conhecer e valorizar o patrimônio cultural e as tradições locais, os alunos desenvolvem um olhar crítico sobre a importância de preservar o que é culturalmente significativo para a comunidade. Isso pode despertar o interesse pela história local, pela preservação ambiental e pela conservação do patrimônio, estimulando os estudantes a se envolverem em ações concretas para a preservação e promoção da cultura local.

Conhecer as manifestações culturais locais também pode despertar nos alunos a conscientização sobre a importância do turismo cultural, que valoriza as tradições e os bens culturais sem comprometê-los. Eles podem entender como o patrimônio cultural pode ser uma fonte de desenvolvimento econômico sustentável, gerando emprego e renda para a comunidade,

ao mesmo tempo em que promove a valorização da cultura local.

O documento Orientações Curriculares da Educação Básica do Estado de Mato Grosso – Área de Ciências Humanas, sobre o currículo do ensino de história para os alunos do ensino fundamental, orienta para uma formação voltada para a percepção dos alunos relacionada ao comportamento humano, relações com o local, regional, nacional e mundial e relações de conflitos entre os diferentes grupos.

> Embora predominem hoje as preocupações do mundo globalizado, a compreensão e o estudo da história brasileira devem ter prioridade por sua especificidade. Estudar o local e o regional é fundamental, pois possibilita que o estudante entenda a história a partir do seu cotidiano, das suas relações sociais, dos seus hábitos e costumes, das memórias construídas culturalmente, de maneira que ele contextualize a dinamicidade das organizações sociais, econômicas, políticas, nacionais e mundiais (MATO GROSSO, 2012, p. 37).

Nessa abordagem os alunos são considerados sujeitos sociais ativos no processo de construção e apropriação dos conhecimentos históricos a serem trabalhados nas salas de aulas. Nesse contexto, concordamos com Pinsky & Pinsky (2010) ao escreverem sobre conhecimento histórico como um potencial transformador, desde que consiga fazer com o que os alunos se percebam enquanto ser social, dotados de histórias, memórias, e que estas se interligam a outras histórias e memórias, compondo assim a história contada nos livros.

Ao considerar os alunos do ensino fundamental como sujeitos sociais ativos foi um ponto crucial no processo de pesquisa no ensino de História com foco em história local, na escola Estadual Professor Demétrio Pereira. Pinsky & Pinsky (2010), abordam um aspecto muito relevante: o conhecimento histórico não é algo que se entrega passivamente, mas sim algo que se constrói ativamente a partir da interação dos alunos com suas próprias experiências e contextos históricos.

> Nosso aluno, cada aluno, tem de se perceber como um ser social, alguém que vive numa determinada época, num determinado país, ou região, oriundo de determinada classe social, contemporâneo de determinados acontecimentos (Pinsky; Pinsky, 2010, p. 28).

Dessa maneira, um dos desafios postos aos professores de história, assim como escreveu Pinsky & Pinsky (2010, p. 28) é proporcionar ao aluno reflexões acerca do seu papel como construtor da história, mediando sua aproximação com os personagens “concretos da história” na sociedade em que está inserido.

> Cabe ao professor, utilizando-se dos métodos históricos descritos acima,

> aproximar o aluno dos personagens concretos da História, sem idealização, mostrando que gente como a gente vem fazendo a História (Pinsky; Pinsky, 2010, p. 28).

Ao se perceberem como sujeitos históricos, os alunos não apenas estudam a história como algo distante, mas passam a entender que fazem parte dela, que suas histórias, suas memórias, suas vivências estão entrelaçadas com outras histórias, tanto locais quanto globais. Isso é fundamental, porque ao aprenderem sobre o passado, os alunos começam a ver o quanto o passado está representado no presente e como ele influencia as dinâmicas sociais, políticas e culturais do seu cotidiano.

Ao investigar a aprendizagem histórica e os processos pelos quais os alunos aprendem história, buscou-se dialogar com alguns autores que abordam esse tema. Optou-se por apresentar a reflexões de estudantes que participaram da pesquisa, a fim de, a partir dessa experiência, explicar o processo de aprendizagem histórica conforme as referências analisadas.

> A história de Reserva do Cabaçal está ligada à agricultura, especialmente com o cultivo de café e outros produtos. Os primeiros moradores da cidade eram agricultores que chegaram para explorar a terra. O município foi se desenvolvendo aos poucos, e algumas pessoas dizem que o nome 'Cabaçal' tem a ver com os indígenas que existia por aqui. (G. D.).

A interpretação dos alunos sobre a história local revela uma compreensão inicial e prática da história local de Reserva do Cabaçal, com foco nos aspectos econômicos e geográficos da cidade. O aluno destaca a atividade agrícola, especialmente o cultivo de café e outros produtos, como um dos principais marcos do desenvolvimento da cidade. Essa referência ao início da ocupação e exploração da terra por agricultores indica que a economia local sempre foi centrada no trabalho rural.

A menção ao nome *Cabaçal* entende-se que os alunos estão refletindo sobre a origem do município, associando-o a uma característica humana, como os indígenas que existiam na região. Isso revela um esforço do aluno para entender como os elementos naturais e culturais influenciam a formação do nome e, consequentemente, da identidade local.

Conforme Barros (2013), O diálogo entre o ensino de História e o conhecimento científico redefine a importância social dessa área na formação do estudante, destacando e fundamentando a possibilidade de estudo e atividades que promovam o desenvolvimento e a autonomia do aluno, incentivando sua capacidade de aprender de forma independente. Nesse contexto, o estudo histórico tem um papel fundamental, pois envolve a pesquisa e a reflexão sobre as relações

socialmente construídas, bem como sobre a interação entre o indivíduo, o grupo e o mundo social. As escolhas pedagógicas no ensino de história, devem levar os alunos a uma reflexão sobre seu cotidiano e relacioná-lo com os problemas históricos da sua localidade.

A construção de noções altera a forma como o aluno compreende os elementos do mundo e as relações que esses elementos estabelecem entre si. Isso ocorre porque o ensino de História permite ao estudante construir essas noções, promovendo mudanças na maneira como ele entende a si mesmo, aos outros, as relações sociais e a própria História.

O autor salienta que:

> Tem sido comum em propostas curriculares e em algumas produções didáticas introduzir a "História do Cotidiano", opção esta que não é recente. A associação entre cotidiano e história de vida dos alunos possibilita contextualizar essa vivência individual a uma história coletiva. (Barros, 2013, p. 2).

A aprendizagem histórica dos alunos no contexto dos estudos com abordagem na história local envolve o processo de construção de conhecimento sobre o passado de uma comunidade específica, valorizando as experiências, as tradições e os acontecimentos locais. A aprendizagem histórica contextualizada localmente também estimula o protagonismo dos estudantes, permitindo que eles participem ativamente da pesquisa e da construção de saberes, por meio de atividades como visitas a lugares históricos, entrevistas com moradores e pesquisa em arquivos locais. Isso torna o processo de aprendizagem mais dinâmico e envolvente, além de fortalecer o vínculo dos alunos com a história.

Os estudos com a abordagem da história local contribuem para a formação de uma visão mais crítica e reflexiva sobre o passado, promovendo o desenvolvimento de uma identidade histórica e cidadã, ao mesmo tempo em que engajam os alunos no processo de construção do conhecimento histórico de maneira significativa e contextualizada. Destaca-se a relevância da BNCC, que apresenta alternativas que contribuem para a compreensão dos alunos sobre o estudo da memória na construção da aprendizagem histórica.

Entre os conceitos apresentados pela BNCC e DRC/MT, no que se refere ao ensino de história estão importância da construção da identidade individual e social, conceito este fundamental, já que a identidade e a memória têm uma estreita relação, conforme os estudos de Joël Candau.Conforme Candau (2019), identidade e memória são conceitos interligados e fundamentais na construção do sujeito e da sociedade.

A identidade é vista como um processo dinâmico e multifacetado, que envolve a

construção do "eu" a partir das experiências vividas, das relações sociais e culturais e das narrativas compartilhadas. Já a memória é compreendida como um processo de preservação e reconstrução do passado, sendo uma ferramenta essencial na formação da identidade. “[...] é a memória, podemos afirmar, que vem fortalecer a identidade, tanto no nível individual quanto no coletivo: assim, restituir a memória desaparecida de uma pessoa e restituir a identidade.” (Candau, 2019, p.16). O autor destaca a relação íntima entre memória e identidade, ao evidenciar que, a memória desempenha um papel fundamental no fortalecimento da identidade, tanto no plano individual quanto no coletivo.

Candau (2019), está enfatizando que a memória é um componente essencial na construção e preservação da identidade. A memória não se limita ao simples recordatório do passado, mas é crucial para a compreensão de quem somos, de onde viemos e como nos conectamos com o mundo ao nosso redor. A perda ou apagamento da memória pode levar à perda de uma parte significativa da identidade, sendo, portanto, a recuperação da memória também um processo de recuperação da identidade, tanto em nível pessoal quanto social.

A construção das identidades pessoais e sociais está intimamente ligada à memória, pois, tanto no âmbito individual quanto coletivo, ela possibilita que cada geração estabeleça conexões com as gerações anteriores. Dessa forma, indivíduos e sociedades buscam preservar o passado, considerando-o uma referência que oferece orientações para enfrentar as incertezas do presente e do futuro.

O ensino de história local se configura como um ponto de partida para a aprendizagem histórica, pois possibilita trabalhar com a realidade mais próxima das relações sociais estabelecidas entre professor, aluno, sociedade e o ambiente de suas vivências cotidiana.

O ensino de História Local na Escola Estadual Professor Demétrio Pereira configura-se como uma ferramenta importante para o desenvolvimento de uma reflexão crítica sobre a realidade social dos alunos. Essa abordagem não apenas auxilia na construção das identidades individuais e coletivas dos estudantes, mas também permite que compreendam o seu entorno, conectando o passado e o presente nas relações sociais locais.

Ao estudar a História Local, os alunos se inserem em contextos mais amplos, reconhecendo que as realidades históricas de sua localidade estão interligadas com o processo histórico global. Essa abordagem valoriza tanto as histórias individuais quanto as dos grupos, permitindo que os alunos percebam que as identidades culturais e sociais são diversas.

Buscou-se a compreensão de Schmidt (2014), sobre o conceito de Cultura histórica e aprendizagem histórica, conceitos interligados que envolvem a maneira como a sociedade

compreende e transmite o conhecimento sobre o passado.

No contexto da Escola Estadual Professor Demétrio Pereira, a cultura histórica pode ser entendida como um conjunto de práticas, representações e narrativas que a comunidade escolar utiliza para compreender e reinterpretar sua história. Ela vai além do conhecimento formal, englobando as memórias coletivas, as histórias compartilhadas, as tradições e os valores que ajudam a construir a identidade cultural dos alunos, professores e funcionários.

A cultura histórica, portanto, é dinâmica, sendo influenciada por diferentes grupos e contextos ao longo do tempo. Segundo Rüsen (1994), "[...] a cultura histórica pode ser definida como uma operação prática e operante da consciência histórica na vida de uma determinada sociedade" (Rüsen, 1994, p. 14), o que significa que, na escola, ela é constantemente vivenciada e moldada pelas experiências e reflexões de todos os envolvidos.

No contexto do Ensino de História na Escola Estadual Professor Demétrio Pereira, a aprendizagem histórica é o processo em que os alunos adquirem, constroem e interpretam o conhecimento sobre o passado. Esse processo vai além da simples memorização de fatos e eventos, envolvendo também o desenvolvimento de habilidades críticas, como a análise de fontes históricas, o questionamento de diferentes narrativas e a compreensão das várias perspectivas sobre os acontecimentos históricos. A aprendizagem histórica, assim, permite que os estudantes da escola compreendam o passado de forma mais profunda e contextualizada, favorecendo a formação de uma visão crítica e reflexiva sobre o presente e seu papel na sociedade.

A aprendizagem histórica envolve o processo pelo qual os alunos compreendem, interpretam e constroem conhecimento sobre o passado. Quando os alunos aprendem história, eles não apenas memorizam fatos e datas, mas também desenvolvem habilidades críticas para analisar fontes, contextos e narrativas históricas.

Os alunos aprendem a interpretar o passado a partir de diferentes perspectivas, levando em consideração os contextos sociais, culturais, econômicos e políticos. Eles não só assimilam fatos, mas também começam a compreender as causas e consequências dos eventos históricos. Schmidt (2014), aborda aspectos fundamentais sobre o ensino de História e como ele deve ser repensado para atender às novas exigências educacionais e sociais.

> A constatação de um saber histórico escolar com uma especificidade e legitimidade próprias; o reconhecimento dos fim do domínio das grandes narrativas históricas e o encaminhamento para outras concepções de narrativa como história temática e a micro-história ; a necessidade do ensino de história tomar como referência o próprio método da ciência; a superação da dicotomia ensino-pesquisa e a busca por propostas pedagógicas que contemplassem a realidade social dos alunos e professores [...]. (Schimidt, 2014, p. 38).

O conhecimento histórico que é ensinado nas escolas tem uma natureza própria, ou seja, não é simplesmente uma repetição de narrativas históricas formais, mas algo que possui uma identidade única dentro do contexto escolar. Esse saber tem uma legitimidade porque se baseia em métodos e critérios específicos para ensinar História.

Percebeu-se no decorrer desta pesquisa que, ao estudar história, os alunos, incentivados a questionar fontes históricas, identificar pontos de vista e avaliar a confiabilidade das informações, se envolveram e desenvolvem a habilidade de analisar diferentes versões de um evento e compreender como diferentes narrativas podem ser construídas.

Essas novas abordagens visam uma maior diversidade de perspectivas e uma história mais inclusiva no contexto escolar. O aluno ao se engajar na pesquisa como sujeito participante amplia a compreensão da importância de sua atuação enquanto sujeito que faz história, ao realizar as leituras, interpretar as imagens; ao desenvolver reflexões acerca da história local; e ao construir narrativas para a coleta de dados que contribuíram com a pesquisa na escola Estadual Professor Demétrio Pereira e Reserva do Cabaçal em Mato Grosso.

A aprendizagem histórica também envolve a capacidade de relacionar o passado com o presente. Os alunos são incentivados a fazer conexões entre eventos históricos e situações atuais, ajudando a compreender a continuidade e mudança ao longo do tempo que ocorreram no local.

Schmidt (2014), aborda que o ensino de História deve ser baseado em métodos científicos, ou seja, deve incentivar o desenvolvimento de habilidades investigativas e analíticas nos alunos, tal como a pesquisa histórica, a análise crítica de fontes e a construção do conhecimento de maneira sistemática.

Percebe-se que os alunos aprendem a trabalhar com diferentes tipos de fontes históricas, como documentos escritos, imagens, vídeos e narrativas escritas. Eles também são capacitados para interpretar esses materiais e entender a variedade de pontos de vista presentes na história.

Schmidt (2014), faz reflexões sobre a superação da separação entre ensino e pesquisa, o que significa integrar mais a prática de pesquisa dentro do processo de ensino. Além disso, ela aponta a importância de criar propostas pedagógicas que considerem as realidades sociais dos alunos e professores, reconhecendo que o ensino de História deve dialogar com o contexto social e cultural em que os estudantes estão inseridos.

Na Escola Estadual Professor Demétrio Pereira, os jovens constroem a aprendizagem histórica a partir de suas experiências, ao participar ativamente das reflexões sobre o ensino de história local, conforme estabelecido no Projeto Político Pedagógico – PPP (2022). Esse projeto está organizado por objetos de conhecimento que possibilitam ampliar o desenvolvimento das

habilidades previstas na BNCC e no DRC/MT. O estudo dos conceitos fundamentais, para a aprendizagem da história local, abrange temas como memória, identidade, colonização, lugares de memória, representação e lugar.

Na proposta curricular apresentada no PPP da Escola Estadual Professor Demétrio Pereira, para o ensino de história na abordagem da história local destacam-se:

Tabela 5: Proposta curricular do PPP da escola

• Estudos de fontes documentais; • As relações entre continuidade e permanência, ruptura e transformação nos processos históricos; • Concepções de tempo e as diversas formas de periodização; • As problemáticas contemporâneas e as temporalidades; • Identidade pessoal e identidade coletiva; • Os processos de construção da memória social, a partir das reflexões sobre os "lugares de memória" socialmente instituídos em Reserva do Cabaçal; • Os momentos históricos, com os diversos ritmos da duração e nas relações de sucessão ou de simultaneidade.

Fonte: Tabela produzida no contexto da pesquisa – ano 2023

Ao estudar as propostas curriculares do PPP da escola, constatou-se que elas apresentam importantes diretrizes no contexto da história local, as quais podem ser analisadas sob diversas perspectivas.

> Construir a identidade pessoal na dimensão histórica, a partir do reconhecimento do papel do indivíduo nos processos históricos, simultaneamente como sujeito e como produto dos mesmos. Atuar sobre o processo de construção da memória social, partindo da crítica dos diversos "lugares de memória" socialmente instituídos. (Projeto político pedagógico, 2023, p. 60)

A construção da identidade pessoal e coletiva é um dos pilares do ensino de história, e o Projeto Político Pedagógico (PPP) ao enfatizar essa questão, coloca o aluno não apenas como sujeito dos processos históricos, mas também como um produto deles. Isso sugere que, no ensino de história local, os alunos não devem apenas aprender sobre os fatos e eventos históricos de sua comunidade ou região, mas também refletir sobre como esses eventos moldam a identidade local, tanto em termos individuais quanto coletivos.

Um dos desafios aqui é como tornar tangível esse processo de construção de identidade no ensino de história local. Afinal, muitas vezes, os estudantes podem se sentir distantes ou

desconectados dos processos históricos que ocorreram no passado e que, de alguma forma, ainda ecoam no presente. A proposta do PPP é trabalhar a história local de maneira que os alunos percebam que a história não é apenas um conjunto de fatos e datas, mas algo que está diretamente ligado à formação da sua identidade, e que as narrativas históricas devem ser compreendidas como reflexões sobre as dinâmicas de poder, memória e identidade social.

Além disso, a ideia de "lugares de memória" conceitos e elementos culturais que são criados socialmente para preservar e dar significado a determinados eventos históricos também é fundamental. No ensino de história local essas memórias não podem ser tratadas de forma unívoca, mas devem ser abordadas criticamente, levando em consideração diferentes perspectivas, como as de grupos marginalizados ou silenciados. Esse processo de "crítica dos lugares de memória" abre espaço para questionamentos sobre como as narrativas históricas foram construídas e quais são os interesses envolvidos na sua preservação ou transformação.

Como a história local não ocorre de maneira isolada, é necessário compreender os momentos históricos que acontecem simultaneamente e como diferentes processos históricos se interconectam, ao mesmo tempo em que a história local revela seus próprios tempos e ritmos. Isso exige um ensino de história que não se prenda à cronologia linear, mas que saiba fazer conexões entre o global e o local, entre o passado e o presente.

Percebeu-se que, aprender história não é apenas adquirir conhecimento factual, mas envolve um processo ativo de interpretação e construção de sentido, com o objetivo de compreender o passado de maneira crítica e reflexiva. Neves (1997), argumenta que: “[...] a construção do conhecimento a partir da vivência, portanto, do local e do presente, é a melhor forma de superar a falsa dicotomia entre a produção e a transmissão, entre pesquisa e o ensino/divulgação, enfim, entre o saber e o fazer”. (Neves, 1997, p. 7).

Os alunos do 7º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Professor Demétrio Pereira de Reserva do Cabaçal Mato Grosso, ao serem incentivados a investigar histórias contadas por moradores que residem no município e ajudaram a construir a cidade, sentiram-se motivados, e em sala de aula eles reproduziram narrativas contadas por seus familiares e por meio de questionário expuseram saberes que trazem consigo sobre a construção histórica do município, e participaram da construção da pesquisa, contribuindo assim para a produção do histórico conhecimento sobre o contexto local.

Na Escola Estadual Professor Demétrio Pereira foi percebido que os alunos aprendem história quando atuam como sujeito no processo de aprendizagem. No ano de 2024, fizemos contato com os alunos do 7º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Professor Demétrio

Pereira que estudavam no período vespertino, e apresentamos a proposta de estudos sobre história local para a disciplina de história.

Fez-se a proposta de desenvolver um trabalho no ensino de história nos estudos de história local, realizando oficinas em vários ambientes na escola no decorrer da pesquisa, e assim as atividades das oficinas foram realizadas com os alunos do 7º ano do Ensino Fundamental.

Ao todo foram 24 alunos que se dispuseram em participar assinando o documento "Termo de assentimento livre e esclarecido (TALE)", como também seus respectivos responsáveis.[89] Seguem dados demonstrativo dos participantes da pesquisa que contem no instrumento de coleta de dados que foram aplicadas aos estudantes nas oficinas que foram realizadas com eles na escola.

A importância de fazer perguntas aos alunos participantes da pesquisa por meio de um instrumento de coleta de dados, como o questionário, é fundamental para a análise da história local. O questionário oferece uma abordagem participativa, na qual os alunos podem refletir sobre acontecimentos históricos, questionar narrativas dominantes e considerar diferentes perspectivas sobre os eventos históricos.

O instrumento de coleta de dados foi um questionário de caráter exploratório, que continha a identificação individual para cada estudante participante da pesquisa como nome completo, nome do pai, nome da mãe, data de nascimento, local de nascimento, se era do sexo masculino ou feminino, número de telefone, há quantos anos o aluno residia no município de Reserva do Cabaçal, em que ano começou a estudar na Escola Estadual Professora Demétrio Pereira, nome do local onde morava, se o aluno poderia dizer que que horas saia de casa para vir para a escola, se também poderia falar que horas chegavam na escola, se poderia falar que horas chegavam em casa de volta.

Tabela 6: Alunos do 7º ano do ensino fundamental participantes da pesquisa

Nome	**Idade**	**Local de residência**
G. D.	12 anos	Sitio Santo Antônio
S. A.	12	Área Urbana

[89] O projeto de pesquisa e os Documentos foram avaliados pela Comissão de Ética CEP-UNEMAT e foi aprovado para a realização da pesquisa com método participante. O projeto de pesquisa foi apresentado aos jovens estudantes em uma oficina, e os documentos foram lidos, explicados e debatido para que os alunos e seus responsáveis compreendessem a importância da pesquisa para o ensino de história. Foi disponibilizado os documentos (TALE) e (TECLE) para que os alunos levassem para suas residências e estudassem de forma mais detalhada com seus responsáveis. O documento apresentou todas as informações da pesquisa e os riscos possíveis para os participantes e seus responsáveis.

V. E.	12 anos	Fazenda Santa Cruz da Lagoinha
L. A.	12 anos	Área urbana
V. A.	12 anos	Fazenda dois Corações
P. J.	12 anos	Sete de Setembro
N. I.	12 anos	Não informado
N. F.	12 anos	Fazenda Aliança
S. P.	12 anos	Área Rural
F. S.	12 anos	Fazenda Alfa
O. S.	11 anos	Comunidade Rio dos Peixes
M. C.	12 anos	Guanabara
G. V.	11 anos	Área urbana
Q.	12 anos	Comunidade Rio dos Peixes
M. M.	12 anos	Chácara (o nome da chácara não foi informado pela participante
S. R.	12 anos	Comunidade Piraputanga
H. C.	12 anos	Fazenda Recanto do Buriti
F. A.	12 anos	Chácara
E. M.	12 anos	Área rural
M. E.	12 anos	Não informado
F. J.	12 anos	Sítio Flor da Serra
M. Y.	13 anos	Chácara Bom Jesus
B. M.	12 anos	Sítio boa vista
L. N.	12 anos	Sitio Santo Antônio

Fonte: informações retiradas dos instrumento de coleta de dados aplicados aos alunos participantes da pesquisa

Esses alunos, participantes da pesquisa, realizaram relatos escritos a partir do questionário sobre história local e lugares de memória no ensino de História. Ao realizarem as atividades propostas, demonstraram valorizar a memória para a compreensão da história local.

A relevância deste trabalho de pesquisa que envolveu os alunos, está na compreensão do desenvolvimento de metodologias que favoreceram um ensino de História comprometido com a inserção da história local em sala de aula. Fernandes (1995) aponta que:

> [...] a finalidade básica do ensino de História na escola é fazer com que os alunos produzam uma reflexão de natureza histórica, para que pratique um exercício de reflexão crítica, que o encaminhe para outras reflexões, de natureza semelhante, na sua vida e não só na escola. Afinal de contas, a História produz um conhecimento que nenhuma outra ciência produz e ele nos parece fundamental para a vida do homem - indivíduo eminentemente histórico. O estudo da história nos possibilita aprender e apreender um referencial que nos ajuda na leitura e compreensão da realidade social. (Fernandes, 1995, p. 44).

É importante que o estudante tenha a compreensão de que, a principal finalidade do ensino de História na escola é incentivar os alunos a desenvolverem uma reflexão histórica. Isso significa que o ensino de História vai além da simples transmissão de informações sobre o passado, buscando estimular o aluno a pensar de forma crítica sobre os eventos históricos e suas implicações.

A ideia é que essa reflexão histórica não se restrinja apenas ao contexto escolar, mas se estenda para outras áreas da vida do aluno, ajudando-o a desenvolver uma postura reflexiva em diversos momentos e situações, tanto dentro quanto fora da escola. Em resumo, o ensino de História tem como objetivo promover uma forma de pensamento crítico que impacte e influencie a vida cotidiana do aluno.

Foi proposta a realização de oficinas em vários ambientes da escola ao longo da pesquisa, o que foi efetivamente realizado. Os alunos participaram com muito entusiasmo, se envolveram nas atividades, estudaram as fontes e também produziram narrativas escritas envolvendo o questionário e a elaboração de um roteiro de aula prática na cidade.

A metodologia para produção das fontes foi pesquisa participante com questionário que é uma abordagem metodológica que combina a coleta de dados por meio de questionários com a participação ativa dos alunos participantes e pesquisador no contexto estudado. Nessa metodologia, o pesquisador não apenas observa os alunos participantes, mas também se envolve diretamente no ambiente ou na comunidade, promovendo um entendimento mais profundo sobre o fenômeno estudado.

A utilização de questionários na pesquisa permitiu a coleta de dados de forma estruturada, com perguntas abertas, o que facilitou a análise qualitativa dos resultados. Foram disponibilizadas oito perguntas com foco nos estudos de história local, que foram interpretadas de maneira individual pelos alunos, os quais, ao desenvolverem suas interpretações, produziram narrativas escritas.

A participação ativa dos alunos e pesquisador possibilitou uma observação mais contextualizada e a construção de relações de confiança com os participantes, o que levou as respostas mais detalhadas e sinceras.

Ao terem a compreensão dos conceitos históricos os alunos desenvolveram reflexões sobre as indagações propostas que foram analisadas, interpretadas e usadas na dissertação. Desse modo, os alunos tiveram condições de produzir fontes para a pesquisa.

A partir de Oliveira (2009), ampliamos a compreensão de que a pesquisa participante, a elaboração do questionário deve ser um reflexo do entendimento profundo das fontes e da realidade estudada, e o processo de perguntar e interpretar está diretamente ligado à produção da narrativa da pesquisa.

> Os procedimentos que são resultados do questionário vão determinar o olhar frente às fontes. Faz-se mister lembrar que para produzir questões temos que ter familiaridade com as fontes. Quando indagamo-las instalamos nosso procedimento e com isso se tece a narrativa, mormente valendo-se das decifrações das leituras das práticas sociais nas fontes. (Oliveira, 2009, p. 43).

Buscamos as reflexões de Oliveira (2009), para ler, interpretar, e compreender as fontes como indícios e vestígios. Conforme o autor, ao invés de vermos as fontes como provas absolutas e objetivas elas devem ser tratadas como indícios e vestígios que precisam ser lidos, interpretados e compreendidos dentro de seu contexto específico da pesquisa.

> Portanto, sabemos que não existe diferença de importância entre as fontes, sejam elas escritas, orais ou iconográficas, todas devem ser tratadas pelo historiador com o mesmo rigor. É conveniente ressaltar aqui que existem algumas técnicas específicas no trabalho com estas diferentes fontes que devem fazer parte do ofício dos historiadores. Ao construir a narrativa para o registro da história, o historiador deve incorporar ao corpo principal da trama, os procedimentos da pesquisa em si, as limitações documentais, as técnicas de persuasão e as construções interpretativas. Assim, as hipóteses e as problematizações surgem a todo momento. (Oliveira, 2009, p. 42).

Essa visão reflete uma abordagem mais crítica e interpretativa da história, em que as fontes não são tomadas como verdades incontestáveis, mas sim como elementos que, quando

analisados, fornecem pistas sobre o passado. Esse ponto de vista implica que o historiador deve interpretar as fontes, considerando suas limitações, os interesses e as influências que possam ter moldado as informações nelas contidas, ao invés de simplesmente aceitá-las como dados objetivos.

Para o autor, ao trabalhar com fontes históricas, é importante que o historiador adote uma postura interpretativa e reflexiva, levando em conta as complexidades e as possíveis contradições desses documentos, em vez de adotar uma visão linear e positivista da história.

4.2 Percepções e aprendizagens dos estudantes

A seguir, apresenta-se o questionário exploratório, com perguntas abertas, utilizado para a coleta de dados da pesquisa. O questionário foi aplicado aos participantes da pesquisa e os dados obtidos foram analisados como fonte para compreender a percepção dos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental que aceitaram colaborar com a pesquisa e estudaram e elaboram textos sobre a história local. Essas informações serviram como base para a elaboração da dissertação de mestrado.

Tabela 7: questionário elaborado nas oficinas

Questionário	**Resultados**
1- Conte o que você sabe sobre a história de Reserva do Cabaçal.	**Resposta 1:** "Reserva do Cabaçal é uma cidade que fica no estado de Mato Grosso. Eu sei que o nome dela vem de uma reserva que foi criada para proteger a natureza. Ela tem uma história muito antiga, e muita gente que mora aqui tem famílias que vivem na cidade há várias gerações. Algumas pessoas falam sobre como a cidade era pequena e como foi crescendo com o tempo."(G.D.), (S. A.), (V.E), (L. A.), (V. A.), (P. J.). **Resposta 2:** "A história de Reserva do Cabaçal está ligada à agricultura, especialmente com o cultivo de café e outros produtos. Os primeiros moradores da cidade eram agricultores que chegaram para explorar a terra. O município foi se desenvolvendo aos poucos, e algumas pessoas dizem que o nome 'Cabaçal' tem a ver com os indígenas que existia por aqui." (G. D.), (S. A.), (V. E.), (L. A.), (V. A.). **Resposta 3:** "Eu sei que a cidade tem uma história muito importante para as famílias que moram aqui há muito tempo, porque muitos avós e bisavós das pessoas da cidade ajudaram a fundar o município de Reserva do Cabaçal. Falando com minha avó, professora ela sempre conta histórias sobre os primeiros moradores e como a cidade começou com

	um pequena, pouquinhas casas lá para o lado da igreja, e foi se expandindo." (P. J.), (N. I.), (N. F.), (S. P.), (F. S.), (O. S.), **Resposta 4:** "Reserva do Cabaçal foi fundada a partir de um movimento de pessoas que chegaram para desbravar a região. A cidade tem um vínculo muito forte com as famílias tradicionais que ajudaram a construir a comunidade. Também sei que a história da cidade tem muito a ver com a luta das pessoas que vieram para cá no passado, tentando transformar a terra em um lugar para viver e trabalhar." (M. C.), (G. V.), (Q.), (M. M.), (S. R.), (H. C.), (F. A.), (E. M.). **Resposta 5:** "Eu aprendi que a cidade de Reserva do Cabaçal foi formada por várias famílias que vieram de outras regiões. Ao longo dos anos, as pessoas foram contando histórias e preservando as tradições que fizeram a cidade crescer, como a criação de festas e eventos que celebram a cultura local. Isso é o que mais gosto de saber sobre a história daqui." (M. E.), (F. J.), (M. Y.), (B. M.), (L. N.).
2- Fale o que você sabe sobre os lugares de memória de Reserva do Cabaçal.	**Resposta 1:"**Eu sei que os lugares de memória de Reserva do Cabaçal são importantes para contar a história da cidade. Alguns desses lugares são antigos, como a igreja principal, que foi construída há muitos anos. As pessoas costumam falar muito sobre o rio Cabaçal, que é um ponto importante da cidade, e também sobre as casas antigas, que guardam muitas histórias das famílias que moravam aqui no passado." (M. E.), (F. J.), (M. Y.), (B. M.), (L. N.). **Resposta 2:** "Os lugares de memória de Reserva do Cabaçal são aqueles que têm uma história importante para a cidade, como as casas antigas, e alguns pontos de encontro das pessoas no passado como a igreja, a praça e o campo de futebol, onde meu avô jogava bola e conversava com os amigos. Eu ouvi meus avós falarem sobre um local onde aconteciam festas antigas e como a cidade era bem menor. Esses lugares fazem as pessoas lembrarem da época em que a cidade estava começando a crescer." (M. C.), (G. V.), (Q.), (M. M.), (S. R.), (H. C.), (F. A.), (E. **Resposta 3:** "Os lugares de memória aqui em Reserva do Cabaçal estão muito ligados às famílias que fundaram a cidade. Minha avó sempre me conta sobre a antiga praça, que era onde as pessoas se reuniam para conversar e celebrar. Também falam sobre o cemitério, onde estão enterradas as pessoas mais antigas que ajudaram a formar a cidade." ." (P. J.), (N. I.), (N. F.), (S. P.), (F. S.), (O. S.). **Resposta 4:** "Acho que um dos lugares de memória mais importantes de Reserva do Cabaçal é a praça central que fica na frente da igreja, onde tem uma placa que representa alguma uma pessoa importante para a cidade, mas não sei quem foi. O povo daqui lembra disso sempre que fala sobre o passado. Além disso, o

	antigo mercado, onde as pessoas compravam e vendiam produtos antigamente, também é um lugar de memória." (G. D.), (S. A.), (V. E.), (L. A.), (V. A.). **Resposta 5:** "Eu sei que o lugar mais lembrado por todos é a velha escola, onde muitas pessoas estudaram e aprenderam. Também tem a igreja que foi construída há muito tempo e que representa a fé das pessoas daqui. Esses lugares são importantes porque mostram como a cidade cresceu e mudou ao longo dos anos." ."(G.D.), (S. A.), (V.E), (L. A.), (V. A.), (P. J.).
3- Descreva sobre os lugares memória de Reserva do Cabaçal que chama mais a sua atenção ao andar por ela.	**Resposta 1: "**A praça Francisco Sales, a escola, a igreja católica, o campo de futebol, os casarões, O antigo posto de saúde, o cemitério, a árvore grande (paineira), o rio Cabaçal, a praia da Beatriz, a igreja assembleia de Deus". (N. I.), (N. F.), (S. P.), (F. S.), (O. S.), (M. C.), (G. V.), (Q.), (M. M.), (S. R.), (H. C.), (F. A.), (E. M.), (P. J.), (N. I.), (N. F.), (S. P.), (F. S.), (O. S.), (G. D.), (S. A.), (V. E.), (L. A.), (V. A.).
4- Você pode compartilhar o que você conhece sobre a história da Escola Estadual Professor Demétrio Pereira.	**Resposta 1:** "A Escola Estadual Professor Demétrio Pereira é uma escola que tem muita história na cidade. Eu sei que ela foi fundada há muitos anos e tem um nome que homenageia um professor importante da cidade de Cáceres. Minha vó estudou aqui e sempre conta como a escola era bem pequena no começo, mas foi crescendo com o tempo, assim como a cidade." "(G.D.), (S. A.), (V.E), (L. A.), (V. A.), (P. J.). **Resposta 2:** "A Escola Estadual Professor Demétrio Pereira é uma escola muito antiga de Reserva do Cabaçal. Ela começou com poucas salas de aula e, aos poucos, foi se ampliando. Eu ouvi meus avós falando sobre ela e como a escola sempre foi um lugar importante para a educação dos jovens daqui. Acredito que o nome dela eu não sei ainda". " (G. D.), (S. A.), (V. E.), (L. A.), (V. A.). **Resposta 3:** "Eu sei que a escola foi fundada já faz muitos anos, e ela é muito importante para a educação de Reserva do Cabaçal. O nome da escola vem de um professor chamado Demétrio Pereira, que ajudou a ensinar várias gerações. Ele foi uma pessoa muito importante e, por isso, a escola tem esse nome." (P. J.), (N. I.), (N. F.), (S. P.), (F. S.), (O. S.). **Resposta 4:** "A Escola Estadual Professor Demétrio Pereira é uma das escolas mais antigas daqui. Ela foi construída para dar mais oportunidades de estudo para as crianças da cidade. O nome é uma homenagem ao professor Demétrio Pereira, que foi muito importante na educação e no desenvolvimento da comunidade. Meus pais estudaram aqui e sempre falam como a escola ajudou a melhorar a cidade." (M. C.), (G. V.), (Q.), (M. M.), (S. R.), (H. C.), (F. A.), (E. M). **Resposta 5:** "A Escola Estadual Professor Demétrio Pereira tem uma história bem interessante. Eu sei que

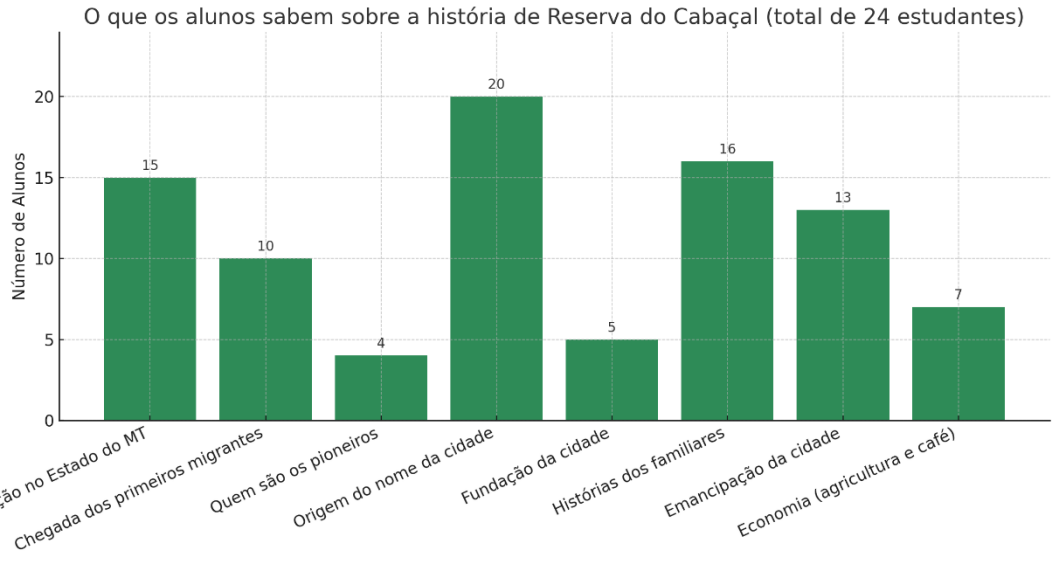
	ela foi uma das primeiras escolas a ser construída em Reserva do Cabaçal e foi essencial para que muitas crianças e jovens tivessem acesso à educação. O nome da escola é uma homenagem a um professor muito querido e que fez muito pela educação aqui na cidade." (M. E.), (F. J.), (M. Y.), (B. M.), (L. N.).
5- Relate sobre outros lugares que você considera serem lugares de memória em Reserva do Cabaçal	**Resposta 1:** "A praça Francisco Sales, a escola, a igreja católica, o campo de futebol, os casarões, O antigo posto de saúde, o cemitério, a árvore grande (paineira), o rio Cabaçal, a praia da Beatriz, a igreja assembleia de Deus", o hospital antigo. (N. I.), (N. F.), (S. P.), (F. S.), (O. S.), (M. C.), (G. V.), (Q.), (M. M.), (S. R.), (H. C.), (F. A.), (E. M.), (P. J.), (N. I.), (N. F.), (S. P.), (F. S.), (O. S.), (G. D.), (S. A.), (V. E.), (L. A.), (V. A.).
6- Narre sobre os lugares que você mais gosta de passear em Reserva do Cabaçal.	**Resposta 1:** "Na praça da igreja, na escola, no campo de futebol e no rio Cabaçal. (H. C.), (F. A.), (E. M.), (P. J.), (N. I.), (N. F.), (S. P.), (F. S.), (O. S.), (G. D.), (S. A.), (V. E.), (L. A.), (V. A.).
7- Você pode contar o que você sabe da história das casas ou construções mais antigas da cidade?	**Resposta 1:** "Muitas delas foram construídas no começo da cidade, quando as pessoas ainda estavam começando a se estabelecer aqui. Alguns prédios mais antigos, como a antiga igreja, ainda existem e são muito importantes para a cidade." (S. A.), (V. E.), (L. A.), (V. A.). **Resposta 2:** "As casas mais antigas da cidade têm um estilo bem simples, mas são muito importantes, porque mostram como as pessoas viviam no início. Eu já vi algumas dessas casas perto do centro da cidade. (P. J.), (N. I.), (N. F.), (S. P.), (F. S.), (O. S.), (G. D.),
8- Pode dizer o que você sabe sobre a história da Igreja Batista de Reserva do Cabaçal.	**Resposta 1:** "A Igreja Batista de Reserva do Cabaçal é uma das igrejas mais antigas da cidade. Eu sei que ela foi fundada há muitos anos. Ela sempre teve um papel importante para as famílias daqui, porque era onde as pessoas se reuniam para orar e também para conversar sobre as coisas que aconteciam na cidade. A igreja é bem bonita e tem muitas histórias sobre os primeiros membros da comunidade." (N. I.), (N. F.), (S. P.), (F. S.), (O. S.), (M. C.), (G. V.). **Resposta 2:** "A Igreja Batista aqui na cidade foi construída há um bom tempo, e ela tem muita história. Eu já ouvi dizer que ela foi uma das primeiras igrejas da cidade e sempre foi um ponto importante para a comunidade. Muitas famílias da cidade frequentam a igreja até hoje, e ela é um lugar onde as pessoas se reúnem para celebrar e participar de eventos importantes." (Q.), (M. M.), (S. R.), (H. C.), (F. A.), (E. M.), (P. J.), Resposta 4: "A Igreja Batista é uma das igrejas mais conhecidas em Reserva do Cabaçal. Eu já ouvi falar que ela tem uma história de muita importância na cidade, porque foi lá que muitas pessoas começaram a se reunir para orar e fazer atividades juntas. A igreja também tem uma grande importância para a formação

	da comunidade e foi onde várias gerações de famílias se reuniram ao longo dos anos." (N. I.), (N. F.), (S. P.), (F. S.), (O. S.), (G. D.). Resposta 5: "A Igreja Batista de Reserva do Cabaçal é muito importante para a cidade. Eu sei que ela foi uma das primeiras igrejas aqui, quando a cidade estava começando. Muitas pessoas frequentam a igreja até hoje, e ela tem um papel muito importante na vida da comunidade, tanto para as orações quanto para eventos especiais. Também é um lugar onde as famílias se sentem unidas." (H. C.), (F. A.), (E. M.), (P. J.), (N. I.), (N. F.), (S. P.),

Fonte: questionário aplicado aos alunos participantes da pesquisa

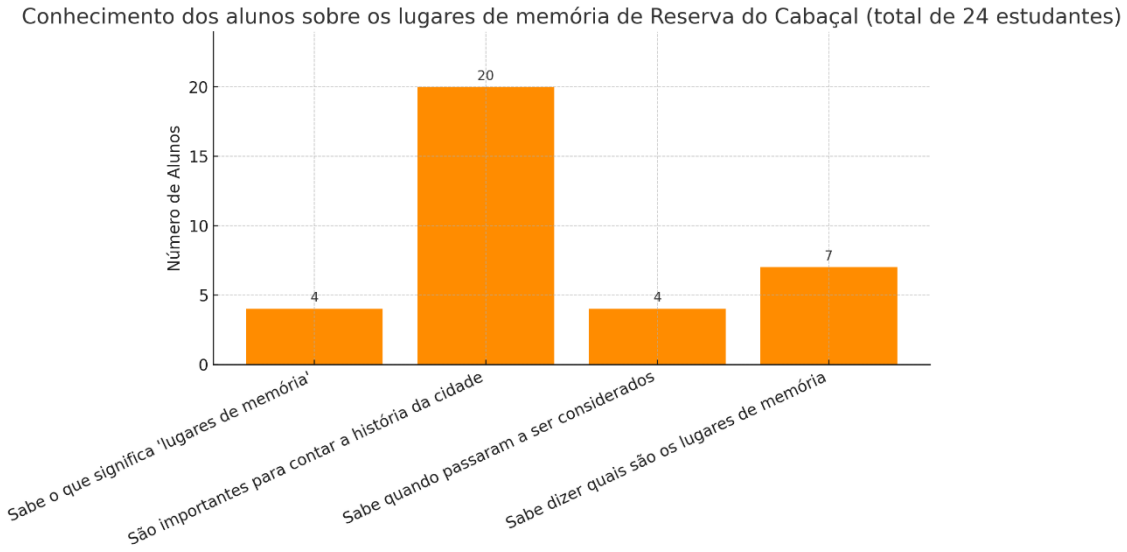
Para análise dos dados inicialmente indicou-se a opção teórico-metodológica da pesquisa ancorada na história local no ensino de história e dialogando com os pressupostos da pesquisa qualitativa.

Gráfico 1 – Conhecimentos Históricos.



Fonte: Dados coletados na pesquisa com 24 alunos do 7º ano.

Gráfico 2 – Lugares de Memória



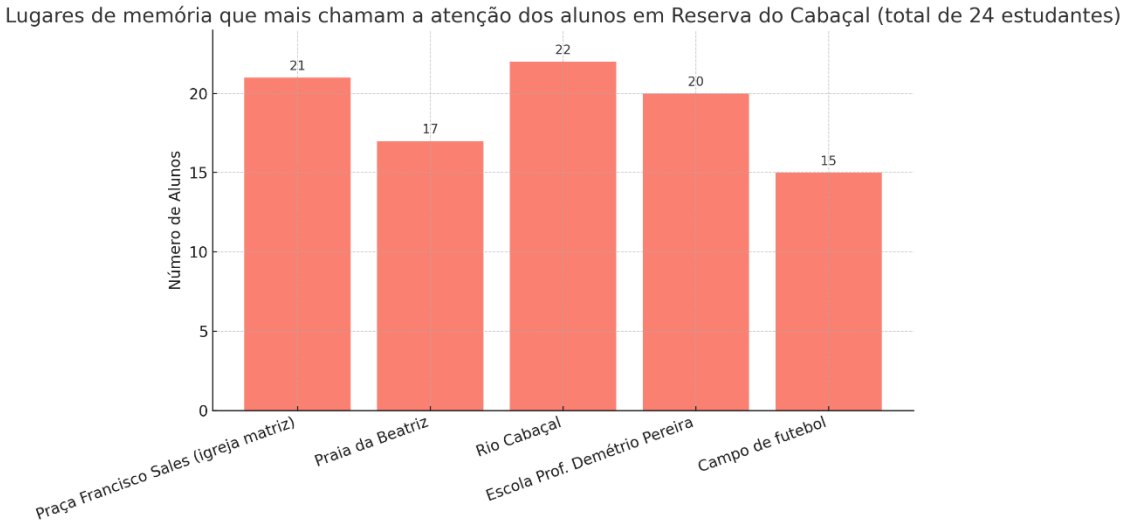
Fonte: Dados coletados na pesquisa com 24 alunos do 7º ano.

Nos estudos realizados com os alunos do 7º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Professor Demétrio Pereira, durante as oficinas sobre lugares de memória na perspectiva da história local, foi aplicada a questão de número dois "Os lugares de memória de Reserva do Cabaçal são importantes para contar a história da cidade*?"*.

Os alunos demonstraram ser receptivos e envolvidos com os estudos e a pesquisa, refletindo de forma positiva sobre a importância desses lugares para a compreensão da história da cidade. A pesquisa proporcionou um espaço para que os estudantes se conectassem com a história local, entendendo como os lugares de memória são fundamentais para preservar e contar a trajetória da comunidade de Reserva do Cabaçal.

Percebeu-se que a concepção que os alunos demonstraram ter sobre lugares de memória está ligada, principalmente, às histórias das pessoas mais velhas da cidade, com as quais eles estabelecem diálogos em suas convivências familiares.

Gráfico 3 – Lugares da cidade como espaços de Memória



Fonte: Dados coletados na pesquisa com 24 alunos do 7º ano.

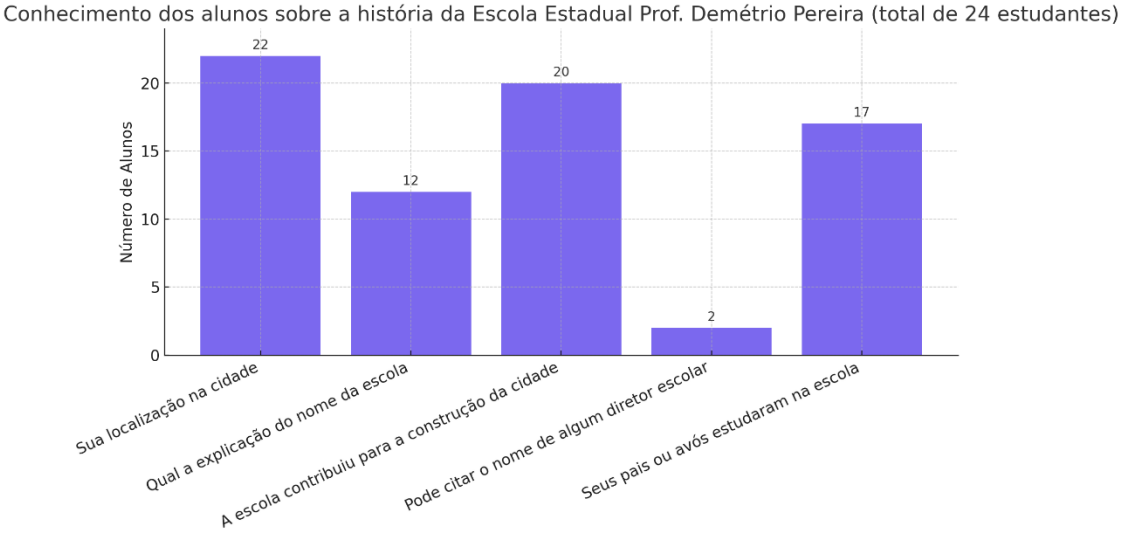
O terceiro questionamento aplicado aos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental foi "descreva sobre os lugares memória de Reserva do Cabaçal que chama mais a sua atenção ao andar por ela". A partir das percepções dos alunos sobre os lugares de memória da cidade, pode-se fazer várias interpretações, observando quais elementos da cidade mais chamou a atenção dos estudantes e o que isso revela sobre suas percepções e conexão com a história local. A análise pode destacar alguns pontos importantes: O fato de muitos alunos citarem a praça da igreja matriz pode indicar que este é um ponto central de memória e importância para a cidade.

Esse local provavelmente tem um significado histórico e cultural forte, seja por sua relação com eventos importantes da cidade, seja pela presença religiosa que organiza parte da vida social da população.

A praia da Beatriz foi mencionada, isso pode indicar que o local tem relevância para os alunos devido a sua relação com o lazer e a convivência social, um ponto de encontro ou referência, sua importância no imaginário local demonstra estar ligada a atividades de confraternização ou festividades. O fato de a escola ser citada, demonstra que ela tem um papel importante na vida dos alunos e na história da cidade. A escola parece ser um lugar de memória importante, ela simboliza o ensino e referência na formação da identidade**.**

O campo de futebol pode indicar a valorização do esporte e da convivência social no município. O campo de futebol pode ser um local de encontros comunitários e de construção de identidade, principalmente entre os jovens, e sua menção pode refletir o valor que os alunos atribuem a espaços de lazer e socialização.

Gráfico 4 - Gráfico Conhecimentos sobre a história da Escola Estadual Professor Demétrio Pereira



Fonte: Dados coletados na pesquisa com 24 alunos do 7º ano

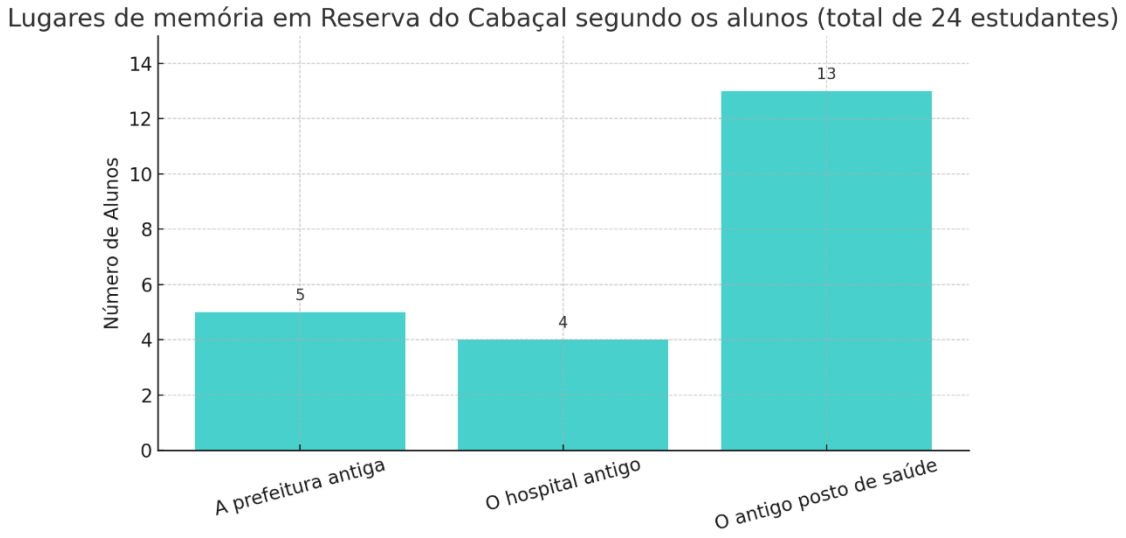
Ao estudar a evolução histórica da escola local de pesquisa optou-se questionar: *"Você pode compartilhar o que você conhece sobre a história da Escola Estadual Professor Demétrio Pereira".* Os alunos demonstraram interesse, pois nessa escola estudaram muitos de seus avós, seus pais. Os alunos participantes da pesquisa demonstraram grande interesse, não apenas pela relevância da escola no contexto do ensino, mas também pelo seu valor afetivo e cultural, pois seus avós e pais contam para eles sua trajetória escolar. Muitos deles, ao longo dos estudos nas oficinas, relataram que seus avós e pais haviam estudado nesse mesmo ambiente, criando uma continuidade de gerações ligadas a esse espaço educacional.

A Escola Estadual Professor Demétrio Pereira foi fundada em um momento chave para a região, desde a década de 1970 desempenhou um papel fundamental na formação de diversas gerações. Sua história está entrelaçada com as transformações sociais e educacionais da cidade, sendo um símbolo de resistência e adaptação às mudanças no sistema de ensino. Durante suas várias fases, a escola passou por diferentes reformas e adaptações, sempre buscando atender às necessidades educacionais da população local, mantendo, no entanto, uma identidade que preserva sua cultura histórica escolar

A presença dos avós e pais dos alunos na escola reforça o caráter familiar e de tradição que a Escola Estadual Professor Demétrio Pereira mantém dentro de Reserva do Cabaçal. Para os alunos a cultura escolar transmitida para filhos, netos e bisnetos representa não apenas um elo afetivo, mas também um compromisso com a continuidade de construção da história do ensino no município. Ao saber que seus antepassados estudaram naquela mesma escola, os alunos se

sentiram mais conectados à história da escola e, consequentemente, ao seu próprio percurso no ensino.

Gráfico 5 – Lugares de Memória segundo os Alunos.

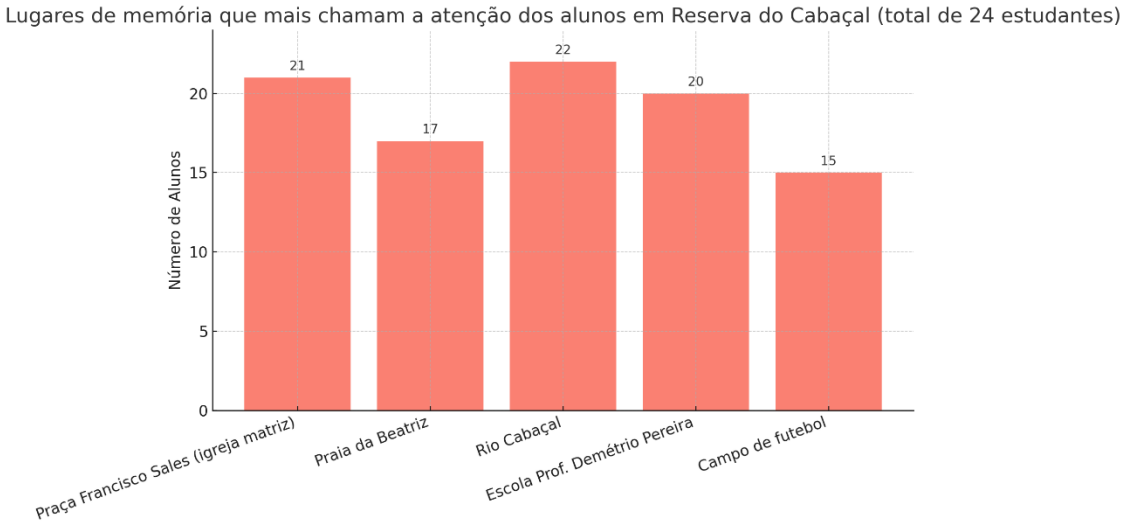


Fonte: Dados coletados na pesquisa com 24 alunos do 7º ano.

Nas oficinas também foi disponibilizada a questão: "Relate sobre outros lugares que você considera serem lugares de memória em Reserva do Cabaçal". Após estudos sobre história local e sobre os *lugares de memória* e suas representações no imaginário social na cidade, os alunos se sentiram capacitados para desenvolver narrativas acerca da questão posta para reflexão. Pode-se interpretar que os alunos associam os lugares de memória não apenas a aspectos históricos ou arquitetônicos, mas também a espaços vivenciais, onde há uma forte ligação entre a identidade cultural, o lazer e as experiências cotidianas.

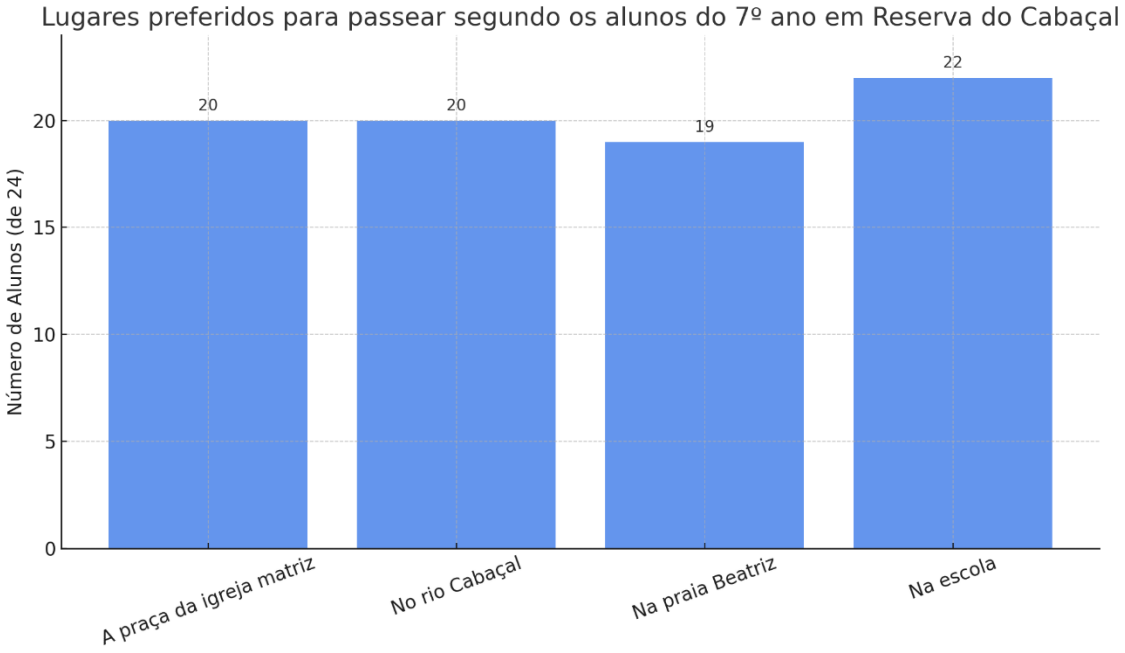
Os locais mencionados são referências tangíveis na vida social e afetiva dos estudantes, refletindo uma memória coletiva que associa elementos históricos e culturais com a vida prática da comunidade. O estudo pode revelar, ainda, que esses espaços são fundamentais para a construção da identidade local deles, que percebem e valorizam os lugares que mais frequentam em seu cotidiano.

Gráfico 6 – Lugares que chamam a atenção



Fonte: Dados coletados na pesquisa com 24 alunos do 7º ano.

Gráfico 7 – Lugares Preferidos



Fonte: Dados coletados na pesquisa com 24 alunos do 7º ano

Ao propor para os alunos a questão para reflexão sobre: *"Narre sobre os lugares que você mais gosta de passear em Reserva do Cabaçal"*. Eles agiram de maneira rápida, se posicionaram oralmente e também deram suas contribuições por escrito, sem demonstrar dúvidas ou insegurança.

A interpretação sobre os lugares que os alunos do 7º ano do ensino fundamental da Escola

Estadual Professor Demétrio Pereira mais gostam de visitar revela uma relação profunda com o espaço urbano e natural que envolve sua comunidade. Cada um desses locais, a praça da Igreja Matriz, o rio Cabaçal, a praia Beatriz e a própria escola, representa algo único e simbólico para os estudantes.

A praça da Igreja Matriz é, sem dúvida, um dos pontos centrais de socialização e convívio para muitos alunos. Este espaço não é apenas um local de encontro, mas um local de representação religiosa e cultural. Para os alunos, ela é um lugar de vivência coletiva, onde muitas vezes acontecem celebrações, festas e eventos que marcam a vida da cidade.

A praça, com seu espaço aberto, tem representação no imaginário da população de lazer e diversão, sendo um ponto de encontro para amigos e familiares. O fato de ser um espaço acessível e em meio ao cotidiano da cidade faz dela uma extensão natural do ambiente escolar, onde a socialização entre os estudantes ultrapassa os muros da escola e se conecta com o centro da vida social dos alunos e de seus familiares.

Os alunos revelaram gostar muito de ir ao rio, um marco geográfico importante, dando à cidade uma identidade própria e reforçando os laços com o meio ambiente. No imaginário dos alunos, é um local onde as brincadeiras de infância ganham vida, e a sensação de pertencimento à cidade é reforçada.

A praia Beatriz, um local frequentemente associado ao lazer e descanso, é outro espaço muito querido pelos alunos. Embora o termo "praia" no contexto de algumas cidades brasileiras possa se referir a um rio ou lago, o que importa é a ideia de um local com águas calmas, onde os jovens podem passar horas com seus amigos, praticando esportes, nadando ou simplesmente desfrutando de um dia tranquilo ao sol.

Para os estudantes essa praia provavelmente evoca sentimentos de liberdade, diversão e os prazeres simples da juventude. É um local de fuga das obrigações escolares, onde os alunos se sentem livres para relaxar e se divertir, contribuindo para a formação de memórias afetivas e momentos de convivência social.

Para muitos, a escola vai além de um mero espaço físico de ensino; é um ambiente de construção de identidade, de interação com colegas e professores, de descobertas e de superação de desafios. Embora a escola não seja entendido como um local de passeio, ela é um ponto de referência essencial na vida dos alunos, um lugar que molda seu caráter, seu futuro e suas memórias. O sentimento de pertencimento à escola é forte, já que ela é o local onde eles compartilham experiências e sonho.

Tabela 8: Casas antigas da cidade

Características	Alunos
Quem construiu	01
A pessoa que morou nela era um pioneiro	Não houve registros de respostas
Podem contar sobre a história das construções mais antigas	07

Material produzido na pesquisa

Os estudantes, ao falarem sobre as casas antigas, frequentemente as associam a histórias familiares e de seus antepassados. Para eles, essas construções são mais do que apenas prédios ou paredes antigas; elas carregam consigo as vivências de quem ali morou ou passou parte de sua vida. As casas antigas, muitas vezes preservadas ao longo das gerações, são vistas como testemunhas silenciosas de uma história que se desenrola no interior da cidade, em seus detalhes arquitetônicos e em suas fachadas que resistem ao tempo.

Esse vínculo afetivo com as casas antigas é profundo, pois os alunos entendem que elas são uma representação visual das transformações da cidade ao longo dos anos. Esses espaços, embora possam parecer simples ou desgastados, têm um valor sentimental significativo, pois representam a permanência e a continuidade de uma história familiar ou social.

De modo geral, os alunos veem as casas antigas não apenas como estruturas físicas, mas como símbolos de continuidade, memória e identidade local. Elas são um reflexo do passado, de uma época em que a cidade e suas construções eram diferentes, mas ainda assim desempenhavam um papel fundamental na formação das famílias e da comunidade. As casas antigas representam o elo entre as gerações, e para os estudantes, elas têm um valor imensurável, sendo parte essencial da história de sua cidade e da construção de sua própria identidade cultural.

As casas antigas, para muitos alunos, são também vistas como um ponto de referência da origem e da formação de suas famílias. Elas representam, na maioria das vezes, os primeiros lares onde as gerações anteriores viveram, e isso confere um significado afetivo muito forte. Algumas dessas casas podem ser vistas como patrimônio familiar, como se o legado do passado fosse preservado nas paredes, no design e nos objetos que ainda podem ser encontrados dentro delas.

Outro aspecto importante percebido nas respostas dos alunos é o sentimento de respeito e até mesmo de orgulho em relação a essas construções. Muitos enxergam as casas antigas como algo que deve ser preservado, pois representam as raízes da cidade e da cultura local. Para esses estudantes, as casas antigas são não apenas monumentos ao passado, mas também um lembrete

constante da história de sua cidade, uma herança que merece ser reconhecida e valorizada.

Em muitos casos, as casas antigas se tornam marcos históricos ou pontos turísticos, e, por isso, os alunos expressam uma sensação de pertencimento e de responsabilidade em manter viva essa memória. Ao observar essas construções, os estudantes sentem que fazem parte de uma tradição mais ampla, que vai além da sua própria geração, conectando-os com a cidade e com a história local.

Tabela 9: A Igreja Batista de Reserva do Cabaçal

Características	Alunos
Ano de sua fundação na cidade de Reserva do Cabaçal	Não houve resposta registradas pelos alunos participantes da pesquisa
Em que rua está localizada	07
Ela é considerada antiga na cidade	02
Seu fundador foi um pioneiro ou pioneira	Não houve resposta registradas nos dados analisados

Material produzido na pesquisa

Ao disponibilizar para os alunos o questionamento sobre a história da Igreja Batista de Reserva do Cabaçal, as respostas escritas analisadas revelaram uma conexão com a memória local e a importância dessa instituição religiosa para a comunidade. Os estudantes, ao relatarem o que sabiam sobre a igreja, narraram com uma sensibilidade que reflete o valor histórico do local para a cidade de Reserva do Cabaçal e para as famílias que ali vivem.

Com a perspectiva de compreender a percepção dos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Professor Demétrio Pereira sobre a história de Reserva do Cabaçal, e considerando as produções realizadas por eles, pensa-se que as representações que os alunos têm sobre o município são de um lugar repleto de vestígios do passado. Destaca-se a sensibilidade dos estudantes ao relatarem os lugares da cidade, os quais ouviram em conversas com seus pais, mas, principalmente, com seus avós e bisavós, que residiram no município desde a sua formação.

A sensibilidade dos alunos se concentrou na história local, mas o que mais demonstraram interesse em estudar e debater nas oficinas foram os lugares que consideram *lugares de memória* na cidade. Ao tecerem comentários sobre esses lugares, eles os associam a personagens da história local, especialmente às pessoas mais velhas que residem no município, que contaram como tal lugar passou a ter aquela representação de uma determinada pessoa, festas culturais, eventos religiosos, ou mesmo os lugares comuns que lembram as vivências da infância, da

adolescência ou juventude de algum de seus familiares ou amigos. Ao apresentar os relatos nos instrumentos de coletas de dados o questionário, disseram que:

> Reserva do Cabaçal é uma cidade que fica no estado de Mato Grosso. Eu sei que o nome dela vem de uma reserva que foi criada para proteger a natureza. Ela tem uma história muito antiga, e muita gente que mora aqui tem famílias que vivem na cidade há várias gerações. Algumas pessoas falam sobre como a cidade era pequena e como foi crescendo com o tempo. (P. J.).

Ao analisar os resultados da pesquisa participante percebeu-se que suas percepções refletem a visão que eles têm sobre a história da cidade, com base nas conversas com suas famílias e no que aprendem nas aulas de História. As respostas variaram e acredita-se que isso tenha dependido do nível de conhecimento e da interação de cada aluno com a história local. "Hoje a História Local aparece como reveladora de uma história mais geral, um 'local' privilegiado no sentido de levar os alunos a sentirem-se sujeitos da História a partir de suas próprias singularidades." (Damazio, 2015, p. 48).

As percepções dos alunos ao relatarem suas aprendizagens através da narrativa escrita, refletem como os eles poderiam associar lugares da cidade à memória histórica local, destacando construções, espaços públicos e elementos da tradição que são importantes para as gerações mais velhas e, muitas vezes, repassadas por meio de relatos para as mais jovens. Fernandes (1995), argumenta que:

> Hoje, todos nós sabemos que a finalidade básica do ensino de História na escola é fazer com que o aluno produza uma reflexão de natureza histórica, para que pratique um exercício de reflexão crítica, que o encaminhe para outras reflexões, de natureza semelhante, na sua vida e não só na escola. Afinal de contas, a história produz um conhecimento que nenhuma outra ciência produza e ele nos parece fundamental para a vida do homem-indivíduo eminentemente histórico. O estudo da história nos possibilita aprender e apreender um referencial que nos ajuda na leitura e compreensão da realidade social. (Fernandes, 1995, p. 44).

O ensino de História possibilita que os conhecimentos históricos se tornem relevantes para os alunos, tanto no contexto escolar quanto social. Isso contribui para que eles reflitam sobre as experiências e produções humanas, que se manifestam em seu ambiente de convivência e nas estruturas das sociedades, em diferentes tempos e espaços.

Na sua prática pedagógica, os professores devem se dedicar à pesquisa, à investigação e à criação de estratégias didáticas, adotando metodologias que estejam alinhados ao diagnóstico da turma, com o objetivo de promover uma formação integral dos alunos, respeitando seus

direitos de aprendizagem.

Sua abordagem deve ser significativa e lúdica, buscando tornar o aprendizado mais inspirador e transformador. Ambos os autores acreditam na relevância do ensino da história local, mas destacam que muito ainda precisa ser feito na prática pedagógica para alcançar o sucesso nesse campo. Fonseca (2013) , Bittencourt (2008). Isso se deve, principalmente, ao fato de que a trajetória do ensino de História não foi sempre tranquila, sendo marcada por heranças do modelo tradicional, com narrativas e historicismos heroicos romanticamente idealizados e um ensino centrado na memorização.

As escolhas pedagógicas no ensino de História devem levar os alunos a refletirem sobre seu cotidiano, estabelecendo conexões com as questões históricas que envolvem seu grupo de convivência, sua localidade, sua região e a sociedade nacional e mundial. A pesquisa participante com questionário combina a coleta de dados estruturados com uma imersão no campo de estudo, permitindo uma análise mais rica e contextualizada dos resultados. Essa abordagem é comum em pesquisas sociais e educacionais, onde o objetivo é compreender o comportamento, as opiniões ou as práticas de um grupo específico, ao mesmo tempo em que o pesquisador aprende diretamente com os participantes e com o contexto.

Esse tipo de abordagem também possibilita a criação de um espaço de diálogo, onde os alunos podem trazer suas próprias histórias, experiências e contextos, ampliando a visão de história que está nos livros e construindo uma compreensão mais ampla e crítica da realidade. Eles deixam de ser meros receptores de informações e passam a ser protagonistas no processo de ressignificação da história.

Além disso, ao trabalhar com histórias e memórias locais, o ensino de história se torna mais próximo e mais significativo para os alunos, criando um vínculo com o seu próprio contexto e com a sua identidade social. Isso ajuda na formação de um sentimento de pertencimento, fundamental para o desenvolvimento de uma cidadania ativa e consciente.

Essa perspectiva também abre um espaço para reflexões sobre questões de poder, representações sociais, e como as diferentes vozes da história, muitas vezes marginalizadas, podem ser ouvidas e valorizadas. O potencial transformador do conhecimento histórico está justamente nesse processo de construção do protagonismo dos alunos, ao fazer com que eles percebam sua importância e capacidade de agir no presente e no futuro a partir do entendimento do passado.

> Base Nacional Comum Curricular (BNCC/2018), aborda que as questões que nos levam a história como um saber necessário para a formação das crianças e jovens na escola são as originárias do tempo presente. O passado que deve impulsionar a dinâmica no ensino –aprendizagem no ensino fundamental é

> aquele que dialoga com o tempo atual. (BRASIL, 2018, p. 397).

Nos estudos no ensino de História com abordagem na história local, percebeu-se que diversos sentidos foram produzidos pelos estudantes durante a pesquisa. Ao estudar a história local, o estudante pode desenvolver um senso de identidade, entendendo melhor suas origens, sua comunidade e sua cultura. Isso fortaleceu o sentimento de pertencimento, pois eles perceberam que fazem parte de uma história que vai além do indivíduo, conectando-o a um coletivo, e ampliou possibilidades de desenvolver consciência histórica, sentido de pertencimento, que contribuiu na construção de sua identidade.

De acordo com Bittencourt (2008), o ensino de História desempenha um papel fundamental na construção da identidade dos alunos, sendo este um dos aspectos importantes para a proposta de estudos sobre a história local. O aluno deve iniciar seus estudos a partir do seu próprio contexto, para que, à medida que adquire conhecimento, consiga compreender outros aspectos da história do Brasil e mundial. Esse processo ocorre por meio da construção de significados sobre o seu passado, visando um pensamento orientador que impulsione as ações educativas nos municípios.

Para alcançar esse desenvolvimento, a proposta é incentivar o ensino da História Local, pois, segundo Bittencourt: “O papel do ensino de História na configuração identitária dos alunos é um dos aspectos relevantes para considerar ao proporem-se estudos da história local”. (Bittencourt, 2008, p. 168). Esses sentidos são importantes para que os estudantes não apenas compreendam a história de maneira de conteúdo escolar, mas também a internalizem de maneira que se relacionem com seu cotidiano e suas próprias experiências.

Estudar a história local pode também ampliar o entendimento sobre as diversas culturas, etnias e experiências presentes na localidade. Isso ajudou os estudantes a ampliar a compreensão e respeito pela diversidade, ao verem como diferentes grupos contribuíram para a formação do município.Percebeu-se que, quando os estudantes estudam algo relacionado ao seu próprio lugar, o aprendizado tende a ser mais envolvente. Eles podem se sentir mais motivados a participar de pesquisas e atividades que envolvem a história local, como visitas a museus, entrevistas com moradores mais antigos ou até mesmo a pesquisa de documentos históricos do local da pesquisa, como fotografias, narrativas históricas, atas, textos, dentre outros.

Conhecer a história local como uma ferramenta para o ensino de história na escola contribuiu para que os estudantes se reconheçam como agentes da mudança. Ao perceberem como eventos históricos moldaram a comunidade, eles podem se inspirar a atuar no meio em que vivem. Considera-se que a aprendizagem histórica dos alunos está relacionada não apenas ao fato

de estar na história, mas também de fazer, aprender e ensinar história, especialmente quando se envolvem nas atividades do contexto da pesquisa.

De acordo com Fonseca (2009), a formação histórica do estudante participante de uma pesquisa no ensino de História com abordagem na história local se dá por meio de um processo ativo e reflexivo. O aluno deixa de ser um simples receptor de informações para se tornar protagonista da construção do seu conhecimento histórico.

Ao se envolver diretamente com a história local, o estudante passa a entender o contexto específico de sua comunidade, reconhecendo o papel que ela desempenha na construção da história mais ampla. "A educação histórica e a formação histórica dos sujeitos não ocorrem apenas na escola, mas em diversos lugares. Isto requer de nós uma relação viva e ativa com o tempo e o espaço do mundo no qual vivemos, por menor que seja". (Fonseca, 2009, p. 116). A autora destaca que, por meio dessa abordagem, o estudante se torna capaz de compreender e reinterpretar a história, mobilizando seu aprendizado para agir de forma mais consciente no presente.

A formação histórica do estudante se concretiza não apenas no domínio do conteúdo histórico, mas também no desenvolvimento de uma visão crítica, reflexiva e participativa sobre a realidade social e cultural local. Esse processo permite que os alunos estabeleçam conexões entre o passado e o presente, desenvolvendo uma compreensão crítica sobre a sociedade em que vivem. A abordagem da história local proporciona uma aprendizagem mais significativa, pois a história que está sendo estudada está intimamente ligada à sua vivência e ao seu entorno.

4.3 Contribuições de projeto de pesquisa para as aprendizagens dos estudantes sobre a história de Reserva do Cabaçal

O conhecimento da história local é distinto daquele produzido no âmbito nacional, pois oferece uma conexão mais imediata e tangível com o passado. A história local não é algo distante ou abstrato, mas algo que está presente no cotidiano, ao alcance imediato do pesquisador. Isso significa que, ao caminhar pela cidade, o estudante pode perceber os lugares de memória e se aproximar das vivências daquele lugar. Segundo Nora (1984):

> A memória, mais relacionada à ficção do que a História, define relevância a tudo que evoca o que passou, garantindo sua permanência reatualizada, ou mesmo ressignificada no presente. A memória, portanto, de acordo com Nora, encontra-se em múltiplos lugares – os lugares da memória. (Nora, 1984, p. 22).

A memória, de acordo com Nora (1984), não se limita a ser um registro fiel ou objetivo do que aconteceu, ela está mais relacionada à ficção, ou seja, à maneira como as lembranças e representações do passado são moldadas, reinterpretadas e atribuídas de novos significados conforme o presente.

O conceito de *lugares da memória* enfatiza que a memória não é algo fixo ou centralizado, mas está disseminada em diversos locais, que podem ser tanto físicos (como monumentos, museus e arquivos) quanto simbólicos (como tradições, relatos familiares ou culturais). Esses lugares são os pontos em que o passado se materializa e se mantém vivo, sendo constantemente atualizados, modificados e até ressignificados conforme as necessidades e interpretações do presente.

A memória é um processo dinâmico e multifacetado, que não apenas preserva o passado, mas também o reinventa e o insere em contextos contemporâneos, permitindo sua permanência e relevância nas experiências atuais. A memória, ao se transformar, também desempenha um papel crucial na construção da identidade coletiva e na formação de sentidos históricos.

O passado local é palpável e pode ser experimentado de forma mais próxima e concreta, ao contrário da história nacional, que tende a ser mais generalizada e distante da realidade cotidiana das pessoas. Dessa forma, a história local permite uma vivência direta e mais íntima com o contexto histórico, enquanto a história nacional pode parecer mais distante e impessoal.

Fernandes (1995) aponta que a história local oferece uma vivência direta e sensível do passado, que está presente nos espaços e nas interações do dia a dia da cidade.

> A história local requer um tipo de conhecimento diferente daquele produzido no alto nível de desenvolvimento nacional e dá ao pesquisador uma ideia muito mais imediata do passado. Ele a encontra dobrando a esquina e descendo a rua. Ele pode ouvir os seus ecos no mercado, ler o seu grafite nas paredes, seguir suas pegadas nos campos. (Fernandes, 1995, p. 43).

Os alunos do 7º ano do Ensino Fundamental, ao estudarem os lugares da cidade, perceberam que a compreensão sobre "lugares de memória" na cidade onde vivem está relacionada a locais que representam eventos ou acontecimentos históricos, registrados na memória dos moradores. Esses lugares são especialmente significativos, pois evocam lembranças de experiências vividas no cotidiano, como, por exemplo, os momentos da construção da cidade de Reserva do Cabaçal pela população. Ao revisitar esses locais, as pessoas relembram as vivências e as experiências que marcaram suas trajetórias.

Após a participação nas oficinas realizadas no contexto da pesquisa de mestrado, os

alunos participantes elaboraram um roteiro na cidade, mais especificamente na Avenida José Júlio de Lima, considerada um *lugar de memória* por eles.

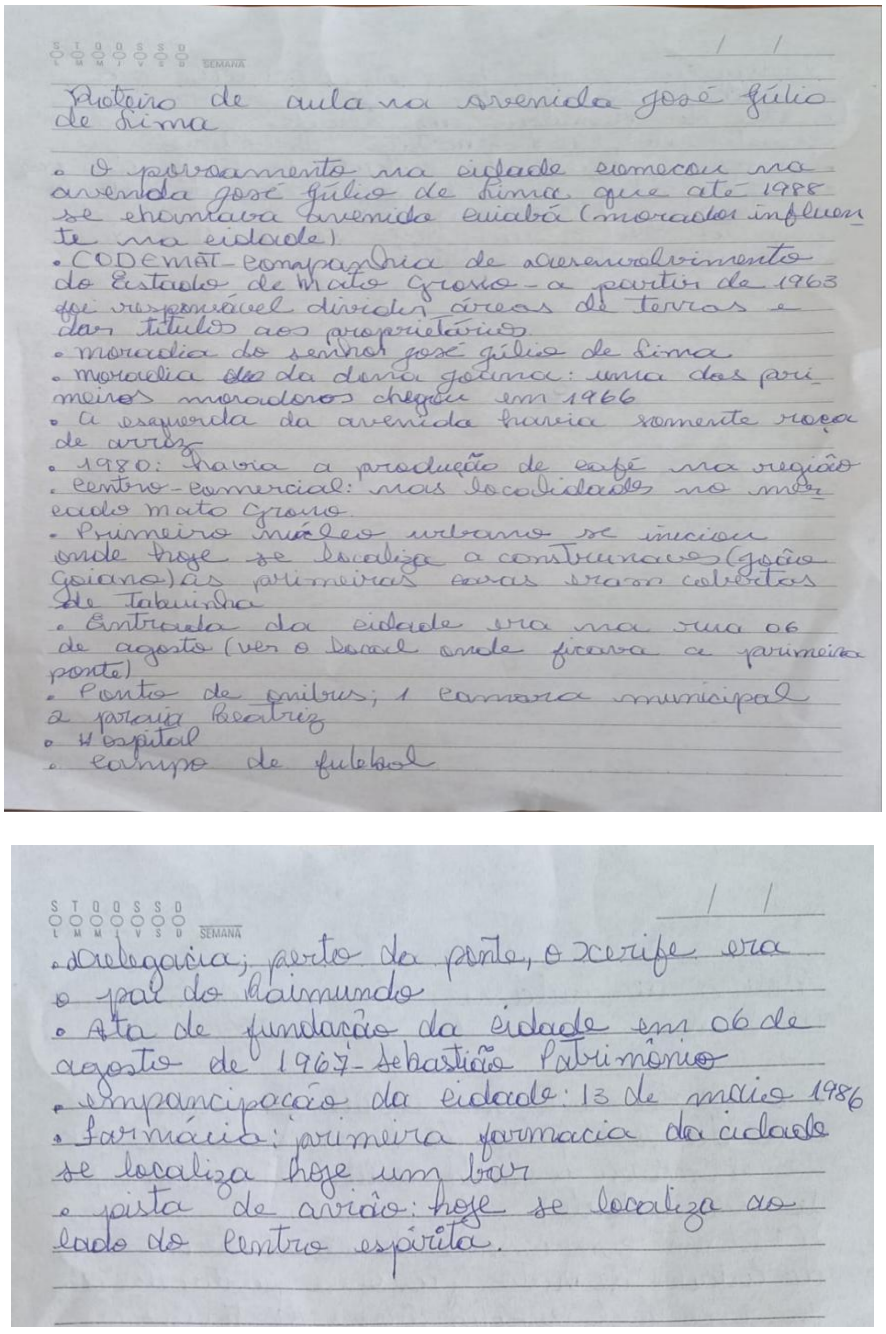
No roteiro os estudantes evidenciaram diversos locais que são considerados lugares de memória, a partir do testemunho de uma pioneira que contou sua história nas décadas de 1960 e 1970, anos que iniciou a colonização de Reserva do Cabaçal.

No entanto, ao ensinar a História Local, se o professor se voltar para as margens e para memórias que não são oficiais, poderá perceber que é a memória dos habitantes comuns que possibilita a descoberta de suas próprias histórias de vida, experiências e lutas diárias. "A memória é, pois, imprescindível na medida que esclarece sobre o vínculo entre a sucessão de gerações e o tempo histórico que as acompanha" (Fernandes, 2006, p. 139). Nesse sentido, a memória é o agente responsável pela noção de pertencimento.

Ao propor para os estudantes nas oficinas realizadas no contexto da pesquisa, que apresentassem suas reflexões acerca da história local no ensino de história, eles produziram um "roteiro" para o ensino de história e estudos de história local que pode ser utilizado para estudar a história local caminhando na cidade ao analisar os *lugares de memória* considerados por eles.

A elaboração do roteiro de aula na cidade pelos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental percebeu-se a importância desses lugares no imaginário social. O roteiro construído pelos estudantes segue o trajeto da avenida José Júlio de Lima, considerada a avenida mais antiga da cidade de Reserva do Cabaçal no Mato Grosso, onde a cidade teve início na década de 1960.

Figura 41: roteiro na cidade



Roteiro de aula na avenida José Júlio de Lima

- O povoamento na cidade começou na avenida José Júlio de Lima que até 1988 se chamava Avenida Cuiabá (moradores influente na cidade)
- CODEMAT - Companhia de desenvolvimento do Estado de Mato Grosso - a partir de 1963 foi responsável dividir áreas de terras e dar títulos aos proprietários
- Moradia do senhor José Júlio de Lima
- Moradia da dona Joana: uma dos primeiros moradores chegou em 1966
- A esquerda da avenida havia somente roça de arroz
- 1980: Havia a produção de café na região
- Centro-comercial: mas localidades no município mato Grosso
- Primeiro núcleo urbano se iniciou onde hoje se localiza a construnave (João Goiano) as primeiras casas eram cobertas de Tabuinha
- Entrada da cidade era na rua 06 de agosto (ver o local onde ficava a primeira ponte)
- Ponto de ônibus; a câmara municipal a praça Beatriz
- Hospital
- Campo de futebol

- Delegacia; perto da ponte, o xerife era o pai do Raimundo
- Ata de fundação da cidade em 06 de agosto de 1967 - Sebastião Patrimônio
- Emancipação da cidade: 13 de maio 1986
- Farmácia: primeira farmacia da cidade se localiza hoje um bar
- pista de avião: hoje se localiza ao lado do Centro espírita.

Fonte: material construído pelos participantes da pesquisa

Os estudantes percebem que a cidade de Reserva do Cabaçal guarda lugares que representam eventos e acontecimentos históricos, sendo locais onde as memórias do passado são preservadas e evocadas pelas pessoas ao revisitar esses espaços. Essa percepção está alinhada com os estudos dos “objetos de conhecimentos” propostos pelos documentos BNCC e DRC/MT, que evidenciam que os lugares na cidade não são apenas elementos do presente, mas também portadores de memórias que conectam os indivíduos ao passado.

Estudos sobre História Local no ensino de história na/pela cidade de Reserva do Cabaçal

pode-se falar de várias maneiras, porém pensamos em falar a partir da Avenida José Júlio de Lima, especialmente do interesse dos alunos em construir o roteiro apresentado na figura 41, contendo informações de lugares na cidade.

Fernandes (1995) promove reflexões ao evidenciar que os *lugares de memória* não são apenas vestígios históricos, mas partes ativas da experiência e da identidade das pessoas que habitam esses espaços. O local apresentado nas imagens é uma representação da formação da cidade de Reserva do Cabaçal, mais especificamente nas décadas de 1970, e conforme informante que contribuiu com a pesquisa, se trata do mesmo local em momentos distintos 2022.

Figura 42: Avenida José Júlio de Lima



Fonte: disponível em coluna _rc capturadas em 25 de mar. de 2025-Ano 1974. Ano 2022

Ao analisar as imagens da figura 42, que apresenta um local em diferentes temporalidades, e ao entrelaçar essas informações com as reflexões dos autores estudados ao longo da pesquisa permite-se que os alunos compreendam e se conectem com o seu próprio contexto. Dessa forma, eles conseguem reconhecer a influência do passado em sua identidade e no cotidiano atual. Isso torna o estudo mais relevante e significativo para eles.

Nora (1993) salienta que:

> Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. [...] São os rituais de uma sociedade sem ritual; sacralizações passageiras numa sociedade que dessacraliza; fidelidades particulares de uma sociedade que aplaina os particularismos; diferenciações efetivas numa sociedade que nivela por princípio; sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos. (Nora, 1993, p. 12-13).

Pierre Nora reflete sobre os "lugares de memória", que são elementos de uma sociedade moderna que, embora tenha perdido muitos dos rituais tradicionais, busca preservar resquícios

de sua identidade. Ele esclarece que, a sociedade está cada vez mais voltada para o individualismo, e esses lugares funcionam como "restos", ou seja, fragmentos de um passado coletivo que buscam se manter vivos, eles representam o que foi importante, mas que, com a modernidade, perdeu seu significado profundo.

Para o autor os lugares de memória surgem como uma tentativa de buscar o que foi perdido no processo de homogeneização e modernização, oferecendo ao indivíduo e ao grupo uma maneira de se reconectar com o passado e com a identidade coletiva, em um contexto em que as sociedades tendem a apagar ou uniformizar as diferenças.

Segundo Pierre Nora (1993), os lugares de memória são fundamentais para compreender como as sociedades constroem suas identidades históricas, e são também compreendidos como lugares que existem na cidade que levam as pessoas a se conectarem ao passado, mesmo vivendo no presente.

Embora situados no presente, eles são ferramentas que inspiram os indivíduos a capacidade de se conectar ao passado. Esses locais servem como pontos de reflexão e lembrança histórica, permitindo que os indivíduos e grupos se identifiquem com eventos, culturas e tradições que marcaram sua história. Eles funcionam como intermediários entre o presente e o passado, preservando a memória coletiva e oferecendo um meio para que as pessoas compreendam suas origens e a evolução de sua identidade, mantendo viva a ligação com a história em meio à contemporaneidade.

A pesquisa visou promover o entendimento da história local, tornando o aprendizado mais relevante e estimulando a valorização do patrimônio cultural e histórico da comunidade. Além disso, o professor pretende desenvolver habilidades de pesquisa, análise crítica e compreensão de como os eventos históricos influenciam o cotidiano atual dos alunos.

O professor, ao desenvolver a pesquisa com os alunos do 7º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Professor Demétrio Pereira, em Reserva do Cabaçal, Mato Grosso, busca despertar nos estudantes a compreensão da história local por meio dos lugares de memória. A partir dessa abordagem, os sentidos produzidos envolvem a valorização da identidade cultural e histórica da comunidade, ampliando as possibilidades de que os alunos pudessem reconhecer a importância do passado na construção de seu contexto atual.

Além disso, a pesquisa visou incentivar o desenvolvimento da capacidade e desenvolvimento da consciência histórica dos alunos, para agir em seu local de vivências, estimulando-os a refletir sobre como os eventos históricos influenciam suas vidas cotidianas, e fortalecer o vínculo dos estudantes com sua própria história, promovendo um aprendizado mais

significativo e contextualizado com a realidade local.

Schmidt (2014) enfatiza que o ensino de História deve deixar de lado as narrativas tradicionais e adotar abordagens mais variadas e detalhadas, como a história temática e a micro-história, incorporando um método científico no ensino e na pesquisa. Além disso, ela ressalta a necessidade de conectar o ensino à realidade social dos alunos e professores, a fim de tornar o aprendizado mais relevante e contextualizado.

A pesquisa desenvolvida com os alunos do 7º ano do ensino fundamental na Escola Estadual Professor Demétrio Pereira, em Reserva do Cabaçal, Mato Grosso, pode impactar significativamente o ensino de história local ao aproximar os estudantes de sua própria realidade histórica.

Ao trabalhar com a perspectiva dos lugares de memória, a pesquisa contribuiu de forma significativa para que os alunos pudessem ampliar sua compreensão e valorizar o patrimônio cultural e histórico de sua comunidade, reconhecendo a importância desses elementos na construção de sua identidade.

Essa perspectiva de estudo contribuiu para que os que os alunos se conectem de maneira mais profunda com o passado, tornando o estudo de história mais relevante e significativo. Além disso, a pesquisa estimulou o pensamento crítico, a reflexivo sobre os processos históricos locais e a valorização da história vivida, contribuindo para um ensino de história mais contextualizado e engajador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar a história local no ensino de História, a partir dos lugares de memória da cidade de Reserva do Cabaçal, em Mato Grosso foi extremamente impactante para a aprendizagem dos alunos do 7º ano do ensino fundamental que participaram da pesquisa. Além de influenciar diretamente o ensino da disciplina de História, foi visível o impacto causado na aprendizagem de outros estudantes da escola onde também atuo, a Escola Estadual Professor Demétrio Pereira.

Esta pesquisa teve como objetivo investigar o ensino de história na Escola Estadual Professor Demétrio Pereira, com alunos do 7º ano do Ensino Fundamental, sob a perspectiva da história local, utilizando os *lugares de memória* de Reserva do Cabaçal como um recurso pedagógico. A proposta de estudar os *lugares de memória* no ensino de história não apenas proporcionou uma abordagem mais próxima da realidade dos estudantes, mas também contribuiu para o desenvolvimento de uma compreensão crítica sobre os processos históricos que permeiam suas vidas cotidianas.

Os resultados obtidos revelaram que a utilização dos *lugares de memória* de Reserva do Cabaçal no contexto educacional foram uma ferramenta eficaz para promover o engajamento dos alunos com o conteúdo histórico, permitindo-lhes perceber a história não apenas como um conjunto de fatos distantes e abstratos, mas como algo que está presente em seu cotidiano e que faz parte de sua identidade e de sua comunidade. Ao explorar a história local, os estudantes foram estimulados a se reconhecer como sujeitos históricos, capazes de entender e contribuir para a construção de novas narrativas sobre seu próprio local de vivências.

Observou-se, também, que o processo de valorização das experiências locais e o incentivo à participação ativa dos alunos no estudo de sua história proporcionaram uma maior apropriação do conhecimento, além de despertar um sentimento de pertencimento e de interesse na preservação das memórias locais. Na escola, ao adotar essa abordagem, cumpriu seu papel de promover uma educação crítica, capaz de ampliar os horizontes dos estudantes e de fortalecer seu protagonismo na construção de uma história plural e diversa.

Porém, é importante destacar que, apesar dos avanços observados, o processo de implementação da história local no ensino de história ainda enfrenta desafios, como a necessidade de formação contínua dos professores e a adequação de materiais didáticos que atendam à especificidade dos contextos locais. Além disso, é essencial que haja um maior investimento em iniciativas que integrem a comunidade escolar e local, para que o ensino de história se torne, de fato, um instrumento de transformação social e de fortalecimento da identidade coletiva.

Portanto, a pesquisa aponta para a relevância da história local como uma abordagem pedagógica que, ao integrar os alunos ao estudo de sua própria realidade, contribui para a construção de uma educação mais significativa e engajada com o contexto social e cultural dos estudantes. A continuidade e o aprimoramento desse tipo de prática educativa são fundamentais para que os alunos possam não apenas entender o passado, mas também se reconhecer como agentes de mudança no presente e no futuro de sua comunidade.

Este estudo estimulou a reflexão sobre a função da escola em fomentar uma compreensão crítica da identidade, da memória social e da construção do conhecimento histórico. Ao valorizar as experiências locais e proporcionar aos estudantes a oportunidade de expressar suas vozes, o ensino de história pode ajudá-los a reconhecer seu papel nas transformações sociais, entendendo-se não apenas como protagonistas de sua própria história, mas também como agentes ativos na criação de novas narrativas.

Considera-se que os estudos históricos locais poderão dar resultado a longo prazo. Como vimos, a História Local poder ter um papel significativo na construção das memorias que levam ao relevante processo de construção das identidades. Trata-se de reconhecer o contexto histórico marcado pela pluralidade, os assuntos locais despertam interesse dos alunos e a fragmentação das escalas que deve ser observada com cuidado, pois elas transcendem. Cabe aos professores na sua prática pedagógica, devem pesquisar, investigar, criar estratégias didáticas, usar de métodos e metodologias de acordo com seu diagnóstico de turma, visando uma formação integral e primando pelos direitos de aprendizagem do educando. Sua prática deve ser significativa e recreativa, para tornar o aprendizado mais inspirador e transformador.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, D. M. Fazer defeitos nas memórias: para que serverm a escrita e o ensino da história?. In: Márcia de Almeida Gonçalves; Helenice Rocha; Lu s Reznik; Ana Maria Monteiro (Org). Qual o valor da História hoje? 1ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2012, v, p. 21-39.

ADUGONOREU, Hilário Rondon (Org.). Os animais: Projeto Tucum. Cuiabá : Seduc, 2002.

ALMEIDA, Carla Maria Carvalho de, e OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de. (org). Exercícios de micro-história. Rio de Janeiro, FGV, 2009.

ALMEIDA, Marli Auxiliadora de. Cibaé Modojebádo - a Rosa Bororo e a "Pacificação" dos Bororo Coroado.' 30/04/2002 144 f. Mestrado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO, Cuiabá Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UFMT e Biblioteca Setorial do ICHS https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/ Acessado em 05 de junho de 2024

AMORIM, Lenice. MIRANDA, Leodete. Mato Grosso: atlas geográfico. Cuiabá: Entrelinhas, 2000.

ARAPIRACA, J.O. A USAID e a educação brasileira São Paulo: Cortez; Campinas: Autores Associados, 1982.

ARÓSTEGUI, Julio. A pesquisa histórica: teoria e método. Tradução Andréa Dore. Bauru: Edusc, 2006.

ARRUDA, Gilmar. Cidades e sertões: entre a história e a memória. São Paulo: EDUSC, 2000.

AUBERTIN, Catherine. (org.) Fronteiras. Brasília, EdUNB; Paris, ORSTOM, 1988.

BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi.(org). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

BARROS, José D' Assunção. O lugar da história local na expansão dos campos históricos. In: Org(s) OLIVEIRA, Ana Maria. REIS, Isabel Cristina. História Regional e Local: discussões e práticas. Conferência para o I encontro de História Local/ regional.UNEB. Novembro. 2009.

BARROZO, João Carlos. Políticas de colonização: as políticas públicas para a Amazônia e o Centro-Oeste. In: BARROZO, João Carlos (Org.). Mato Grosso do sonho à utopia da terra. Cuiabá: EdUFMT/Carlini&Caniato, 2008.p. 15-26

BARROZO, João Carlos. Fronteiras de Mato Grosso: em busca do Eldorado e da Terra Prometida. Cuiabá: EdUFMT, 2017.

BARROZO, João Carlos. Mato Grosso: a (re)ocupação da terra na fronteira amazônica (Século XX) / organizado por João Carlos Barrozo. – São Leopoldo: Oikos; Unisinos; Cuiabá/MT: EDUFMT, 2010.

BECKER, Berta K; MACHADO, Lia Osório; MIRANDA, Mariana. Fronteira amazônica:

questões sobre a gestão do território. Brasília: EdUNB: Rio de Janeiro: EdUFRJ, 1990.
BECKER, Berta K; MACHADO, Lia O; MIRANDA, Mariana. Fronteira Amazônica. Questões Sobre a Gestão do Território. Brasília/Rio de Janeiro. Editora UNB/EdUFRJ,1990.

BITTENCOURT, C. Ensino de História: fundamentos e métodos. Editora Cortez, 2004.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Cotidiano e história local. In Ensino de história: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2009.

_____. Ensino de História: fundamentos e métodos 5. ed. São Paulo: Cortez, 2018-(coleção docência em formação: Série Ensino Fundamenta-coordenação Selma Garrido Pimenta)
_____. Ensino de História: fundamentos e métodos. 5ed. São Paulo: Cortez, 2018.
BUENO, Dioury de Andrade; URBAN, Ana Claudia. Resenha de: Revista de Educação Histórica, Curitiba, n. 19, p.83-87, jul./dez., 2019.

_____. História local ou história do "lugar". In Ensino de história: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2009.

_____. Memória e história local. In Ensino de história: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2009.

BOURDIEAU, Pierre. O poder simbólico. 13ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

Brasil, Ministério da Educação. (1997). Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF.

BRASIL, Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: história, geografia. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/ Constituiçao.htm. Acesso em: 13 de junho 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Federal de Educação. Parecer n. 977/65, de 4/12/1965. Definição dos cursos de pós-graduação. Documenta, Brasília, DF, p. 67-86, 1965.

BURKE, Peter. A escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia /Peter Burke ; tradução Nilo Odalia . São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

CÂMARA DOS DEPUTADOS-Centro de Documentação e Informação. LEI Nº 14.701, DE 20 DE OUTUBRO DE 2023-Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2023/lei-14701-20-outubro-2023-794847-normaatualizada-pl.pdf acesso em: 27 de juno de 2024.

CARINO, Jonaedson. A Biografia e Sua Instrumentalidade Educativa. Educação & Sociedade,

ano XX, nº 67. Agosto/1999.

CARVALHO et al., 2015. Susceptibilidade e Potencial Atual À Erosão Hídrica Dos Solos Na Bacia Hidrográfica Do Rio Cabaçal, Mato Grosso, Brasil. Disponível em: https://ecoa.org.br/bacia-hidrografica-do-rio-cabacal/ acesso em: 13 de junho 2024.

CARVALHO, Sival Honório de. A Mãe do Ouro. 1999.

CASTRO, Sueli P. et al. A colonização oficial em Mato Grosso: a nata e a borra da sociedade. Cuiabá: EdUFMT, 2002.

CALVINO, Ítalo. As cidades Invisíveis. São Paulo, Companhia das Letras, 1990. Tradução: Diogo Mainardi.

CAVALCANTE, Elce Dias de Araújo; COSTA, Maurinho Rodrigues. Mato Grosso e sua História. Cuiabá, 1999.

CELLARD, A. A análise documental dos livros didáticos de OSPB – Organização Social e Política do Brasil. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Florianópolis: UFSC, 2009.

CERTEAU, Michel de. A escrita da História. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer. 3ª ed. Ed. Vozes. Petrópolis. 1998.

CHARTIER, Roger. Introdução. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: _____. A História Cultural entre práticas e representações. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. A história Cultural. Entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. Rappresentazione della Pratica, Pratica della Rappresentazione. Quaderni Storici, n. 92, ano XXXI, n. 2, p. 487-493, 1996. Fronteiras, Dourados, MS, v. 13, n. 23, jan./jun. 2011 disponível em: https://www.ufrgs.br/gthistoriaculturalrs/nocaoderepresentacao.pdf acesso em: 14 de junho de 2024.

CORREIA, W. F. (2007). Educação moral e cívica do regime militar brasileiro, 1964-1985: a filosofia do controle e o controle da filosofia. EccoS Revista Científica, 9(2), 489-500.

CUNHA, Manuela Carneiro da. Os índios no direito brasileiro hoje. Os direitos dos índios: ensaios e documentos. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CUSTÓDIO, Regiane Cristina. Dissertação: Sorriso de tantas faces: A cidade (re) Inventada - Mato Grosso – pós 1970. (Dissertação). 137f. 2005. Mestrado em História. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. Cuiabá, 2005.

Documento de Referência Curricular para Mato Grosso-Anos Finais (2018).

ERRANTE, Antoniette. Mas afinal, A Memória é de Quem? Histórias orais e modos de lembrar. Histórias e Educação. Vol. 4 – n.8 Pelotas: UFPel. Setembro, 2000. p. 141-174.

ESTADO DE MATO GROSSO. SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO. SECRETARIA ADJUNTA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS. PPP (Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Professor Demétrio Pereira de Reserva do Cabaçal/MT. 2023. Disponível em: https://docs.google.com/document/d/17vUzRdVwNV6uSPcVwP-3TkrLNiKCWKoP/edit?pli=1 acessado em agosto de 2024.

Evandro Félix – Cáceres, 2018. 173 f.; 30 cm. (ilustrações) II. color. (sim)
FÉLIX, Evandro. F111m Morfologia, Morfometria e Dinâmica Fluvial Como Subsídio para o Planejamento dos Recursos Hídricos na Bacia Hidrográfica do Rio Cabaçal- MT

FERNANDES, José Ricardo Oriá. Um lugar na escola para a História Local. Ensino em Revista. Uberlândia. 4 (1): 43-51. Jan./dez.1995.

FERREIRA, João Carlos Vicente. Mato Grosso e seus Municípios. Cuiabá: Janina e
FILHO, Roberto Lemos dos Santos. Apontamentos sobre o direito indigenista. Curitiba: Juruá, 2005.

FONSECA, Selva Guimarães. Didática e prática de ensino de história: Experiências, reflexões e aprendizados. Campinas, SP: Papirus, 2006. FONSECA, J. J. S. (2002). Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC.

Pinsky, Carla Bassanezi, e Tânia Regina de Luca, organizadoras. O historiador e suas fontes. São Paulo: Editora Contexto, 2009. ISBN 978-8572444514.

Pinsky, Carla Bassanezi, organizadora. Fontes Históricas. São Paulo: Editora Contexto, 2005. ISBN 978-8572442978.

FONSECA, J. J. S. (2002). Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC.
Pinsky, Carla Bassanezi, e Tânia Regina de Luca, organizadoras. O historiador e suas fontes. São Paulo: Editora Contexto, 2009. ISBN 978-8572444514.

FUNDAÇÃO JULIO CAMPOS. Municípios de Mato Grosso-Reserva do Cabaçal. Várzea Grande : FJC, 1995.

GONÇALO OCHOA C. CIBAIKARE. História Mítica Bororo E Frederico Coqueiro Tugore Etua MISSAO SALESIANA DE MATO GROSSO. Campo Grande MS 1990. Fonte: http://www.etnolinguistica.org/biblio:albisetti-1962-enciclopedia pesquisado em 10 de junho de 2024.

GRANDO, Saléte Beleni. Corpo e Educação: As relações interculturais nas práticas corporais bororo em Meruri-MT. Florianópolis, 2004. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/86774?show=full. Acesso em: 06 jun. 2024.

GUIMARÃES NETO, Regina. A Lenda do Ouro Verde. Cuiabá: UNICEN Publicações, 2002.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. Vira mundo, vira mundo: trajetórias nômades. As cidades na Amazônia. Projeto HISTÓRIA, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História PUC/SP, nº 27. Nomadismo, Memória, Fronteiras. São Paulo, Dez/2003.

GUIMARÃES, Selva. O estudo da historiografia local e construção de identidades. In: Didática e Prática de Ensino de História. 13 ª Ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

HEINST, Andrea. Dissertação: "Pioneiros do século XX: memória e relatos sobre aocupação da cidade de Mirassol D' Oeste". 173f. 2003. (Dissertação) Mestrado em História. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Estado de Mato Grosso - UFMT, 2003.

HALBWACHS, Maurice. 1877-1945 A memória coletiva. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2003. 224p.

IANNI, Octávio. Colonização e Contra-Reforma Agrária na Amazônia. Petrópolis, Vozes, 1979.

IANNI, O. O Ensino das Ciências Sociais no 1° e 2° graus. In: Cadernos CEDES, v.31, n.85, p. 327-339, set/dez 2011.

INSTITUTO DE PESQUISAS E ESTUDOS SOCIAIS (IPES). A educação que nos convém. Rio de Janeiro: APEC, 1969.

JESUS, Antônio João. Os Umutina. In: Dossiê Índios de Mato Grosso - OPAN/CIMI/MT. Cuiabá, 1987.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. Revista Brasileira de História da Educação, Campinas, n. 1, p. 9-43, 2001. Cad. Cedes, Campinas, vol. 28, n. 76, p. 291-312, set./dez. 2008 Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br

KOMISSAROV, Boris. Expedição Langsdorff: acervo e fontes históricas/ Boris Komissarov; traduyao de Marcos Pinto Braga. -Sao Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista; Brasília, DF: Ediyóes Langsdorff, 1994.-(Prismas)-Disponível em: http://www.etnolinguistica.org/biblio:albisetti-1962-enciclopedia acessado em: 10 de junho de 2024

Lei Orgânica do município de Reserva do Cabaçal/MT, que foi promulgada no dia 12 de abril de 1990.

LEITÃO, Ana Valéria Nascimento Araújo. Direitos culturais dos povos indígenas: aspectos do seu reconhecimento. In: SANTILLI, Juliana (Coord.) Os direitos indígenas e a constituição. Porto Alegre: Sérgio Fabris, 1993. p.225-240

MACEDO, José Aparecido. Educação Ambiental. Preservação e conservação para envolvimento eco-turismo. Reserva do Cabaçal/MT. Popular. 2006.

MAPA DE MATO GROSSO. Disponível em: https://www.mapas.com.br/brasil/mato-grosso/reserva-do-cabacal. Acesso em: 21 set. 2023.

MATO GROSSO. Secretaria de Estado de Educação. Orientações Curriculares: Área de Ciências Humanas: Educação Básica./Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso. Cuiabá: Gráfica Print, 2012.

MATO GROSSO. Secretaria de Educação do Estado de Mato (SEDUC/MT). Documento de Referência Curricular para Mato Grosso (DRC). Ensino Fundamental Anos Finais. Mato Grosso, 2018.

MARTINS, José de Souza. Expropriação e violência: a questão política no campo. São Paulo: HUCITEC, 1982.

MARTINS, José de Souza. A militarização da questão agrária no Brasil: terra e poder, o problema da terra na crise política. Petrópolis: Vozes, 1984

MARTINS, José de Souza. O tempo da Fronteira – retorno à controvérsia sobre o tempo Memória Brasileira, 2022.

MARTINS, José de Souza. O tempo da fronteira: retorno à controvérsia sobre o tempo histórico da frente de expansão e da frente pioneira. Tempo Social; Revista de Sociologia da USP, vol. 8, no. 1, 1996, pp. 25-70.

MARTINS, José de Souza. Fronteira: A degradação do outro nos confins do humano. São Paulo: Hucitec, 1997.

MENDES, Anderson Fabrício Moreira. Ensino e vivências: as apreensões da história local no cotidiano da sala de aula. Disponível em: <http://www.revistatemalivre.com/anderson09.html>.Acesso em 10 out. 2010.

MIRANDA NETO. O Dilema da Amazônia. Belém, Edições CEJUP, 1986.

MIRANDA, Graci Ourives de. A poaia : um estudo em Barra do Bugres. Cuiabá: UFMT, 1983. (Monografia de Especialização em História e Historiografia de Mato Grosso) p.20.

MORENO, Gislaine. Os descaminhos da apropriação capitalista da terra em Mato Grosso. São Paulo, 1993. Tese (Doutorado em Geografia) Universidade de São Paulo.

MORENO, Gislaene. O Processo Histórico de Acesso a Terra em Mato Grosso. Geosul, Florianópolis, v. 14, n. 27, p. 67-90, jan./ju. 1999.

MORENO, Gislaene. Os Descaminhos da Apropriação Capitalista da Terra em Mato Grosso. São Paulo, 1993. (Tese de Doutorado). p. 98-146.

MONBEIG, Pierre. Cap. II Os Pioneiros. In: Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo. São Paulo, Hucitec/Polis, 1984.

NEVES, Joana. História Local e construção da identidade social. Saeculum - revista de História. nº 3. João Pessoa, jan./dez. 1997.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Tradução Yara Aun Khoury. Proj. História, São Paulo, (10), dez. 1993.

NOVAES, Sylvia Caiuby. As casas na organização social do espaço Bororo. In: NOVAES, Sylvia Caiuby (Org.). Habitações indígenas. São Paulo: Nobel; Edusp, 1983. p. 57-76. Disponível em: https://cimi.org.br/2024/02/migracoes-indigenas-para-as-cidades-caracteristicas-e-consequencias/ - acessado em: 06 de junho de 2024.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Censo Demográfico 2022.

OLIVEIRA, F. de. Dilemas e perspectivas da economia brasileira no pré-64. In 1964: Visões Críticas do Golpe: Democracia e Reformas no Populismo. São Paulo: Unicamp. 1997.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. Integrar para não Entregar: Políticas Públicas para a Amazônia. SP: 2ª. Ed. Papirus, 1991.

OLIVEIRA, Carlos Edinei de. Famílias e natureza: as relações entre famílias e ambiente na colonização de Tangará da Serra – MT. Tangará da Serra: Sanches, 2002.

OLIVEIRA, Carlos Edinei de. Migração e escolarização: história de instituições escolares de Tangará da Serra Mato Grosso – Brasil (1964-1976). (Tese) Doutorado. Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós – Graduação em Educação, 2009.

PEREIRA, Sonia Maria Couto. Etnografia e iconografia nos registros produzidos por Hércules Florence durante expedição Langsdorff na província do Mato Grosso (1826-1829). / Sonia Maria Couto Pereira -- Dourados, MS: Ed. UFGD, 2016. 185p.

PINSKY, Carla; LÚCIA, Luca. O historiador e suas fontes. São Paulo: Contexto, 2009.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. Por uma História Prazerosa e Consequente. In. História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas. (Org) Leandro karnal – 6. Ed., 1ª Reimpressão – São Paulo: Contexto, 2010, p, 28.

RICOUER, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Tradução Alain François [et al.]. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007

RÜSEN, Jörn. Didática da História: passado, presente e perspectiva a partir do caso alemão. In SCHMIDT, Maria Auxiliadora, BARCA, Isabel e MARTINS, Estevão de Rezende (org). Jörn Rüsen e o Ensino de História. Curitiba: Ed. UFPR, 2011.

RÜSEN, Jörn. Razão Histórica: teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: UnB, 2001.

SANTOS, M. A. dos. (2016). A ditadura militar no Brasil e a proibição do ensino de filosofia: entre o tecnicismo e a subversão política. Imagens da Educação, 6(2), 11-24. http://dx.doi.org/10.4025/imagenseduc.v6i2.28805

SAVIANI, Dermeval. História das idéias pedagógicas no Brasil. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora. O ensino de História Local e os desafios da formação de consciência histórica. In: MONTEIRO, Ana Maria. Et all (org.) Ensino de História: sujeitos,

saberes e práticas. Rio de Janeiro: MauadX: Faperj, 2009.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. Ensinar História. São Paulo: Scipione, 2009.

SILVA, Simone Carneiro da. S586d De Lagoa das Conchas à Santa Rita do Trivelato: Memórias, Narrativas e Ensino de História Local / Simone Carneiro da Silva – Cáceres, 2020.111f.; 30 cm (ilustrações) II. Color. (sim) Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação/Mestrado) – Curso de Pós-Graduação Stricto Sensu (Mestrado Profissional) Profhistória, Faculdade de Ciências Humanas, Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2020. Orientador: Osvaldo Mariotto Cerezer 28

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. História de Mato Grosso: Da ancestralidade aos dias atuais. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.

WAIBEL, A.; MONBEIG, P. Conceitos pioneiros na expansão territorial. In: Geografia e Desenvolvimento. 1994.

WEGNER, Robert. A Conquista do Oeste. A fronteira na Obra de Sérgio Buarque de Holanda. Belo Horizonte, EdUFMG, 2000.

VASCONCELLOS, José de. Legislação fundamental: ensino de 1º e 2º graus. São Paulo: Lisa, 1972.

APÊNDICE

APÊNDICE A: INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

APÊNDICE A: Instrumento de Coleta de Dados
Instrumento de coleta de dados
Questionário exploratório
Identificação individual para cada estudante participante da pesquisa
Nome completo: _____
Nome do pai: _____
Nome da mãe: _____
Data de nascimento: _____
Local de nascimento: _____
Masculino ( ) Feminino ( )
Número de telefone: _____
Há quantos anos você mora na no município de Reserva do Cabaçal? _____
Em que ano começou a estudar na Escola Estadual Professora Demétrio Pereira?_____
Nome do local onde mora: _____
Pode falar que horas sai de casa para vir para a escola? _____
Pode falar que horas chega na escola? _____
Pode falar que horas chega em casa de volta? _____
Informações sobre a pesquisa para o participante da pesquisa

A pesquisa será no ensino de história e o questionário será exploratório, no sentido de realizar estudos sobre uma questão, que ainda sabe-se pouco que são os lugares de memória de Reserva do Cabaçal em Mato Grosso e conhecer a história do município a partir dos lugares que marcaram a história de vida da população.

A compreensão que se tem sobre lugares de memória em uma cidade é que são lugares especialmente, de representação de eventos ou acontecimentos da história que os moradores guardaram em suas lembranças, como por exemplo acontecimentos vividos no cotidiano no momento em que a cidade de Reserva do Cabaçal foi sendo construída pela população, e que ao revisitar esses lugares vem a memória das pessoas lembranças das experiências vividas no cotidiano na cidade.

Lugares de memória são também compreendidos como lugares que existem na cidade que levam as pessoas a se conectarem ao passado, mesmo vivendo no presente.

Para melhor compreensão dos jovens estudantes seguem abaixo alguns locais considerados lugares de memória de Reserva do Cabaçal: O campo de futebol, O rio Cabaçal, Praia Beatriz, Igreja Católica (Matriz), A praça Francisco Sales (praça da igreja Católica), Avenida José Júlio de Lima, Escola Estadual Professor Demétrio Pereira, A Praia Paraíso, Igreja Assembleia de Deus, O cemitério, O prédio da antiga prefeitura, A Paineira, O córrego Dracena, A antiga escola Municipal Barão do Rio Branco, A Serra Monte Cristo, Recinto do rodeio, dentre outros. Esses lugares de memória são representações que as pessoas usam para estabelecerem vínculos entre passado e o presente na história de moradores.

1- O campo de futebol: escolhido pelos organizadores dos espaços na formação de Reserva do Cabaçal, para ser espaço de diversão dos moradores e continua nos dias atuais com representação de diversão e encontros no passado e no presente.
2- O rio Cabaçal: A margem esquerda do rio Cabaçal, lugar escolhido para ser formada Reserva do Cabaçal, pois o lugar com função de uso de sua água nos afazeres doméstico pela população e também diversão, e no presente, visitantes buscam esses lugares para

locais de encontro, diversão e lazer.

4- Praia Beatriz: o nome do Lugar onde mulheres atuavam no trabalho de lavadeiras de roupa e eram remuneradas pelos seus serviços, e era lugar em que as mulheres responsáveis pelos afazeres domésticos, se encontravam para lavar roupas e conversar. Na atualidade lugar de banhos e brincadeira dos moradores e pessoas que visitam a cidade em busca de descanso e lazer.

5- Igreja Católica (Matriz): Se localiza na parte central de Reserva do Cabaçal, e se apresenta como um dos prédios mais antigos da cidade, o espaço no seu envolto se concentra o comércio e a praça Francisco Sales, lugar onde acontece as festas culturais e onde ocorre concentração de pessoas, tanto moradores, quanto visitantes.

6- A praça Francisco Sales (praça da igreja Católica): A praça Francisco Sales, lugar onde as pessoas vão para se divertirem e conversar.

7- Avenida José Júlio de Lima: A avenida traz o nome de um antigo morador, que residiu na avenida, e em sua homenagem a câmara municipal fez um projeto Lei atendendo a reivindicação dos moradores da avenida e homenageou o Sr. José Júlio de Lima.

8- Escola Estadual Professor Demétrio Pereira: Escola Estadual Professor Demétrio Pereira, lugar onde passa pessoas que moram ou visitam a cidade, ou trabalham por um determinados período e se deslocam para outras cidades, e de moradores que residem em Reserva do Cabaçal desde o início da construção da Escola e estudaram nela, seus filhos estudaram e seus netos e outros familiares. Na Escola também acontecem os encontros dos alunos no ambiente escolar e em festas realizadas pela comunidade, como festa caipira e feira do conhecimento realizada pela comunidade escolar.

9- A Praia Paraíso: Lugar onde ocorre as festas municipais e festividades esportivas em festas tradicionais como: aniversário de Reserva do Cabaçal e FESTPRAIA, Festpraia é um evento que ocorre anualmente na cidade.

10- Igreja Assembleia de Deus: Localizada na parte onde nas décadas de 1980 e 1990 se concentravam parte das casas comerciais como padaria, lojas que vendiam produtos variados, entre estes roupas, calçados, alimentos, utensílios domésticos dentre outros. O prédio da Igreja Assembleia de Deus se apresenta com um dos prédios antigos de Reserva do Cabaçal que demonstra representação na formação da identidade religiosa dos moradores.

11- O cemitério: Lugar de representação, que contêm histórias de vidas de pessoas e podem ser considerados lugares de memória.

12- O prédio da antiga prefeitura: Representa marco significativo na história política e administrativa de Reserva do Cabaçal e remete a lembranças de figuras políticas do município e sobre evento relevante, que foi a emancipação política de Reserva do Cabaçal.

13- A Paineira: Árvore antiga que tem uma representação do cuidado dos reservenses com as questões ambientais e lembranças quem plantou e cuidou dela. (Morador já falecido).

14- O córrego Dracena: lugar de representação de experiências de moradores vividas no cotidiano na formação e organização da cidade. O córrego Dracena é lugar de memória.

15- A antiga escola Municipal Barão do Rio Branco: Escola municipal em que parte dos moradores da cidade começaram seus estudos nos anos iniciais do ensino fundamental e tem memória de experiências vividas neste lugar.

16- A Serra Monte Cristo: A serra margeia Reserva do Cabaçal e traz memória de eventos ocorridos e vivenciados por moradores.

Questionário exploratório com perguntas aberta para coleta de dados para a pesquisa, que será aplicado para os participantes da pesquisa

Conte o que você sabe sobre a história de Reserva do Cabaçal:

Fale o que você sabe sobre os lugares de memória de Reserva do Cabaçal citados no texto acima:

Descreva sobre os lugares memória de Reserva do Cabaçal que chama mais a sua atenção ao andar por ela:

Você pode compartilhar o que você conhece sobre a história da Escola Estadual Professor Demétrio Pereira:

Relate sobre outros lugares que você considera serem lugares de memória em Reserva do Cabaçal:

Narre sobre os lugares que você mais gosta de passear em Reserva do Cabaçal:

Você pode contar o que você sabe da história das casas ou construções mais antigas da cidade?

Pode dizer o que você sabe sobre a história da Igreja Batista de Reserva do Cabaçal:

Professora Dra. Regiane Cristina Custódio/UNEMAT (Orientadora) E-mail: regianecustodio@unemat.br
Telefone cellular nº: (65) 9 9638 7306 UNEMAT – Cáceres/MT

Mestranda: Luiza Bete Alves de Paiva E-mail: luiza.bete.paiva@unemat.br Telefone celular nº: (65) 9 9916 4583 UNEMAT – CÁCERES/MT

APÊNDICE B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO (TCLE)

Solicito dos Senhores pais/responsáveis autorização para que seu filho(a) possa participar de uma pesquisa, de forma voluntária. Vamos conversar sobre isso? Serei rápida.

Se não quiser permitir, os senhores e nem vosso filho(a) não serão penalizado(a) de forma alguma. Em caso de dúvida os senhores podem procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Unemat pelo telefone: (65) 3221-0067. A referida pesquisa tem o objetivo de contribuir para o conhecimento e a compreensão da história do município de Reserva do Cabaçal, Mato Grosso, e para que as gerações futuras possam ter registros escritos sobre seu lugar, além de compreender os processos historicos de construção da cidade de Reserva do Cabaçal e dos lugares de memória que o contituem.

INFORMAÇÕES SOBRE O TRABALHO DE PESQUISA

A pesquisa será realizada na Escola Estadual Professor Demetrio Pereira de Reserva do Cabaçal, Mato Grosso, no decorrer desse ano de 2024 e terminará em novembro de 2024, mas as atividades pontuais da pesquisa ocorrerão em 05 (cinco) aulas aproximadamente. A pesquisa se concentra na área de Ensino de História e é sobre a história do lugar onde vivemos. O título do projeto: HISTÓRIA LOCAL E ENSINO DE HISTÓRIA EM RESERVA DO CABAÇAL, MATO GROSSO: UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO NA ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR DEMÉTRIO PEREIRA (1986 – 2023), tem como responsável pela pesquisa, a professora Luiza Bete Alves de Paiva, mestrando do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História/PROFHISTÓRIA, da UNEMAT, Cáceres, Mato Grosso.

Endereço e telefone para contato: avenida Mato Grosso, nº 32, Bairro Centro, Reserva do Cabaçal, Mato Grosso. CEP: 78 265 000. Telefone Celular: (65) 9 9916 4583.

A pesquisa a ser realizada na escola acima mencionada tem como objetivo: analisar como os lugares de memória como: O campo de futebol, O rio Cabaçal, Praia Beatriz, Igreja Católica (Matriz), A praça Francisco Sales (praça da igreja Católica), Avenida José Júlio de Lima, Escola Estadual Professor Demétrio Pereira, A Praia Paraíso, Igreja Assembleia de Deus, O cemitério, O prédio da antiga prefeitura, A Paineira, O córrego Dracena, A antiga escola Municipal Barão do Rio Branco, A Serra Monte Cristo, Recinto do rodeio, dentre outros. Esses lugares de memória são representações que as pessoas usam para estabelecerem vínculos entre passado e o presente na história de moradores de Reserva do Cabaçal, em Mato Grosso podem contribuir para o ensino de história, principalmente da história local, na Educação Básica.

Senhores pais/responsáveis pelos alunos menores de idade, peço a permissão dos/das senhores(as) para que o seu filho(a) possa participar da pesquisa que acontecerá na Escola Estadual Professor Demetrio Pereira, Destaco que a pesquisa será realizada no horário das aulas de História e que não prejudicará o aprendizado dos jovens estudantes.
A participação dos estudantes será voluntária, estando livres para escolher se participarão ou não da pesquisa, sendo garantido o anonimato. A participação é de suma importância e essencial, pois será levado em consideração toda sua experiência e conhecimento a respeito dos saberes que trazem consigo para as aulas.

No desenvolvimento do projeto de pesquisa os alunos que aceitarem contribuir com a pesquisa e que os pais/responsáveis permitirem, irão participar de atividades de aulas e responder questionários sobre a história do município de Reserva do Cabaçal, e os resultados serão analisados, interpretados e servirão para a construção da dissertação de mestrando e de um material didático voltado para o ensino de história. O participante estará ciente que não haverá nenhum tipo de remuneração, e que a participação é voluntária.

A partir dos dados obtidos na pesquisa será elaborado, a dissertação de mestrado e um material didático pedagógico sobre Reserva do Cabaçal, Mato Grosso, o qual servirá de material pedagógico para o ensino de história, com os alunos do ensino fundamental, ensino médio e educação de jovens e adultos (EJA). O material didático produzido após a pesquisa e a produção da dissertação contribuirá com o conhecimento sobre a História Local e também será um rico material de apoio aos professores e futuros pesquisadores.

Com base na Resolução nº 466 de 2012 ressaltamos que toda pesquisa contém riscos, destacamos a seguir possíveis riscos reais e/ou em potencial:

-Exposição e identificação pessoal dos participantes, de suas ideias e opiniões sobre a prática pedagógica;
-Exposição e identificação pessoal dos participantes, de suas ideias e opiniões sobre o tema tratado na pesquisa;
-Desconforto que pode ser causado aos participantes por algumas questões que investigam concepções sobre o ensino de história;
-Ansiedade e/ou nervosismo em participar da pesquisa e avaliar o material desenvolvido pela equipe do projeto;
-Risco de durante a pesquisa o participante, ou alguem de sua família, ficar doente e dessa forma, não continuar a sua participação na pesquisa;
-Risco de não conseguir vir para a escola no dia em que as atividades da pesquisa serão desenvolvidas, pois parte dos alunos usam o transporte escolar e existem situações em que, em período de chuvas, o ônibus fica preso em algum atoleiro, ou mesmo uma falha mecânica pode impossibilitar a chegada à escola e comprometer a participação na pesquisa.

Considerando os possíveis riscos acima citados tomaremos as devidas precauções para que os jovens estudantes, participantes da pesquisa tenham sua integridade preservada e o anonimato garantido. Dentre as medidas a serem adotadas asseguramos o caráter confidencial, reforçamos o anonimato das informações e do participante da pesquisa, tendo em vista que as respostas às perguntas do questionário de pesquisa serão transcritas e mantidas sob a responsabilidade do pesquisador. Quanto às questões relacionadas às oficinas pedagógicas, as observações e os dialogos realizados no âmbito da sala de aula, serão absolutamente respeitadas, oferecendo aos participantes o direito de respondê-las ou não, de acordo com o tempo que necessitar, sem qualquer constrangimento. Sempre assegurando que a identidade será estritamente preservada por meio do uso de pseudônimos.

No que diz respeito à participação nas oficinas pedagógicas, buscaremos deixar os participantes à vontade em um ambiente calmo, de modo que possam se sentir bem, sem qualquer tipo de pressão psicológica, moral, intelectual e se sintam livres para avaliar e opinar segundo suas concepções e convicções. Ressalta-se a importância de sua participação como integrante de um processo de construção de conhecimento, visto que suas percepções, experiências e apontamentos permitem aprimorar as discussões e desenvolver um trabalho

que irá contribuir com o ensino e a aprendizagem dos estudantes em geral.

Ressaltamos que os riscos presentes nessa pesquisa serão evitados/minimizados de modo que as condições sociais, culturais, concepções e opiniões dos participantes serão absolutamente respeitadas. Diante das situações expostas destacamos que, na condição de participante tens plena liberdade para decidir a respeito de sua participação voluntária na atividade proposta. Não haverá nenhuma despesa ou remuneração pela participação na pesquisa.

Os textos produzidos não terá identificação e serão interpretados e analisados na produção de uma dissertação que estuda a História Local de Reserva do Cabaçal, sob a responsabilidade da professora Luiza Bete Alves de Paiva, professora de História na Escola Estadual Professor Demétrio Pereira.

Tendo em vista não haver sido identificada durante a pesquisa bibliográfica material produzido sobre o Ensino de História na Educação Básica, a participação dos jovens estudantes na pesquisa será muito importante para conhecer o que eles sabem sobre a História do município de Reserva do Cabaçal, e para que desta maneira, seja construída uma dissertação que considere os conhecimentos dos participantes da pesquisa, e partindo deles, que a produção sobre a história da cidade, possa avançar.

Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas a identidade dos participantes não será divulgada, sendo garantido o sigilo absoluto. Caso concorde em participar, necessitamos que preencha e assine este termo de consentimento. Caso concorde em participar, e se for do seu interesse, ao final da pesquisa, terá livre acesso ao conteúdo do trabalho que será produzido.

Na necessidade de contatar a responsável pela pesquisa, bem como a professora orientadora da pesquisa, poderá fazê-lo a qualquer momento com a mestranda Luiza Bete Alves de Paiva, telefone (65) 9 9916 4583, e-mail luiza.bete.paiva@unemat e com a orientadora da pesquisa: Profa. Dra. Regiane Cristina Custódio de Figueiredo-UNEMAT, telefone: (65) 9 96387306, e-mail regianecustodio@unemat.br
Desde já agradecemos pela sua participação.

Nome: Professora Luiza Bete Alves de Paiva. Endereço: Avenida Mato Grosso, número 32, Bairro Centro, Reserva do Cabaçal, Mato Grosso, CEP. 78 265 000

Ao considerar as informações e todas as garantias acima mencionadas,
Eu----------, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de participação nas respostas das perguntas dos questionários de pesquisa, bem como nas atividades realizadas nas oficinas pedagógicas, e nas fotografias produzidas pela pesquisadora durante as atividades realizadas na sala de aula, para serem utilizados integralmente ou em partes, sem restrições de citações, podendo inclusive torná-las públicas para a pesquisa e dissertação acima descritos. Assim sendo, declaro o meu consentimento em particular como responsável pelo menor sob minha responsabilidade ser participante da pesquisa ora apresentada.

_____

Assinatura dos Senhores pais/responsáveis do participante da pesquisa

_____

Assinatura do professor(a) pesquisador(a)
Responsável pela pesquisa: Mestranda e professora Luiza Bete Alves de Paiva
E-mail: luiza.bete.paiva@unemat.br
Telefone celular nº: (65) 9 9916 4583

APÊNDICE C: TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

Olá, como vai? Venho lhe convidar para participar de uma pesquisa, de forma voluntária.Vamos conversar sobre isso? Serei rápida. Apresentarei o projeto para os estudantes em forma e power point, usando slides.
Se não quiser participar, você não será penalizado(a) de forma alguma. Em caso de dúvida você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Unemat pelo telefone: (65) 3221-0067, ou também falar para seu responsável para realizar essa comunicação.

A referida pesquisa tem o objetivo de contribuir para o conhecimento e a compreensão da história do município de Reserva do Cabaçal, Mato Grosso, e para que as gerações futuras possam ter registros escritos sobre seu lugar, além de compreender os processos historicos de construção da cidade de Reserva do Cabaçal e dos lugares de memória que o contituem como: O campo de futebol, O rio Cabaçal, Praia Beatriz, Igreja Católica (Matriz), A praça Francisco Sales (praça da igreja Católica), Avenida José Júlio de Lima, Escola Estadual Professor Demétrio Pereira, A Praia Paraíso, Igreja Assembleia de Deus, O cemitério, O prédio da antiga prefeitura, A Paineira, O córrego Dracena, A antiga escola Municipal Barão do Rio Branco, A Serra Monte Cristo, Recinto do rodeio, dentre outros.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

A pesquisa será realizada na Escola Estadual Professor Demetrio Pereira de Reserva do Cabaçal, Mato Grosso, no decorrer desse ano de 2024 e terminará em novembro de 2024, mas as atividades pontuais da pesquisa ocorrerão em 05 (cinco) aulas aproximadamente. A pesquisa se concentra na área de Ensino de História e é sobre a história do lugar onde vivemos. O título do projeto: HISTÓRIA LOCAL E ENSINO DE HISTÓRIA EM RESERVA DO CABAÇAL, MATO GROSSO: UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO NA ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR DEMÉTRIO PEREIRA (1986 – 2023), tem como responsável pela pesquisa, a professora Luiza Bete Alves de Paiva, mestrando do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História/PROFHISTÓRIA, da UNEMAT, Cáceres, Mato Grosso.

Endereço e telefone para contato: avenida Mato Grosso, nº 32, Bairro Centro, Reserva do Cabaçal, Mato Grosso. CEP: 78 265 000. Telefone Celular: (65) 9 9916 4583. A pesquisa a ser realizada na escola acima mencionada tem como objetivo: analisar como os lugares de memória de Reserva do Cabaçal, em Mato Grosso podem contribuir para o ensino de história, principalmente da história local, na Educação Básica.

No decorrer das atividades da pesquisa será aplicado para os alunos que concordarem em participar da pesquisa, um questionário com perguntas abertas sobre história local. Antes disso, haverá oficinas com atividades explicando sobre o que é a história local, haverá a apresentação do projeto de pesquisa, e somente após esses procedimentos, é que se apresentará o questionário para que cada participante responda sobre a sua compreensão.

Durante a pesquisa também serão produzidos alguns textos sobre a compreensão acerca da história local, e se o aluno participante permitir, os textos que produzirem nas atividades da pesquisa será incluído no trabalho chamado de dissertação de mestrado que ainda será

escrita. Os alunos também podem buscar junto a seus familiares materiais como: fotos cartas, jornais, atas, registros fotográficos e outros, para serem analisados, interpretados e usados na produção da pesquisa.

Os trabalhos dos participantes não serão identificados, ou seja, não precisa pôr o nome , será mantido o sigilo sobre as informações dos trabalhos, e a participação dos alunos será muito importante para saber sobre a História do Município de Reserva do Cabaçal/MT. A pesquisa terá como objetivo produzir uma dissertação de mestrado e um material didático pedagógico para o ensino de história local do município de Reserva do Cabaçal. Quem tiver fotos da cidade para analisar, quem tiver fotos dos prédios da cidade, de igrejas, escolas ou outros prédios, e quem tiver alguma foto antiga em casa, com seus pais e seus avós, podem trazer para estudarmos a foto e o que ela faz lembrar.

O aluno que se interessar em participar da pesquisa não terá nenhum custo financeiro, e as atividades do projeto não oferece risco a sua saúde física e nem mental, e as atividades que serão aulas participativas, ocorrerão nos horários de aulas dentro do ambiente da escola Estadual Professor Demétrio Pereira de Reserva do Cabaçal, Mato Grosso. O aluno precisa manter a tranquilidade ao participar das atividades de reflexão e escrita e análise das fotos de lugares do município. Outra questão muito importante é não tirar foto e nem publicar em redes sociais sem permissão dos colegas participantes e/ou de seus responsáveis, para que não haja algum transtorno no decorrer das atividades, e para não ter risco de algum participante da pesquisa não gostar. Sempre que formos veicular fotos de alguém, temos que pedir a permissão e a autorização das pessoas.

Não podemos fazer publicações de imagens de outras pessoas em redes sociais sem pedir a permissão. Por isso, recomendamos que não se façam fotos de colegas da escola durante a aula, se caso, isso vier a acorrer sem a permissão da pessoas que aparece na imagem, será pedido para que sua imagem seja retirada das redes sociais, e se o participante que cometeu tal ato sem permissão se negar a retirar a imagem do colega, será comunicado aos responsáveis para que tomem as medidas cabíveis.

As fotos e textos dos alunos que concordarem em participar da pesquisa somente serão inseridos no textos da dissertação de mestrado e no material pedagógico que será produzido se o aluno e seus responsáveis autorizarem. Os textos que forem produzidos nas oficinas também não terão nenhuma identificação do aluno. As imagens dos participantes serão inseridas somente se houver permissão.

O período da pesquisa ocorrerá no ano de 2024 em momentos a serem definidos conforme cronograma em anexo no projeto, onde serão realizadas 6 horas aulas de 50 minutos cada aula com os participantes da pesquisa. O local das aulas será no “espaço de memória” “museu” localizado no pátio da escola, e na sala onde as aulas acontecem. Para realizar as aulas usaremos materiais como fotos, textos, relatórios, atas e outros, que já existem no “Espaço de Memória” “museu” da escola, que retratam sobre os lugares históricos da cidade, os materiais serão analisados, interpretados e reproduzidos no texto da dissertação, em que iremos contar experiências de ensino de história na Escola Estadual Professor Demétrio Pereira de Reserva do Cabaçal.

Local e data: _____

Nome: _____

Endereço: _____

_____
Assinatura do participante da pesquisa

_____
Assinatura do professor(a) pesquisador(a)

Mestranda Luiza Bete Alves de Paiva
E-mail: luiza.bete.paiva@unemat.br
Telefone celular nº: (65) 9 9916 4583